



O PROCESSO MEDIÚNICO

*Possibilidades e Limites na
Produção do Conhecimento Espírita*

Elias Moraes

O PROCESSO MEDIÚNICO

*Possibilidades e Limites na
Produção do Conhecimento Espírita*



Goiânia-GO
2023

Copyright © 2023 by Elias Inácio de Moraes

**AEPHUS – Associação Espírita de
Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**
Rua 7, Qd. 22 Lt. 03,
Jardim Santo Antônio – Goiânia-GO
E-mail: aephusbrasil@gmail.com
homepage: aephus.org.br

REVISÃO

Ângela Teixeira de Moraes

CAPA

Elias Moraes
Victor Marques

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Victor Marques

CIP – Brasil – Catalogação na Fonte
Dartony Diocen T. Santos CRB-1 (1º Região)3294

M828	Moraes, Elias Inácio de. O Processo Mediúnico: Possibilidades e Limites na Produção do Conhecimento Espírita. / Elias Inácio de Moraes. – Goiânia: Aephus, 2023. 288 p. ISBN: 978-65-5370-514-2 1. Espiritismo. 2. Mediunidade. 3. Psicografia. I. Título. CDU: 133.7
------	--

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra,
de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização
prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais
(Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2023

“Longe estamos de considerar como absoluta e como sendo a última palavra a teoria que apresentamos. Novos estudos sem dúvida a completarão, ou retificarão mais tarde”.

(Allan Kardec)¹

“Importa se não esqueça que nos achamos nos primórdios da ciência e que ela está longe de haver dito a última palavra sobre esse ponto, como sobre muitos outros.”

(Allan Kardec)²

“Já dissemos que o que caracteriza uma teoria verdadeira é poder dar a razão de tudo. Se, porém, um só fato que seja a contradiz, é que ela é falsa, incompleta ou por demais absoluta.”

(Allan Kardec)³

“Nossas relações com o mundo invisível não têm por objetivo eximir-nos do trabalho necessário para fazer descobertas. Seria absurdo, além disso completamente ilusório, imaginar que os espíritos elevados vão dispensar-nos de toda pesquisa científica e revelar-nos a imensidade de coisas que ainda ignoramos.”

(Gabriel Delanne)⁴

1. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 110, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

2. Idem, *ibidem*, item 124.

3. Idem, *ibidem*, item 42.

4. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 468. Trad. Julieta Leite, Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

AGRADECIMENTOS

- A Wolney da Costa Martins, que participou da direção da Feego nos anos 1980 e 1990, até o seu falecimento. Wolney sempre nos dizia que livros escritos pelos espíritos nós já possuíamos de sobra; o que faltava eram os continuadores do trabalho de Kardec, que desenvolvessem novos estudos e submetessem os textos mediúnicos à análise racional por ele proposta.

- A Cássio Ribeiro Ramos, que fazia dobradinha com Wolney na direção da Feego, um grande entusiasta do trabalho juvenil, que sempre compunha a sua diretoria com jovens como eu, Signates e Ângela. Gratidão pelo apoio prestado à minha juventude e por ter estimulado o nosso crescimento enquanto pessoas atuantes no movimento espírita.

- A Umberto Ferreira, também várias vezes presidente da Feego, que valorizava o pensamento crítico e rompia as barreiras do convencional na busca de uma maior compreensão das temáticas espíritas, e que me orientou os primeiros passos na vivência com a mediunidade.

- Aos meus amigos do grupo mediúxico da Fraternidade Espírita, que me proporcionaram um campo inigualável de observação e aprendizado ao longo de mais de três décadas, ampliando os meus horizontes espirituais.

- Aos meus amigos da Aephus – Associação Espírita de Pesquisas em Ciências Humanas e Sociais – que se constituíram no primeiro grupo de estudos onde pude ver a filosofia e a ciência serem convidadas a auxiliar na melhor compreensão do Espiritismo.

- Aos amigos Ângelo Dias, Daniel Salomão, Ely Matos, Rodrigo Luz, e à minha esposa, Iracilda Messias, pelo esforço e dedicação despendidos na avaliação do texto original e pela riqueza das críticas e sugestões apresentadas, das quais resultaram profundas alterações para o texto final.

- A muitos amigos dos diversos grupos de estudo, que se reconhecerão neste texto. Nossos diálogos me ajudaram a elaborar muito do que aqui se encontra registrado.

SUMÁRIO

Justificativa	11
Introdução	17

DE KARDEC AOS DIAS ATUAIS

01 - 160 anos de história.....	23
02 - A literatura e as redes sociais na competição pela "verdade doutrinária"	33
03 - Os componentes do fenômeno medianímico.....	41

O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

04- Mediunidade e cultura	49
05 - Mediunidade vs contexto sócio-histórico	59
06 - A literatura mediúnica e o contexto sócio-histórico	69
07 - A construção do imaginário espírita brasileiro.....	83
08 - O critério da coerência científica	89

O MÉDIUM

09 - Percepções e criações anímicas.....	101
10 - De volta às teorias do "reflexo" e da "alma coletiva"?.....	115
11 - A mediunidade como espetáculo: das provas às fraudes	123
12 - Literatura mediúnica: história, realidade ou ficção?	133
13 - Como compreender o plágio nos textos mediúnicos?.....	143
14 - A transformação de médiuns em oráculos.....	155

OS ESPÍRITOS

15 - O problema da identificação dos espíritos	165
16 - Espíritos e Entidades: Pretos Velhos, Caboclos e Orixás.....	177
17 - Quem são os espíritos que se comunicam.....	185
18 - Os espíritos dizem algo além do que já sabem os homens?.....	191

A MEDIUNIDADE NA PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

19 - O processo medianímico	201
20 - A composição dos textos	211
21 - Os limites do processo mediúnico	217
22 - Psicografia, edição e pós-edição	223
23 - O texto espírita como elemento de poder simbólico.....	229

A ELABORAÇÃO DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

24 - A retomada da ciência no Espiritismo	237
25 - A literatura mediúnica como objeto de pesquisa.....	245
26 - A progressividade do conhecimento espírita	255
Conclusão.....	265
Referências bibliográficas	273
Anexos	283



JUSTIFICATIVA

Sou filho de um casal de médiuns, e cresci em meio à naturalidade do intercâmbio entre o espiritual e o terreno.

Entre as inúmeras faculdades mediúnicas que meu pai apresentava, ele era também médium receitista, figura que hoje chega a ser lendária. Após as reuniões no centro espírita ele atendia pessoas enfermas, em um tempo em que a medicina era um recurso escasso, especialmente nas cidades do interior, como Ceres. Apesar de uma alfabetização precária, ele psicografava o nome dos medicamentos que lhe vinham à mente, uma prática que esteve presente na vida de médiuns como Eurípedes Barsanulfo, Yvonne do Amaral Pereira e do próprio Chico Xavier, que marcaram a história do Espiritismo no Brasil.

Os farmacêuticos da cidade já o conheciam por atenderem às suas “receitas”, que proporcionaram alívio a inúmeras pessoas. Não foi sem razão que o homenagearam atribuindo seu nome, Ambrosino Inácio de Moraes, à rua onde ele morava e onde também se situa uma das instituições espíritas por ele edificadas.

Um caso pitoresco se deu em uma noite, quando um senhor negro, alto e forte, assentou-se à sua frente e lhe explicou o seu sofrimento com uma enfermidade que se arrastava há tempos. Meu pai convidou-o à oração e, em breves instantes, o nome do medicamento lhe veio à mente: “Elixir Cabeça de Negro”. Ele nunca tinha ouvido falar desse medicamento; abriu os olhos, observou o perfil do senhor à sua frente; realmente, alto, forte e... negro. Estaria sendo vítima de um espírito zombeteiro? Concentrou-se novamente, rogou proteção espiritual e pediu mais uma vez o socorro para o homem enfermo. O nome do medicamento se formou outra vez, claro em sua mente: “Elixir Cabeça de Negro”.

O receio de ser mal interpretado falou mais alto, e ele pediu ao senhor que retornasse na terça-feira seguinte porque ele iria conferir a disponibilidade do medicamento nas farmácias da cidade. De fato, no dia

seguinte ele procurou por esse nome em todas as poucas farmácias de Ceres e na sua vizinha Rialma, sem sucesso; ninguém jamais ouvira falar desse “Elixir Cabeça de Negro”. Alguns farmacêuticos, de mais longa convivência, até fizeram chiste com ele: estava ficando louco.

Como teria que vir à Goiânia para atender a algumas exigências do Lar de Crianças que dirigia, ele aproveitou e procurou o medicamento também nas farmácias da capital. Ele precisava ter certeza de não estar sendo joguete dos espíritos.

Um farmacêutico mais idoso lhe disse que o medicamento realmente existia, era um fitoterápico difícil de ser encontrado, e lhe indicou uma farmácia mais antiga que talvez tivesse disponível o produto. De fato, lá estava o bendito remédio. Ele comprou dois frascos e levou-os para o senhor, entregando-lhe pessoalmente na semana seguinte, de espírito aliviado. Não seria daquela vez que a sua mediunidade lhe pregaria uma peça.

Conto este caso, logo de início, para deixar claro que, se existe alguém que não tem nenhum motivo para colocar em dúvida as inúmeras possibilidades descortinadas pela prática mediúnica, este alguém sou eu. Ainda na infância testemunhei as mais diversas manifestações mediúnicas orientadas para o socorro a pessoas em sofrimento.

Mas não é disso que trata este estudo. Ele parte da certeza do fenômeno mediúnico para navegar por entre as incertezas e os inúmeros questionamentos que o universo da mediunidade suscita quando se trata de produzir o conhecimento espírita.

Na minha juventude, já em Goiânia, passei a atuar no campo da mediunidade, embora sem nenhuma faculdade mediúnica ostensiva. Comecei em um grupo da Feego – Federação Espírita do Estado de Goiás – que era coordenado pelo saudoso amigo Umberto Ferreira. Ali a minha atenção foi despertada para uma questão aparentemente óbvia, que são as diferenças na maneira como as comunicações mediúnicas acontecem por meio de diferentes médiuns. Cada um expressava o fenômeno a seu modo, com suas singularidades.

Essa constatação se fortaleceu mais tarde na Fraternidade Espírita, onde colaboro ainda hoje. Ao longo de um extenso período de observação, de mais de três décadas, pude observar diferentes perfis de médiuns em atuação, cada qual com suas particularidades, alguns dos quais são identificados pelas suas iniciais ao longo deste texto.

Em paralelo a essa vivência desenvolvia-se outro campo de observações, o literário. Desde cedo, ao assumir a coordenação de estudos da mocidade da Feego, percebi que precisava estudar primeiramente Allan

Kardec, e comecei estudando os cinco livros mais conhecidos. Avancei, em seguida, pela literatura mediúnica produzida por Chico Xavier, Yvonne Pereira, Divaldo Franco e outros médiuns, e pelos autores espíritas clássicos.

Nessa época eu cursava Física na Universidade Federal de Goiás e observei que, conforme me explicava o Prof. José Inácio, tanto Kardec quanto André Luiz faziam uso de expressões que não mais vigoravam no meio científico. Elas vinham do século XIX, deduzidas dos estudos de Mesmer a respeito do que era então chamado de “magnetismo animal”. Aquelas teorias subsistiram até o início do século XX e foram sendo abandonadas na medida em que se consolidavam os conhecimentos atuais em torno do eletromagnetismo.

Mas havia outras surpresas. Por exemplo, as diferenças marcantes entre os primeiros livros de Emmanuel, de 1938 e 1939, e os mais recentes, dos anos 1960 e 1970. Também a interessante correspondência entre o então presidente da FEB, Wantuil de Freitas, e o médium Chico Xavier quando da publicação do livro *O Consolador* em 1940. Wantuil estranhou a tese das almas gêmeas, contida no livro, e que se achava em desacordo com os estudos de Kardec. Escreveu então ao Chico, e lhe pediu que submetesse suas dúvidas ao espírito autor, que lhe respondeu solicitando que, se possível, publicasse o texto como se apresentava, com as devidas notas explicativas. Assim foi feito. Mas isso não eliminava as diferenças entre o pensamento de Emmanuel e o de Kardec, o que não deixa de ser um fato curioso.¹

Chamou-me a atenção também a humildade de André Luiz ao trazer a público as próprias mazelas, afastando do leitor qualquer ideia de “superioridade moral” em seu livro *Nosso Lar*. Ali ele se apresenta como um “suicida indireto” que comprometeu a sua existência pelo uso de bebidas alcoólicas, por ambição inconsequente e até mesmo por abuso sexual cometido contra uma auxiliar doméstica.² Também Emmanuel confessa erros graves no seu livro *Há Dois Mil Anos*, onde se apresenta como um político arrogante e insensível, que terminou como algoz da sua própria esposa. Ao contrário da imagem de “espíritos superiores” cultivada pelo movimento espírita, ambos se colocavam como seres absolutamente humanos, com as mazelas morais que todos trazemos na nossa luta por autossuperação.

1. Xavier, Francisco C. *O Consolador*, pelo espírito Emmanuel. Vide notas esclarecedoras no final. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

2. O próprio André Luiz narra esses detalhes, em especial nos capítulos 4, 35 e 40 de *Nosso Lar*.

Outra constatação interessante foi perceber a doçura que transparecia nas cartas que Chico Xavier psicografava. Assinadas por espíritos falecidos recentemente e que procuravam oferecer consolo aos seus familiares, vinham permeadas de um carinho, de uma ternura que, por estarem presentes em todas elas, não parecia ser dos espíritos autores. Junto de uma ou outra informação particularíssima que atestava a identidade dos comunicantes, percebia-se também a linguagem do médium, seu conteúdo cognitivo, psicológico e emocional.

Mediante essas constatações, fiz uma imersão nas biografias de Francisco Cândido Xavier para tentar compreender um pouco mais do mais fascinante médium da nossa época. Seu gênio, sua determinação, sua argúcia, mostravam um ser humano mais que simplesmente generoso e humilde, que o senso comum me havia apresentado. Algumas pesquisas históricas revelavam em Chico Xavier, além de um médium de possibilidades extraordinárias, um grande estudioso, autodidata, amante dos livros e das bibliotecas.

Com tudo isso em mente não era mais possível silenciar algumas indagações: como explicar que algumas afirmações de autores admiráveis como André Luiz, Humberto de Campos e Emmanuel, anteriores aos anos 1960, se mostrassem inconsistentes poucas décadas depois? Como compreender algumas posições machistas em livros como *O Consolador* e *Nosso Lar* nos anos 1940, quando o movimento feminista europeu e estadunidense já sinalizava as profundas mudanças na posição da mulher na sociedade? O que isso tinha a nos dizer a respeito da mediunidade e do conhecimento espírita produzido por esse meio?

E havia outras: por que os espíritos que cooperaram na elaboração do Espiritismo não consideraram as implicações da genética, se Mendel já havia apresentado seus estudos na Áustria ainda em 1865, quando Kardec escrevia seus livros? Por que eles insistiram na teoria da geração espontânea apesar das refutações de Redi e Spallanzani desde o séc. XVII? Por que as “revelações” por eles apresentadas não haviam sido capazes de prever diversas mudanças que se estabeleceriam no campo da ciência nas quatro décadas seguintes?

Até então eu entendia o conteúdo dos livros mediúnicos como revelações do mundo espiritual para a Terra. Foi o que aprendi ouvindo palestras e formulando minha visão de mundo em meio à cultura espírita vigente. Mas as diversas questões que se apresentavam colocavam em xeque esse entendimento. Era preciso dar livre curso aos questionamentos.

Mais uma vez, não se trata de duvidar do fenômeno mediúnico ou da riqueza de informações contidas na obra de Allan Kardec, de Chico

Xavier e dos demais médiuns que enriqueceram nossas estantes com textos de profundo apelo espiritual, mas de entender como esse conhecimento é produzido e quais os seus limites.

Depois de Kardec muito se estudou a respeito da fenomenologia mediúnica na Europa. Gabriel Delanne já havia observado que havia dois tipos de leitores espíritas, os que, por se acharem convencidos da realidade dos fatos, aceitavam cegamente o que lhes era apresentado, e os que, “embora persuadidos da sua realidade, continuavam a estudar os fenômenos para descobrir-lhes as leis”.³ No Brasil, onde se estabeleceu um Espiritismo de caráter majoritariamente religioso, esses estudos foram ignorados. Ao contrário, elaborou-se uma maneira própria de lidar com o fenômeno mediúnico, fortemente devocional, com total afastamento daquele rigoroso critério que marcou as pesquisas iniciais sobre a mediunidade.

Por aqui as publicações de conteúdos mediúnicos passaram a ser entendidas como “complementações doutrinárias” ao Espiritismo que Kardec havia formulado, mas sem levar em conta o seu método de pesquisa, seu critério e suas recomendações.

Questionamentos graves como as contradições e as denúncias de plágio foram silenciadas a pretexto de não afetar o edifício religioso que estava sendo construído. Em vez de investigar e buscar compreender melhor o fenômeno e os seus limites, colocou-se uma pedra sobre o assunto, como se essas questões tivessem o poder de macular a credibilidade do Espiritismo.

Em razão de tudo isso, compreender melhor o processo mediúnico, em especial a psicografia, e o modo como os textos que lemos hoje foram e continuam sendo produzidos, parece-nos um desafio relevante. Deduzir, em seguida, o que é pertinente esperar da mediunidade, quais os seus limites e de que modo ela pode contribuir para o esclarecimento das novas questões que se colocam na atualidade, se constitui, pois, o objetivo deste estudo.

O que se pretende, ao final, é cooperar de algum modo para manter o Espiritismo nos trilhos da racionalidade, conforme proposto por Allan Kardec, até porque a fé raciocinada, que ele defendia, somente é aquela que for capaz de encarar a razão face a face, em qualquer época da humanidade. Considerando o presente momento sócio-histórico, nunca precisamos tanto de um pouco de racionalidade quanto agora.

3. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 127. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.



INTRODUÇÃO

Relembrando: Kardec teve seu primeiro contato com os fenômenos espíritas por volta de maio de 1855. Publicou *O Livro dos Espíritos* em abril de 1857 e o livro *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas* no segundo semestre de 1858, quando já promovia reuniões mediúnicas semanais na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, cujos resultados publicava mensalmente na *Revista Espírita*. Lançou *O que é o Espiritismo?* em 1859 e ampliou *O Livro dos Espíritos* de 501 para 1019 questões na sua segunda edição, publicada em março de 1860. Em janeiro de 1861 ele lançou *O Livro dos Médiuns* com base nesses pouco mais de cinco anos de observações. Tudo aconteceu muito rapidamente.

Nesse mesmo ano passou a frequentar a Sociedade de Estudos Espíritas o Sr. D'Ambel, que psicografava mensagens atribuídas ao espírito Erasto, aquele que aparece nas cartas de Paulo como “administrador” da cidade de Corinto e que teria participado de algumas viagens de divulgação do cristianismo nascente.⁴ Kardec percebeu a riqueza dos textos que ele produzia e já incluiu vários deles na nova edição de *O Livro dos Médiuns*.

Dos anos que se seguiram, cujos relatos podem ser acompanhados na *Revista Espírita*, resultaram os livros seguintes, mas em nenhum deles Kardec retomou o estudo da mediunidade. Mesmo assim *O Livro dos Médiuns* continua sendo o mais completo estudo sobre mediunidade, consolidando uma curta experiência de cinco a seis anos que lançou os fundamentos para toda a prática mediúnica que se estabeleceu em seguida no Espiritismo.

No dia 02 de novembro de 1861 o jovem astrônomo Camille Flammarion, com apenas 19 anos de idade, apresentou uma carta a Kardec solicitando autorização para participar da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas. Ele já se interessava pelos fenômenos mediúnicos e estava escrevendo um livro, publicado no ano seguinte, intitulado *Os habitantes do outro mundo – Revelações do além-túmulo*, escrito a partir de comunicações da Srta. Huet.⁵

4. Bíblia de Jerusalém, *Romanos*, 16:23. Ed. Paulus, São Paulo/SP, 2002.

5. Seth, Carlos. *Investigação sobre as Sessões Mediúnicas da Codificação – Casos Arquivados*. Artigo disponível em 05/07/2022 em www.autoresespiritasclassicos.com.

Ao longo dos anos seguintes, Camille Flammarion participou ativamente da Sociedade de Paris, tendo psicografado vários textos que passaram a integrar os livros de Allan Kardec, dentre eles o icônico capítulo VI do livro *A Gênese*, intitulado Uranografia Geral, um extenso tratado de astronomia que ocupa 30 páginas no original francês. Psicografou também o item 15 do cap. IX, “Aumento e diminuição do volume da Terra”, ambos assinados pelo espírito Galileu Galilei. Astrônomo muito popular na França, mesmo após ter se desligado da Sociedade de Paris ele continuou estudando os fenômenos mediúnicos, do que resultaram alguns títulos entre os nada menos que 35 de sua autoria.

Apesar dessa importante participação na elaboração do Espiritismo, em 1899 ele estava “mais convencido do que nunca de que somos muito ignorantes” a respeito da fenomenologia mediúnica. No que se refere ao seu próprio trabalho ele havia concluído que se tratava apenas de um fenômeno de exteriorização da sua própria mente, e que os conteúdos ali expressos eram apenas os conhecimentos que ele havia adquirido como astrônomo.⁶ De fato, o tempo havia deixado claro que os textos que ele havia psicografado na sua juventude não traziam quaisquer conteúdos que transcendessem ao que já se sabia sobre astronomia naquela época, os quais foram inteiramente reformulados antes de 1925, quando do seu falecimento, aos 83 anos de idade.

Para se imaginar a amplitude dessas reformulações basta lembrar que em 1905, com base nas teorias das ondas eletromagnéticas de Maxwell, Albert Einstein publicou a Teoria Geral da Relatividade, impactando todo o conhecimento anterior sobre Física, Astronomia e Astrofísica.

Houve quem entendesse – e até hoje há quem insista nisso – que Camille Flammarion não merece credibilidade por ter negado o seu trabalho psicográfico. Não é verdade; o que ele questionava era o processo mediúnico que, no seu entendimento, carecia de mais amplos estudos. Diversos pesquisadores já haviam demonstrado que a mente do médium responde por uma grande quantidade das comunicações atribuídas aos espíritos, e ele concluía que grande parte dos textos pretensamente psicografados por ele e seus colegas da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos poderiam ser apenas o resultado de processos anímicos, exteriorização da consciência dos próprios médiuns.

Esses e inúmeros outros fatos nos obrigam a analisar se textos produzidos pela via mediúnica podem ser detentores de uma verdade a-histórica, transcendente, como se pensa. Uma releitura cuidadosa deixa evidente que os textos adotados por Kardec para compor os seus livros

6. Flammarion, Camille. *As Forças Naturais Desconhecidas*, pag. 44. Trad. Maria Alice F. Antonio, Ed. Conhecimento, Limeira/SP, 2011.

retratam fielmente o contexto social, científico e filosófico do século XIX, como demonstrado em nosso livro anterior, *Contextualizando Kardec: do séc XIX ao XXI*. Também os livros psicografados por Francisco Cândido Xavier, um médium excepcional sob todos os aspectos, retratam o contexto social, científico e filosófico da época em que foram escritos; algumas teorias que davam fundamento aos seus livros da década de 1940 já não se sustentavam no meio científico no final do século XX.

Apenas à conta de exemplo: no livro *Pensamento e Vida*, psicografado em 1958 por Chico Xavier e assinado pelo espírito Emmanuel, em meio a muitas reflexões morais de indiscutível relevância, consta uma afirmação categórica de cunho científico: “o pensamento é força eletromagnética”⁷. De fato, esse era um entendimento presente naquele entremio do século XX. Ocorre que, nas experiências desenvolvidas pelos EUA e pela URSS na corrida pelo domínio das forças psíquicas com finalidade militar, constatou-se que duas mentes se comunicam telepaticamente mesmo através das paredes de câmaras blindadas, o que não ocorreria se o pensamento fosse uma “força eletromagnética”.⁸ Qualquer palestrante que repita essa afirmação hoje, no meio espírita, estará expondo-se a ser questionado com razão.

Isso não invalida nem a riqueza desses textos como materiais de reflexão moral e nem a autenticidade dos fenômenos mediúnicos, suficientemente amparada por pesquisas cujas conclusões continuam válidas. Significa tão somente – e isto será demonstrado ao longo deste livro – que o fenômeno mediúnico, pela sua natureza, apresenta limitações que precisam ser consideradas quando se trata de fazer uso das informações neles contidas.

Casos como os de André Luiz, Emmanuel e Camille Flammarion nos obrigam a reconhecer que os conhecimentos produzidos por esse meio estão delimitados temporal, cultural e cientificamente, e que os espíritos e os médiuns não estão livres das contingências humanas que caracterizam o seu tempo histórico.

...o0o...

Na elaboração do conhecimento, cada pesquisador oferece a sua contribuição. Este trabalho representa o resultado de uma extensa pesquisa bibliográfica somada a observações de campo, diálogos e entrevistas com médiuns de variados perfis visando obter elementos que possibilitem

7. Xavier, Francisco C. *Pensamento e Vida*, lição 2 pag. 7, pelo espírito Emmanuel. 19ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2013.

8. Ostrander, Sheila; Schroeder, Lynn. *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*, pag. 43 e 108. 3ª ed. Cultrix, São Paulo/SP, 1970.

uma melhor compreensão do modo como se opera a produção psicográfica dos livros que formam o arcabouço do conhecimento espírita. Acrescenta-se a isso a experiência do pesquisador ao longo de quase quatro décadas de vivência com a prática mediúnica.

Este livro começa analisando as questões culturais que envolvem o transe mediúnico a partir de uma visada socioantropológica, e caminha, em seguida, pelas questões relacionadas ao próprio fenômeno, como a questão anímica, muito bem estudada pelos continuadores de Kardec. Com base nisso, analisa-se também a questão dos plágios, sobre os quais até então se tem estabelecido um constrangedor silêncio, mas que podem ajudar a compreender melhor o processo mediúnico da psicografia. Essas análises seguem recheadas de exemplos práticos obtidos durante a pesquisa, e procuram conduzir o leitor na direção de uma proposta para melhor aproveitamento dos conhecimentos obtidos pela via da mediunidade, que termina quase como um resgate daquilo que já havia sido proposto por Allan Kardec, com alguns acréscimos do ponto de vista epistemológico ou mesmo conceitual.

A realidade do espírito já não é mais tabu, nem mesmo novidade. Graças ao esforço de pesquisadores, palestrantes, médiuns, colaboradores das casas espíritas e militantes anônimos o Espiritismo alcançou a sociedade e as universidades. Até o meio jurídico já se viu mais de uma vez diante de uma carta psicografada utilizada como peça de um processo judicial.⁹

O principal desafio que se apresenta hoje não é mais provar a realidade do espírito ou das comunicações mediúnicas, que já são conhecimento de domínio público; a necessidade que se apresenta hoje é a de estudar os novos temas que emergem na vida social levando-se em conta os limites e as possibilidades, em termos de “verdade”, das explicações produzidas pela via mediúnica, caminhando “de braços dados com a ciência”, como propunha Kardec.

O Espiritismo já ofereceu uma importante contribuição ao pensamento humano mas, para que essa contribuição tenha continuidade, é preciso que ele não seja transformado em um conhecimento estanque, dogmatizado, seja em torno dos textos de Allan Kardec, seja em torno dos textos dos autores espirituais. Sob a perspectiva kardequiana, o que o Espiritismo se propõe oferecer ao mundo é a possibilidade de estabelecer uma nova forma de espiritualidade fundamentada na ciência e na filosofia, que ele traduziu muito bem na expressão “aliança da ciência e da religião”.¹⁰

9. Silva, Cíntia Alves da. *As Cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*, pag. 34. Ed. Cultura Acadêmica, São Paulo/SP, 2012.

10. Kardec, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. I item 8 pag. 65. Trad. Guillon Ribeiro, 120ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2002.



*De Kardec
aos dias atuais*



1

160 ANOS DE HISTÓRIA

O Brasil é hoje o país com maior número de pessoas que se afirmam espíritas, e de onde tem surgido a maior produção de conhecimento espírita. Tendo se estruturado de um modo bem mais religioso do que o filosófico-científico proposto por Allan Kardec, observa-se aqui uma modalidade específica de Espiritismo que, desde a segunda metade do século XX, tem procurado expandir-se para outros países levando ao mundo sua perspectiva evangelizadora e uma série de “complementações doutrinárias” sob a forma de livros assinados por médiuns como Chico Xavier e Divaldo Pereira Franco.

A socióloga Célia Arribas, em sua tese de doutorado, analisou os diversos fatores que influenciaram as mudanças que resultaram nesse “Espiritismo à brasileira”, e que vão muito além da cultura fortemente católica do Brasil do século XIX. Já havia aqui, observa ela, uma religiosidade popular que abrigava práticas mediúnicas mesmo antes de Kardec, o que criava um clima acolhedor para os estudos relacionados à fenomenologia espírita. Mas havia também uma perseguição a essas práticas por parte da Igreja Católica e do Estado brasileiro, e isso também influenciou na conformação que o Espiritismo foi assumindo aqui no Brasil.

Os primeiros adeptos, que estavam “ainda tateando as obras de Kardec”, se consideravam católicos; eles apenas se dedicavam ao estudo de uma nova doutrina filosófica. Luiz Olímpio Teles de Menezes, o criador do primeiro grupo espírita no Brasil, não abria mão de afirmar-se católico “de nascimento e de crença”, e que “o Espiritismo e o Catolicismo são a mesma Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo: somente estão mudados os tempos e as palavras”.¹¹

11. Arribas, Célia G. *O caráter religioso do Espiritismo*, Rev. Fragmentos de Cultura, v.23 n° 1, PUC/GO, Goiânia/GO, 2013.

Luiz Signates, cientista da religião que elegeu o espiritualismo brasileiro como objeto de pesquisa, pondera que não havia no Brasil “condições nem contexto” para a continuidade do Espiritismo nos moldes em que ele realizou sua breve passagem pela França. Citando José L dos Santos, em *Espiritismo: uma religião brasileira*, ele conclui que o Espiritismo “ganhou a alma brasileira na forma de uma religião, com discurso filosófico-científico, mas com práticas mimetizadas da experiência católica da elite carioca e paulista”.¹²

E houve outros fatores sócio-históricos. Enquanto se estruturava no Brasil, o Espiritismo sofria o seu maior revés na França, onde nasceu, com “o processo dos Espíritos”. Instaurado em 1875, seis anos após a morte de Allan Kardec, esse processo tinha como um dos réus o seu continuador, o Sr. Pierre-Gaetan Leymarie, acusado de publicar na *Revista Espírita* fotografias fraudulentas simulando espíritos de pessoas mortas. O caso teve grande repercussão social e Leymarie foi condenado a pagar uma multa e ainda cumprir a pena de um ano de prisão. O maior prejudicado, entretanto, foi o Espiritismo, verdadeiro alvo do processo, que caiu em descrédito junto à sociedade europeia.¹³

Enquanto isso, no Brasil ele se desenvolvia com um vigor redobrado. Abraçado pela parte rica da população, que podia viajar a Paris e de lá trazer os livros e as curiosidades da época, ele encontrou aqui solo fértil, do que resultou a criação do primeiro jornal espírita brasileiro em Salvador, *O Echo d’Além-Túmulo*, que chegou a ser citado na *Revista Espírita* de outubro de 1869.

No Rio de Janeiro, Afonso Angeli Torterolli, um professor italiano radicado no Brasil, funda em 1879 a Sociedade Acadêmica Deus, Cristo e Caridade, que tinha como um dos seus objetivos estatutários manter a Academia Espírita de Ciências. Em 1881, juntamente com Adolfo Bezerra de Menezes, um médico generoso que vinha de uma experiência política e empresarial que lhe davam um respaldo social invejável, funda também o Centro da União Espírita do Brasil e, em 1884, a Federação Espírita Brasileira.

12. Signates, Luiz A. *A Mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no Espiritismo Kardecista*. In *Revista Caminhos*, Jan-Jun/2019 pag. 123 a 141. Ed. PUC, Goiânia/GO.

13. Leymarie, Marina. *O Processo dos Espíritos*, trad. Hermínio C. Miranda, 2ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1985.

Raízes históricas das mudanças

As modificações que marcaram o Espiritismo no Brasil começaram quando Kardec ainda era vivo, na cidade francesa de Bordeaux. Por uma via diferente daquela mais científica adotada por Kardec, que se utilizava de vários médiuns e submetia as mesmas questões a diferentes espíritos, Jean-Baptiste Roustaing organizou e publicou a obra *Os Quatro Evangelhos* valendo-se de apenas uma, a Sra. Émilie Collignon. Divididos em três volumes, ela continham um estudo detalhado dos Evangelhos, versículo a versículo, e sua autoria era atribuída a Moisés e aos quatro evangelistas que, “assistidos pelos apóstolos”, se propunham trazer a “revelação da revelação”, ou seja, um passo além da própria obra de Allan Kardec.

Esses livros resgatavam elementos caros ao catolicismo, como a gravidez imaculada de Maria, promovida pelo Espírito Santo, e a divindade de Jesus, que não era apenas um “guia e modelo” para os homens, como propunha *O Livro dos Espíritos*, mas o “governador espiritual” da Terra, que teria presidido à sua criação. Tendo evoluído “em linha reta”, ele era o “filho unigênito” do Pai, um ser especial, quase Divino, o “Verbo que se fez carne”, como na narrativa contida no Evangelho de João e, por essa razão, ao vir à Terra ele não teria vivido em um corpo comum, mas em um “corpo fluídico”, uma “aparência”.

Trazidos para o Brasil ainda em 1870, esses livros caíram como luva sobre o espírito católico de boa parte dos espíritas brasileiros, que adotaram *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing como principal obra de estudo, mais do que a própria obra de Allan Kardec.

Um desses grupos tinha como “guia” um espírito que se apresentava como “Anjo Ismael”, que atuava de maneira muito mais diretiva do que o recomendado por Kardec em *O Livro dos Médiuns*;¹⁴ até mesmo a definição dos membros e a substituição dos dirigentes acontecia “por determinação do alto”.¹⁵ Foi esse grupo que assumiu a direção da FEB e, a partir da atuação de Bezerra de Menezes, passou a ditar os rumos do Espiritismo no Brasil.

Com isso, a verdade voltou a ser objeto de “revelação”, como na antiga religião judaica, e não mais o fruto do trabalho, da pesquisa e do livre-exame, como propunha o Kardec iluminista.

14. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 303 pag. 477. Trad. Guillon Ribeiro, 71ª ed. FEB, Brasília/DF, 2005.

15. Assis, Marco A. L. (org). *As Virtudes do Céu*, pag. 35. CRBBM, Rio de Janeiro/RJ, 2012.

O protagonismo dos médiuns brasileiros

A presença do Espiritismo no Brasil foi reforçada em 1907 pela fundação do Colégio Allan Kardec, em Sacramento, Minas Gerais, por iniciativa do médium Eurípedes Barsanulfo. Dotado de múltiplas possibilidades medianímicas, Eurípedes tornou-se um ícone do Espiritismo em terras mineiras, de onde seus alunos se espalharam por várias regiões do país levando consigo suas ideias e a sua maneira particular de praticar o Espiritismo, fortemente ancorada na ação mediúmica e no uso da “corrente magnética”, uma prática derivada do “magnetismo animal” de Mesmer. Disso resultou uma enorme quantidade de instituições que adotam o seu nome e o seu modo de atuação como inspiração para as suas atividades.

Na década de 1930 o Espiritismo receberia um impulso ainda maior a partir do trabalho desenvolvido por outro médium extraordinário, o também mineiro Chico Xavier, que publicou em 1932 um livro constituído de 60 poemas cuja autoria era a atribuída a 14 poetas brasileiros e portugueses já falecidos, o *Parnaso de Além Túmulo*. Castro Alves, Guerra Junqueiro, Augusto dos Anjos, retornavam pelas suas mãos com a mesma poesia, seguidos depois por Humberto de Campos com a riqueza das suas crônicas, trazendo agora uma visão mais espiritual da vida, com o mesmo estilo, o mesmo vocabulário.¹⁶

Emerge nos anos 1950 a figura de Divaldo Franco, um médium baiano com uma fala eloquente e um trabalho social expressivo junto a uma comunidade pobre na periferia da cidade de Salvador. Com sua oratória brilhante, ele leva a mensagem espírita para todo o Brasil e, gradativamente, também para o exterior, alcançando os cinco continentes e estimulando a formação de grupos inspirados no modelo brasileiro de Espiritismo.

Ao mesmo tempo em que Chico Xavier se destaca pela psicografia, Divaldo se destaca pela oratória. A FEB, que se propunha a dar continuidade ao trabalho estruturante de Allan Kardec, procura se ancorar no brilho desses expoentes, que passam a falar, cada um em seu campo, em nome do Espiritismo. Com isso o protagonismo se transfere da instituição para a figura dos médiuns. Se com Kardec, na França, o nome dos médiuns sequer era citado, aqui eles se tornaram os porta-vozes do pensamento espírita, falando diretamente ao povo.

16. Rocha, Alexandre Caroli. *A Poesia Transcendente de Parnaso de Além Túmulo*, pag. 15. Diss. Mestrado, Unicamp, São Paulo/SP, 2001.

“Não haja entre vós quem evoque os mortos”

Para Kardec, uma “reunião espírita” era um encontro dedicado ao estudo “mediante a permuta de ideias”, e poderia dar-se em casa, em pequenos grupos, ou nas “sociedades regularmente constituídas”. Nelas a mediunidade se constituía em instrumento de observação mediante as evocações que se faziam aos espíritos. Alguma assistência espiritual seria circunstancial, nas situações em que o espírito comunicante estivesse em sofrimento.

Bezerra de Menezes, que era médico, usa as suas “reuniões experimentais” para tratar os casos de obsessão, e publica um ensaio científico onde propõe um método para o seu tratamento, baseado na evocação dos espíritos do obsessor e do obsidiado, visando a “moralização” deste mais que daquele. Tudo indica que é daí que vem a ideia de transformar as “reuniões experimentais” de Kardec em reuniões terapêuticas, de “desobsessão”.¹⁷

De um ponto de vista sócio-histórico, a retomada da proibição bíblica relacionada à “evocação dos mortos” foi uma maneira de responder às perseguições por parte da Igreja Católica, que via nas evocações dos espíritos uma prática demoníaca, mas não restam dúvidas de que ela agradava o espírito bíblico dominante. Em algum momento, entre Bezerra de Menezes, que também a recomendava, e Chico Xavier, que tinha claras restrições a essa prática, adota-se o hábito de apenas orar pelos enfermos e obsidiados, e aguardar as manifestações espontâneas dos espíritos ligados ao caso.

Ao publicar seu primeiro livro, *Parnaso de Além Túmulo*, Chico Xavier faz questão de esclarecer no seu prefácio:

Julgo do meu dever declarar que nunca evoquei quem quer que fosse; essas produções chegaram-me sempre espontaneamente, sem que eu ou meus companheiros de trabalhos as provocássemos e jamais se pronunciou, em particular, o nome de qualquer dos comunicantes, em nossas preces.¹⁸

Perfeito para um livro de poesias, sem nenhuma preocupação investigativa ou terapêutica; questionável como método aplicável a todas as situações.

17. Menezes, Bezerra de. *A loucura sob um novo prisma*. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1993.

18. Xavier, Chico. *Parnaso de Além Túmulo*, por espíritos diversos, pag. 33. 10ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

À época, não se atentou que essa prática divergia da orientação metodológica de Allan Kardec, para quem as evocações eram uma forma de tornar proveitosa a relação com os espíritos, dando-lhes objetividade e possibilitando ao grupo obter informações consistentes a respeito dos assuntos em estudo. “É um erro – dizia Kardec – esperar os ensinamentos dos espíritos sem os provocar”. Não é que ele rejeitasse as manifestações espontâneas; elas aconteciam; ele apenas alertava que “cada uma dessas duas maneiras de operar tem as suas vantagens, e nenhuma desvantagem haveria senão na exclusão absoluta de uma delas.”¹⁹

Mesmo assim, essa mudança foi incorporada ao Espiritismo brasileiro e, em 1941, o livro *O Consolador* trazia uma resposta do espírito Emmanuel que, indagado a respeito, respondeu que não era “dos que aconselham a evocação direta e pessoal, em caso algum.”²⁰

Seria isso mais um zelo bíblico de Emmanuel, fruto do seu passado de sacerdote católico, ou seria uma concessão no sentido de fazer com que o Espiritismo fosse aceito por uma sociedade apegada ao texto da *Bíblia Sagrada*? Aliás, não apenas de Emmanuel, como também de André Luiz no seu livro *Desobsessão*, publicado em 1964, no qual ele estabelece um novo modo de se conduzir as reuniões mediúnicas. Recebido de maneira acrítica por boa parte dos espíritas brasileiros, ele passou a ser adotado como um novo modelo de reunião, bastante diferente daquele mais voltado para o estudo e a pesquisa, proposto por Kardec.

De “sala de reuniões” a templo religioso

Na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ou mesmo nos grupos familiares da época, as reuniões eram realizadas em uma sala onde as pessoas discutiam os temas do seu interesse naquele momento e, em seguida, desenvolviam experimentos mediúnicos visando sua melhor compreensão. De religioso, apenas uma prece na abertura e outra no encerramento. Palestras eram raras e, normalmente em um auditório, de onde deve ter se originado o termo “reuniões públicas”.

No Brasil, essa prática foi se transformando. As palestras, de eventuais que eram, passaram a ser semanais como as missas, baseadas no modelo da “pregação religiosa”. Os temas, que a princípio abordavam

19. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 287 pag. 395. Trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

20. Xavier, Chico. *O Consolador*, pelo espírito Emmanuel, questão 369 pag. 207. 7ª Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

conteúdos filosófico-doutrinários, foram gradativamente incorporando assuntos cada vez mais religiosos, mais evangélicos, mais bíblicos. Passou-se a desestimular qualquer tipo de experimentação ou pesquisa, e a “sala de reuniões” de Kardec foi transformada em templo religioso. Adotou-se também, como sucedâneos do “magnetismo espiritual” de Mesmer, o “passe” e a “água fluidificada”. Teria isso algo a ver com a sagrada comunhão? Talvez inspirados no ritual da missa, introduziram-se também os hinos espíritas.

O tipo de mediunidade mais utilizado e estudado por Allan Kardec foi a psicografia, pois ela se prestava, “como a escrita corrente, aos maiores desenvolvimentos.”²¹ Tanto que ela ocupa a maior parte do conteúdo de *O Livro dos Médiuns*. A psicofonia, que foi objeto de breves comentários sob a denominação de “médiuns falantes”, passou a ser a mediunidade principal nas reuniões mediúnicas, agora orientadas inteiramente para a “desobsessão”.

Quanto à psicografia, em vez de ferramenta de investigação junto aos espíritos, ela passou a ser utilizada para a produção de livros com viés fortemente religioso e moralizante, ou de “cartas consoladoras”, possibilitando o contato de familiares com seus entes queridos já falecidos. Pesquisas em torno desse material, além de raras, recebem pouca atenção.²²

Os pesquisadores foram substituídos pelos médiuns

Outra diferença é com relação ao modo de tratar os médiuns e os espíritos. Embora Kardec fizesse largo uso da sua contribuição, ele não os colocava em um pedestal. Para Kardec, os espíritos nada mais eram do que seres humanos desprovidos do veículo físico, e os médiuns, intermediários que possibilitavam o contato entre essas duas realidades. Ele não tomava os seus textos como verdades incontestes; ao contrário, agia como um pesquisador: dialogava, perguntava, analisava as respostas e as comparava com aquelas obtidas por meio de outros médiuns junto a outros espíritos em grupos diferentes.

No formato que o Espiritismo assume no Brasil, as pesquisas perdem espaço e os médiuns e espíritos passam a ocupar posição central na

21. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 157 pag.209. Trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

22. A pesquisa de Carlos Augusto Perandrea, *A psicografia à luz da grafoscopia*, é pouco conhecida. Guilherme Velho recebeu críticas ao pesquisar ocorrências de fraudes em psicografia mediante uso das redes sociais.

produção do conhecimento espírita. Em vez de se considerar os textos por eles psicografados como material de estudo e análise sistematizada, esses textos são considerados como uma espécie de “revelação espiritual” ou de “verdade” trazida pelos espíritos, bem à moda de Roustaing.

O critério decisivo para a aceitação dos conteúdos deixa de ser o Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos, proposto por Kardec. Se o médium é considerado moralmente confiável, o que ele produz é admitido como verdadeiro; sua autoridade moral torna suas narrativas indiscutíveis. Dependendo do médium, até a sua opinião passa a ter valor de verdade, como se ele fosse um oráculo ou um porta-voz permanente dos espíritos superiores. Faltam análises comparativas, livre exame, debates construtivos, e sobra a defesa apaixonada dos médiuns e dos espíritos, bem como dos conteúdos da sua produção mediúnic.

Se Kardec achava preferível rejeitar nove verdades do que aceitar uma única informação falsa, ocorre hoje o contrário: há uma rejeição à análise crítica e uma aceitação devocional das produções mediúnicas, ainda que questionáveis.

Sai de cena o cientista, voltam ao cenário as figuras judaicas do profeta e da profecia.

Nasce um Espiritismo de autoajuda

O meio social fortemente religioso coopera na criação de uma nova cultura espírita. Livros atribuídos a espíritos são muito mais vendáveis do que estudos publicados por autores encarnados. Romances ou livros mediúnicos são percebidos como se fossem conselhos de espíritos superiores, narrativas históricas, ou revelações espirituais, dispensando-se qualquer fundamentação minimamente científica ou filosófica. Verifica-se uma profusão de livros de autoajuda e de romances de conteúdo moralizante; as temáticas sociais são analisadas pelos espíritos à revelia de quaisquer estudos socioantropológicos ou históricos a esse respeito.

Não se realizam nem mesmo os congressos idealizados por Kardec, onde os temas novos e antigos seriam debatidos à luz da ciência e das novas investigações mediúnicas, possibilitando o exame aberto e o amplo contraditório em torno das questões que fossem propostas. A maioria dos congressos atuais são eventos destinados à divulgação das ideias espíritas, na forma em que foram apresentadas pelos espíritos, sem levar em conta os estudos científicos a respeito dos temas em questão. Mesmo

quando se abordam temas científicos, o viés é apenas confirmativo; não há espaço para o livre exame, o debate amplo e o contraditório, ou para a apresentação de novas questões.

Com isso, o Espiritismo perde aquela característica importante para os propósitos de Kardec, de “fé raciocinada” aliada à ciência e à filosofia, capaz de colocar-se “face a face com a razão em qualquer época da humanidade”, e torna-se uma religião nos moldes tradicionais. Eliminam-se os espaços destinados a estudos e pesquisas científicas e valorizam-se apenas os cantos, as orações e a pregação moral.

Não que a religiosidade seja desnecessária; ao contrário, é o que alimenta a grande maioria das pessoas, muitas em situação de sofrimento psicológico e até mesmo físico, e necessitando de um lenitivo espiritual. Kardec mesmo já havia previsto que o Espiritismo teria como missão “lenir corações aflitos, consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais”. Mas isso deveria ser feito em bases de racionalidade, com a segurança conceitual e metodológica que a ciência proporciona, somada a uma visão espiritual de vida e de sociedade.

À medida que a moda da autoajuda foi invadindo as casas espíritas, foram se modificando as temáticas das palestras e, em muitos casos, as figuras do templo e do púlpito voltaram a fazer parte do cenário das reuniões. Em vez da “ciência espírita” de Kardec, destinada a transformar moralmente a sociedade, têm-se agora uma religião convencional baseada em um discurso pseudocientífico-espiritual. Em vez de um agente de “transformação social”, uma expressão cara a Kardec, a religião espírita que se estabelece assume um perfil predominantemente conservador e torna-se, em grande parte, um simples movimento de autoajuda ou, em muitos casos, um instrumento de alienação social, mais um “ópio do povo”.



2

A LITERATURA E AS REDES SOCIAIS NA COMPETIÇÃO PELA “VERDADE DOUTRINÁRIA”

Desde as suas origens o Espiritismo consolidou-se como um movimento ancorado na literatura. A data do seu surgimento é a da publicação do primeiro livro, *O Livro dos Espíritos*, uma coletânea de 501 questões submetidas aos espíritos e por eles respondidas. No ano seguinte, Allan Kardec já iniciou a publicação de uma revista mensal onde eram testadas as ideias que formariam o corpo da nova “doutrina”, do que resultou a publicação de uma série de livros, quase um livro por ano até o ano de 1869, quando da sua morte.

A principal dissidência em relação ao trabalho de Kardec veio a público sob a forma de literatura, que foi a obra de Roustaing. A princípio Kardec limitou-se a tecer algumas críticas discretas, deixando para emitir mais tarde uma opinião consistente, quando ela já pudesse gozar da “sanção do controle universal”.²³ Quando ele achou por bem emitir essa opinião, ele o fez também mediante o uso de um texto escrito. Ao analisar os milagres do Evangelho no livro *A Gênese*, Kardec dedica o final do capítulo XV à questão que ele considera central naquela obra, a do “corpo fluídico” de Jesus. A ser verdadeira essa tese, afirma ele de maneira contundente, toda a vida de Jesus não teria sido mais do que uma farsa, “uma comédia indigna de um homem simplesmente honesto”.²⁴

Portanto, o Espiritismo nasce e se desenvolve tendo na literatura a sua expressão mais relevante, onde inclusive o contraditório se estabelece pelos textos. É pelos textos que se constituem as suas “verdades doutrinárias”.

23. Kardec, Allan. *Revista Espírita*, jun/1866, pag. 20. Trad. Salvador Gentile, IDE, Araras/SP, 1993.

24. Idem. *A Gênese*, cap. XV item 66 pag. 354. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1984.

No seu *Catálogo Racional das Obras para se Fundar uma Biblioteca Espírita*, Kardec inclui uma grande variedade do que era publicado à época; seus próprios livros, livros de outros filósofos e pesquisadores, romances, livros de poesia e até mesmo “obras contra o Espiritismo”. O trabalho de formulação doutrinária era resultado de um rigoroso trabalho de pesquisa baseado no método de comparação das informações que os espíritos traziam por meio dos médiuns, tendo o conhecimento filosófico e científico da época como parâmetro.

No Brasil, pouco afeito aos estudos filosófico-científicos, a disseminação das ideias espíritas se ancorou principalmente nos romances doutrinários, a começar por Bezerra de Menezes, que escreveu pelo menos sete na sua fase espírita: *A Casa Assombrada* (1888), *Os carneiros de Panúrgio* (1890), *Lázaro – o leproso* (1892), *História de um sonho* (1896), *Casamento e mortalha* (1898), estes cinco publicados em vida. Após o seu falecimento foram publicados mais dois: *Pérola Negra* (1905) e *Evangelho do Futuro* (1907).

Conforme divulgação feita pela FEB na época, os romances de Bezerra de Menezes tinham por objetivo apresentar, sob uma forma amigável ao público leitor, “várias das principais teses da doutrina espírita” sob o seu aspecto religioso, que lhe era mais caro, fiel ao pensamento de Roustaing, como se vê nesse trecho de *A História de um Sonho*:

Tu te sentes pequeno à minha vista; mas conscientiza-te de que nós, os espíritos mais adiantados do que tu, não nos sentimos maiores à vista do nosso sacrossanto irmão Jesus, o redentor, a cujas plantas não temos merecimento para chegar nossos lábios. Ele mesmo, em sua divina humildade, considera-se um nada à vista do Pai Supremo.²⁵

A ideia de evolução, central na obra kardequiana, é conciliada com a de “salvação” mediante a figura do Jesus “redentor”, de Roustaing, o nosso “sacrossanto irmão” em sua “divina humildade”. Com isso, Bezerra de Menezes promove uma importante inversão de valores; se para Kardec o aspecto científico pautava o religioso, ele estabelece o contrário: o religioso é que valida o científico. É um personagem religioso que apresenta os elevados ensinamentos, submetendo à religião até mesmo os temas científicos.

Bezerra era um escritor prolífico. Em sua fase pré-espírita, ele havia escrito vários artigos e livros sobre medicina, política e até duas biografias.

25. Apud Cunha, André V C S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier*, pag. 60. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

Já espírita, ele escreveu em torno de 484 artigos e dois livros de estudos doutrinários. Publicados somente após a sua morte, o primeiro é um estudo médico, *A loucura sob um novo prisma* (1920), e o outro, dedicado a seu irmão, *A Doutrina Espírita como filosofia teogônica* (1946).

No seu rastro vieram mais sete romances de autoria de Fernando do Ó e mais nove, agora mediúnicos, psicografados por Zilda Gama, que afirmava ser orientada pelo espírito do próprio Allan Kardec. Dos romances por ela psicografados, cinco foram assinados por nada menos que o espírito Victor Hugo.

A FEB fez desses romances tanto um material de divulgação quanto de afirmação da sua versão do Espiritismo, mais religiosa, adaptada à tradição católica do Brasil. Além disso, os livros eram também a principal fonte de receitas para a manutenção das suas atividades. Mas o que realmente impulsionou a literatura espírita no Brasil foi a publicação do livro *Parnaso de Além Túmulo*, o maior sucesso editorial à época.

O movimento seguinte foi a publicação das crônicas de Humberto de Campos, o escritor brasileiro mais famoso do início dos anos 1930, que começou a escrever pelas mãos de Chico Xavier. Publicadas inicialmente na revista *Reformador*, da FEB, elas se tornaram alvo de um crítico da época, Eloy Pontes, que acusava de pastiche o que ele chamou de “crônicas de além-túmulo”. Em uma inteligente jogada de marketing literário, a FEB apropriou-se do título do artigo de Eloy Pontes e publicou, em junho de 1937, uma coletânea no formato de livro sob esse título, *Crônicas de Além-Túmulo*.

Segundo André Cunha, doutor em História Social pela Universidade Federal do Ceará, que estudou a construção da imagem autoral de Chico Xavier pela FEB,

Sua publicação possivelmente veio compor uma das ações integrantes da reestruturação em curso na Federação, com a adoção de medidas para a continuidade de uma política editorial mais agressiva, instaurada desde os primeiros mandatos de Guillon Ribeiro. (...) Seis meses depois das crônicas de Humberto de Campos, em fevereiro de 1938, chegou a vez de Emmanuel ter o conjunto de suas mensagens doutrinárias formatadas em coletânea para a publicação como livro.²⁶

Essa coletânea de mensagens de Emmanuel recebeu o título *Emmanuel*, e a esta seguiu-se imediatamente outro livro, agora sob a forma de história romanceada, cujo título foi inspirado no tema de uma palestra proferida na FEB por Leopoldo Machado em 1934 com o tema *Brasil, Berço da Humanidade*,

26. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 264/5. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

Pátria dos Evangelhos.²⁷ Essa conferência havia sido publicada na revista *Reformador* e, ao que tudo indica, pode ter inspirado a escrita do livro.

Um dado importante é que *Brasil Coração do Mundo* apenas cita de leve a obra de Allan Kardec, mas valoriza de maneira curiosa as ideias de J. B. Roustaing, apresentando-o como o organizador do “trabalho da fé”. O mais famoso escritor do Brasil, agora falando do além-túmulo, vinha ajudar a FEB a consolidar um ponto de vista doutrinário específico, a estabelecer um entendimento do que era ou não a “verdade”, neste caso, a verdade segundo o entendimento daqueles que estavam à frente da instituição, a verdade de Roustaing.

Com a palavra os espíritos

A literatura espírita produzida no Brasil caminha em uma direção diferente daquela proposta por Kardec. Se ele reunia os textos dos espíritos, analisava, comparava e compunha os princípios espíritas, agora são os espíritos que estabelecem a doutrina, mediante livros de contos, poesias e romances, quando não de forma direta como no livro *O Consolador*, que tem como único autor o espírito Emmanuel, guia do médium. É fácil encontrar espíritas que jamais leram um livro de Kardec, mas que são leitores habituais de Chico Xavier.

Na diversidade do Espiritismo que vai se estabelecendo no Brasil, outros médiuns vão surgindo e também publicando os escritos dos espíritos que lhes orientam os trabalhos, tal como havia ocorrido com Chico Xavier. A década de 1950 representa um salto nessa direção.

Hercílio Maes publica, em 1955, o primeiro livro de Ramatis, *A vida no planeta Marte e os discos voadores*, que abre uma série de 45 títulos, com uma peculiaridade: foram utilizados cinco médiuns diferentes ao longo de cinco décadas, o que merece um estudo comparativo. A LAKE – Livraria Allan Kardec Editora – publica, em 1958, o primeiro dos cinquenta romances psicografados ao longo de seis décadas por Zíbia Gaspareto. João Nunes Maia inicia as atividades literárias do espírito Miramez, cujo título *Filosofia Espírita* é constituído por 20 volumes nos quais ele analisa cada questão de *O Livro dos Espíritos*.

Para dar conta desse imenso trabalho editorial vão sendo constituídas novas editoras. O livro espírita passa a ser a principal fonte de “verdades doutrinárias” e, ao mesmo tempo, de recursos financeiros para um grande número atividades assistenciais.

27. Silva, Gélío Lacerda da. *Conscientização Espírita*, pag. 91. Ed. Opinião Espírita, Capivari/SP, 1995.

A oralidade em paralelo à literatura

Na vertente da oratória, a principal influência sobre o Espiritismo no Brasil deve-se ao médium Divaldo Pereira Franco. Assim como Chico Xavier, ele também é oriundo de uma infância católica e tem como guia espiritual uma ex-freira, que se apresenta pelo nome de Joanna de Ângelis. Seu surgimento no meio espírita data de 1952, quando ele iniciou as atividades da Mansão do Caminho. Trata-se de uma ampla estrutura de serviço assistencial, que funciona como uma espécie de respaldo moral para a sua atividade espírita, um testemunho a favor da sua intensa atividade de propaganda do Espiritismo.

Embora o grande trabalho de Divaldo tenha se dado no campo da oralidade, a sua influência doutrinária se dará também no domínio da literatura, por ser este o campo privilegiado de enunciação de verdades reconhecido pelo movimento espírita. Assim como em Chico Xavier, tanto sua oratória quanto sua produção literária serão atribuídas aos espíritos, ele mesmo afirmando que o seu papel não ultrapassa o de um simples médium.

Seu primeiro livro, *Além da Morte* (1959), é de autoria atribuída ao espírito Otília Gonçalves, uma ex-colaboradora da Mansão do Caminho, e lembra muito *Nosso Lar*, de Chico e André Luiz. Consta no site da instituição que são mais de 250 títulos, entre romances, poesias e páginas de reflexão doutrinária. De sua mentora espiritual Joanna de Ângelis são 95 títulos, sendo que 16 constituem a chamada “série psicológica”. Há também uma extensa coleção de livros que lembram a chamada “série André Luiz” de Chico Xavier, só que assinada pelo ex-colaborador da União Espírita Baiana, Manoel Philomeno de Miranda.

Como na perspectiva kardequiana a ciência goza de *status* de credibilidade, a “série psicológica” de Joana de Ângelis apresenta, segundo os psicólogos Anelise e Gelson, “um estudo da alma humana, seus conflitos, dores e possibilidades” à luz da psicologia junguiana. Seu objetivo é “auxiliar o leitor a formular reflexões sobre o autoconhecimento, sem pretensão de realizar aprofundamentos especializados na ciência”.

A proposta de Joanna de Ângelis é uma análise espírita, em que são traçados paralelos entre a psicologia e os pressupostos da doutrina, onde o conceito de sombra se insere dentro de um contexto mais amplo que envolve a reencarnação e um processo espiritual evolutivo.²⁸

28. Palma, Anelise S. e Roberto, Gelson L. A Série psicológica Joanna de Ângelis e Jung: uma conversa sobre sombra, in *Ao Encontro de Jung*, pag. 225, Cristiane B.S.Todeschini (org), Ed. Fi, Porto Alegre/RS, 2019.

O último livro dessa série, de 2011, tem como título *Psicologia da Gratidão*. Embora o conteúdo seja em tudo diferente, o título remete a uma coletânea de artigos científicos de diversos autores organizada e publicada em 2004 nos Estados Unidos pelo psicólogo Robert Emmons, *Psychology of Gratitude*.

A literatura como campo de disputa

Bem antes do surgimento do conceito de “bolhas informacionais”²⁹, já se observava no meio espírita o isolamento dos grupos em segmentos específicos, cada qual defendendo a sua posição de verdade e constituindo, para isso, editoras, revistas e jornais para veiculação da sua versão doutrinária. Se no início do Espiritismo no Brasil a divisão se deu entre “místicos” e “científicos”, essa segmentação será ainda mais aprofundada ao longo do século XX.

Entre os seguidores de Chico Xavier e Divaldo Franco, por exemplo, estabelece-se uma competição silenciosa por relevância – e até uma rivalidade – dando origem a termos irônicos como “chiquistas” e “divaldistas”, o que também acontece em menor intensidade com os afeiçoados à leitura de textos assinados pelo espírito Ramatis ou por Ermance Dufaux. Em contraposição a estes estabelece-se o grupo dos “espíritas kardecistas”.

Um exemplo dessa disputa se deu nos anos 1980, quando o movimento federativo não abriu espaço para a divulgação de práticas como a da “corrente magnética”, adotada por Eurípedes Barsanulfo e abraçada pelo movimento Auta de Souza. Constituiu-se, então, uma nova editora para promover a divulgação das ideias que norteiam esse movimento. Cada segmento produz a sua própria literatura e cada grupo de seguidores se isola nas leituras dos seus textos, constituindo, cada qual, a sua própria noção de verdade doutrinária.

Ângela Moraes observa que, na acirrada disputa pela verdade, a estratégia adotada tem sido quase sempre a do silenciamento dos adversários. Embora chamando-se uns aos outros de “irmãos” num aparente discurso de fraternidade, na prática o comportamento é de enfrentamento silencioso, nem sempre pautado pela ética das relações.³⁰

29. O termo se refere ao ambiente virtual constituído pelas redes sociais, e que apresenta às pessoas apenas informações que confirmam aquilo em que elas já acreditam, criando uma comunidade que se retroalimenta de uma falsa ideia da realidade.

30. Moraes, Ângela T. Razão e emoção nas interações comunicacionais polêmicas, in *Ciência, Espiritismo e Sociedade Coletânea I*. Aephus, Goiânia/GO, 2019.

Um exemplo do nível de comprometimento ético que alcança essa disputa ficou registrado na tradução feita pela FEB do livro *A Gênese*, onde Kardec argumenta contrariamente à hipótese do “corpo fluídico” de Jesus, base da obra de Roustaing e cara aos espíritas brasileiros da vertente religiosa. Os editores, defensores da hipótese de Roustaing, se dão o direito de contestar Kardec dentro do seu próprio livro. Mediante notas de rodapé e lançando mão de uma refinada ironia eles o equiparam àqueles que contestam o Espiritismo por ele fundado. Na atual tradução, de Evandro Noleto, essas notas foram suprimidas.³¹

Em busca de Kardec

Desde o início do Espiritismo no Brasil que se observa um esforço no sentido de se preservar a diretriz kardequiana de “aliança da ciência e da religião”, causa abraçada inicialmente por Afonso Angeli Torterolli e depois por escritores como Carlos Imbassahy, Deolindo Amorim, Hermínio Miranda, Jorge Andréa, que procurarão dar ao Espiritismo uma conotação mais filosófico-científica. Herculano Pires publicou mais de oitenta títulos, versando sobre os mais variados assuntos, em um estilo mais jornalístico, em que pese a presença de alguns romances e outros tratados mais filosóficos.

Entidades como a CEPA - Associação Espírita Internacional - e o CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação Espírita -, desenvolveram uma visão não-religiosa do Espiritismo, que eles apresentam como “laica e livre-pensadora”, também fundamentada em Kardec, constituindo mais uma das inúmeras vertentes em que se constitui atualmente o ambiente espírita. E também eles, para participarem da disputa de narrativas, fazem do livro o principal meio de disseminação de suas ideias e visões de mundo, confirmando a vocação literária do Espiritismo para as suas afirmações de verdade.

Portanto, a consolidação do Espiritismo no Brasil não se deu pelos congressos previstos por Kardec; não foi mediante apresentação de teses e debates que se deu a disputa em torno do que é ou não verdadeiro em termos de pensamento espírita; foi pelo livro, pela literatura. Os livros é que disseram, a princípio, o que pode e o que não pode ser aceito, cada segmento defendendo a sua própria versão, sempre em dissimulada disputa com as demais.

31. Essas notas de rodapé constam da tradução de Guillon Ribeiro, na 26ª edição, pag. 354/355.

As redes sociais como novo campo de disputa

Com a emergência das redes sociais esse cenário começa a sofrer modificações. Novos atores, até então ignorados, começam a manifestar a sua presença no campo de enunciação das verdades do Espiritismo. Surgem os blogs, TV's, Web-rádios e "coletivos" espíritas, grupos informais que fazem das redes sociais o seu local de encontro e de diálogo. Como concorrentes ao texto literário emergem as *lives*, as entrevistas, as palestras gravadas e as videoaulas, disseminadas nos grupos de WhatsApp ou nos canais do YouTube, do Instagram e do Tik Tok.

A internet torna-se, assim, o principal campo de disputa de relevância, colocando em segundo plano, depois de 160 anos, a figura do livro impresso. A facilidade de criar canais virtuais e de produzir conteúdos, sobretudo conteúdos orais, possibilita o surgimento de inúmeros outros agentes no campo da enunciação das verdades doutrinárias. Canais como o da Mansão do Caminho, A TV Mundo Maior e a FEB TV possuem mais de 500 mil inscritos no final de 2022, e o canal de humor e espiritismo, Amigos da Luz, mais de 400 mil. Algumas dezenas de pequenos agentes buscam ocupar espaço nessa disputa de narrativas, como o ECK - Espiritismo com Kardec, e o Espíritas pela Democracia e Justiça Social, grupos no Facebook que apresentam em torno de 10 mil membros.

Mas isso nem de longe abala a importância que a psicografia, a mediunidade e o livro ocupam no universo do imaginário espírita quando se trata da produção de verdades e de conhecimentos doutrinários. As redes sociais se constituem em um campo de divulgação e de debate dos textos mediúnicos de autoria atribuída aos espíritos, ou das falas dos próprios médiuns, mas os livros e as mensagens escritas continuam sendo a principal fonte de verdade que elas apenas repercutem; ou contestam.



3

OS COMPONENTES DO FENÔMENO MEDIANÍMICO

Como já comentado, Kardec teve pouco mais de cinco anos para aprofundar seus estudos a respeito da mediunidade antes de escrever e publicar *O Livro dos Médiuns*, que é, ainda hoje, o mais completo manual a esse respeito. Depois disso ele não retornou mais ao assunto.

Ao contrário do que se afirma, Kardec nunca foi um cético. Ele era amante da ciência, e de seu relato pessoal pode-se afirmar que era reservado e prudente quanto às questões espirituais, mas nunca um cético. Ele mesmo afirma ter se interessado, ao longo de toda a sua vida adulta, pelos estudos do que era chamado à época de “magnetismo animal”, que era um dos principais campos de estudo dos espiritualistas. Em 1852, antes de qualquer contato com os fenômenos espíritas, não lhe passou despercebido o caso ocorrido nas proximidades de Bergzabern, que ele reproduziu logo nos primeiros números da *Revista Espírita* sob o título de “o espírito bater de Bergzabern”.

Aliás, um rápido exame nesse periódico demonstra o quanto os fenômenos espirituais espontâneos despertavam o seu interesse, porquanto, ao criá-lo, em 1858, ele se propõe a oferecer a explicação para “todos os fenômenos patentes que testemunharmos ou que chegarem ao nosso conhecimento” e que revelavam a atuação de um poder oculto, “tais as visões, as aparições, a dupla vista, os pressentimentos, os avisos íntimos, as vozes secretas, etc.”³² Seus livros são recheados de casos dessa natureza, que até então eram tidos como sobrenaturais, e que ele passa a estudar desde então.

32. Kardec, Allan. *Revista Espírita* jan/1858, pag. 26. Trad. Evandro Noleto. FEB, Brasília/DF, 2004.

Diante do que era um passatempo mais ou menos curioso, que eram as sessões com mesas realizadas nos ambientes familiares, Kardec entreviu a possibilidade de obter fenômenos mediúnicos induzidos, devidamente controlados, transformando aquelas sessões em uma espécie de laboratório para a investigação da realidade espiritual. Em 1858 ele cria o seu próprio laboratório, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos.

Um dos elementos de convicção que ele mesmo apresenta foi um livro de 1856 do Barão de Luís de Guldenstubbé (1820-1873), que consistia em uma coleção de casos obtidos mediante o processo da escrita direta. Suas pesquisas eram conclusivas ao ponto de não deixarem dúvidas quanto à autenticidade do fenômeno. Ocorre que as comunicações eram sempre curtas, de natureza pessoal ou familiar; a complexidade do método não permitia a obtenção de mensagens extensas de conteúdo filosófico doutrinário.³³ Em razão disso, Kardec optou por usar a escrita manual, em que o médium toma do lápis e escreve diretamente no papel, sem o uso da cesta ou de qualquer outro dispositivo.

Essa escolha, embora importante para os seus propósitos de constituir uma doutrina moral, abria campo a muitas dificuldades do ponto de vista de uma “ciência espírita”. Uma delas era quanto aos meios de se comprovar a autenticidade dos fenômenos; nem sempre era tão simples afirmar a existência de um espírito por trás de um texto psicografado ou de uma comunicação verbal, ou as visões relatadas pelos sonâmbulos e videntes. Kardec concluiu que se o conteúdo fosse edificante isto seria suficiente, e que “a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real”.

Se o espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se somente diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não se furtaria a subscrever, há, senão prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. Nesse caso, sobretudo, é que a identidade real se torna uma questão acessória. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga.³⁴

33. Guldenstubbé, Barão Luís de. *A Realidade dos Espíritos e o fenômeno maravilhoso de sua escrita direta*. Trad. Luiz G. O. Santos. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2011.

34. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 255 pag. 336. Trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

O meio científico reagiu de maneira crítica a essa simplificação, mas Kardec já não mais se interessava em provar a veracidade das comunicações espíritas; para ele o fenômeno já estava suficientemente comprovado. Seu interesse agora era obter conteúdos filosóficos relevantes com os quais pudesse compor a Doutrina que ele considerava “dos espíritos”.

Por mais completo que seu estudo nos pareça ainda hoje, os fatos comprovam que não lhe foi possível esgotar inteiramente um tema tão complexo em tão curto espaço de tempo, o que é perfeitamente compreensível. Isso foi ficando mais claro na medida em que outros pesquisadores foram desenvolvendo novos estudos e ampliando as discussões, até mesmo em resposta a algumas limitações que foram sendo percebidas nas explicações que ele elaborou.

Gabriel Delanne (1857-1926), que era filho de um casal de membros da Sociedade de Paris, abraçou a tarefa de consolidar as pesquisas que estavam sendo publicadas à época, no que se constituiu uma das mais relevantes contribuições para ampliar o entendimento a respeito do fenômeno da mediunidade.

Para além da aparente simplicidade do fenômeno

Na época o que era então conhecido como “magnetismo animal” já começava a ser estudado sob a abordagem da hipnose, da telepatia e da telecinesia, entre outros conceitos que foram surgindo. Uma das constatações dos “magnetizadores” era que, colocados sob hipnose, os sensitivos apresentavam uma condição mental muito semelhante à dos médiuns em transe.

Isso já estava presente nos estudos de Kardec sob o nome de “sonambulismo magnético”, mas sem o desenvolvimento que se deu em seguida. Novos experimentos pretendiam avaliar até que ponto a autoria de um texto psicografado poderia ser atribuída a um agente espiritual e se não havia elementos que demonstrassem ter ele se originado da mente do médium. Surge assim a chamada “questão anímica” e o conceito de “animismo”.

Os experimentos não deixavam dúvida; se em alguns casos havia detalhes que só a presença de uma inteligência externa, um espírito, poderia explicar, na maioria dos casos ficava claramente demonstrada a atuação inconsciente e não intencional do médium na elaboração do conteúdo. De modo um pouco diferente do que havia concluído Kardec, o médium não apenas “interferia” na comunicação; ele era parte atuante

e não existia o fenômeno sem a sua participação inconsciente, mais ou menos marcante.

Outra constatação: o fenômeno reagia ao ambiente, e oferecia respostas em linha com o meio social onde ele acontecia. Um caso ilustrativo dessa diferença, olhando hoje pelo retrovisor da história, é o das comunicações obtidas pelo célebre escritor francês Victor Hugo. Tendo participado ativamente da resistência ao golpe implementado por Napoleão III em 1851, na França, ele se viu obrigado a refugiar-se na Ilha de Jersey, de domínio britânico.

Logo nos primeiros meses de exílio ele recebeu a visita de uma amiga, a médium e escritora Delphine de Girardin, aquela mesma que assina o texto intitulado “a desgraça real” em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Nessa visita a médium lhe propôs realizar algumas sessões espíritas com uso de mesinhas, quando lhe foi possível estabelecer contato com o espírito de sua filha Leopoldine, falecida dez anos antes, em 1843.

Desnecessário dizer o quanto essa experiência mexeu com suas emoções e crenças. Com a ajuda de sua esposa, de outra filha e de alguns amigos, Victor Hugo passou a realizar sessões diárias visando compreender as possibilidades abertas por essa nova forma de contato espiritual. Ao contrário de Kardec, ele optou por manter o método da tipologia, que consiste em comunicar-se mediante pancadas produzidas pelo pé de uma mesinha, sempre segurada pelas mãos de duas pessoas. Os relatos sugerem que ele utilizou também a chamada “mesa de Girardin”, um dispositivo que continha as letras, que iam sendo apontadas uma a uma.

Criterioso, Victor Hugo registrou em ata cada uma das sessões realizadas informando o dia, o horário de início e término, as pessoas presentes e o relato escrito do diálogo desenvolvido. Foram dois anos de experiências muito bem documentadas. Todas essas atas estão disponíveis atualmente no Museu Victor Hugo, em Paris.

Um dos aspectos interessantes de seus estudos é que praticamente todas as comunicações obtidas eram vazadas em uma linguagem poética, muito semelhante à que ele mesmo vinha produzindo. Mesmo ele não tocando a mesa, os espíritos comunicantes reproduziam o seu estilo e até os versos que ele criava. Se em Paris, com Kardec, os temas eram voltados para a filosofia moral, com ele tudo terminava em poesia.³⁵

Hoje, passados cento e sessenta anos dos estudos iniciais de Kardec, é possível afirmar que o fenômeno mediúnic é um processo bem mais

35. As atas são hoje exibidas na *Maison de Victor Hugo*, que é um museu construído onde ele morou até o início do seu exílio, e foram publicadas sob o formato de livro intitulado *O Livro das Mesas*.

complexo do que até então se pensava. Todo fenômeno mediúnico, seja espontâneo ou induzido, implica na combinação de pelos menos três fatores que interagem entre si, quais sejam:

- 1 - O médium
- 2 - O espírito comunicante
- 3 - O contexto social onde o fenômeno acontece

E aí surgem outras questões. Por exemplo: como esses três fatores interagem entre si tendo em vista a elaboração das “verdades” – e das possíveis inverdades – que permeiam o que hoje conhecemos como Espiritismo? Como o contexto social influencia o médium e o espírito que se comunica, e como isso interfere na produção do conhecimento espírita? Os dois primeiros – o médium e o espírito interagindo entre si – foram amplamente estudados por Allan Kardec em *O Livro dos Médiuns*; quanto ao contexto social, ele apenas tangenciou o assunto, porque lhe faltavam os elementos necessários para mais amplo entendimento e que somente se consolidariam ao longo do século XX, como se verá no próximo capítulo.



O Contexto Sócio-histórico



4

MEDIUNIDADE E CULTURA

Por quais razões os fenômenos medianímicos – mediúnicos e/ou anímicos – acontecem de maneira tão diferente nas diferentes sociedades? Por mais que haja elementos comuns do ponto de vista dos dispositivos psíquicos envolvidos, há também muitas diferenças entre um transe meditativo de um guru indiano, uma gira na Umbanda, um ritual de paje-lança e uma incorporação ou uma psicografia em uma sessão espírita.³⁶

Os atuais doramas chineses e coreanos nos permitem conhecer um pouco a respeito de como outras tradições espirituais manifestam sua espiritualidade. Se saltam aos olhos as semelhanças, não há como negar as profundas diferenças no modo de perceber a vida e a morte e o relacionamento com o espiritual e o sagrado. É assim que, diante da desencarnação, em algumas tradições indígenas, os xamãs veem o espírito que parte indo embora, pelas costas, o que significa que ele está indo em paz; em outras tradições coreanas, conforme as crenças locais, as pessoas contam terem visto os seus entes queridos atravessando uma ponte, mais ou menos longa; em países de tradição cristã são comuns narrativas de um túnel escuro com uma intensa luz do outro lado, ou um portal que dá acesso a uma região de luz.

Quando se estende o olhar na direção de outras tradições espirituais, observam-se outras lógicas, outras formas de se lidar com a transcendência, quase sempre sem a dicotomia corpo/espírito herdada da filosofia grega. Há tradições em que o ser humano é percebido na sua integralidade, sem qualquer distinção entre corpo e alma, que é fruto da perspectiva aristotélica, que norteia o pensamento do ocidente.

Mas também é curioso que diferentes narrativas apresentem algumas semelhanças. Por exemplo, os heróis filhos de deuses que engravidam

36. Kardec conceitua de modo diferente em *O Livro dos Médiuns*, como “qualidade da força do médium”.

uma mulher comum, na cultura grega, estão, de algum modo, presentes na tradição cristã que representa Jesus como resultado da gravidez de Maria concebida pelo “Espírito Santo”. Mera coincidência? Ou isso pode resultar da influência de uma cultura sobre a outra, uma forma de apropriação cultural?

Segundo os estudos de Zimmer a respeito das antigas tradições do hinduísmo, a figura de Eros, o deus do amor dos gregos, encontra similaridade em *Kâma-deva*, uma espécie de deus do amor dos indianos. A imagem que os primeiros cristãos construíram a respeito de Jesus lembra a figura dos *Tirthankaras*, do jainismo, que teriam alcançado o nirvana, um estado de plenitude, no qual teriam vencido todas as limitações dos sentidos e se acham desprovidas agora de todo apego e de todo sentimento de ódio por quem quer que seja.

Assim como se dá com Jesus, esses *Tirthankaras* abraçam a missão de ensinar o caminho da autoiluminação aos demais seres humanos, a fim de libertá-los do ciclo de renascimentos. Do mesmo modo como esses *Buddhas* tiveram que suportar as mais desafiadoras tentações e ameaças sem se abalarem na sua atitude de meditação, também Jesus teve que ser testado pelo demônio durante quarenta dias no deserto sem se render aos apelos da glória e do poder, demonstrando assim o seu desapego às ilusões da vida humana.³⁷

Em um artigo publicado na revista *Sacrilegens*, da Universidade Federal de Juiz de Fora, intitulado “O Tao da Mediunidade”, André Andrade Pereira, apresenta o interessante conceito de “imperialismo conceitual”, que se refere à tendência de um determinado grupo social querer “traduzir a experiência religiosa do outro com base nos elementos conceituais da própria tradição”.³⁸ Explicações elaboradas sob o arcabouço da nossa cultura judaico-cristã dificilmente conseguirão traduzir a singularidade de outras culturas.

Como isto se aplica ao Espiritismo?

Quando nos referimos à mediunidade como sendo um fenômeno presente em todas as tradições espirituais não estaríamos incorrendo em uma forma de “imperialismo conceitual”? André Pereira indaga se isso não significa reduzir a termos espíritas toda a complexidade de fenômenos que se apresentam de formas extremamente variadas nas diferentes sociedades mundo afora. É como se todas as tradições espirituais

37. Zimmer, Heinrich. *Filosofias de la India*, org. Joseph Campbell, pag. 116, ed. Sexto Piso, Ciudad del México, 1986.

38. Pereira, André A. *O Tao da Mediunidade: um diálogo entre o zen e o espiritismo*. Rev *Sacrilegens*, v. 5, n. 1, p. 198–215, UFJF, Juiz de Fora/MG, 2008

pudessem ser explicadas a partir de um modelo específico de entendimento que têm na racionalidade o seu valor fundante.

Isso pode ser interessante enquanto tentativa de compreender a nossa própria realidade, mas traz embutido um reducionismo contra o qual é preciso estar atentos quando o que se pretende é compreender a cultura alheia. Cada tradição espiritual manifesta o sagrado à sua maneira, cada qual possui a sua riqueza e as suas possíveis limitações, e só um olhar enviesado por um questionável evolucionismo social pode pretender que qualquer uma delas seja capaz de explicar as demais a partir da sua lógica sem incorrer em imperialismo conceitual. Mais complicado ainda é supor que a nossa seja superior a qualquer outra.

São diferentes, quanto a isso não resta dúvida, mas qualquer ideia de superioridade não passa de presunção ou de orgulho, quando não de uma inegável arrogância.

O fenômeno cultural

Para fins deste estudo consideramos cultura como o conjunto das tradições, dos costumes e dos modos de expressão de uma determinada sociedade, o que pode incluir seus conhecimentos, suas visões de mundo, suas manifestações artísticas e sua espiritualidade. Nesse sentido, também faz parte da cultura o modo como cada sociedade lida com suas experiências espirituais ou místicas, seus modos de interação com os espíritos – seja qual for a forma como o compreendam – e suas experiências de transe mediúnico ou anímico.

Embora o atual conceito de cultura ainda não tivesse sido estabelecido quando Kardec escreveu seus livros,³⁹ há em *O Livro dos Médiuns* uma breve referência às questões culturais na sua análise das “manifestações visuais”, que se inicia com um diálogo com um espírito cujo nome ele não apresenta, mas que parece ser Erasto:

17ª - As aparições espontâneas parecem mais frequentes em certos países. Será que alguns povos estão mais bem-dotados do que outros para receberem esta espécie de manifestações?

“Dar-se-á tendes um registro histórico de cada aparição? As aparições, como os ruídos e todas as manifestações, produzem-se igualmente em todos os pontos da Terra; apresentam, porém, caracteres distintos, de

39. A única menção encontrada que pode sugerir o sentido atual consta em um artigo de autoria de Camille Flammarion publicado na *Revista Espírita* de dezembro de 1868 sobre a “ancianidade da raça humana”.

conformidade com o povo em cujo seio se verificam. Nuns, por exemplo, onde o uso da escrita está pouco espalhado, não há médiuns escreventes; noutros, abundam os médiuns desta natureza; entre outros, observam-se mais os ruídos e os movimentos do que as manifestações inteligentes, por serem estas menos apreciadas e procuradas.”⁴⁰

Naquela época, a Europa se colocava como o centro do mundo e como um modelo para os outros povos, no que hoje é chamado de “eurocentrismo”. Uma mensagem recebida pelo Sr. Desliens e assinada por um espírito que se apresenta pelo nome Moki se refere a uma colossal exposição industrial promovida por Napoleão III em 1867 na cidade de Paris, à qual compareceram mais de 50.000 delegações de várias partes do mundo.

Em seus bulevares, o Chinês e o Persa saúdam o Russo e o Alemão; a Ásia em casimira dá a mão à África em turbante; o novo mundo e o antigo, a jovem América e os cidadãos do mundo europeu se chocam, se acotovelam, conversam no tom de uma inalterável amizade.⁴¹

O texto fala apenas da “jovem América”, ou seja, a América colonizada; nem de leve se refere à América ancestral, invadida e subjugada pelos europeus, constituída pelos seus povos originários, que estavam sendo pouco a pouco dizimados pela violência dos invasores.

Em sua dissertação de mestrado em Psicologia Social, Ricardo Nogueira Ribeiro cita o pesquisador Robert Emmons, que confrontou a experiência espiritual de chineses e estadunidenses investigando uma médium de Hong Kong. Ele descreve um rico panorama da variação cultural dessas experiências que, apesar de diversas semelhanças, diferem entre si. Enquanto os chineses “negociam com seus ancestrais para o benefício de ambos em questões práticas” os norte-americanos “buscam conselhos pessoais e diminuição das aflições”.⁴²

Como se pode deduzir, as explicações que a nossa sociedade elabora são explicações formatadas segundo a nossa cultura, segundo o nosso modo racional de perceber o fenômeno. Não se pode perder de vista que tanto a forma quanto o conteúdo das manifestações medianímicas estão intimamente relacionados à cultura vigente em cada sociedade.

40. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 100 pág. 140, trad. Guillon Ribeiro. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

41. Idem. *Revista Espírita*, dez/1867 pag. 20. Trad. Salvador Gentile, IDE, Araras/SP, 1999.

42. Ribeiro, Ricardo N. *(Id) entidades: aspectos psicossociais das variedades da experiência mediúnica*, pag. 72. Dissertação de Mestrado, USP, Instituto de Psicologia, São Paulo/SP, 2015.

É preciso considerar ainda que a cultura é um fenômeno social extremamente complexo, que se elabora e se perpetua mediante um processo dinâmico ao longo do tempo. Existe nesse processo uma relação dialética; cada sociedade constrói a sua cultura ao mesmo tempo em que tem sua vida e sua expressão por ela modelada. Isso pode ser observado na literatura que, ao mesmo tempo em que traduz a cultura vigente, também ajuda a sociedade a reelaborar a sua visão de mundo.

É este o caso do premiado livro de Itamar Vieira Júnior, *Torto Arado*, que traz a figura marcante de Zeca Chapéu Grande, um médium curador do sertão. Ao mesmo tempo em que ele retrata as crenças de conteúdo espiritual dos sitiantes nordestinos do início do século XX, ele também influencia na construção de novas formas de crer por parte dos seus leitores no momento atual, o início do século XXI.

Mediunidade e imaginário

Kardec observou que alguns espíritos apareciam aos médiuns com auréolas ou asas, como nas imagens que os europeus construíram a respeito dos anjos da tradição judaico-cristã. Um médium relatava ter visto um punhal nas mãos de um espírito que fora assassino; outro viu um livro nas mãos de um espírito que foi um sábio quando em vida. Esses relatos lhe pareciam tão materiais que ele concluiu que, “com o concurso dos médiuns videntes, possível nos foi estudar o mundo invisível, conhecer-lhe os costumes, como um povo de cegos poderia estudar o mundo visível com o auxílio de alguns homens que gozassem da faculdade de ver.”⁴³ Hoje é preciso levar em consideração o imaginário do médium.

Por imaginário entende-se o conjunto dos símbolos e conceitos que alimentam as criações mentais dos indivíduos de uma determinada sociedade. Embora esse conceito não existisse na sua época, Kardec considera, ainda que minimamente, essas questões quando indaga:

a) São sempre reais as visões? Não serão, algumas vezes, efeito da alucinação? Quando, em sonho, ou de modo diverso, se veem, por exemplo, o diabo, ou outras coisas fantásticas, que não existem, não será isso um produto da imaginação?⁴⁴

43. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, itens 102 e 103, pág. 146-147, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

44. Idem, *ibidem*, item 113 pág. 156.

O espírito lhe responde que muitas vezes, devido a impressões do cotidiano, a pessoa “julga ver o que não existe”.

Ao estudar os fenômenos ligados ao “sonambulismo”, Kardec analisa o caso de um “rapaz de 14 a 15 anos” que prescreve medicamentos com o auxílio de um “anjo doutor”.⁴⁵ Fosse esse garoto um jovem indiano e, com certeza, em vez de um “anjo doutor” ele se referiria a um avatar, um deus ou um guru. Para um indiano, um chinês, um pajé ou um xamã esse mesmo fenômeno aconteceria de maneira inteiramente diferente e receberia uma explicação não menos diferente.

Isso fica claro quando se analisa o livro *História de Joanna d’Arc: ditado por ela mesma*, psicografado por Ermance Dufaux quando tinha apenas 14 anos. Segundo a narrativa, Joana, seus familiares e amigos não paravam de enviar aos céus fervorosas preces para abrandar a “cólera” de Deus. O espírito Joana afirma ter visto “Saint-Michel acompanhado de anjos do céu” e tê-lo reconhecido como um “arcanjo”. Quando ela relata o seu encontro com *Sainte-Catherine* e *Sainte-Marguerite*, ela as percebe como “duas jovens mulheres de uma radiante beleza. Elas estavam magnificamente vestidas; usavam, sobre a cabeça, coroas de ouro, ornamentadas com pedras preciosas”.⁴⁶ Como se vê, trata-se de percepções mediúnicas estruturadas segundo o imaginário católico e francês no qual a jovem médium estava imersa, e que nem de longe se parecem com as mensagens psicografadas por Léon Denis setenta anos mais tarde.

Aliás, em se tratando de Léon Denis há outras situações ainda mais curiosas. Como ele era um homem envolvido com as questões políticas do seu tempo, seus guias espirituais, “muitos dos quais participaram da direção política do último século”, falavam de política com naturalidade. Socialista que era, os textos que ele psicografa refletem sua orientação ideológica, carregados de análises, ou de quase profecias relacionadas às tendências políticas da época. Um desses espíritos que com ele se comunicavam assim se refere às então recentes eleições de 1924:

Quando os novos eleitos estiverem em face da realidade, deverão constituir, de início, uma maioria mais à esquerda. Se esta não se compuser senão de homens conscienciosos, apaixonados pela liberdade e independência, resultará em uma política improfícua.⁴⁷

45. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 173 pág. 224, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

46. Dufaux, Ermance. *História de Joana d’Arc: ditada por ela mesma*, pag. 17 e 167. Trad. Denise Villas Boas, ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2003.

47. Denis, Léon. *Socialismo e Espiritismo*, pag. 128. Trad. Wallace Leal V. Rodrigues, ed. O Clarim, Matão/SP, 1982.

O espírito que se comunica entende que até mesmo a ciência estará se orientando na direção das ideias socialistas, ou seja, das ideias que norteavam o pensamento das esquerdas do seu tempo. Dessa constatação emerge uma questão inevitável: não estariam essas psicografias associadas à orientação ideológica do médium Léon Denis?

Todos os textos psicografados que ele publica reproduzem uma visão mais filosófica e científica, e nada religiosa do povo francês. Enquanto o prefaciador do livro, um espírita brasileiro e político que é Freitas Nobre, cita 5 vezes o nome de Jesus nas poucas páginas que constituem o prefácio, os espíritos que se comunicam com Léon Denis em nenhum momento se referem ao profeta nazareno. O próprio Léon Denis se refere a Deus, mas em nenhum momento à pessoa de Jesus ou aos seus ensinamentos. Sua visão é espiritualista, mas não religiosa.

Em algumas tradições afro-brasileiras, onde a compreensão de vida e de mundo é fundamentada em uma perspectiva de coletividade, muitas das entidades que se comunicam não se apresentam como indivíduos; elas representam arquétipos que traduzem a experiência coletiva daquela sociedade ao longo de sua história. Como decorrência da maneira como compreendem sua presença no mundo e sua relação com a natureza, algumas dessas tradições espirituais percebem entidades espirituais ou mesmo a divindade nas pedras e nos riachos, nas montanhas, nas árvores, nas cachoeiras.

De tudo isso se conclui que cada sociedade vive suas experiências psíquicas segundo o seu imaginário, que faz parte de um sistema cultural construído muitas vezes ao longo de milênios, e que molda a sua compreensão do mundo e da vida.

Um estudo feito a partir das representações indígenas em obras literárias espíritas, espiritualistas e da Umbanda Esotérica demonstra que essas representações estão mais ligadas ao modo como os médiuns percebem os povos que eles descrevem do que à sua suposta realidade espiritual. Quando das observações realizadas, um dos médiuns percebeu um determinado personagem indígena vestido mais à maneira ocidental, enquanto o outro o “viu” vestido mais à maneira indígena tradicional. Essas pesquisas deixaram claro, sobretudo quando os fenômenos mediúnicos se referem a pessoas de outra cultura, que cada grupo representa o grupo dos “outros” de acordo com o seu imaginário.⁴⁸

48. Cordovil, Daniela e Castro, Luís O. S. *Espíritos de Índios na Umbanda Exotérica: uma complexa teia de representações*. Rev. Plura, vol 9 n° 1. Ed. ABRH, Assis/SP, 2019.

Cultura e performance

Na Antropologia os fenômenos mediúnicos têm sido estudados a partir da perspectiva da performance ou da ritualística. Sob essa perspectiva, a mediunidade nos centros espíritas obedece a um ritual de seriedade, de isolamento e de diálogos contidos que não está presente nos rituais de incorporação do “Espírito Santo” ou do “demônio” nas igrejas evangélicas, do êxtase dos católicos carismáticos, das rodas do Candomblé ou dos cantos do Xamanismo.

Práticas espirituais de conteúdo medianímico se desenvolvem segundo diferentes performances, que são culturalmente elaboradas, transmitidas e assimiladas. Kardec já havia percebido que “a faculdade (da dupla vista) se desenvolve por uma espécie de educação, que também se transmite de um a outro”, ou seja, que é possível treinar outra pessoa para viver o fenômeno a partir de uma determinada performance socialmente estabelecida.⁴⁹

Mesmo entre práticas mediúnicas com objetivos semelhantes se observam diferenças de performance que decorrem de diferenças culturais. No Brasil, um “esclarecimento” a um espírito “obsessor” termina quase sempre com uma oração a Jesus ou aos espíritos superiores rogando o seu “encaminhamento” para um “hospital espiritual”; no México, termina com ele se despedindo e “atravessando o portal” que dá acesso à “luz”, enquanto na França é comum terminar a “*libération*” com uma espécie de “grito libertador” pelo qual o espírito roga perdão a Deus e vai para o espaço.⁵⁰ O mesmo fenômeno é vivido sob diferentes performances.

O *Journal Spirite* de abril de 2022 traz um artigo a respeito dos “espíritos do tsunami” do Japão, onde um sacerdote acolhe e ampara uma moça que se sentia “possuída” por espíritos em situação de sofrimento, auxiliando-a a libertar-se desse constrangimento. Essa prática, chamada *Koshioshi*, é milenar e consiste em queimar um incenso diante da imagem do Buda enquanto se pronunciam mantras que “libertam” o espírito.⁵¹

Sábios e monges na China; xamãs, pajés e curandeiros nas tradições indígenas; médiuns espíritas e pastores evangélicos nas sociedades cristãs, apresentam diferentes modos de atuação quando na situação de transe espiritual ou anímico. Cada sociedade aprende a se relacionar com essas percepções de uma maneira específica, do que se pode deduzir que

49. Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos*, questão 451 pág. 268, trad. Guillon Ribeiro, 87ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2006.

50. O *Journal Spirite* e o livro *Uma Porta para a Luz* apresentam diversos casos na França e no México.

51. Manouchian, Igor. *Los Espíritos de Tsunami*, in *Journal Spirite*, pag. 57-58 n° 127, ed. abr/2022. Cercle Spirit Allan Kardec de Nancy, França.

há, sim, elementos de performance relacionados às suas práticas de conteúdo espiritual.

Portanto, o conceito de performance se refere à maneira particular como determinado grupo materializa sua perspectiva espiritual, sua relação com o sagrado ou mesmo com as suas sensibilidades e percepções anímicas; aos seus comportamentos e expressões durante o transe mediúnico ou anímico, que são decorrentes da sua cultura. Sob esse entendimento, os elementos culturais presentes na sociedade da qual o indivíduo participa modelam a sua performance enquanto médium, tanto na sua vida pública quanto na sua vida privada.

Existe uma performance mediúnica no meio espírita?

A imagem de Chico Xavier psicografando em público é sempre a de um homem com uma das mãos à testa, em uma atitude de concentração mental, e a outra escrevendo a lápis sobre o papel; um ajudante substitui as folhas já escritas por novas folhas limpas. Entretanto, quando em particular, ao psicografar crônicas, poesias ou textos doutrinários distante do público, ele mesmo afirma que fazia uso de uma “máquina de escrever”. Médiuns da atualidade acompanham esse modelo de atuação. O mais comum é, em público, escreverem à mão, mas, no privado, usarem o notebook ou até mesmo o *tablet*.⁵²

Desde algum tempo tornou-se comum médiuns espíritas manifestarem em público uma voz rouca, que lembra a de um ancião, apresentando mensagens de estímulo aos espíritas, no que tem sido considerado como comunicações atribuídas ao espírito Bezerra de Menezes. Isso já foi observado em pequenos encontros espíritas, em congressos e até mesmo em uma sessão solene do Congresso Nacional, quando o então deputado federal Luiz Bassuma, espírita e médium, aparentou ter incorporado Bezerra de Menezes. Entrevistado, ele diz não reconhecer quem é o espírito que se comunicou por meio dele, mas afirma, convicto: “eu confio em Deus, eu confio nos bons espíritos; se a coisa está acontecendo ali é porque deve ter algum fim positivo. Qual é? Eu não sei; não compete a mim saber.”⁵³

Há quem entenda que é o espírito que modifica a voz do médium. Pode ser. Mas não pode ser o caso de um componente de performance medianímica? Em se sentindo sob a influência espiritual de Bezerra de

52. Um dos médiuns entrevistados neste estudo afirmou que prefere usar o *tablet* para psicografar em casa.

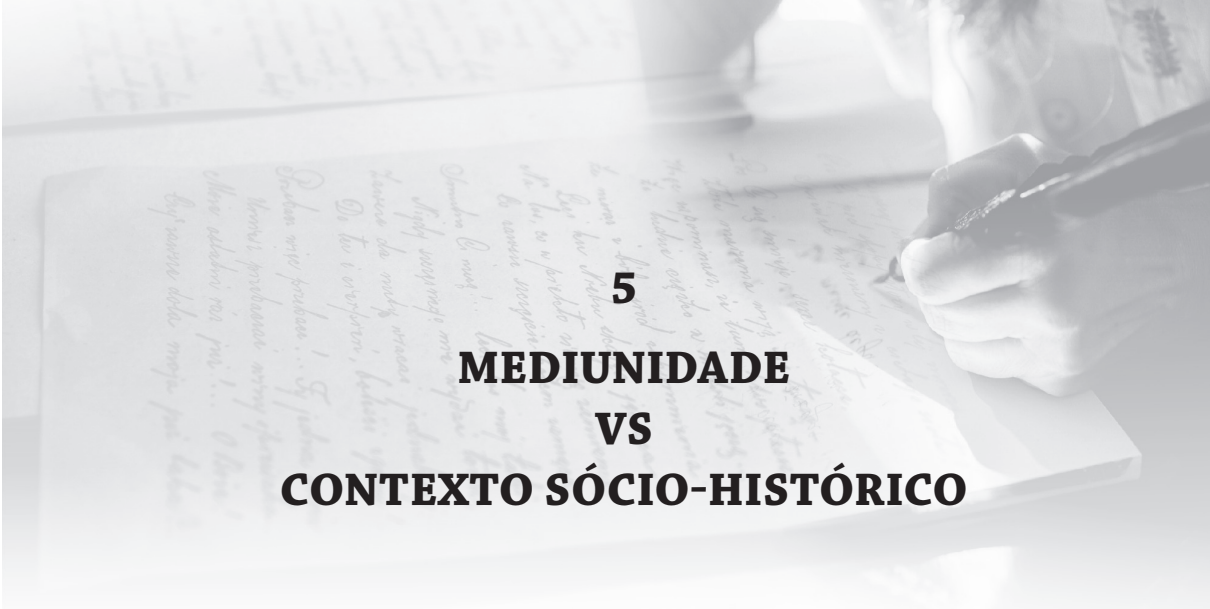
53. Vídeo disponível em 04/04/2020 em <https://www.youtube.com/watch?v=WYWRhyDUosg>

Menezes, o médium reproduz, na melhor das intenções, o que socialmente se espera de Bezerra de Menezes, que não faleceu tão idoso quanto essa voz rouca dá a entender. Apesar da barba espessa e branca que aparece na imagem mais divulgada da sua pessoa, quando da sua desencarnação, ocasionada por um AVC, ele tinha apenas 68 anos de idade e estava no auge das suas atividades espíritas. O ancião existe mais no imaginário espírita do que na vida real.

Se analisados mais detidamente, é possível verificar que há diferenças de modos de atuação até mesmo entre diferentes grupos mediúnicos no meio espírita. Grupos que adotam, por exemplo, a prática da “corrente magnética”, ou que realizam sessões de “cura” mediante a “incorporação” do espírito no médium, ou mediante “tratamentos” à base de cromoterapia, apometria ou outras modalidades terapêuticas, apresentam um claro elemento de performance que é estabelecido pelo grupo, e que se constitui em uma espécie de cultura grupal. Qualquer pessoa que venha a integrá-lo sente-se convidada, ou até mesmo sutilmente constrangida, a abraçar aquela cultura e, conseqüentemente, aquele modelo de performance.

Um médium passista relatou ter sido repreendido por não adotar os padrões de comportamento do seu grupo. Em algumas situações ele demorava a estender as mãos sobre a cabeça dos “pacientes”, às vezes estendia apenas uma das mãos e uma vez ele não estendeu nenhuma por ter sentido que o de que aquela pessoa mais necessitava naquele momento era da sua simples oração. O que para ele traduzia a espontaneidade que deve caracterizar o processo medianímico, para o grupo significava uma quebra de ritual – ou de performance.

Portanto, parece não haver dúvida de que existe mesmo um aspecto performático na prática mediúnica espírita que precisa ser considerado; os médiuns atuam segundo um modo de agir previamente estabelecido, e que é objeto de uma espécie de acordo tácito entre os integrantes do campo, o que não invalida a legitimidade ou a autenticidade do fenômeno. A questão reside em se ter clareza desse componente e levá-lo em consideração na análise das ocorrências tendo em vista uma melhor compreensão do processo medianímico e dos resultados que se pode esperar dele em termos de conhecimento espírita.



5 MEDIUNIDADE VS CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

Houve um curioso surto de espiritualidade no movimento protestante dos Estados Unidos da América que ficou conhecido como o reavivamento espiritual de 1858 na Filadélfia, tal a sua expressão. As décadas anteriores haviam sido marcadas pela prosperidade decorrente da invenção da locomotiva a vapor e do avanço da siderurgia, do que resultou a abertura de diversas vias férreas que alimentavam um grande fluxo migratório em direção ao Oeste. Para os imigrantes que se estabeleceram às margens do Atlântico isso representou um tempo de prosperidade sem igual, possibilitando-lhes a criação de uma pequena reserva econômica sob a forma de investimentos e alimentando o imaginário de um Novo Mundo, livre da ganância e da exploração que caracterizavam a Europa que haviam deixado para trás.

Para surpresa de todos, entretanto, o ambiente econômico começou a se agravar logo no início daquele ano, com retração nos negócios, queda no valor dos papéis das companhias férreas, aperto financeiro nos bancos. Por fim, no dia 25 de setembro de 1857, a disparada dos clientes em direção aos bancos para sacarem o que restava de suas economias deflagrou a crise que já se fazia visível. O desespero tomou conta de toda a sociedade. Impedidos de acessar o pouco que restou dos seus investimentos, aquelas pessoas perceberam seus sonhos de prosperidade desfeitos.

Uma pesquisa assinada por Russell E. Francis com base nos jornais da época destaca o clima de perplexidade que se estabeleceu: “Pobres eles eram; pobres eles continuariam sendo”. Como resposta, os pregadores passaram a reconfortar as pessoas anunciando a vinda próxima de Deus, que vingaria a exploração a que eles estavam sendo submetidos por

aqueles que dilapidaram os recursos destinados a construir uma grande e próspera nação. Se a esperança na vida material estava desfeita, restava alimentar a esperança na vida espiritual. “A multidão se colocava agora em um estado de receptividade – e esperava pela graça de Deus.”⁵⁴

Os registros deixam claro que “a voz poderosa do púlpito tendia a produzir um clima de aquiescência, ensinando que os pobres eram os bem-aventurados de Deus, mais receptivos à sua graça porque não eram compelidos a lutar com o mundanismo dos interesses econômicos”. Aliás, os pregadores procuravam levar os crentes a refletirem se aquilo não estava acontecendo como “punição divina” por eles terem sido tolerantes com a regulamentação da venda de “bebidas espirituosas” e com os grupos de “infiéis” que tentavam minar a confiança na “infallibilidade das Sagradas Escrituras”.

O apelo era então dirigido no sentido de uma “renovação do espírito de devoção para substituir a indiferença que se tornara característica das igrejas evangélicas”. Um artigo do *Jornal do Comércio* exortava as pessoas a “roubar um pouco do tempo dedicado a Wall Street e a todos os cuidados mundanos e passar uma hora por volta do meio-dia em humilde e esperançosa oração.” Círculos de oração foram criados, dando visibilidade a um movimento iniciado em 1844 em Londres, o Y.M.C.A. – *Young Men’s Christian Association* – a Associação Cristã de Moços.

No ano de 1859 os documentos da convenção batista expressavam “profunda gratidão a Deus pelo rico e glorioso derramamento de Seu Espírito tão generosamente sobre as Igrejas no ano passado”. Curiosamente, não havia nenhuma referência às questões relacionadas à grande crise econômica que se abateu sobre as famílias e a sociedade, ou à fome, à miséria, ou mesmo à escravidão negra, que ainda vigorava. Nem mesmo os suicídios decorrentes da crise foram objeto de comentários; ao contrário, havia uma satisfação geral com o “reavivamento espiritual” obtido, que sinalizava para um “renascimento do cristianismo”.⁵⁵

A pergunta que merece ser analisada, de acordo com o pesquisador, é que relações se podem estabelecer entre tão díspares acontecimentos? Por que esse reavivamento espiritual ocorreu exatamente em meio à profunda agitação social decorrente da crise de 1858? Não há aí uma clara evidência de que a dureza da crise política e econômica pode ter criado um clima favorável a uma maior submissão das mentes humanas à “vontade de Deus”? A questão que o autor apresenta é: o “renascimento do

54. Francis, Russell E. *The Religious Revival of 1858 on Philadelphia*, in *The Pennsylvania Magazine of History and Biography*, vol. 70 nº 1, jan/1946 pag. 52-77. University of Pennsylvania Press.

55. Idem, *ibidem*, pag. 73.

cristianismo” assistido por todos não poderia ser apenas uma resposta ao sofrimento causado pela crise econômica que se abateu sobre todos?

Analisando o fenômeno em um movimento protestante isso é mais fácil de ser percebido; o problema é quando se pretende estender essa mesma análise à história do Espiritismo. Aí o olhar religioso quase sempre nos impede de estabelecer esse tipo de correlação, e nos parece mais reconfortante abraçar ainda mais a explicação transcendente em detrimento da explicação sócio-histórica.

Por exemplo: o que teria causado a ebulição das mesas girantes na França nos anos 1850? Por mais que aquele tipo de fenômeno, naquela intensidade, seja uma ocorrência específica daquela época, sempre existiram formas de comunicação com o mundo espiritual. Quem nunca ouviu falar da “brincadeira do copo”? Ainda hoje as crianças brincam de *Charlie, Charlie!* usando lápis ou canetas que se movem sozinhas até mesmo no chão.⁵⁶

Naqueles anos, estabeleceu-se uma moda em torno desses fenômenos na sociedade europeia, e a maneira como essas manifestações mediúnicas aconteciam tinha a ver com a época dos salões: eram as mesas que giravam, saltavam ou batiam com os pés no assoalho. Kardec e os espíritas da época entenderam que seria uma espécie de manifestação orquestrada do mundo espiritual na intenção de trazer ao mundo uma “nova revelação”, a “Terceira Revelação” da história da humanidade. Arthur Conan Doyle, o célebre escritor britânico, imaginou que seria uma espécie de “invasão organizada” do mundo espiritual sobre a Terra.⁵⁷

Esse mesmo sentimento foi observado recentemente no Brasil, na virada do milênio, quando muitos espíritas acreditavam – muitos ainda acreditam – que catástrofes naturais como os tsunamis de 2004 e 2011 ou a pandemia de 2020 seria uma espécie de chamamento espiritual para a renovação da humanidade, uma espécie de “Transição Planetária”.

Seria isso mesmo? Por que isso afetava tão somente a chamada “sociedade judaico- cristã-ocidental”, sem nenhuma repercussão em outras culturas como Índia, China e África? Se existe uma explicação simples e evidente, esta deve ter prioridade ante explicações mais complexas; pelo menos em se tratando de ciência.

56. Relato de crianças da Fraternidade Espírita que brincavam em casa reunindo-se em círculo e colocando um lápis no meio da roda. Então eles evocavam *Charlie, Charlie!* e formulavam perguntas. Segundo elas relatam, em alguns casos o lápis se move sem nenhum toque, apontando na direção de uma delas e respondendo “sim”, “não”, etc. A experiência é tida como brincadeira comum entre as crianças.

57. O livro *Astounding Facts of the Spiritual World* começa com essa afirmação. Também Kardec entende assim na *Revista Espírita* nov/1858 ao escrever sobre os médiuns pintores. Arthur Conan Doyle afirma logo no cap. I do seu livro *História do Espiritualismo* que o mundo estava vivendo uma “invasão organizada”.

Um documentário produzido pela BBC apresenta considerações interessantes. O roteirista observa que, “quando Kate e Maggie Fox alegaram que poderiam se comunicar com os mortos, o mundo estava se transformando rapidamente. A ciência estava desafiando velhas certezas”. Entrevistado pela BBC o Dr. Richard Noakes observa que

...tantas novas dimensões estavam mudando as fronteiras do possível, câmeras, trens, telégrafos, mudando a maneira das pessoas fazerem as coisas, mudando a maneira das pessoas se relacionarem uns com os outros... Também o telégrafo transatlântico permitiu que as pessoas se comunicassem através do Atlântico. O imenso golfo foi também conectado.⁵⁸

Também Barbara Weisberg, biógrafa das irmãs Fox, observa que “havia tantas coisas novas... parecia que qualquer coisa era possível. Se as pessoas podiam se comunicar por meio do telégrafo, então por que este mundo não poderia se comunicar com o outro?” Se até o século XVIII a comunicação com os mortos era entendida como heresia, bruxaria ou insanidade mental, a revolução tecnológica rompia com os limites do possível e colocava essas velhas crenças em xeque. Nesse novo cenário, as comunicações mediúnicas por meio de batidas apenas repetiam o que se dava com a nova tecnologia do telégrafo. Só que, em vez de “bip... bip... bip” as mesas faziam “toc... toc... toc”.

Todo o ambiente social era favorável às pesquisas científicas sobre a mediunidade, o que pode ter influenciado o Prof. Hyppolite Léon na sua decisão de estudar o fenômeno e, em seguida, propor uma nova forma de espiritualidade, baseada na razão. E não apenas ele; o documentário da BBC cita toda uma geração de pesquisadores ingleses, como William Crookes, Graham Bell, Thomas Edison, Frederic Myers, Sir Oliver Lodge, Guglielmo Marconi, Conan Doyle. Antes de Kardec o celebrado escritor francês Victor Hugo havia dedicado mais de dois anos ao estudo do fenômeno das mesas girantes.

Sob uma perspectiva puramente científica, não religiosa, pergunta-se: aquela onda de fenômenos seria o resultado de uma “invasão organizada” por parte dos espíritos, como imaginava Sir Arthur Conan Doyle, ou de uma “Terceira Revelação de Deus para os homens”, como pensava Allan Kardec, ou pode ter sido apenas uma decorrência das transformações sociais em curso advindas do Iluminismo e da Revolução

58. Transcrição do documentário em vídeo intitulado *Science and the Séance*, da BBC de Londres.

Tecnológica? Por que não aplicar ao Espiritismo a explicação mais evidente, adotada pelo documentário da BBC, que é a mesma que explica o reavivamento espiritual na Filadélfia em 1858?

Foi em meio a um ambiente de profundas transformações tecnológicas e sociais que Kardec estabeleceu contato com os fenômenos espíritas em maio de 1855 e, a partir de então, produziu toda a sua obra. Ele afirma mais de uma vez que a doutrina que ele apresentava nada tinha de novidade, que era apenas uma consolidação de toda a sabedoria acumulada ao longo de séculos, desde a Grécia e das Gálias antigas até os modernos pensadores europeus. Ela apenas surgia em um momento oportuno em que havia uma enorme expectativa de uma profunda transformação social. Os temas que ele aborda são os temas da sua época, examinados pelo crivo da ciência e da filosofia, aos quais ele acrescenta agora o olhar que lhe era facultado pelas comunicações com o “mundo espiritual”.⁵⁹

A grande novidade que ele apresenta é o surgimento de uma “ciência espírita”, que reconhecia na mediunidade uma forma de contato legítimo e comprovável entre os vivos e os mortos, bem como as implicações disso decorrentes para a consolidação do mundo novo que se avizinhava, uma sociedade moralmente madura, um “mundo de regeneração”. No primeiro capítulo de *O Evangelho Segundo o Espiritismo* ele inclui um tópico intitulado “a nova era” e, no seu último livro, *A Gênese*, um capítulo final intitulado “Os tempos são chegados”.

O contexto sócio-histórico determinando os conteúdos

Um bom exemplo de como o contexto social determina os conteúdos obtidos mediante o uso da mediunidade é a chamada questão racial. Ao longo do século XIX vigorava no meio científico a visão de que os povos europeus – incluídos os que emigraram para as Américas – eram não apenas intelectualmente superiores aos demais povos da Terra, como também o eram moral e espiritualmente. Isso era demonstrado, segundo entendiam, pelo avanço tecnológico e pela pujança econômica da sociedade que eles, os povos brancos, estavam construindo. É exatamente isso o que emerge das comunicações dos espíritos com Kardec e é com base nesse entendimento que ele elabora a “teoria da raça adâmica”.⁶⁰

Segundo essa teoria, os povos brancos seriam a encarnação de espíritos intelectual e moralmente superiores, vindos de outro planeta mais

59. Vide a *Refutação de um Artigo do “Univers”* na *Revista Espírita* de mai/1859, ao abade François Chesnel.

60. Vide o cap. 17 de *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI*, A “raça adâmica” e o racismo estrutural.

evoluído que a Terra. Os povos negros da África e os indígenas das Américas seriam nativos, teriam evoluído aqui mesmo da sua condição de animalidade e, por isso, seriam ainda “selvagens” ou “primitivos”; os da China e da Índia, “atrasados” do ponto de vista da sua evolução social e tecnológica.

Enquanto isso, nos EUA, Andrew Jackson Davis também via nos “caucasianos”, ou seja, nos europeus e nos imigrantes americanos, um ser superior “que submete o mundo a si mesmo. Nenhum representante de qualquer outra raça tem tal preeminência”. Enquanto “o negro busca a vida simples e o prazer dos sentidos”, o branco “busca a felicidade por meio do progresso” e está destinado a “se expandir por meio de sua energia e invasões e infrações por todo o globo habitável.” Na literatura mediúnica de Davis até o lugar no mundo espiritual destinado aos negros e indígenas está situado em posição inferior ao dos brancos.⁶¹

Em um estudo a respeito de raça e reencarnação no espiritualismo norte-americano, Sousa e Gulão observam que o racismo estrutural da época se manifesta tanto no Espiritismo francês quanto no espiritualismo norte-americano, embora sob perspectivas diferentes.⁶² Os autores entendem que a abordagem de Kardec à questão da escravidão

...refletia os debates e os principais argumentos utilizados quando o problema da escravidão começou a ser debatido, no campo teórico, por importantes nomes do movimento iluminista, como Voltaire, Condorcet, Abade Raynal e Madame de Stael, que afirmavam ser uma instituição antinatural, culminando com a extinção definitiva da escravidão e do tráfico negreiro em todas as colônias francesas, durante o Governo Provisório Republicano, em 1848.⁶³

Enquanto isso, os espíritos que se comunicavam nas sessões do espiritualismo norte-americano “viam a escravidão como apenas uma manifestação da desigualdade natural entre as pessoas, cujo reconhecimento era necessário para uma sociedade estável.”

Os estudos da Antropologia, da Sociologia e da Genética jogaram por terra essas explicações e estabeleceram um outro olhar para a questão. Não existe nenhuma distinção genética ou qualquer diferenciação em termos de inteligência quando se comparam pessoas de diferentes cores

61. Davis, Andrew J. *Death and the After-Life*, pag. 181. Em tradução livre de *Spirit Writings*, Rochester, N.Y. 2011.

62. Sousa, Rodrigo F. e Pimentel, Marcelo G. *Raça e reencarnação no Espiritualismo norte-americano: uma visão a partir da crítica de Allan Kardec*, pag. 121. Rev. Diálogos v.25 n.3 set/dez 2021. Maringá/PR.

63. Idem, *ibidem*, pag. 124 e 115.

de pele. Um negro africano, um camponês da China ou um indígena das Américas, se colocados no centro de uma grande cidade, terão a mesma dificuldade de adaptação que um cidadão branco de qualquer metrópole que seja colocado no meio da floresta amazônica, das estepes africanas ou dos campos de cultivo de arroz na Ásia.

Com isso caíram por terra todas as explicações “científicas” que se ancoravam nessas falsas distinções e, com elas, a teoria espírita da “raça adâmica”, da evolução das sociedades com base na cor da pele ou no conceito um tanto abstrato de “civilização”. Colocou-se para os espíritas da atualidade o desafio de elaborarem uma nova teoria espírita em sintonia com as novas conclusões do universo da ciência.⁶⁴

Em 2006 as editoras espíritas brasileiras foram acionadas pelo Ministério Público em razão de 106 referências entendidas como preconceituosas e racistas contidas na obra de Allan Kardec. Sob a liderança da FEB – Federação Espírita Brasileira – as editoras explicaram que se tratava de uma abordagem científica da época em que os textos foram escritos, do que resultou um acordo no sentido de todas as futuras edições trazerem notas explicativas a esse respeito.

É curioso, entretanto, que em nenhum momento se observou a menor disposição por parte das editoras em admitir que essas teorias, contrárias a todas as evidências científicas atuais, carecessem de revisão. Mais complicado: não há nenhuma nota explicativa nos livros de outros autores, como Léon Denis, e nem nos livros mediúnicos que foram publicados no Brasil ao longo do século XX, nos quais essas teorias, hoje consideradas racistas, continuam presentes. Aliás, elas aparecem em alguns livros que foram publicados recentemente.⁶⁵

França e EUA – As divergências em torno da reencarnação

Na pesquisa desenvolvida por Rodrigo Sousa e Marcelo Gulão merece destaque o fato de que “Grande parte das comunicações escritas (em New Orleans, EUA) eram atribuídas a figuras importantes da cultura francesa como Voltaire, Descartes, Diderot, Rousseau, Bossuet e Alfred Musset ou a personalidades católicas como os papas Clemente XIV e Leão X”.⁶⁶

64. Vide Machado, Alexandre C. *Uma Breve História do Espírito*, que traz uma nova teoria nesse sentido.

65. Como exemplo o livro *Sabedoria de Preto Velho*, do médium Robson Pinheiro, ed. Casa dos Espíritos.

66. Sousa, Rodrigo F. Pimentel, Marcelo G. *Raça e reencarnação no Espiritualismo norte-americano: uma visão a partir da crítica de Allan Kardec*. Rev. *Diálogos*, v.25 n.3 p.126. set/dez 2021. Maringá/PR.

Ao longo de cinco anos, apenas uma comunicação mediúnicamente abordava, e ainda de maneira indireta, a questão da reencarnação. Nela o espírito afirmava que Jesus teria vindo à Terra (reencarnado) em caráter de missão. Ao ler *O Livro dos Espíritos*, o Sr. Barthelet, um líder espírita local, percebeu essa diferença de abordagem e realizou uma série de sessões visando esclarecer a questão. Na vigésima quinta houve uma comunicação a esse respeito.

A mensagem atribuída ao espírito de Alfred Musset afirma não ter conhecimento suficiente para tratar do tema naquele momento: “Vejo vocês em breve, amigos! Vou lhes contar o que posso ter aprendido sobre a reencarnação. A palavra era nova para mim quando ouvi você pronunciá-la esta noite: pelo menos, no sentido em que você se referiu a ela. Vou tentar me educar sobre isso, para iluminar vocês mesmos”⁶⁷

Na semana seguinte o espírito retornou afirmando que “a reencarnação é uma daquelas questões sobre as quais existem opiniões divergentes” mesmo no mundo espiritual. Segundo aquele espírito relatava,

Em apoio a essa doutrina, existem fatos: os espíritos das esferas superiores, capazes de voltar para visitar os das esferas inferiores, são a prova viva da elevação progressiva; e como entre aqueles que vemos, e que estiveram no mundo superior por séculos, nenhum passou pela necessidade ou mesmo recebeu o convite da reencarnação, parece que esta, longe de ser uma lei geral, foi, na melhor das hipóteses, voluntária.⁶⁸

Kardec tomou conhecimento do fato e evocou na Sociedade de Paris os espíritos do Padre Ambrósio e do Papa Clemente XIV, que haviam negado a reencarnação nos EUA, obtendo deles exatamente o contrário. A conclusão a que Kardec chegou foi que as manifestações nos EUA eram falsas e se deviam ao racismo; eles não admitiam a possibilidade de reencarnarem no corpo de uma pessoa negra. Já os norte-americanos entendiam que “basta que os médiuns que escreveram sobre a reencarnação tenham alguma tendência a acreditar nela, para que os espíritos que pensam como eles tenham lhes transmitido a mesma ideia”. Quem estaria com a razão?⁶⁹

67. Sousa, Rodrigo F. Pimentel, Marcelo G. *Raça e reencarnação no Espiritualismo norte-americano: uma visão a partir da crítica de Allan Kardec*. Rev. Diálogos, v.25 n.3 p.127. set/dez 2021. Maringá/PR.

68. Idem, ibidem, ibidem.

69. Idem, ibidem p.115.

Sessenta anos mais tarde Léon Denis defendia que os espíritos que se comunicavam não falavam nada sobre reencarnação pelo fato de ainda manterem, após a desencarnação, o seu imaginário protestante e que, induzidos a se recordarem do seu passado, como ele mesmo comprovou, eles se lembrariam de suas encarnações anteriores.⁷⁰

Em outra direção, Sousa e Gulão chamam a atenção dos leitores para o fato de que “as mensagens atribuídas aos espíritos do padre Ambrósio, no círculo espiritualista de Nova Orleans, e na Sociedade Parisiense de Estudos Espiritas reproduziram as crenças dos grupos onde elas foram obtidas”, cada qual a seu modo. O mesmo teria se dado com Léon Denis?

Uma conclusão é incontestável: as informações obtidas pela via mediúnica refletem, sim, o contexto sócio-histórico em que elas são produzidas, e isso apresenta várias implicações para a formulação do conhecimento espírita que não podem desconsideradas.

70. Denis, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, pag. 96-98. Trad. Cícero Pimentel, Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2008.



6

A LITERATURA MEDIÚNICA E O CONTEXTO SÓCIO-HISTÓRICO

De longe, Chico Xavier é a maior referência quando se trata de produção literária de natureza mediúnica. São mais de 400 livros publicados, com autoria atribuída a algumas centenas de espíritos. Como se trata de uma produção mediúnica que se arrastou por mais ou menos sete décadas, a influência do contexto sócio-histórico fica mais fácil de ser analisada dispendo seus livros em uma linha do tempo, e é o que se fará ao longo deste capítulo.

1932 – *Parnaso de Além-túmulo*

Nascido em 1910, aos vinte anos Chico Xavier ainda não era famoso; apenas escrevia poesias que eram publicadas em um jornal do Rio de Janeiro, o *Diário Carioca*, inicialmente em nome próprio e, em seguida, assinadas por poetas já falecidos. Isso chamou a atenção de Manuel Quintão, da FEB, que em 1932 organizou a publicação do *Parnaso de Além Túmulo*.

Desnecessário dizer que o livro fez um enorme sucesso e causou um *frisson* no meio literário brasileiro, provocando elogios e críticas. Humberto de Campos, escritor famoso e membro da Academia Brasileira de Letras, foi um dos que levantaram a possibilidade de Chico estar imitando os poetas, ou seja, fazendo pastiche. Em artigo publicado no *Diário Carioca* do dia 10 de julho de 1932 ele reconhecia a qualidade das “imitações” e debochava dizendo que os espíritos estavam fazendo “concorrência” aos vivos, e que o leitor,

...nem no outro mundo, estará livre dos poetas. A poesia é uma predestinação de tal modo fatal, irremediável, que a vítima não se livra dessa maldição nem, mesmo, depois da morte. Quem fez sonetos ou redondilhas neste planeta, está condenado a fazê-las em todos os pontos do espaço e da eternidade a que o leve o dedo divino.⁷¹

As críticas de Humberto de Campos ampliaram a repercussão de *Parnaso de Além Túmulo*, alavancando o interesse do público leitor. Dois anos depois Humberto de Campos manifestou um problema grave de saúde e faleceu em 05/12/1934 causando grande comoção nacional pela enorme popularidade de que desfrutava.

1935 – As crônicas de Humberto de Campos

Menos de dois meses após a morte de Humberto de Campos, Chico sonhou com ele. Isso consta de uma carta por ele escrita e dirigida a Manuel Quintão.

Não sei se o amigo recebeu a minha última carta, mas, mesmo sem saber se o estou aborrecendo, envio-lhe outra, acompanhada de duas produções mediúnicas recebidas por mim nesta semana. Peço-lhe a sua opinião muito franca sobre elas, desejando que me escreva em breves dias. Há mais de um mês tive um sonho engraçado. Sonhei que uma pessoa me apresentou Humberto de Campos, num lugar de céu muito azul e brilhante e no chão havia uma espécie de vegetação que não me deixava ver a terra. (...) Ele veio então ao meu lado e me estendeu a mão com bondade, dizendo: “Você é o menino do Parnaso?” Disse-me mais coisas das quais não me posso recordar. Que diz o amigo de tudo isto? Seria a minha imaginação? Não sei. Em todo o caso, mando estas páginas para o senhor ler. Estão certas as citações?⁷²

Nada mais apropriado do que aproveitar o momento emocional dos leitores para trazer-lhes a prova indiscutível de que a vida continua para além da morte. Manuel Quintão, inteligentemente, passou a publicar as crônicas de Humberto de Campos na revista oficial da FEB, o *Reformador*. À fama do escritor falecido somava-se a curiosidade do público em relação ao médium iniciante e as controvérsias em torno do livro *Parnaso de Além Túmulo*.

71. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier*, pag. 240. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

72. Rocha, Alexandre C. *Complicações de uma estranha autoria*. Art. In *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.16, n.2, p. 25-36, jul./dez. 2012.

André Cunha analisou os textos de autoria dos espíritos Humberto de Campos e Emmanuel publicados na revista *Reformador*, da FEB, no período que vai de 16/06/1934 até 16/07/1937, e constatou que havia naquela época uma predominância de textos de autoria de Humberto de Campos, mais que do próprio guia de Chico Xavier, o espírito Emmanuel. No período analisado,

...foram 10 mensagens do autor e Guia espiritual contra 19 do famoso cronista, o que matematicamente representa praticamente o dobro numérico. Este balanço das mensagens publicadas no *Reformador* demonstra que nestes primeiros anos foi Humberto de Campos o autor espiritual a ocupar uma centralidade da pena psicográfica do Médiun. Dentro de uma lógica editorial, esse equilíbrio desproporcional faz muito sentido se levarmos em conta a busca por atender o interesse dos leitores. Crônicas de Campos escritas do além despertavam um índice maior de curiosidade do público em geral, mobilizando mais atenção para a produção literária do médium mineiro. Hoje, para a maioria dos brasileiros, o literato Humberto de Campos representa uma personalidade desconhecida.⁷³

Se *Parnaso de Além Túmulo* era uma resposta ao gosto literário da época, havia o detalhe de que os autores eram poetas mortos. Da mesma maneira sucede com *Crônicas do Além Túmulo*, publicado em 1936 como uma prova da continuidade da vida de Humberto de Campos. Com o mesmo humor, ele escreve:

Dizem que os fantasmas dos mortos têm preferência pelas sombras da noite, para trazerem aos vivos um reflexo esbatido do mistério em que se lhes fecharam os olhos. (...) Eu não venho, nessa “hora que apavora”, copiando as deliberações das “damas brancas”, que surgem nas casas solarengas como abantesmas de luar e de neblina, contrastando com a pesada escuridão da meia-noite.⁷⁴

Embora mantendo o seu velho estilo, como uma maneira de identificar-se aos seus antigos leitores, a temática agora vem marcada pela sua conversão ao Evangelho.

73. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 262. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

74. Xavier, Chico. *Crônicas de Além Túmulo*, pelo espírito Humberto de Campos, pag. 57. 8ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1975.

Vem aos olhos do meu pensamento aquele quadro de há dois mil anos. Quando o Cristo pregou o Sermão da Montanha, especificando as bem-aventuranças celestes, devia ser assim o crepúsculo. A mesma paz evangélica, os mesmos perfumes entornando-se da taça imensa do céu, a mesma esperança florindo no coração atormentado dos homens, beduínos extenuados desses desertos. Um alvoroço suave de recordações me conduz ao passado...⁷⁵

Seu propósito não é mais fazer rir os leitores, como na Terra, quando muitas vezes se sentia como um palhaço divertindo o público “para conquistar os vinténs negros da vida. Se existem aí os que se confortam no luxo dos seus automóveis, deslizando no asfalto das avenidas, outros, para baterem à porta de uma padaria, é preciso que hajam passado através de um picadeiro.” Seu propósito agora é tocar os corações e anunciar as verdades do Espiritismo, porque “Deus é a misericórdia suprema e, sem me acorrentar às colunas incandescentes, já prendeu meu coração de filho pródigo nas algemas suaves do seu amor”.

1938 - *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*

Ao psicografar esse livro Chico era um jovem de 27 anos, convertido aos 17 do Catolicismo ao Espiritismo. André Cunha chama a atenção para a correlação entre alguns conteúdos apresentados por Humberto de Campos em *Brasil Coração do Mundo* e o ambiente sociopolítico vivido naqueles anos, marcados pela ditadura de Getúlio Vargas e pela iminência de uma guerra de proporções mundiais.

O apelo do livro é importante e muito bem estabelecido:

Brasileiros, ensarilhemos, para sempre, as armas homicidas das revoluções!... Consideremos o valor espiritual do nosso grande destino. Engrandecemos a pátria no cumprimento do dever pela ordem, e traduzamos a nossa dedicação mediante o trabalho honesto pela sua grandeza!⁷⁶

Havia naquela época um alinhamento ideológico entre boa parte da sociedade mineira e o governo getulista. Convém lembrar que Chico Xavier era mineiro e Humberto de Campos um maranhense radicado na então capital federal, o Rio de Janeiro, por dez anos deputado federal.

75. Xavier, Francisco C. *Crônicas de Além Túmulo*, pelo espírito Humberto de Campos, pag. 58. 8ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1975.

76. Idem. *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, pag. 17, pelo espírito Humberto de Campos. 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

Ainda não estava claro em que resultaria o nacional desenvolvimentismo da Alemanha, o que explica um relativo alinhamento ideológico de Getúlio Vargas – e de parte da sociedade brasileira – a algumas das visões que alimentavam o nazismo de Hitler.

André Cunha destaca que esse alinhamento ideológico está presente em alguns elementos do texto de *Brasil Coração do Mundo*, por exemplo, no que se refere ao discurso patriótico, ao ufanismo em relação ao grande potencial agrícola do país, apresentado como “celeiro do mundo”, e à perseguição ao “comunismo”. E há no livro uma contradição curiosa; embora Humberto de Campos fosse socialista em vida, no livro psicografado ele elege o capitalismo como solução para os problemas sociais em curso, além de fazer uma questionável apologia à violência de Estado.

Nesta época de confusão e amargura, quando, com as mais justas razões, se tem, por toda parte, a triste organização do homem econômico da filosofia marxista, que vem destruir todo o patrimônio de tradições dos que lutaram e sofreram no pretérito da humanidade, as medidas de repressão e de segurança devem ser tomadas a bem das coletividades e das instituições, a fim de que uma onda inconsciente de destruição e morticínio não elimine o altar de esperanças da pátria. Que o capitalismo, visando à própria tranquilidade coletiva, seja chamado pelas administrações ao debate, a incentivar com os seus largos recursos a campanha do livro, do saneamento e do trabalho, em favor da concórdia universal.⁷⁷

A posição ideológica apresentada no livro deve ter agradado aos editores, que não viram nenhum problema em fazer vista grossa à recomendação de Kardec no sentido de evitar posição de parcialidade em relação às temáticas políticas ou aos temas de “economia social”.

Em uma análise puramente histórica, André Cunha questiona se a publicação do livro não visava atender a um sentimento do movimento espírita demonstrando o seu alinhamento com o governo e tornando clara a improcedência de algumas acusações de antipatriotismo que circulavam naquela época, em virtude da proposta universalista do Espiritismo, que “parecia inconciliável com o ideário nacionalista vigente”.⁷⁸ Além disso, a ascensão do movimento espírita brasileiro e o conseqüente declínio do movimento espírita europeu alimentavam a ideia da “transposição da árvore do Evangelho” para o Brasil.

77. Xavier, Chico. *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, pelo espírito Humberto de Campos, pag. 236. 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

78. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 225. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

A perspectiva sócio-histórica que fundamenta o livro é aquela mesma que vigorava em meados do século XX, eurocêntrica e racista. O preconceito contra o negro e o indígena, apresentados como inferiores ao branco europeu, é evidente no texto. A visão colonialista – que também predominava na época – justifica a exploração europeia sobre os outros povos a pretexto de “levar a civilização aos povos mais atrasados”, cooperando com a evolução espiritual dos “povos primitivos”.

Nem a teoria racial adotada no texto e nem perspectiva historiográfica colonialista encontram atualmente o menor respaldo no meio científico, como se verá um pouco à frente. Para um movimento que se propõe caminhar “de braços dados com a ciência”, como dizia Kardec, isso implica em uma necessária contextualização da obra.

Importante destacar ainda o forte imaginário católico que permeia todo o texto, representado por anjos e querubins, tronos celestiais, trombetas, e que tem sido questionado pelo excesso de figurações em desacordo com os fundamentos kardequianos.

1939 - A Caminho da Luz

Esse é o segundo livro de autoria atribuída a Emmanuel, o guia espiritual de Chico Xavier. Existe um anterior – *Emmanuel* –, que é uma coletânea de comentários e observações que foram adaptados e transformados em livro por iniciativa da FEB. Ambos traduzem o anticatolicismo vigente no meio espírita no início do século XX. É interessante que, nos livros que se seguem, observa-se um abrandamento gradativo nesse sentido.

A Caminho da Luz foi escrito em apenas um mês, entre 17/ago e 21/set de 1938, quando já haviam evidentes sinais de uma grande guerra inevitável. Hitler já havia deixado claro o seu projeto expansionista, e o Japão, que havia invadido a Manchúria em 1931, travava agora uma persistente batalha contra a China, iniciada na disputa pela Ponte Marco Polo e que culminou na invasão de Pequim e Nanquin em 1937. O texto de Emmanuel traduz a inquietação reinante nos espíritos durante aqueles anos de trágica expectativa.

O livro é uma proposta de direcionamento das mentes tendo em vista “as grandes reconstruções do porvir”, de vez que a guerra iminente sinalizava uma destruição de grande vulto em várias partes do mundo. “O determinismo do amor e do bem é a lei de todo o Universo e a alma humana emerge de todas as catástrofes em busca de uma vida melhor.” Nesse contexto sombrio, Jesus é a referência nessa trajetória “a caminho da luz”.

Ao narrar uma espécie de epopeia espiritual da humanidade, Emmanuel renova ali a esperança de uma “nova era” imaginada por Kardec, que deveria estar se consolidando ao longo do século XX. Como estava evidente que aquela esperada transformação social ainda não havia se concretizado, Emmanuel prevê que a guerra iminente faria esse trabalho, alijando da Terra, como previsto, “todos os Espíritos rebeldes e galvanizados no crime”.

Da mesma época que *Brasil Coração do Mundo, A Caminho da Luz* também traz na sua estrutura argumentativa um eurocentrismo compreensível para aquele momento histórico, mas problemático para os dias de hoje. O texto traduz um ufanismo em relação ao “Novo Mundo”, para onde haviam migrado os europeus. Sim, porque não era sobre os povos originários que era depositada a esperança de um futuro melhor, mas sobre os invasores oriundos do velho continente, que chegavam de armas em punho exterminando os indígenas que ali viviam a milênios a pretexto de “ocupar aquela região inabitada”, como se ali não existissem “habitantes”.

Segundo a previsão de Emmanuel,

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.⁷⁹

Da maneira como o cenário geopolítico era percebido por Emmanuel em 1938,

Embora compelida a participar das lutas próximas, pelo determinismo das circunstâncias de sua vida política, a América está destinada a receber o cetro da civilização e da cultura, na orientação dos povos porvindouros. (...) O esforço sincero de cooperação no trabalho e de construção da paz não é aí uma utopia, como na Europa saturada de preconceitos multisseculares. Nos campos exuberantes do continente americano estão plantadas as sementes de luz da árvore maravilhosa da civilização do futuro.⁸⁰

Um olhar situado no século XXI encontrará muita dificuldade para validar esses vaticínios. Observando agora, pelo retrovisor da história, faz sentido continuar atribuindo o papel de liderança na “construção da paz” ao país que explodiu as duas primeiras bombas nucleares da história

79. Xavier, Chico. *A Caminho da Luz*, pag. 214, pelo espírito Emmanuel. 27ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ/2001.

80. Idem, *ibidem*, pag. 208..

sobre populações civis indefesas em Hiroshima e Nagasaki? Faz sentido continuar atribuindo a “orientação dos povos” ao país que tenta controlar o mundo mediante bases militares espalhadas por todo o planeta, impondo aos demais países o seu insustentável modelo econômico baseado na ilimitada ganância por riquezas materiais e passageiras, muito distante de qualquer perspectiva mais espiritualizada ou mesmo da mensagem de Jesus, como pretendia o autor? Faz sentido insistir em que a América detém o “cetro da civilização e da cultura” ignorando civilizações milenares como Índia e China?

Dois teorias kardequianas ancoram o texto: a do advento do mundo de regeneração e, mais uma vez, a da raça adâmica, agora ampliada. Apropriando-se de uma ficção de Camille Flammarion constante da *Revista Espírita* de 1867, Emmanuel indica Capela como o local de onde teriam vindo os espíritos “mais elevados intelectualmente” para fazer avançar o planeta Terra, e ainda atribui sentido histórico ao mito platônico de Atlântida que, no início do século XX, chamava a atenção de alguns pesquisadores.⁸¹ Sabe-se hoje que Capela não é um sistema duplo, mas quádruplo, o que torna inviável planetas em seu entorno; a teoria da raça adâmica não se sustenta; Atlântida é apenas um mito; o advento do mundo de regeneração parece mais um sonho inspirado nas transformações sociais e tecnológicas em curso no século XIX.

Também Emmanuel escrevia segundo os elementos que alimentavam o imaginário da sua época e também o seu texto precisa ser devidamente contextualizado, sem o que algumas das suas reflexões podem não ser adequadamente compreendidas nos dias de hoje.

1944 – *Nosso Lar*

De autoria de um espírito novato que assina mediante o pseudônimo André Luiz, *Nosso Lar* procura ampliar a noção de “erraticidade” de Allan Kardec mediante uma descrição detalhada do ambiente espiritual que circunda a Terra. Para isso ele apresenta “todos os detalhes possíveis à legítima compreensão da ordem que preside o esforço dos desencarnados laboriosos e bem-intencionados, nas esferas invisíveis ao olhar humano, embora intimamente ligadas ao planeta.” Seu propósito é demonstrar que “a vida não cessa” e que o simples “baixar o pano” não soluciona as transcendentais questões do infinito.⁸²

81. Xavier, Francisco C. *A Caminho da Luz*, pag. 33, pelo espírito Emmanuel. 27ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ/2001.

82. Idem. *Nosso Lar*, pag. 11 e 13. 61ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2010.

Segundo Thaís Cristina Gonçalves, uma pós-graduanda em História Cultural pela Universidade Tuiuti, em Curitiba/PR, o livro, amplamente aceito por grande parte do Espiritismo brasileiro, “complementa as obras da codificação preenchendo a lacuna deixada por Kardec a respeito dos ‘mundos transitórios’ citados n’O livro dos espíritos.”⁸³

Embora o meio espírita tenha considerado que André Luiz trazia “revelações” acerca do mundo espiritual, Thaís Cristina observa que “os valores e as concepções pensadas e criadas em *Nosso Lar* não são uma completa novidade na história”. Sua pesquisa relaciona a visão de mundo apresentada em *Nosso Lar* à dos socialistas utópicos Thomas Morus, Tommaso Campanella e Francis Bacon nos seus clássicos *Utopia*, publicado em 1516, *Cidade do Sol*, de 1602 e *Nova Atlântida*, de 1626, respectivamente.⁸⁴ Essa correlação faz todo sentido, tanto que o próprio autor, André Luiz, afirma que “aquela sociedade otimista encantava-me. Diante dos olhos, tinha concretizadas as esperanças de grande número dos pensadores verdadeiramente nobres, na Terra.”⁸⁵

Utopia, conceito que Thaís aplica à descrição da cidade espiritual *Nosso Lar*, “não é ficção nem invenção a partir de pura fantasia. As utopias são fenômenos sociais bastante complexos, são respostas não somente a perguntas eternas sobre a condição humana, mas também a perguntas de sociedades históricas particulares.” *Nosso Lar*, portanto, não é, para ela, uma ficção; é uma resposta à realidade vivida pela sociedade nos idos de 1944.⁸⁶

Pela descrição, *Nosso Lar* ainda apresenta uma vida bem material, ainda que em uma dimensão espiritual. Todos têm garantida a subsistência; um lar coletivo, alimentação, vestuário e tudo o de que um espírito pode necessitar ainda transitando nas esferas próximas à Terra. Benefícios adicionais são conquistados mediante trabalho no sentido social, que vise o bem-estar coletivo. A pessoa que acumula 30.000 “bônus hora” mediante serviço prestado à comunidade passa a desfrutar de uma moradia individual enquanto ali permanece.

O modelo de organização social apresentado no livro é o de uma sociedade comunal, sonho dos filósofos socialistas desde Platão, na sua *A República*, e Santo Agostinho com *A Cidade de Deus*, passando pelos socialistas utópicos Saint-Simon, Fourier e Robert Owen e chegando à experiência coletivista que se tentou implantar a partir de 1917 na então

83. Gonçalves, Thaís Cristina. *Nosso Lar, uma utopia espírita*, pag.18. Monografia, Depto. de História da Universidade Tuiuti do Paraná, 2010.

84. Idem, *ibidem*, pag.25..

85. Xavier, Francisco C. *Nosso Lar*, pag. 152. 61ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2010.

86. Gonçalves, Thaís Cristina. *Nosso Lar, uma utopia espírita*, pag.25. Monografia, Universidade Tuiuti do Paraná, 2010.

União Soviética. Naquela época os exércitos russos eram a esperança de libertação da Europa do jugo nazista, e a União Soviética atraía as atenções do mundo por apresentar um rápido avanço tecnológico, econômico, científico e cultural.

A delicada discussão a respeito da liberdade individual frente ao interesse coletivo é solucionada de maneira simples em *Nosso Lar*: a liberdade do indivíduo termina onde ela se choca com o interesse da coletividade. Não existe a livre-iniciativa, todo o planejamento é centralizado; transporte, saúde e educação são recursos providos para todos pela governadoria da cidade espiritual. Liberdade de gostos, nem pensar... A alimentação é vegana e até a literatura é controlada. Um sistema de comunicação leva a todos os ambientes, inclusive aos lares, as palavras do governador, a música clássica europeia e a “prece coletiva”.

Pela descrição apresentada, aplica-se ali o princípio segundo o qual cada pessoa contribui segundo as suas possibilidades e recebe de acordo com as suas necessidades,⁸⁷ sem nada que lembre o sistema capitalista. Embora seja uma sociedade ainda um tanto “material”, inexistem a propriedade privada e a herança; o serviço ao próximo é a regra e todos são chamados a cooperar de alguma maneira no esforço pelo bem comum.

O machismo estrutural da época também se faz presente na divisão de trabalho em *Nosso Lar*. Pelos nomes dos ministros e instrutores, a esmagadora maioria masculinos, percebe-se que estão reservados aos homens a liderança, a instrução, os afazeres mais nobres.

A mulher não pode ir ao duelo com os homens, através de escritórios e gabinetes, onde se reserva atividade justa ao espírito masculino. Nossa colônia, porém, ensina que existem nobres serviços de extensão do lar, para as mulheres. A enfermagem, o ensino, a indústria do fio, a informação, os serviços de paciência, representam atividades assaz expressivas.⁸⁸

Às mulheres, reserva-se o aprendizado de “ser mãe, esposa, missionária, irmã”.

Em sua dissertação de mestrado em Ciências da Religião na UFPB o pesquisador Fabiano Vidal considera “merecedora de atenção as semelhanças do relato feito pelo autor espiritual com a realidade socioeconômica do Brasil na década de 1940”. O processo de industrialização

87. Esse princípio, que também regia a Casa do Caminho dos Atos dos Apóstolos, primeira experiência comunal planejada da história, foi assim expresso em 1839 por Louis Blanc e depois popularizado por Karl Marx.

88. Xavier, Francisco C. *Nosso Lar*, pelo espírito André Luiz, cap. 20 pág. 135. 61ª edição, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2010.

do Brasil parece ecoar nas descrições feitas a respeito das atividades em Nosso Lar, onde André Luiz se refere a “grandes fábricas” destinadas ao preparo de alimentos, “tecidos e artefatos em geral”, proporcionando trabalho “a mais de cem mil criaturas, que se regeneram e se iluminam ao mesmo tempo”.⁸⁹

Nem de longe o livro se inspira nos regimes democráticos dos anos quarenta, vigentes em vários países da Europa e nos Estados Unidos, que tinham na alternância no poder um elemento central do seu sistema político; ao contrário, o governador de Nosso Lar permanece no cargo há 114 anos. Sua atitude paternal lembra Getúlio Vargas que, como um “pai” para os brasileiros, permanecia no poder há 13 anos. Mais tarde, em 1952, quando Getúlio Vargas assume novamente o poder, o médium Chico Xavier vai recomendar a Wantuil de Freitas que permaneça no cargo de presidente da FEB e que dele não se afaste a menos que a isso seja constringido por “circunstâncias estranhas à tua vontade”.⁹⁰

1945/1970 – A fase científica e doutrinária

Nos anos cinquenta, e ainda por algumas décadas, os textos científicos em linguagem popular faziam um enorme sucesso. Um escritor e médico alemão radicado nos EUA, Fritz Kahn (1888-1968), escrevia textos científicos acessíveis a todos os públicos, que eram traduzidos para várias línguas, e mantinha programas de rádio sobre questões médicas e científicas, o que lhe proporcionava grande popularidade. Esse “espírito científico” se fará presente na literatura mediúnica produzida pelo já mais maduro Francisco Cândido Xavier.

Se o livro *Missionários da Luz* (1945) faz uma desafiadora incursão nos domínios da biologia mediante uma abordagem espiritual a respeito dos processos reprodutivos e da glândula pineal, *Evolução em Dois Mundos* (1959), *Nos Domínios da Mediunidade* (1960) e *Mecanismos da Mediunidade* (1960) foram ainda mais longe, explorando áreas como a biologia e a física. Assinados por André Luiz, esses livros retomam as teses de Mesmer e dos seus continuadores no século XIX, em uma época em que a temática do “magnetismo animal” se fazia muito presente no meio espírita. A FEB publicou em 1952 o livro *Magnetismo Espiritual*, de Michaelus, um verdadeiro tratado a respeito do assunto. Discutia-se muito sobre parapsicologia, que terminou por se constituir em disciplina acadêmica em 1959.

89. Vidal, Fabiano C. M. *Em torno do Nosso Lar: uma análise das controvérsias produzidas no movimento espírita*, pag.84. Diss Mestrado, UFPB, João Pessoa/PB, 2014.

90. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 299. FEB, Brasília/DF, 1986.

Nos anos seguintes, quando se comemorava o centenário do Espiritismo, as reuniões públicas da Comunhão Espírita Cristã foram dedicadas ao estudo dos livros de Allan Kardec. Aproveitando o ensejo, o espírito Emmanuel produziu uma sequência de títulos visando “demonstrar a nossa necessidade de estudo metódico da obra de Kardec”.⁹¹ Surgem assim *Religião dos Espíritos* (1960), *Seara dos Médiuns* (1861), *Justiça Divina* (1862) e *Livro da Esperança* (1964), desenvolvendo temas de *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Céu e o Inferno* e *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Apenas o livro *A Gênese* não foi objeto de estudo sistemático e também não recebeu comentários de Emmanuel.

1970/1990 – Literatura espírita como fonte de receita para atividades assistenciais

Inicialmente havia uma meta de 100 títulos, que foi atingida em 1969 após 37 anos de trabalho mediúnico ininterrupto. Cumprida essa meta, observa-se um aumento vertiginoso na quantidade de livros publicados, aparentando agora uma finalidade muito mais comercial. Colaboradores de instituições assistenciais organizavam coletâneas e pediam ao Chico autorização para transformá-las em livros visando a geração de receita para o sustento de obras beneficentes, no que eram quase sempre atendidos.

Até 1967 a média era de três livros por ano; apenas em 1946, quando da publicação de cinco pequenos livros infantis, essa média foi extrapolada. Em 1968 foram publicados seis títulos; nos vinte anos seguintes foram publicados 226, o que dá uma média de quase dez por ano. Movida por interesses econômicos das instituições beneficiadas, foi criada ao redor de Chico Xavier uma verdadeira máquina de publicação de livros. Coletâneas de mensagens, cartas familiares, tudo o que o médium dizia ou escrevia era transformado em livro. No período de 1979 até 1990 a média foi de 14,5 livros por ano, ou seja, mais de um por mês.

Somente no ano de 1983 foram publicados 19 títulos, feito repetido novamente em 1984 e 1987, quando se atingiu a marca de 20 lançamentos, um a cada 19 dias. Foi dessa maneira que se chegou a mais de 400 títulos. Incluídos aqueles que foram publicados após a sua morte esse número chegava a 438 títulos constantes na *Wikipedia* em abril de 2022.

91. Xavier, Francisco C. *Religião dos Espíritos*, pelo espírito Emmanuel, pag. 10. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1960.

As publicações mediúnicas da atualidade

Uma análise das publicações do final do século XX e do início do século XXI mostra ainda outras particularidades interessantíssimas do ponto de vista da relação entre as comunicações mediúnicas e o contexto sócio-histórico, como a emergência de textos mediúnicos abordando questões como sexualidade, homoafetividade e meio-ambiente, que eram silenciadas ou inexpressivas na época de Kardec. É quando o assunto assume relevância na sociedade encarnada que os espíritos começam a falar dele a partir do mundo espiritual.

Do mesmo modo em relação à onda de valorização das tradições espirituais africanas, incluindo um resgate da figura do Preto-Velho da Umbanda, até então estigmatizada no meio espírita. Embora dando voz agora ao povo preto, o livro mantém os argumentos racistas que consideram os negros como inferiores aos brancos. Essa literatura apresenta os Pretos-Velhos como pessoas sábias e amorosas, mas explicando que isto se dá porque eles já foram brancos no passado; ou seja, valida-se, assim sutilmente, a superioridade do branco sobre o negro.

Um exemplo desse racismo que permanece na literatura espírita é o texto “cativeiro da alma”, que Robson Pinheiro atribui a Pai João de Aruanda. Ali o autor estabelece uma relação metafórica entre o cativeiro físico a que os povos negros foram submetidos e o “cativeiro das ideias”, chegando a uma naturalização da “escravidão de um povo, de uma raça, de uma comunidade, de uma família ou de um indivíduo, quando se recusa a seguir o progresso da vida e estaciona no tempo”. É o argumento do dominador na fala do dominado.⁹²

O texto ainda considera a Princesa Isabel como a “libertadora dos escravos”, o que representa a visão dos brancos em relação a esse processo. O espírito – ou o médium? – a apresenta de uma maneira idealizada como alguém que “abriu um caminho para que os homens não mais continuassem cativos de seus modismos, medos, ânsias e angústias; de sua pequenez sem sentido”. Rui Barbosa, ainda em 1889, via na Lei Áurea apenas uma decisão política inadiável, um “troféu revolucionário, não da Coroa, mas fruto da *rebeldia incruenta dos escravos, com o apoio da opinião pública e do exército brasileiro*”.⁹³

O mesmo ocorre em relação à série de livros da psicografia de Diwaldo Franco relacionada à imaginada “transição planetária” pela qual a

92. Pinheiro, Robson. *Sabedoria de Preto Velho*, pelo espírito Pai João de Aruanda, pag. 28. Casa dos Espíritos, Contagem/MG, 2010.

93. Magalhães, Rejane M M de A. *As ideias abolicionistas de Rui*, pag. 16. Fundação Casa de Rui Barbosa. Disp em 11/11/2022 em <http://antigo.casaruibarbosa.gov.br/>

Terra estaria passando na sua transformação em “mundo de regeneração”, decorrência da ideia de “transformação social” e do advento de uma “nova era”, presentes na obra kardequiana. Nos anos oitenta criou-se um alvoroço em torno das chamadas “crianças índigo”, o que motivou a tese da vinda de espíritos de Alcyone para preparar a transição do milênio. Mais tarde, quando aquelas crianças não se tornaram os grandes líderes que se esperava, fez-se silêncio sobre o assunto. Veio em seguida a associação com o Tsunami de 2004, na Indonésia, que tirou a vida de quase 300 mil pessoas. Apresentado como sendo um dos eventos que promoveriam a seleção de quem fica e quem sai do planeta por não atender aos requisitos para a permanência na Terra regenerada, caiu no esquecimento poucos anos depois.

Sob o calor das disputas ideológicas em curso a partir das manifestações de 2013, médiuns de expressão nacional passaram a publicar textos psicografados que traduziam as suas preferências político-partidárias associando-as à ideia da “transição planetária”. Já em 2020, com a onda da covid-19, o mote passou a ser a pandemia. Textos mediúnicos e livros psicografados se apropriaram de elementos do negacionismo científico e das fofocas políticas alimentadas pela batalha informacional travada nas redes sociais.

Um livro mediúnico publicado em 2020 repercute acusações infundadas de um ex-ministro da educação contra as universidades federais além de insistir na defesa de medidas terapêuticas que, além de terem sido consideradas ineficazes pela comunidade científica internacional, ainda apresentavam riscos de danos aos pacientes.⁹⁴ Outro livro do mesmo ano, também mediúnico, repercute comentários depreciativos veiculados nas redes sociais contra a China, que são parte da guerra informacional em andamento, além de fazer uma apologia a teses sanitárias que propunham deixar vidas humanas entregues ao sabor da reação imunológica coletiva, por razões meramente econômicas e ideológicas.⁹⁵

Por último, como a pandemia de covid-19 não surtiu o efeito moral esperado pelos religiosos, o discurso de alguns médiuns e dos seus guias espirituais se volta para o conflito bélico de 2022 entre Rússia, Ucrânia e Otan e os riscos de uma Terceira Guerra Mundial, alimentando a ideia de uma “transição planetária” que mais se parece com uma esperança de cunho milenarista, exclusiva da sociedade judaico-cristã, que surge sempre renovada, mas que nunca se materializa.

94. Franco, Divaldo P. *Rumo ao Mundo de Regeneração*, pelo espírito Manoel P de Miranda, pag. 20 e 156. Ed. Leal, Salvador/BA, 2020.

95. Baccelli, Carlos A. *Um Novo Mandamento vos dou*, pelo espírito Dr. Inácio Ferreira, pag. 28 e 162. Ed. Pedro e Paulo, Uberaba/MG, 2020.



7

A CONSTRUÇÃO DO IMAGINÁRIO ESPÍRITA BRASILEIRO

O Brasil é um país singular, como, aliás, cada país e cada nação. Nele se misturam visões de mundo diversas, o que possibilitou a formação de uma cultura caracterizada por sincretismos que resultam em maior valorização do elemento transcendente, ou do espiritual.

Em sua dissertação de mestrado em Psicologia Social na USP, Vanessa Corredato estuda a ocorrência, na infância, de “experiências anômalas”, que é como são chamadas em Psicologia as experiências psíquicas consideradas mediúnicas no Espiritismo. Ela comenta que a porcentagem de pessoas que alegam ter vivido algum tipo de experiência dessa natureza ultrapassa os 50% em todos os países analisados. Nos Estados Unidos essa porcentagem atinge 67% dos entrevistados, com ênfase em telepatia e clarividência.

No Brasil isso é ainda mais frequente. Um estudo realizado em São Paulo com 1500 pessoas adultas apontou que 82,7% delas relataram ter vivido algum tipo de experiência anômala ao longo de suas vidas, independentemente de religião, etnia, classe social ou faixa etária. Trata-se de “experiências essencialmente humanas, que ultrapassam barreiras geográficas e culturais”.⁹⁶

É pouco provável que a maior incidência no Brasil se deva a alguma constituição psíquica dos brasileiros; o mais provável é que o modo como essas experiências são percebidas e valorizadas tenha a ver com a cultura aqui estabelecida.

Há uma trama no final do capítulo 11 do livro *Torto Arado* que é emblemática no sentido de demonstrar o tênue limite entre o espiritual e o humano, entre o mediúnico e o anímico, e o modo como isso atua no imaginário das pessoas. Em uma festa da comunidade o médium Zeca

96. Corredato, Vanessa D. *Experiências Anômalas na Infância – relações entre vínculo, expectativa e percepção extrassensorial*, pag. 16, 35-36. Diss. Mestrado, USP, São Paulo/SP, 2014.

Chapéu Grande está devidamente paramentado para a cerimônia que coroa aquele momento solene, todo espiritual. Em dado momento, incorporado pela entidade Santa Bárbara, ele aponta sua espada de ouro (de madeira, na verdade) para o rosto do prefeito e cobra dele a construção de uma escola para o povo desassistido da Fazenda Água Negra.

Embora a narrativa seja ficcional, ela expressa o que o autor compreende a respeito dos dons medianímicos que ele atribui ao seu personagem. Naquele momento é impossível saber se quem exige a escola é a entidade Santa Bárbara ou se é o médium e líder comunitário Zeca Chapéu Grande. Ao final, isso também não interessa; o que interessa é o modo como isso impacta o mundo íntimo do prefeito. Meses depois a escola estava construída.

Como visto, a valorização do espiritual e do místico é um elemento constitutivo da cultura brasileira e, sob uma perspectiva sociológica, não há como transplantar o Espiritismo para uma outra sociedade sem que ele absorva em si parte dos elementos dessa nova cultura.

Isso explica as mudanças que se operam no Espiritismo desde a sua chegada ao Brasil, a começar pela absorção acrítica das teses de Roustaing. Os livros espíritas deixam de ser o resultado do trabalho de um pesquisador, mediante uma metodologia científica, como ocorria com Kardec, Delanne e outros, e passam a ser o resultado direto de uma narrativa mediúnica, entendida agora como “revelação espiritual”. O trabalho não é mais do encarnado, que analisa as ideias e reelabora os textos; ele passa a ser do próprio espírito, transformado em enunciador de verdades doutrinárias.

De obras em interautoria a “revelações espirituais”

A questão da autoria dos livros psicografados se apresenta ainda na França quando, ao psicografar seus livros, Ermance Dufaux informa no título: “ditados à médium Ermance Dufaux”. Em sua tese de doutorado André Cunha se refere ao formato em que o texto vem assinado por um médium e um espírito, como “obras em interautoria”, e pondera que

Em Kardec, a produção de suas verdades doutrinárias estava referenciada no campo científico, contando inclusive com uma suposta apropriação de seus métodos. Com as obras em interautoria, a referência transmutou-se para o campo literário. (...) Parece-nos que esta poderia ser apontada como uma das marcas, uma das especificidades do Espiritismo no Brasil.⁹⁷

97. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 117. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

No princípio havia dúvidas sobre como apresentar um livro mediúnico, como se vê no caso da professora e escritora Zilda Gama, de Juiz de Fora. Antes de tornar-se espírita, ela escrevia poesias e contos, publicados no *Jornal do Brasil* e na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro. Psicografando mais tarde romances cuja autoria era atribuída ao espírito Victor Hugo, suas primeiras edições – *Do Calvário ao Infinito* (1922) e *Redenção* (1929) – traziam na capa apenas o nome do espírito. Era como se o próprio espírito houvesse escrito o livro.

As décadas de 1920 e 1930 apresentam diversas publicações de romances espíritas, entre eles a tradução de *A Barqueira do Jucar*, de autoria de Fernandez Colavida, conhecido como o Kardec espanhol. Ele se apresenta como organizador do trabalho de um médium chamado Aquino, sem nenhuma referência ao autor espiritual. O mesmo já não ocorre com o romance *Herculanum* (1935), atribuído ao poeta inglês J. W. Rochester. Psicografado pela médium russa Vera Kryjanovskaia, a exemplo de Zilda Gama, ele trazia na capa apenas o nome do autor espiritual. Como se vê, são modos diferentes de apresentar o livro mediúnico.

Os romances *Vítimas do Preconceito* e *Eleonora* foram escritos a partir de informações obtidas em sessões mediúnicas por um “confrade” espírita que assina como Codro Palissy. Como no caso espanhol, o escritor assume a autoria do livro. Já o romance *Lídia* (1935) informava apenas o nome do médium, José Surinach. É o contrário de Zilda Gama, que informava apenas o nome do espírito autor. Seria porque os espíritos que os teriam ditado, não apresentavam nenhuma relevância como escritores?

A exemplo de Ermance, a primeira edição do livro *Nosso Lar* (1944) trazia na capa o nome do médium, Francisco Cândido Xavier e, logo abaixo, a informação: “ditado pelo espírito de André Luiz”, o que se tornou mais ou menos uma regra, em especial nas publicações envolvendo os médiuns Chico Xavier e Divaldo Franco, os mais produtivos.

Outro caso interessante são os livros de entrevistas realizadas com o médium Chico Xavier. Em que pese serem tão somente entrevistas com ele na sua condição de plena consciência e lucidez, fora de qualquer situação de transe mediúnico, sua autoria é, via de regra, atribuída ao espírito Emmanuel, atendendo à vontade do próprio Chico. Elias Barbosa pretendia publicar uma coletânea de entrevistas com o título *Chico Xavier, ele mesmo*. Consultado a respeito ele lhe teria dito:

Não existe *Chico Xavier ele mesmo*. Se é que eu tenha que existir, será Chico Xavier/Emmanuel, porque, de mim mesmo, em matéria de edificação espiritual, nada posso subscrever de vez que o nosso

benfeitor da Vida Maior é que nos supervisiona a organização medianímica. Seria eu mais do que ousado se lhe subtraísse o nome em qualquer expressão construtiva que nos saísse dos recursos verbais, seja no transe propriamente mediúnico, tanto quanto em quaisquer outras circunstâncias.⁹⁸

Em decorrência disso, a maioria dos títulos contendo reportagens, artigos de jornais, entrevistas ou diálogos transcritos também vêm com o seu nome e o de Emmanuel na capa.

Se para o médium essa poderia ser uma forma de minimizar a sua importância com relação à obra publicada, valorizando o papel do seu guia espiritual, para o imaginário do público leitor o resultado foi diferente: até mesmo as opiniões corriqueiras do médium a respeito dos mais variados assuntos foram transformadas em “revelações espirituais”.⁹⁹

A expressão “ditado”, utilizada inicialmente pela garota Ermance Dufaux, colou no imaginário do leitor espírita, consolidando a ideia de que o médium seria apenas um intérprete, um intermediário por meio de quem o espírito se manifesta. Mais que isso: entre Chico e Emmanuel haveria uma simbiose tal que não seria possível distinguir o que seria o pensamento de um e o que seria o pensamento do outro. Para Suely Schubert seria impossível dissociar essas duas personalidades; “ambos caminham tão intimamente ligados que, à simples menção do nome de um deles, já o outro se lhe associa”.¹⁰⁰

Literatura mediúnica como “complementação doutrinária”

Comentamos de início a polêmica levantada em torno da teoria das almas gêmeas, apresentada por Emmanuel em *O Consolador*, que diverge de *O Livro dos Espíritos*. Embora pensando diferente de Kardec em alguns pontos, Emmanuel apresenta contribuições doutrinárias relevantes, como uma inovadora teoria sobre gênero, ao afirmar que não há “especificação psicológica absoluta” entre o masculino e o feminino, explicando assim a condição homoafetiva e a variedade de gêneros identificada atualmente pela Psicologia.¹⁰¹ Também a sua obra de exegese neotestamentária, re-

98. Xavier, Francisco C. *Entrevistas*, pag. 5. Pelo espírito Emmanuel, 2ª ed. IDE, Araras/SP, 1975.

99. *Novo Mundo*, da IDEAL; *Entrevistas e Entender Conversando*, do IDE, trazem na capa Francisco Cândido Xavier/Emmanuel. *Chico, de Francisco*, de Adelino da Silveira; *Presença de Chico Xavier*, de Elias Barbosa, e *A Ponte: Diálogos com Chico Xavier*, de Fernando Worm, trazem o nome do organizador.

100. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 412. FEB, Brasília/DF, 1986.

101. Xavier, Francisco C. *Vida e Sexo*, pelo espírito Emmanuel, lição 21, pag. 89. 4ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

presentada pela chamada “coleção Fonte Viva”, enriquece as estantes espíritas com as mais belas páginas de reflexão moral.

Analisando essas diferenças, em *Vida e Sexo* ele assume uma posição conservadora em relação ao casamento, típica de um sacerdote católico dos anos quarenta, em desacordo com a posição libertária de Kardec um século antes. Para Kardec, prevalece a lógica do espírito que responde: “Julgas, porventura, que Deus te constanja a permanecer junto dos que te desagradam?”, já Emmanuel entende que “a rigor, (o divórcio) não deve ser facilitado entre as criaturas”. Isso levou muitos espíritas a se mobilizarem na década de 1970 contra o projeto de lei que propunha a legalização do divórcio no Brasil sob o pretexto de “defesa da família”.

Absorvendo as teses de Roustaing, ele – ou seria Chico Xavier? – considera Jesus como sendo a “encarnação do verbo”, numa clara referência ao Evangelho de João, um espírito que teria evoluído “em linha reta” e que teria acompanhado a Terra desde a sua criação há 4,5 bilhões de anos. Se, para Kardec, Jesus é o “guia e modelo” da humanidade, o espírito “mais puro de quantos têm aparecido na Terra”, Emmanuel retoma a perspectiva roustainguista do “redentor” e lhe atribui a condição de “governador espiritual da Terra” que vela pelo seu rebanho, o “Filho de Deus unigênito” do dogma da Santíssima Trindade.

O mesmo se observa em relação ao tratamento profundamente devocional à Maria, que seria para Kardec apenas um espírito em condição mais elevada que teria vindo à Terra com a missão de abrigar Jesus na condição de filho, mas a quem Emmanuel se refere com o título católico de “Mãe Santíssima”, uma espécie de mãe espiritual não apenas dos cristãos mais também de muçulmanos, budistas e de todas as religiões do planeta.

Sem contar a clássica questão das evocações, que Kardec estabelece como método indispensável, e que Emmanuel desaconselha em *O Consolador*. É curioso que o meio espírita terminou por abrir mão da orientação kardequiana, acatando inteiramente a proposta de Emmanuel, materializada em uma metáfora que se tornou refrão: “o telefone só toca de lá pra cá”. Para Kardec o telefone funciona para os dois lados.

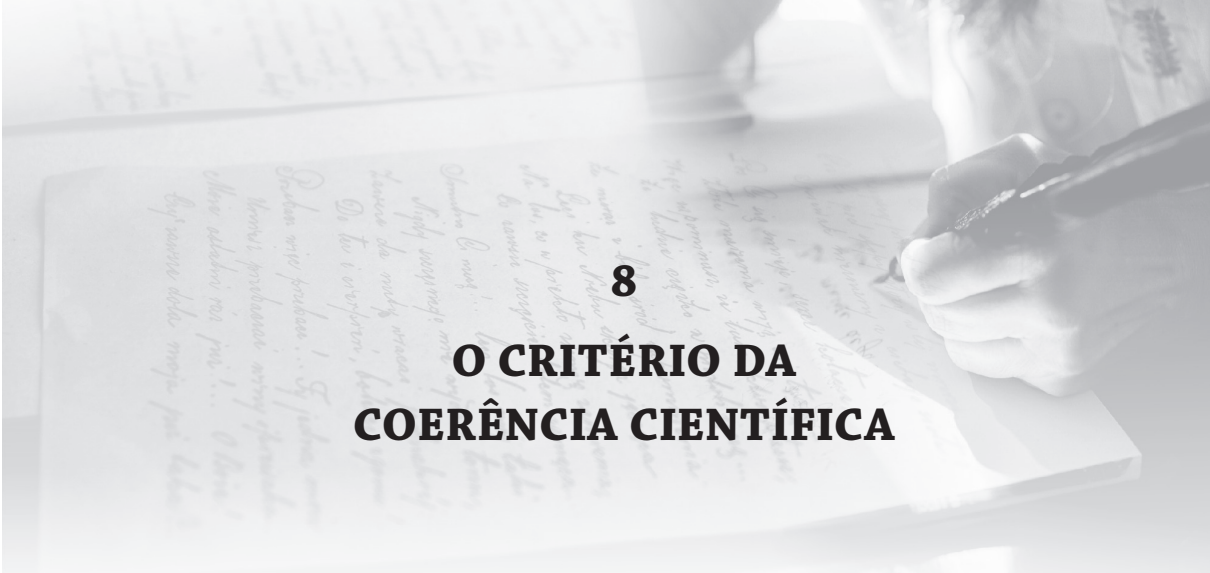
Para Kardec a “revelação espírita” tinha um duplo caráter; era de natureza espiritual por serem as informações originadas dos espíritos, mas era também humana, porque “deduzida, pelo trabalho do homem, da observação dos fatos que os Espíritos lhe põem sob os olhos e das instruções que lhe dão, instruções que ele estuda, comenta, compara, a fim de tirar ele próprio as ilações e aplicações”.¹⁰² Assim, livros psicografados não são, para Kardec, “revelações espirituais”; são literatura mediúnica,

102. Kardec, Allan. *A Gênese*, cap. I item 13 pag.19. Ed. 26ª FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1984.

obras em interautoria, como propõe André Cunha. São o resultado da interação entre as visões de mundo do médium e do espírito, demarcadas pelo contexto em que são produzidas.

Pela lógica kardequiana, para se fazer “complementação doutrinária” seria necessário que pesquisadores humanos submetessem essa literatura mediúnica a um tratamento criterioso, com base no método do controle da universalidade dos ensinamentos e de outros métodos que uma moderna epistemologia espírita venha a sugerir, sempre pautados pela racionalidade científica, que Kardec coloca como um dos pilares do Espiritismo.

O problema é que, no imaginário espírita que se consolidou no Brasil, os livros de autoria espiritual passaram a ser vistos como “revelações espirituais”, verdades atemporais e inquestionáveis, porque oriundas de espíritos em uma condição “superior”. Se, para Kardec, os espíritos não eram mais do que homens desprovidos do seu corpo material, apenas com a vantagem de estarem em um ponto de vista que lhes facultaria nos fornecerem informações mais detalhadas a respeito do mundo espiritual, para o imaginário espírita brasileiro eles são entes especiais, reveladores por si sós de verdades transcendentais.



8

O CRITÉRIO DA COERÊNCIA CIENTÍFICA

Para ser científico não basta que um livro aborde os assuntos que são de interesse da ciência fazendo uso da linguagem acadêmica; para ser “científico” um livro precisa ser o resultado de um projeto estruturado de pesquisa, com uma metodologia previamente estabelecida, cujos limites são claramente definidos, e que, mediante observação, experimentação ou demonstração lógica, possibilite ao pesquisador elaborar suas conclusões, que serão submetidas à apreciação dos seus pares.

Talvez por desconhecimento a respeito do assunto, é comum no meio espírita tratar como “obra científica” livros mediúnicos como *Mecanismos da Mediunidade*, de André Luiz, ou a série psicológica de Joanna de Ângelis. Isso não procede. Livros produzidos pela via mediúnica são obras literárias, que até podem versar sobre temas do mundo da ciência na sua correlação com as teses espíritas, mas não podem ser confundidos com literatura científica.

Pergunta-se: é possível obter junto aos espíritos informações de interesse científico que possam elucidar questões não resolvidas pela ciência? Ou, em se tratando da História, é possível encontrar explicações mais consistentes para determinados eventos a partir das informações obtidas pela via mediúnica?

Sem dúvida que, sob uma primeira impressão, estas eram algumas das possibilidades descortinadas pela investigação mediúnica, ou mesmo pela perspectiva das “revelações” que elas podem nos proporcionar. Entretanto, o exame das comunicações obtidas, tanto hoje quanto no passado, deixa claro que isso não é tão simples como se pensava.

No que se refere às informações de conteúdo científico, um exemplo é a evocação feita por Kardec ao espírito do explorador alemão Alexander Von Humboldt, uma semana após o seu falecimento. Indagado a respeito do mundo onde havia vivido sua existência anterior ele o descreve como

um mundo muito superior à Terra; ele teria vindo aqui em missão. O diálogo prossegue:

16. Esse mundo faz parte do nosso sistema planetário?

Resp. - Sim; está muito próximo de vós. Entretanto, não podeis vê-lo, porque não é luminoso e não recebe nem reflete a luz dos sóis que o rodeiam.¹⁰³

Que planeta seria esse no “nosso sistema planetário”, o sistema solar, que “não recebe nem reflete a luz dos sóis que o rodeiam”? Essa resposta pode ter causado alguma impressão à época, mas, à luz da astronomia de hoje, ela não faz o menor sentido.

Na sequência Kardec evoca o espírito de um importante cientista que havia falecido há cinco anos, François Arago. Entre as diversas respostas, algumas interessantes, ele lhe pergunta se seria possível encontrar fósseis de seres humanos, ao que o espírito responde que “o tempo os destruiu pouco a pouco”. Não parece difícil perceber que as pesquisas arqueológicas da atualidade jogaram inteiramente por terra essa resposta.

Kardec já havia percebido essas limitações, talvez não de maneira tão clara quanto é possível observar atualmente, e por isso pondera que

Nem todos os Espíritos sérios são igualmente esclarecidos; há muita coisa que eles ignoram e sobre que podem enganar-se de boa-fé. Por isso é que os Espíritos verdadeiramente superiores nos recomendam de contínuo que submetamos todas as comunicações ao crivo da razão e da mais rigorosa lógica.¹⁰⁴

Ele considera “Espíritos sérios” todos aqueles que “se ligam aos que desejam instruir-se e lhes secundam os esforços”, e entende que aquelas comunicações podem ser atribuídas aos espíritos que as assinam. Bem mais tarde Camille Flammarion e Gabriel Delanne indagarão se comunicações como essas não poderiam ser apenas fruto da mente dos médiuns.

A ciência como parâmetro

Havia uma grande preocupação de Kardec em que a doutrina espírita apresentasse consistência em relação aos conhecimentos vigentes no meio científico. A ciência era o parâmetro pelo qual ele julgava a pertinência

103. Kardec, Allan. *Revista Espírita*, jun/1859 trad. Júlio Abreu Filho pag. 172. Edicel, São Paulo/SP, 1968.

104. Idem. *O Livro dos Médiuns*, item 136 pag. 190. Trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Brasília/DF, 2003.

das informações apresentadas pelos espíritos. Se o que um espírito lhe dizia conflitasse com explicações já consolidadas no meio científico, ele rejeitava a afirmação do espírito. E mais, se a ciência chegasse a uma conclusão diferente do que o Espiritismo afirmava, mudaria o Espiritismo.

Quando Chico psicografa sua mãe Maria João de Deus, em 1935, muito antes das viagens espaciais, o livro procurava demonstrar a imensidão da vida para além da morte do corpo físico. Sob o olhar do espírito, “todas as zonas interplanetárias estão repletas de vida em suas manifestações multiformes”. Mas o que o espírito quer dizer com a palavra “vida”? Segue-se um olhar poético sobre uma gota d’água, que “encerra um universo infinitesimal, onde uma grande humanidade microscópica vive, trabalha e palpita”. O texto descreve em detalhes paisagens, seres, construções e veículos que sua mãe teria visto em Marte. Mas que o que ela diz não confere com o que tem sido observado atualmente pelos veículos exploradores da NASA, que tem colhido imagens detalhadas de várias regiões daquele planeta. Como isto se explica?¹⁰⁵

Há quem entenda que esses textos encerram ideias transcendentais, para além dos sentidos ordinários da nossa percepção, e que a palavra vida pode referir-se a formas de vida espiritual. Essas paisagens, esses seres, essas construções e esses veículos podem estar em outra dimensão que não a nossa. Será? Não seria muito mais coerente considerar o texto como uma construção literária, até poética, elaborada pelo médium possivelmente sob a sensação de profundo enlevo espiritual provocado pela presença espiritual da sua mãe?

Outro exemplo consta no livro *Evolução em Dois Mundos*, em um capítulo psicografado por Waldo Vieira, parceiro de Chico Xavier na sua escrita. Cabe destacar que tanto Waldo quanto o espírito André Luiz tinham formação na área médica; assuntos da Física e da Astronomia deviam ser para eles leitura complementar, que lhes ampliava os conhecimentos, mas sem lhes constituir especialidade. De acordo com o texto psicografado,

A Engenharia Celeste equilibra rotação e massa, harmonizando energia e movimento, e mantêm-se, desse modo, na vastidão sideral, magníficas florestas de estrelas, cada qual transportando consigo os planetas constituídos e em formação, que se lhes vinculam magneticamente ao fulcro central, como os eletrões se conjugam ao núcleo atômico, em trajetões perfeitamente ordenados na órbita que se lhes assinala de início.¹⁰⁶

105. Xavier, Francisco C. *Cartas de uma morta*, pelo espírito Maria João de Deus, pag. 77-78. 8ª ed. LAKE, São Paulo/SP, 1981.

106. Xavier, Francisco C e Viera, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*, pelo espírito André Luiz, cap. 1 pág. 20, 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979. O termo “eletrões”, usado à época, é atualmente usado somente em Portugal.

Pode-se afirmar que os planetas estão ligados “magneticamente” às estrelas? Qualquer estudante de Física relacionaria o movimento dos planetas à gravidade, e não à atração magnética. E quanto a essa comparação dos sistemas planetários com o modelo atômico? É de outra natureza a energia que mantém os elétrons em suas órbitas. O texto poderia estar mais em sintonia com o que já se sabia no meio científico quando o livro foi escrito, em 1959.

A quem atribuir essas pequenas incoerências, ao médium, ao espírito ou ao processo? É interessante a intenção dos autores de explicar, mediante a ideia de uma “engenharia celeste”, a inteligência observada no universo, mas não há como ignorar essas inconsistências se realmente desejamos compreender o processo mediúnicos. O próprio autor explica que, para a composição desse livro, ele recorreu “a diversos trabalhos de divulgação científica do mundo contemporâneo”.¹⁰⁷ De fato, como se verá um pouco adiante, o livro traz diversos trechos que são adaptações de recortes contidos no livro *O Átomo*, do escritor estadunidense Fritz Kahn.¹⁰⁸ Será possível que haja trechos adaptados de outros autores, não identificados?

Sem perder de vista que a sua intenção é mais de ordem moral, merecem ser também analisadas as correlações entre mente e eletromagnetismo. Embora muitas delas sejam metáforas, outras reproduzem os conhecimentos sobre “magnetismo animal”, ainda dos tempos de Mesmer. Essas correlações foram suficientemente exploradas em *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI*, razão pela qual não serão repetidas neste estudo.

E há informações que contradizem estudos já consolidados no mundo da ciência, ou à simples lógica, como a referência a “elementos atômicos mais complicados e sutis, aquém do hidrogênio e além do urânio, em forma diversa daquela em que se caracterizam na gleba planetária” que, segundo pretende o texto, “engrandecem-lhe a série estequiogenética”.

O próprio modelo de constituição do átomo adotado pelos autores não oferece base à ideia de elementos atômicos “aquém do hidrogênio”, por mais “complicados e sutis” que possam parecer, já que o hidrogênio é formado por apenas um próton e um elétron. Neste caso não se trataria mais de “elementos atômicos”, como afirma o texto.

Estaria o espírito, ou os médiuns, ou o grupo como um todo, espiritual e físico, sob efeito da febre pela descoberta de novas formas de

107. Xavier, Francisco C; Vieira, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*, pelo espírito André Luiz, introdução. 11ª Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1986.

108. Anjos, Luciano dos. *A Anti-história das Mensagens Co-piadas*, pag. 166. Ed. Leymarie, 2006.

manifestação da matéria que se observava quando o livro foi escrito? Os processos de fissão e fusão nuclear já haviam possibilitado a produção artificial do Plutônio, o que pode ter sugerido a possibilidade da existência de matéria para além dos elementos observados na natureza. Teria isso influenciado no sentido de uma especulação a respeito de um possível tipo de matéria do mundo espiritual? Isto se infere da afirmação seguinte, que o espírito “na esfera nova de ação a que se vê arrebatado pela morte encontra a matéria conhecida no mundo, em nova escala vibratória”.¹⁰⁹

Teriam o médium, no caso Waldo Vieira, ou mesmo o espírito André Luiz, se deixado influenciar pelo livro *A Grande Síntese*, publicado em 1937 na Itália por Pietro Ubaldi? Esse livro propõe uma “síntese e solução dos problemas da ciência e do espírito”, uma explicação para a criação da matéria, do fenômeno da vida e do próprio universo, em paralelo com o que seria a ascensão do espírito no seu “retorno” para Deus. Ele parte da ideia católica da queda do paraíso. Escrito sob declarada inspiração e em primeira pessoa, o autor espiritual, que se apresenta como “Sua Voz”, se propõe a abrir caminhos para uma compreensão ampliada da Lei Divina, estabelecendo os fundamentos para a civilização do terceiro milênio.¹¹⁰

Segundo a editora, o livro foi muito elogiado pelos mais eminentes personagens da época; o próprio Albert Einstein teria se encantado com “a força da linguagem e a vastidão dos assuntos tratados”. Guillon Ribeiro, da FEB, Carlos Torres Pastorino e Paulo Vieira da Silva se encarregaram de fazer as traduções para o português, e o próprio espírito Emmanuel, pelas mãos de Chico Xavier, teria afirmado que *A Grande Síntese* seria o “Evangelho da Ciência, renovando todas as capacidades da religião e da filosofia, reunindo-as à revelação espiritual e restaurando o messianismo do Cristo em todos os institutos da evolução terrestre”.

É desse livro a expressão “série estequiogenética”, usada por Waldo Vieira/André Luiz. Apresentada por “Sua Voz” como um neologismo e uma inovação teórica, ela une ciência e espiritualidade para explicar a gênese dos diferentes elementos químicos mediante transmutação, que seria uma “transformação dinâmica” em virtude da “emanação radioativa da desintegração atômica”. Este assunto era objeto de amplas especulações no meio científico do início do século XX, em virtude da descoberta do fenômeno do decaimento radioativo natural, verificada na virada do século e, talvez por isso, tenha impressionado os autores.

109. Xavier, Francisco C; Vieira, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*, cap. 13 pág. 96. 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

110. Ubaldi, Pietro. *A Grande Síntese*, citadas na apresentação. Inst. Pietro Ubaldi. 11ª ed. LAKE, São Paulo/SP, 1979.

Esse mesmo termo – série estequiogenética – foi usado novamente por Emmanuel no livro *Roteiro*, em 1952, mas continuou sendo ignorado pelo meio científico, até porque pressupõe uma evolução da matéria de uma maneira que a ciência não dispõe de métodos para analisar, permanecendo apenas no campo da especulação filosófica.

Isto não significa negação ou descrédito à tese contida em *A Grande Síntese*, uma obra de belíssimo apelo espiritual, mas é um alerta no sentido de que se trata de literatura filosófica, sem nenhuma possibilidade de validação pelos critérios atualmente vigentes no mundo da ciência. Alerta também para o fato de que a mediunidade é um terreno que não dispensa, conforme recomendava Kardec, um espírito crítico na apreciação dos conteúdos obtidos, por mais confiável seja o médium, por mais confiável seja o espírito autor.

Ubaldo era um homem singular, assim como Chico Xavier, mas esta é uma limitação inerente ao processo mediúnico. Não se trata de colocar em dúvida a indiscutível moral dos médiuns ou dos espíritos; o que está em estudo é apenas o processo pelo qual essas informações são obtidas e como lidar com elas com segurança e proveito.

A historicidade das informações medianímicas

Uma experiência curiosa foi realizada por Hermínio Miranda, da qual surgiu o livro *Eu Sou Camille Desmoulins*. Mediante indução hipnótica ele, Hermínio, conseguiu que o escritor e jornalista espírita Luciano dos Anjos retornasse a uma situação vivida durante a Revolução Francesa, quando se percebia na personalidade do líder revolucionário Camille Desmoulins. O livro fala por si só, tal a riqueza de detalhes que foi possível obter a partir dessa experiência, cuidadosamente registrada. Disso Hermínio conclui que

...a regressão de memória constitui precioso recurso ao alcance de quem desejar promover uma releitura na História. Essa técnica torna possível acessar os arquivos indelévels e fiéis preservados na memória daqueles que assistiram pessoalmente os fatos ou, melhor ainda, os que desses episódios participaram, não da plateia, mas do palco.¹¹¹

Da maneira como Hermínio Miranda compreende, livros como *Há 2000 Anos* ou *Ave Cristo*, de Emmanuel, devem conter elementos históricos consistentes, de vez que são recordações do passado dos próprios

111. Miranda, Hermínio C. *O que é Fenômeno Anímico?*, pag. 27. Ed. Correio Fraternal, São Bernardo do Campo/SP, 2011.

autores espirituais. Pela via da mediunidade seria possível resgatar informações históricas relevantes, numa espécie de “psicoarqueologia”.¹¹² Mas qual a garantia da historicidade dessas narrativas? Não pode ser que, às rememorações legítimas, acrescentem-se elementos do imaginário do médium e do próprio espírito ou, em se tratando de rememoração mediante hipnose, da pessoa hipnotizada?

Uma análise puramente lógica nos ajuda a perceber que a questão é mais complexa. No caso das lembranças de um espírito narradas por um médium, há mais do que uma simples rememoração. São dois os elementos que se conjugam: a lembrança registrada pelo espírito e a sua narrativa mediúnica realizada pelo médium. As lembranças do espírito são aquelas que foram para ele marcantes. Ao narrá-las, muito tempo depois, o espírito as apresenta pela sua ótica, em conformidade com as suas recordações, mas outros personagens podem ter feito leituras diferentes do mesmo episódio. Além disso, o médium imprime na narrativa a sua maneira própria de expressar as ideias, sempre no limite das suas percepções, ainda que ele seja um médium mecânico, como se verá no próximo capítulo.

Não teriam algumas dessas narrativas um significado mais literário, orientado para a educação moral dos leitores, do que um significado propriamente histórico? No caso dos romances mediúnicos, não pode ser que alguns elementos neles contidos sejam apenas ficcionais, inseridos na trama para proporcionar o sentido moral desejado à narrativa? Não seria essa a explicação para a referência de Emmanuel às reuniões dos cristãos nas catacumbas, que não existiam na época, pois só foram construídas por volta do século II, ou ao sinal da cruz, que só bem mais tarde foi adotado pelos cristãos? Ou para a referência de Neio Lúcio à leitura em família das “Sagradas Escrituras”, no livro *Luz no Lar*, quando se sabe que no tempo de Jesus vigorava a tradição oral e os raríssimos exemplares dos textos sagrados ficavam disponíveis apenas nos templos e, quando muito, nas sinagogas?

Brasil Coração do Mundo ante a história oficial

Outro caso interessante para análise da historicidade das informações mediúnicas é o livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, que foi psicografado em 1938, com a autoria atribuída ao espírito Humberto de Campos, que havia falecido há pouco mais de três anos.¹¹³ Escrito quando se descortinava a Segunda Guerra Mundial, o livro apresenta um

112. Miranda, Hermínio C. *A Memória e o Tempo*, pag. 184 4ª ed. Lachâtre, Niterói/RJ, 1994.

113. Xavier, Chico. *Brasil, Coração do Mundo, Pátria do Evangelho*, pelo espírito Humberto de Campos. 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

relevante apelo de ordem moral, traduzido no desejo de que o Brasil, de “celeiro do mundo” pudesse se constituir em um celeiro espiritual, um “coração do mundo”, caminhando na vanguarda das sociedades em conflito. Mas não há como ignorar que o texto vem permeado de contradições históricas que é importante identificar.

O texto reconta a história do Brasil sob uma perspectiva espiritual. Tudo teria sido realizado com vistas a criar um ambiente evangelizado no país onde “sonha e trabalha o povo fraternal e generoso”, representado pela “flor amorosa de três raças tristes”. Essa imagem poética havia sido criada por Olavo Bilac em 1917 para referir-se aos indígenas explorados, aos negros escravizados e aos europeus degredados. Ocorre que, da maneira como a narrativa foi estruturada, passa a ideia de que toda essa tragédia social decorreu da intenção de Jesus de aproximar Portugal dos “povos sofredores das regiões africanas” para que se pudesse obter deles a colaboração “sem violências de qualquer natureza”, do que teria resultado o processo da escravidão que perdurou por mais de três séculos.

A narrativa recebeu diversas críticas, inclusive pelo caráter triste, amargurado, choroso mesmo, de um Jesus que desce das altas esferas celestiais entre “anjos e tronos” que lhe formavam uma “corte maravilhosa” constituída de “querubins e arcanjos”, bem ao estilo da suntuosidade católica. De “guia e modelo” para a humanidade, conforme o apresenta Kardec, Jesus é guindado à condição roustanguiana de governador planetário, mas que desconhece as mais simples ocorrências em andamento no planeta que governa.

Apresentado sob a roupagem bíblica do “cordeiro de Deus” (que tira o pecado do mundo), o personagem Jesus renova a visão católica da cruz como “símbolo da redenção humana”, e demonstra uma questionável preferência pela “terra do cruzeiro”, de onde poderia influenciar o destino de todas as nações da Terra, fiel à visão de “povo eleito” – e, porque não dizer, dominador – da tradição judaica. Contradizendo Emmanuel, que tece severas críticas à atuação da Igreja Católica ao longo da história, Humberto de Campos justifica o movimento das cruzadas, que “guardavam a nobre intenção de velar pela paisagem deliciosa dos Lugares Santos”, bem como o conluio da Igreja com o poder político das nações europeias.

Os indígenas são entendidos como “espíritos jovens e simples (que) aguardam a semente de uma vida nova”. Embora essa afirmação esteja ancorada na tese kardequiana relacionada à evolução dos espíritos encarnados na Terra, segundo a qual os povos indígenas seriam “inferiores” aos europeus, ela não encontra respaldo nos estudos atuais da Antropologia. Essa comparação, feita pelos próprios europeus, tinha como base o modo

como se desenvolveu a sua cultura, marcada pela filosofia, pela invenção da ciência e pela tecnologia disso decorrente, por isso considerada superior. Com suas armas mais sofisticadas e mais letais, eles se consideravam “superiores” aos povos indígenas por eles invadidos e exterminados, mas sem nada conhecerem a respeito dos saberes desses povos, da sua medicina, das suas artes, da sua espiritualidade. Como, aliás, ocorre ainda hoje.

Outro aspecto complicado é a sutil justificativa apresentada para o processo da colonização, pelo qual os europeus teriam trazido aos povos originários “a semente de uma vida nova”. Sob esse olhar, a colonização e o extermínio das populações indígenas deixam de ser entendidos como um meio brutal de se ampliar os campos de exploração de riquezas, atribuindo-se a esse movimento um sentido espiritual de “impulso ao progresso”. O mesmo se dá com os “gloriosos feitos” militares, como a Guerra do Paraguai, da qual o Brasil teria saído “sem exigir um vintém” pela sua vitória. Essa informação não procede; o Brasil exigiu, sim, uma indenização, que só foi anulada em 1943.¹¹⁴

Consultado em 1985 a respeito dessa obra, Divaldo Franco a teria classificado como uma ficção literária do espírito Humberto de Campos. Segundo Gélío Lacerda, em uma entrevista ao jornal *Bahia Espírita* Divaldo teria ponderado que “os espíritos não têm pátria, sua pátria é o universo; que não podemos repetir os erros dos judeus, de uma pátria escolhida por Deus.” Ele teria sido ainda mais específico em uma entrevista ao jornal *Goiás Espírita*:

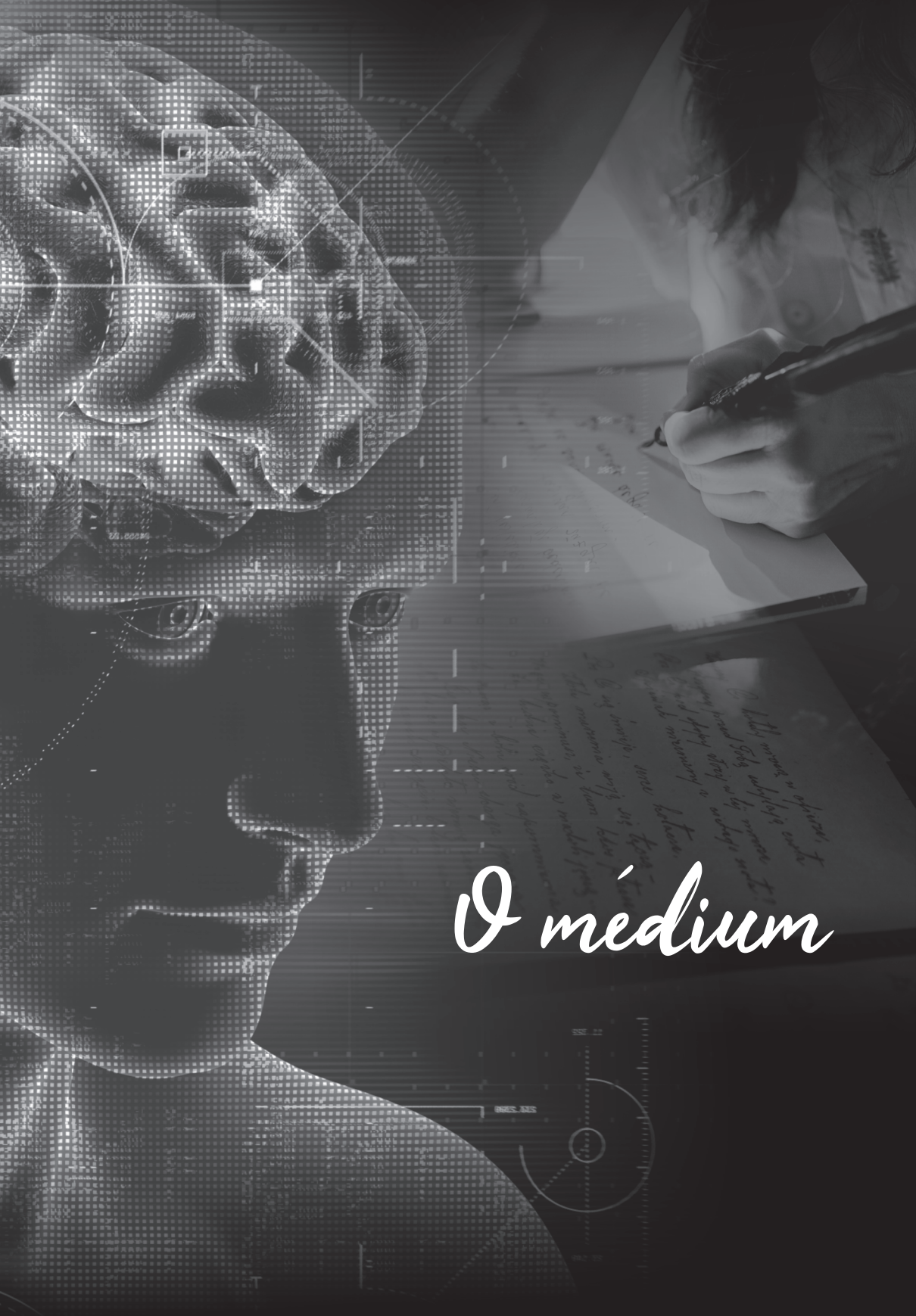
GE – A doutrina espírita apresenta o Brasil como sendo a “Pátria do Evangelho”. Contudo, o que se vê é o índice crescente de marginalidade e criminalidade. Não existe aí um contrassenso?

Divaldo – A expressão “Pátria do Evangelho” não é da Doutrina Espírita. Está inserta numa obra de Humberto de Campos e trata-se de uma colocação emocional do literato que ama a sua pátria.¹¹⁵

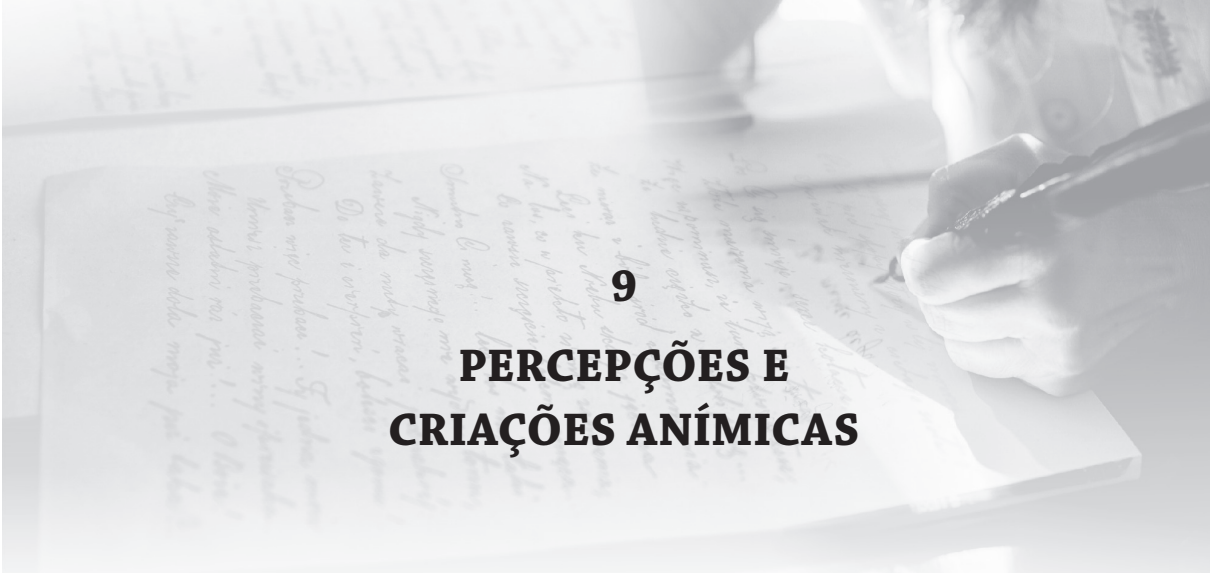
O mais grave no caso do livro *Brasil Coração do Mundo* é que, apesar de todos esses aspectos questionáveis, tanto do ponto de vista da historicidade quanto do ponto de vista doutrinário, a FEB o inseriu no seu estatuto, no art. 63, como obra de referência do Espiritismo, que passou a ser dirigido não mais pela coletividade dos espíritas a partir da racionalidade científica, em conformidade com o projeto de 1868 de Allan Kardec, mas de maneira totalmente religiosa, por seu “guia espiritual”, que seria um “anjo” chamado Ismael.

114. Vide o Decreto-lei nº 5458 de 05/05/1943 pelo qual o governo brasileiro “declara inexistente a dívida de guerra do Paraguai para com o Brasil”.

115. Silva, Gélío Lacerda da. *Conscientização Espírita*, pag. 93. Ed. Opinião Espírita, Capivari/SP, 1995.



O médium



9

PERCEPÇÕES E CRIAÇÕES ANÍMICAS

Alguns estudiosos do século XIX argumentavam que os fenômenos mediúnicos nada mais eram do que uma manifestação da mente do médium ou, quando muito, um “reflexo” da mente das pessoas presentes, uma vez que eles, na sua maioria, apenas apresentavam dados que já eram do conhecimento das pessoas ali reunidas. Como essas teorias não eram capazes de explicar todos os casos, Kardec as rejeita e, ao escrever *O Livro dos Médiuns*, ele dedica um capítulo à análise do “papel do médium nas comunicações espíritas”, sobretudo à “influência pessoal do Espírito do médium”.¹¹⁶ Nesse sentido ele indaga ao espírito:

2ª - As comunicações escritas ou verbais também podem emanar do próprio Espírito encarnado no médium?

“A alma do médium pode comunicar-se, como a de qualquer outro. Se goza de certo grau de liberdade, recobra suas qualidades de Espírito.

a) Não parece que esta explicação confirma a opinião dos que entendem que todas as comunicações provêm do Espírito do médium e não de Espírito estranho?

“Os que assim pensam só erram em darem caráter absoluto à opinião que sustentam, porquanto é fora de dúvida que o Espírito do médium pode agir por si mesmo. Isso, porém, não é razão para que outros não atuem igualmente, por seu intermédio.”¹¹⁷

O diálogo é extenso e muito rico, e merece ser estudado à parte, o que ficará por conta do leitor. Dele, Kardec deduz que o médium atua como uma espécie de “intérprete” do espírito comunicante, podendo se constituir em

116. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, itens 43 e 44 pág. 60-63, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

117. Idem, *ibidem*, item 223, pág. 278.

“mau intérprete” se lhes altera as respostas ou as assimila “às suas próprias ideias e aos seus pendores”. O bom médium, como ele compreende, seria o que menos interfere nas ideias que o espírito deseja apresentar.

Isso era claro no que se refere aos médiuns intuitivos, mas não aos “médiuns mecânicos”, onde parecia ser impossível a interferência do médium. O espírito lhe corrige o pensamento afirmando que a mente do médium interfere até mesmo nos fenômenos obtidos mediante o uso de mesas, porquanto “é o espírito do médium que recebe, a seu mau grado, o pensamento e o transmite, sucessivamente, com o auxílio de diversos intermediários”.

10ª Dessas explicações resulta, ao que parece, que o Espírito do médium nunca é completamente passivo?

“É passivo, quando não mistura suas próprias ideias com as do Espírito que se comunica, mas nunca é inteiramente nulo. Seu concurso é sempre indispensável, como o de um intermediário, embora se trate dos que chamais médiuns mecânicos.”

Naquela época estavam no início as pesquisas a respeito do que hoje é chamado de animismo, que se refere à manifestação dos conteúdos pessoais do médium em estado de transe mediúnico, com ou sem a presença de um espírito comunicante. É por isso que em nenhum dos seus textos Kardec faz uso das expressões “anímico” ou “animismo” com os sentidos que lhes são atribuídos atualmente.

Diante de respostas que não faziam sentido a explicação mais evidente era a mistificação, ou seja, admitir que um espírito estivesse se fazendo passar por outro ao responder a uma evocação. “Evoca um rochedo e ele te responderá”; alertavam os espíritos. Foi isso o que Kardec deduziu ao analisar a evocação do personagem mitológico Tartufo:

Pela mesma razão, se se evocar um mito, ou uma personagem alegórica, ela responderá, isto é, responderão por ela, e o Espírito que, como sendo ela, se apresentar, lhe tomará o caráter e as maneiras. Alguém teve um dia a ideia de evocar *Tartufo* e *Tartufo* veio logo. Mais ainda: falou de Orgon, de Elmira, de Dâmide e de Valéria, de quem deu notícias. Quanto a si próprio, imitou o hipócrita com tanta arte, que se diria o próprio Tartufo, se este houvera existido.¹¹⁸

Algum comentário de Kardec sobre a questão anímica só aparece nas suas *Obras Póstumas*. Trata-se de uma anotação em uma carta recebida

118. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 283 pag. 383, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

de um leitor na qual consta um registro: “04/02/1867”. A carta é um extenso e bem fundamentado artigo cuja autoria não é informada. Nela o autor procura demonstrar que nas comunicações mediúnicas existe uma parte que só se explica por uma “força inteligente”, o espírito, e outra que se deve ao “organismo”, ou seja, a contribuição pessoal do médium.

Kardec deve ter preparado esse material para publicação futura na *Revista Espírita*, porque, em seu extenso comentário, ele valida inteiramente o conteúdo pela sua semelhança com os princípios espíritas, e retoma a questão que ele entende central: “nos fenômenos espíritas ou sonambúlicos, qual o limite onde cessa a ação própria da alma e começa a dos Espíritos?” Ele mesmo responde: “diremos que semelhante limite não existe, ou, melhor, que nada tem de absoluto.” E conclui ponderando:

É por vezes muito difícil distinguir, num dado efeito, o que provém diretamente da alma do médium do que promana de uma causa estranha, porque com frequência as duas ações se confundem e convalidam. É assim que (...) a inspiração poética ou artística pode ter dupla origem. Mas, do fato de ser difícil fazer-se uma distinção como essa não se segue seja ela impossível. Não raro, a dualidade é evidente e, em todos os casos, quase sempre ressalta de atenta observação.¹¹⁹

As bases estavam lançadas; cabia aos futuros pesquisadores ampliar observações nesse sentido.

O fenômeno anímico

Ampliando as pesquisas em torno dos fenômenos mediúnicos Gabriel Delanne observou que, mais do que se imaginava a princípio, os conteúdos podem mesmo provir da mente do médium sem que ele tenha consciência disso. Recorrendo à hipnose, à sugestão mental e à autossugestão, os pesquisadores criavam e desenvolviam personagens fictícios com o médium sob hipnose. Em um momento seguinte, ou mesmo dias depois, eles evocavam esses personagens e observavam que o médium os manifestava inteiramente, com todas as suas características, como se fosse um espírito se comunicando.

As experiências realizadas deixavam claro que a mente do médium, quando em transe mediúnico, era capaz de acessar conteúdos arquivados na sua memória, ainda que de maneira inconsciente, não intencional,

119. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 92. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1993.

sendo difícil afirmar o que poderia ser de origem espiritual e o que poderia ser originado da sua própria mente.

Gabriel Delanne cita depoimento de Stainton Moses, um médium mecânico, que diz:

Não me sinto embaraçado ao admitir que meu próprio espírito era utilizado, e que o que era ditado podia depender, quanto à forma, das faculdades mentais do médium. Pelo que sei, sempre se pode encontrar indícios de particularidades do médium nas comunicações assim obtidas. E não pode mesmo ser de outra forma.¹²⁰

Pesquisas realizadas por Charles Richet (1850-1935) e Albert de Rochas (1837-1914) deixaram claro que nem mesmo a mudança de caligrafia é um indício confiável de que se trata de um espírito comunicante. Mediante experimentos baseados em hipnose, tanto Richet quanto de Rochas provaram que muitas dessas alterações são simples resultado da mudança do perfil psicológico atribuído ao novo personagem, que o médium passa a representar em cada situação, portanto, sem a presença de qualquer espírito que não ele próprio.

Tome-se um jovem estudante de medicina, sr. X., com 19 anos de idade e absolutamente leigo em grafologia. Tem-se sua letra normal. Sugere-se sucessivamente a X. que ele é um camponês esperto e astuto, depois, Harpagnon, e, finalmente, um homem extremamente velho, e se lhe põe uma caneta na mão. Ao mesmo tempo, veem-se os traços da sua fisionomia modificar-se, pondo-se em harmonia com a ideia do personagem sugerido.¹²¹

Pela simples mudança de caligrafia não se pode afirmar, portanto, que se têm ali um espírito diferente. Mas isso não invalida a possibilidade da comunicação de espíritos, apenas significa que pode dar-se também sem nenhum espírito presente. Ao final de suas pesquisas a respeito da mediunidade Delanne pondera:

A conclusão prática a ser tirada dessas observações é que devemos recusar como comunicações do além os textos que contenham somente informações que poderiam encontrar-se na consciência do escrevente, mesmo que no momento ele ignore o que sua mão escreve, e que não se recorde de ter tomado conhecimento dos detalhes que

120. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 40. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010

121. Idem, *ibidem*, pag. 518.

são dados. Para muitos espíritas, esse poderá parecer um critério absoluto demais, mas eles não devem esquecer que o método científico tem regras imutáveis a que todos devemos submeter-nos. Há princípios metodológicos que não podemos transgredir impunemente sem cair no erro.¹²²

Disso ele deduz que muitas das mensagens que Kardec entendia serem produzidas por “espíritos zombeteiros”, “inferiores” ou “pseudosábios” poderiam ser apenas conteúdos psíquicos do próprio médium, mesmo quando produzidos de forma mecânica. “Não nos espantemos, então – escreve ele –, se constatarmos que muitos automatistas (médiuns mecânicos) devem sua capacidade de escrever inconscientemente à crença de que estariam em contato com habitantes do mundo espiritual.”¹²³

É porque temos certeza dos contatos entre o mundo espiritual e o nosso que precisamos distinguir cuidadosamente, na produção dos escreventes, as que emanam do além das que são provenientes do animismo.

É por não seguirmos esse método sensato que fomos invadidos por uma profusão de supostas revelações sobre o pós-morte, que frequentemente são somente o produto das ideias pessoais do escrevente.¹²⁴

Isso não quer dizer que o médium esteja simulando o fenômeno, ou que esteja tentando iludir as pessoas ao seu redor. Não se trata de ação intencional, o que se enquadraria na situação de farsa. O médium realmente se concentra, entra em um estado de transe mais ou menos profundo no qual torna-se capaz de expressar, mesmo em um processo mecânico, suas ideias, sentimentos ou preocupações. Nas palavras de Léon Denis, que havia conhecido o trabalho de Delanne e que se tornou o principal continuador de Kardec, “Nesse caso, com a mais perfeita boa-fé, o médium responde a suas próprias perguntas; exterioriza seus pensamentos ocultos, seus próprios raciocínios, os produtos de uma vida psíquica mais intensa e profunda.”¹²⁵

Um exemplo: na Fraternidade Espírita havia dois médiuns videntes bastante ativos. Era comum o médium JB relatar ter “visto” um animal feroz sobre o médium incorporado, quando de uma presença espiritual perturbadora ou agressiva; uma ave delicada, quando de uma presença

122. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 229. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

123. Idem, *ibidem*, pag. 169.

124. Idem, *ibidem*, pag. 209.

125. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 408, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

espiritual amistosa; diante de um espírito em sofrimento ele poderia perceber um cão amigo ou algo semelhante. Ante a mesma situação a médium LB percebia árvores secas e lamaçais, ou jardins, flores, campos floridos. Cada um percebia os cenários associados às diversas comunicações mediúnicas que aconteciam a partir do seu imaginário.

Em razão disso, Léon Denis alertava, “dois médiuns, ao interpretarem a mesma revelação, não se exprimirão nos mesmos termos nem verão com igual clareza.”¹²⁶

Em 1899 Camille Flammarion, ao referir-se à sua experiência como médium na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, apresentou outra explicação para os textos que ele havia “psicografado”, e cuja autoria havia sido atribuída ao espírito Galileu Galilei.

Naquelas reuniões na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, escrevi, por meu lado, páginas sobre astronomia assinadas “Galileu”. Essas comunicações ficavam no escritório da sociedade, e Allan Kardec publicou-as em 1867, sob o título Uranografia Geral em seu livro intitulado *A Gênese* (do qual conservei um dos primeiros exemplares, com a dedicatória do autor). Essas páginas sobre astronomia nada me ensinaram. Não tardei em concluir que elas eram apenas o eco daquilo que eu sabia e que Galileu nada tinha a ver com aquilo. Era como uma espécie de sonho acordado.¹²⁷

Em seu estudo ele reconhece a existência de inúmeros fenômenos que não deixam margem a dúvidas quanto à sua autenticidade e mesmo à identificação do espírito comunicante, mas admite que esses casos são raros; a maioria não passa de uma criação das mentes dos próprios médiuns.

A memória latente

Os experimentos realizados mediante uso da hipnose demonstram que há muitos conteúdos que são claramente resultantes do que Delanne chama de “memória latente”, também conhecido no meio das pesquisas psíquicas como *criptomnésia*. Um livro lido pode, mais tarde, ter o seu conteúdo reproduzido pelo médium a partir do seu subconsciente, mesmo por meio do fenômeno da escrita mecânica, como se fosse uma ideia original.

126. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 425, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

127. Flammarion, Camille. *As Forças Naturais Desconhecidas*, pag. 44. Trad. Maria Alice F. Antônio, Ed. Conhecimento, Limeira/SP, 2011.

Delanne cita uma experiência conduzida por César Lombroso na qual ele apresenta a um jovem hipnotizado uma linha de um texto em língua alemã. Meia hora depois, ainda sob hipnose, ele lhe pede que escreva a linha que lhe havia sido mostrada. O rapaz, que não conhecia o alemão, reproduziu 57 dos 60 caracteres. Dos vários casos estudados Delanne conclui que “é provável que, nos automatistas propriamente ditos, o conteúdo da memória latente se exteriorize mais facilmente sob a forma de escrita do que sob qualquer outra”. Isso pode explicar muitos dos conteúdos produzidos pelos médiuns psicógrafos. Para Delanne, “a aparência da mediunidade teria sido ainda maior se a lembrança lhe tivesse voltado mais tarde, espontaneamente, em outras circunstâncias, por exemplo, numa sessão espírita.”¹²⁸

Léon Denis analisa essa questão sob a denominação de “teoria da subconsciência”, e admite que ela “contribui para o esclarecimento de grande número de casos psíquicos”. Como seu estudo tem como objetivo demonstrar a autenticidade dos fenômenos, ele apenas argumenta que isso não invalida o conjunto das comunicações mediúnicas, de vez que uma boa parte delas não se explica por essa teoria.¹²⁹ No nosso caso o objetivo é diferente.

Seja como “memória latente”, seja como ação da “subconsciência”, essa possibilidade não pode ser descartada quando se trata de analisar os textos produzidos mediunicamente, inclusive os livros psicografados pelos mais confiáveis médiuns. Antes de atribuí-los a um espírito é preciso considerar se eles não podem ter sido produzidos mediante muitos desses processos inconscientes a que mesmo os mais experientes médiuns estão sujeitos, sem que isso signifique qualquer descrédito em relação às suas pessoas ou ao processo mediúnico.

É curiosa uma descrição que Chico faz do fenômeno da psicografia como percebido por ele em diferentes ocasiões:

Doutras vezes, parecia-me ter em frente um volume imaterial, onde eu as lia e copiava; e, doutras, que alguém mas ditava aos ouvidos, experimentando sempre no braço, ao psicografá-las, a sensação de fluidos elétricos que o envolvessem, acontecendo o mesmo com o cérebro, que se me afigurava invadido por incalculável número de vibrações indefiníveis.¹³⁰

128. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 494. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

129. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 390, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

130. Xavier, Chico. *Parnaso de Além Túmulo*, por espíritos diversos, pág. 33, 10ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

Como se pode concluir, o fenômeno da psicografia – e também o da psicofonia – é extremamente complexo; nele, diversos elementos se misturam, não se podendo nunca afirmar que o resultado final tem como ser uma pura e exclusiva expressão do espírito comunicante.

Interferência ou “participação” do médium?

Um bom exemplo de como se integram a contribuição do médium e do espírito é o livro *História de Joanna d’Arc ditada por ela mesma*, psicografado por Ermance Dufaux. Ao lê-lo, salta aos olhos a riqueza do relato, os detalhes da narrativa, as descrições dos locais, as circunstâncias históricas, de tal modo que não faz sentido atribuir tudo à garota Ermance, aos seus 14 anos. Mas não há como negar que as expressões, o estilo da narrativa e até as emoções presentes no texto refletem muito do modo como ela, uma filha legítima da sociedade francesa do século XIX, concebe o mundo e a vida, ainda que sob a inspiração de Joana d’Arc, que viveu no século XV.

Se, por um lado, o livro é muito mais do que poderia produzir em prazo tão curto uma moça tão jovem, por melhor educada que ela tenha sido, por outro, ele é bem menos do que se deve esperar de um espírito à altura da imagem que se construiu em torno da personagem Joana d’Arc. Sobram qualidades, quando se pensa na menina médium; faltam visão política, profundidade, visão das implicações sociais e até mesmo uma perspectiva mais espiritual, quando se pensa no espírito autor. Sobretudo quando se leva em conta que a escrita se deu 400 anos depois dos fatos ocorridos, quando, segundo as teorias espíritas atualmente vigentes, Joana d’Arc já deveria estar muito mais consciente da sua condição espiritual.

Por exemplo, como compreender o fato de Joana, após 400 anos, valorizar o fato de ter quebrado sua espada nas costas das “mulheres de má vida” que entraram no campo onde estavam acampados os soldados franceses? Esse mesmo comportamento comparece duas vezes ao longo da sua narrativa, em ocasiões diferentes. Ao narrar o seu julgamento ela se justifica: “elas eram dignas desse castigo”, e compara o seu ato à “perseguição” feita por Jesus, mediante açoites, aos vendedores do templo. Trata-se de um sentimento ainda presente no espírito 400 anos mais tarde ou de um moralismo de Ermance? A quem atribuir as descrições das santas com suas “coroas de ouro, ornamentadas com pedras preciosas”?

E quanto à “cólera Divina” a que o texto se refere? Até que ponto essas visões podem ser decorrentes do imaginário dentro do qual a menina médium se acha inserida?¹³¹

Tomemos outro exemplo. No livro *A Educadora Émile Collignon* constam diversos textos psicografados por ela. Um deles vem assinado por Magdeleine, ou Maria de Madalena, a seguidora de Jesus, que teria sido “reabilitada ao céu por seu arrependimento”, traduzindo a visão católica que a considerava uma prostituta. Ocorre que essa narrativa tem sido colocada em dúvida pelos historiadores, de vez que nada nos textos sugere que ela fosse uma prostituta. Ao contrário, ela é sempre apresentada como uma mulher emancipada, o que jamais seria aceito em uma sociedade machista como a cristã. Surge então a questão: ao psicografar esse texto a médium estava mesmo sob influência do espírito de Magdeleine ou ela expressava o personagem que se imaginava na época ter sido Magdeleine?

O mesmo com relação a Fénelon, Marguerite e outros que *Émile Collignon* afirma ter psicografado. Que elementos de confirmação podem nos assegurar que qualquer um desses supostos autores, ou até mesmo o seu mentor Joseph, sejam mesmo um espírito e não um personagem imaginário por ela criado?¹³²

O pesquisador espírita Hermínio Miranda alerta que não podemos nos deixar iludir pela “enganosa simplicidade” do fenômeno. A influência da mente do médium faz parte do processo, razão pela qual deve ser sempre considerada, independente do médium de quem os espíritos se sirvam para as suas comunicações com o mundo material.

Devo acrescentar logo que, no meu entender, o exercício da mediunidade exige esse componente anímico ou, em outras palavras, ainda que aparentemente mais radical: não há mediunidade sem animismo, dado que a comunicação tem de fluir através do espírito encarnado, que a Doutrina dos Espíritos define como alma (*anima*). Bom médium não é aquele que exclui totalmente a sua contribuição anímica, o que seria impraticável pela própria essência do fenômeno, mas aquele que reduz a um mínimo possível a sua interferência ou participação intelectual no processo, tanto quanto no produto final, que é a comunicação filtrada pela sua sensibilidade.¹³³

131. Dufaux, Ermance. *História de Joana d’Arc: ditada por ela mesma*, pag. 53, 77 e 136. Trad. Denise Villas Boas, ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2003.

132. Martins, Jorge D. Barros, Stenio M. Org. *A Educadora Émile Collignon: Grande Médium da Codificação Espírita*. 3ª parte. CRBBM, Rio de Janeiro/RJ, 2010.

133. Miranda, Hermínio C. *Swedenborg – Uma análise crítica*, pág. 10. Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 1991.

Ao lidar com informações produzidas pela via mediúnica, é necessário considerar que estamos diante de um conhecimento produzido a duas mentes, a do espírito e a do médium, sem que seja possível estabelecer quanto de um e quanto do outro. Esta é a razão pela qual em diversas situações o fenômeno está sendo tratado neste livro como “medianímico”.

A atuação inconsciente do médium

Percebe-se, tanto no meio espírita quanto entre os seus críticos, um rigor inapropriado com relação aos fenômenos anímicos, resultado da compreensão equivocada da sua natureza: se não for possível provar que tudo provém de um espírito, então o fenômeno é falso. Mas o fato de o fenômeno apresentar uma participação expressiva do médium é suficiente para considerá-lo como fraude?

Mesmo nos chamados fenômenos de efeitos físicos, William Crookes relata ter observado “muitos casos tendentes a demonstrar a influência da inteligência e da vontade da médium nos fenômenos”. Houve pesquisadores que deram por conclusiva a sua opinião preestabelecida em favor da hipótese da fraude por terem, por exemplo, agarrado a figura materializada e terem descoberto tratar-se da própria médium, no caso a jovem Florence Cook. Analisando depois a ocorrência, Connan Doyle atribui aos assistentes, e não à médium, a causa do insucesso; como a médium estava livre, ela pode ter se deslocado de um para o outro ambiente em estado de transe profundo, ou semiconsciente, ou mesmo consciente, na intenção de corresponder à expectativa em torno do fenômeno. Nem por isso o fenômeno deixava de ser real; apenas havia se dado de modo diferente do esperado.

No caso em referência, entretanto, todos os assistentes disseram que a figura materializada estava de branco, enquanto a Sra. Comer, ao ser agarrada, nada usava nesta cor. Um investigador experiente provavelmente teria concluído que, de fato, não ocorrera materialização e sim transfiguração, significando isto que o ectoplasma, sendo insuficiente para criar uma figura completa, foi usado para revestir a médium.¹³⁴

Connan Doyle comenta que Wiliam Crookes observou que isso não ocorria de modo consciente ou desonesto, ao contrário, essa participação,

134. Doyle, Arthur C. *História do Espiritualismo*, cap. 11 pag. 212. Trad. José Carlos S Silveira. FEB, Brasília/DF, 2013.

mesmo intencional, fazia parte do processo mediúnico. Assim, também um texto psicografado pode envolver inúmeros elementos que fogem ao controle tanto do médium quanto dos participantes de uma sessão habitual. Os experimentos demonstram que um médium pode acessar, mediante seus próprios recursos anímicos, conteúdos que estão até mesmo fora do ambiente onde ele se encontra.

Delanne relata uma pesquisa realizada por William Crookes com uma senhora que escrevia automaticamente (psicografia) mediante o uso de uma prancheta. Durante o transe essa mulher foi capaz de identificar uma palavra que estava escrita em uma página de jornal colocada em outra mesa, totalmente inacessível a ela; e mais, coberta pelo dedo de Crookes que sequer havia lido essa palavra antes do experimento. William Crookes concluiu que um espírito Iha havia revelado, mas Delanne discorda dessa conclusão: “É bem possível, mas não temos certeza disso, já que podemos atribuir o fato a uma faculdade de clarividência da médium, e devemos dar preferência aos fatos humanos antes de fazer o além intervir.”¹³⁵

Do alto da sua rica experiência, Chico Xavier relata um caso pessoal que ele mesmo classifica como uma “mistificação” consciente, feita por ele mesmo, sem nenhuma intenção de enganar a quem quer que fosse:

Lembro-me de que, certa vez, a máquina aguardava a composição de minha crônica sobre a memória de Camões, mas nesse dia, a paixão do verso empolgava-me o coração de brasileiro. Recordando o esplendor e a medida da maior figura da língua portuguesa, não resisti à inspiração do poema que saiu da minha alma, em rimas espontâneas, ao ritmo das lembranças profundas da subconsciência. Precisava, porém, escrever a crônica. Mas, sem tempo e sem oportunidade, enganei a máquina de escrever, tentando mistificar o próprio coração. Transformei os versos em prosa para não escandalizar os consumidores, e a crônica rimada aí ficou nos meus livros, sem que os editores procurassem desvalorizar a minha humilde produção.¹³⁶

Sob um olhar mais amplo em torno do fenômeno da psicografia, isso não desqualifica o texto, que traz em si as qualidades que são percebidas na extensa obra de Chico Xavier. Apenas fica em aberto a questão da autoria puramente espiritual, que não tem mais como ser percebida de maneira tão singela como estamos acostumados a crer.

135. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 247. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

136. Xavier, Francisco C. *Lira Imortal*, na apresentação do livro, por espíritos diversos. 3ª ed. LAKE, São Paulo/SP, 1983.

A crença do médium em relação às suas percepções

Em suas pesquisas, Gabriel Delanne constatou que há estados alterados de consciência nos quais a pessoa se recorda de detalhes os mais insignificantes de sua vida pregressa. Um jovem açougueiro, em transe, era capaz de recitar trechos inteiros de uma peça teatral que ele havia visto uma única vez. Isso levanta a possibilidade de que, em muitos textos, cuja autoria tem sido atribuída aos espíritos, possa haver elementos da mente do médium, de antigas leituras, de casos registrados no passado, e que ressurgem durante o processo da psicografia, quando o médium se encontra em um transe anímico.

São essas espécies de lembranças, tão completamente saídas da memória, que parecem desconhecidas, que dão ao automatista a falsa crença numa intervenção do além, quando ele as encontra relatadas e assinadas por um amigo ou parente morto, principalmente se é somente depois de consideráveis esforços que ele se lembra, ou se precisa do testemunho de seus familiares para afirmar-lhe que os fatos são exatamente como a mensagem relata. Contudo, deve-se ver aí somente um fenômeno de memória subconsciente, desde que outras particularidades não tenham demonstrado a intervenção dos espíritos, já que constatamos de que maravilhoso poder de renovação memorial a alma humana é dotada.¹³⁷

Por outro lado, o fenômeno é sempre muito intenso para o médium, o que o leva a acreditar piamente nas impressões que experimenta. As visões, os dizeres, os textos que brotam da sua escrita, às vezes de maneira automática, assumem tamanho vigor ante as suas percepções que não há como ele admitir que possam se originar, seja qual for a explicação, da sua própria mente.

Chico Xavier, de maneira absolutamente honesta, contribuiu muito para a constituição do imaginário segundo o qual tudo o que o médium psicografa provém dos espíritos. Em diversas ocasiões ele recusava qualquer relação com a autoria dos livros que psicografava. Em uma entrevista ele diz claramente que “esses livros nunca me pertenceram; eles pertencem àqueles que os ditam ou os escrevem através de minhas mãos”.

A certeza quanto à origem espiritual dos conteúdos psicografados está presente nas falas de praticamente todos os médiuns; raros admitem a sua participação na elaboração das ideias. Disso Delanne conclui que “é difícil fazer com que alguém que sente sua mão obedecer a uma força

137. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 190. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

contrária à sua vontade compreenda que, apesar disso, o autor do movimento é ele mesmo.”¹³⁸

Quando Kardec admite que um texto atribuído a Platão, Sócrates ou Erasto possa ser mesmo de sua autoria espiritual ele o faz por admitir essa possibilidade, e não porque existam elementos que comprovem essa autoria. Quando um médium da Sociedade Espírita psicografa uma mensagem e assina o nome Jesus ele admite que Jesus possa ser o autor em virtude da linguagem e de algumas semelhanças nos termos utilizados, ou nas próprias ideias, mas ele reconhece não haver como afirmar categoricamente que seja Jesus o seu autor.¹³⁹

Também Emanuel Swedenborg tinha absoluta certeza de que o espírito que lhe apareceu e lhe anunciou sua missão era o próprio Jesus. Pode ter sido apenas uma elaboração mental da sua parte? Comunicando-se na época de Kardec por um médium da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ele rememora os fatos de quando ainda estava vivendo sua experiência na condição de encarnado, e admite que, no fenômeno mediúnico, o pensamento do espírito e a sua imaginação pessoal se misturavam durante o transe:

Quando eu estava em silêncio e em recolhimento, meu Espírito ficava como que deslumbrado, em êxtase, e eu via claramente uma imagem à minha frente, que me falava e ditava o que eu deveria escrever; Por vezes minha imaginação se misturava a isso.¹⁴⁰

Ele compreende que o espírito que o orientava se enganou em relação a algumas questões, não por maldade, mas por não ser “suficientemente esclarecido”, ou movido pela vontade de tentar convencê-lo. Ele admite até mesmo que a sua imaginação influenciava o espírito que se comunicava com ele quando afirma: “agora percebo que as ilusões do meu próprio Espírito e de minha inteligência o influenciavam, mau grado seu”.

Um médium católico, o leigo Pedro Siqueira, que afirma transmitir aos fiéis recados de santos, anjos e da própria Nossa Senhora, faz questão de enfatizar que nada do que é vertido por meio dele lhe pertence. Estudando seu caso o pesquisador Arlindo Rocha observou que “em muitas entrevistas ele tem tentado mostrar que tudo o que ele fala vem do mundo espiritual e que ele não tem interferência nas mensagens”.¹⁴¹

138. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre a mediunidade*, pag.132. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

139. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, pág. 483, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

140. Idem. *Revista Espírita*, nov/1869, pag. 339. Trad. Júlio Abreu Filho, Edicel, São Paulo/SP, 1968.

141. Rocha, Arlindo N. *Pedro Siqueira: o escolhido para falar com santos, anjos e Nossa Senhora*, pag. 70. *Rev. Diversidade Religiosa*, v. 6 n° 2 pag.54-80. João Pessoa/PB, 2016.

Não é o que pensa Arthur Chioro, médico sanitário e pesquisador espírita.

Estudos recentes, todavia, indicam que o grau de interferência do médium no teor de uma comunicação independe do estado de profundidade do transe, podendo estar mais diretamente relacionado à justaposição entre o médium e o espírito comunicante durante a comunicação. Trata-se de uma situação peculiar e característica da mediunidade: a interferência do médium é parte natural e constitutiva do processo de comunicação mediúnica, ou seja, não há uma comunicação que possa ser considerada “pura” ou destituída de algum grau – maior ou menor – de participação do médium.¹⁴²

Disso resulta um paradoxo, que ele aponta:

Quanto mais conhecimento possui o médium sobre o tema objeto da comunicação mediúnica, maior o seu potencial para que sirva como instrumento de transmissão das ideias e pensamentos do espírito comunicante. Por outro lado, sempre será mais difícil comprovar a autenticidade e originalidade desta comunicação. Trata-se de algo que aqueles que lidam cotidianamente com a mediunidade logo reconhecem, e do que não se pode escapar.¹⁴³

O jornalista Marcel Souto Maior observou que, em algumas sessões de psicografia de cartas consoladoras, ocorre uma entrevista prévia onde os familiares são orientados a contar tudo para o médium sob o pretexto de facilitar a sintonia.¹⁴⁴ Ocorre que, depois, isto se transforma em motivo para decepção quando na carta ou na mensagem recebida os dados identificadores são aqueles mesmos que eles informaram na entrevista inicial.

Os defensores desse método argumentam que é impossível o médium se lembrar, em seguida, de tantos dados, de quais os nomes se relacionam a tais outros. De fato, sob condições normais isso seria muito difícil. Mas seria isso impossível em uma situação de estado hipnótico? E quando o médium se concentra, ele não pode entrar em um processo mental semelhante ao estado hipnótico, uma espécie de transe autoinduzido?

Desnecessário dizer que, diante de tudo o que já foi exposto, esse procedimento jamais seria aprovado por Delanne ou qualquer outro pesquisador mais sério. Se no domínio da religião isso pode ser aceito sob algum tipo de justificativa, nos domínios da ciência não há como abrir mão de um maior rigor metodológico.

142. Reis, Ademar A C. e Blas, Yolanda C. *Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos*, pag. 37. CPDoc, São Paulo/SP, 2021.

143. Idem, *ibidem*, pag. 68.

144. Maior, Marcel S. *Por trás do véu de Ísis*, pag. 152. Ed. Planeta, São Paulo/SP, 2004.



10

DE VOLTA ÀS TEORIAS DO “REFLEXO” E DA “ALMA COLETIVA”?

As comunicações obtidas por Victor Hugo nas sessões da Ilha de Jersey, de que tratamos no capítulo 3, apresentam características únicas, que não são observadas, por exemplo, nas sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos. Com Victor Hugo se comunicaram inicialmente personagens de algum modo relacionados à Revolução Francesa, e depois escritores, sobretudo poetas. Com Kardec já dialogavam filósofos, sacerdotes católicos e personagens do cotidiano, tendo como pano de fundo a moral cristã. Em cada grupo os diálogos traduzem a visão de mundo, os argumentos e o estilo do seu líder.

É assim que, com Victor Hugo, quatrocentos anos depois, Shakespeare faz novamente poesia e diz, a respeito de seus encontros após sua morte:

...no infinito, estamos sentados pensativos diante da luz do Eterno. Jesus está de joelhos. A luz nos ilumina e ofusca. A vida nos arrebatava e transborda. Se tu visses todos esses profetas, todos esses magos, todos esses poetas e todos esses gênios, sentados em círculo ao redor de Deus, tu não me perguntarias se eu creio. Não, eu olho; não, eu escuto; não, sou um átomo atento diante da imensidão.¹⁴⁵

A linguagem adotada é toda poética. Em Victor Hugo os espíritos chegam a desafiar a criatividade do grupo exigindo deles perguntas sob a forma de versos e lhes respondendo quase sempre sob a forma de versos. Seus textos discursivos exalam poesia. Em Kardec, de modo totalmente diferente, prevalece o raciocínio filosófico; mesmo os espíritos lhe respondem mediante essa linguagem.

145. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 165. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

Sobre a participação do médium nas comunicações, o editor de *O Livro das Mesas*, Patrice Boivin, destacou em uma nota de rodapé o curioso fato de que, nas sessões realizadas sob patrocínio de Victor Hugo, “os versos mais bonitos são quase sempre ditados quando a Sra. Hugo e Charles conduzem a mesa”. Em uma das atas consta uma anotação:

A sra. Victor Hugo censura Auguste Vacquerie por registrar silenciosamente, sem aplaudir, sem ajudar a Mesa com palavras simpáticas. Quando Victor Hugo está presente, ele se entusiasma por cada detalhe e seu entusiasmo se acrescenta à verve da Mesa.”¹⁴⁶

O fenômeno responde aos sentimentos dos presentes e dos médiuns que os manifestam, e esse sentimento interfere no conteúdo das comunicações. Foi isso o que levou os céticos a defenderem que o fenômeno apenas traduzia o pensamento dos presentes, sem que fosse necessária a presença de nenhuma inteligência externa, ou de espíritos.

Seria essa a explicação para o fato de que em Chico Xavier, tudo converge no sentido da religião? Emmanuel coloca a religião como sendo o vértice superior de um triângulo que tem na sua base, de um lado a Filosofia e do outro a Ciência. Para eles a Religião está acima de ambas, diferente de Kardec, que via religião e ciência como complementares.

Herculano Pires já havia atentado para essa influência do meio ao afirmar que

Todos os que estudam Espiritismo sabem que a influência do meio, estudada em *O Livro dos Médiuns*, de Kardec, pode determinar – e geralmente determina – graves interferências na comunicação mediúnica. Crença e meio influem nos processos de recepção.¹⁴⁷

Seria o caso de avaliar se isso deve ser considerado como uma “grave interferência”, como entende Herculano Pires, ou se não é apenas uma característica do fenômeno mediúnico, e que deve ser levada em conta quando se analisam os conteúdos obtidos por meio da psicografia.

O fato concreto é que essa questão gera controvérsias desde o início das pesquisas espíritas. Léon Denis critica Camille Flammarion que, analisando os experimentos da Ilha de Jersey, teria concluído por “uma ação inconsciente do Espírito Victor Hugo, de um ou de alguns dos assistentes – ou a presença de um Espírito independente.” Ele considera essa

146. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 260 e 288. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

147. Pires, J Herculano e Abreu Filho, Júlio. *O Verbo e a Carne: duas análises do roustanguismo*, pag. 62. Ed. Paideia, 1973.

conclusão como uma “hesitação” da parte de Flammarion, e defende uma segunda opção: “Que admira que um Espírito de grande elevação, como parece o interlocutor de Victor Hugo, tenha querido falar ao poeta em sua própria linguagem?”¹⁴⁸

Do mesmo modo pode-se indagar hoje: por que não poderia dar-se que ocorressem todos esses fenômenos ao mesmo tempo; ou seja, tanto a mente de Victor Hugo quanto a dos presentes e até de alguns espíritos interessados participando ativamente daquele processo?

A teoria do reflexo ressuscitada?

Ao escrever *O Livro dos Médiuns* Kardec entende que os experimentos realizados “condenavam” a teoria do reflexo, que afirmava que as comunicações provinham da mente do médium ou das pessoas presentes. “Mas, que prova isso, senão que estes podem pensar como a inteligência que se comunica?”¹⁴⁹

Diante de uma coleção mais ampla de casos a análise pode revelar novos aspectos que merecem ser novamente considerados.

Os documentos do Museu de Victor Hugo apresentam um caso ilustrativo da complexidade que envolve o fenômeno da psicografia. Num conjunto inexplorado de doze folhas, “escritas a lápis por Paul Meurice” consta uma anotação a respeito da “similitude do pensamento das Mesas e o pensamento de Victor Hugo. Victor Hugo faz três versos idênticos aos da Mesa ao mesmo tempo que a Mesa.” Teria a “Mesa” lido a mente criativa de Victor Hugo enquanto ele criava esses versos? Como explicar que o ato criativo de Victor Hugo estivesse sendo repercutido no fenômeno?¹⁵⁰

Naquele momento a mesinha estava sendo conduzida por duas pessoas, mediante o processo das pancadas e movimentos que indicavam as letras, o que torna tudo ainda mais complexo. E mais: “A Mesa recita dois versos inéditos de Victor Hugo.” Esses dois versos estavam muito bem guardados e ninguém tinha deles conhecimento. Qual o processo mediante o qual foi possível o acesso a essas informações que não estavam disponíveis no ambiente?¹⁵¹ A explicação mais óbvia é que isto seria

148. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 225 e 389, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

149. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 43 pag.60. ed.80ª FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

150. Victor Hugo escreve a palavra Mesa com “m” maiúscula atribuindo a ela um sentido de entidade, e não de simples objeto. Na sequência se pode observar que os espíritos que se comunicam também adotam comportamento semelhante. Eles se apresentam por nomes como Drama, Prece, Tragédia, entre outros.

151. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas - As sessões espíritas da ilha de Jersey*. NF 113 pag. 600. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

devido à atuação de um espírito, mas Victor Hugo não se convenceu disso. Seria o caso de proceder novos testes para verificar se isso não estaria associado a alguma forma de atuação da mente dos médiuns que seguravam a mesa ou mesmo de outras pessoas presentes?

A respeito de um drama que eles estavam escrevendo, de autoria dos espíritos, Victor Hugo havia anotado nos seus cadernos que

A analogia entre o início dessa cena e a ideia de uma coisa feita por mim em 23 de novembro de 1853, intitulada Duas vozes no céu estrelado – Zênite e Nadir, me obriga a me abster, e lamento isso profundamente, de toda e qualquer participação no trabalho da Mesa durante esse drama. E exclusivamente no caso desse drama. Observo que a analogia está (somente no início, escrevo-a ignorando a continuação) na ideia e em alguns detalhes. V.H. 20 de abril de 1854.¹⁵²

Isso não passou despercebido a Patrice Boivin. Na ata do dia 28/05/1854 consta que eles iniciaram a sessão às 14h, e quem se apresentou foi o espírito que se autodenominava Drama; eles trabalharam até 7h45 da noite, fizeram uma pausa e retomaram às “9h30”, ou 21h30. Quando indagaram da identidade do espírito ele respondeu: Shakespeare. Como assim? Então não era o Drama? Vacquerie lhe perguntou se ele veio dar continuidade à elaboração do drama que estão escrevendo em grupo e ele respondeu: “Meu drama”.

Isso incomoda Vacquerie, que lhe indaga a respeito dessa mistura de identidades, e obtém como resposta: “O drama sou eu, é Molière, é Ésquilo, é Cervantes.” Patrice Boivin acrescenta em nota no final do livro que o drama “é Hugo também”, porque desde muito antes o estilo adotado naquele drama estava presente na obra de Victor Hugo. No drama que eles estão compondo a porta dialoga com a chave e ambas com a alcova, com a cama do rei Luís XV e com o teto do quarto. Os pregos do caixão assumem vida e falam sobre a morte de Luís XV. Esse tipo de narrativa já estava presente em várias obras de Victor Hugo, onde ele já “fizera dialogar uma espada, uma lima, um marco de caminho, um túmulo, o vento, a justiça, animais, um navio”.¹⁵³

Comentando as experiências de Victor Hugo com as mesas, um poeta anônimo que se apresenta pelo nome Artur, e que posta seus comentários nas redes sociais como Ian Maclean, comentou em um *post* a respeito do *Livro das Mesas*:

152. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 293. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

153. Idem, ibidem, NF 140 pag. 611.

Há um mistério completamente poético nessa experiência de Hugo e sua família com as Mesas. Como assíduo leitor de V.H, reconheço o estilo do poeta nas mensagens, mas tão somente isso: o estilo. Não raro, inclusive, a Mesa leva a estética hugoana a um novo patamar, como me parece bastante claro nas considerações feitas pela Morte, e nos versos ditados pela Sombra do Sepulcro. O estilo é o mesmo, mas as vozes são múltiplas, e todas elas são diferentes da voz de Hugo. O estilo de um escritor pode ser sempre emulado, mas nunca a sua voz.¹⁵⁴

Seria a explicação baseada na atuação dos espíritos suficiente? Ou seria o caso de indagar se, desse mesmo modo, se as comunicações obtidas por Kardec não apresentariam algo do seu próprio estilo, se as comunicações obtidas por Chico Xavier não conteriam algo do católico mineiro que passou a publicar livros mediúnicos em 1932?

Sem que isso invalide a presença dos espíritos, defendida o tempo todo por Kardec e mais do que comprovada em inúmeras situações.

A cultura funcionando como uma “alma coletiva”

Outra teoria da época, a da “alma coletiva”, também foi refutada por Kardec sem maiores rodeios em razão de sua semelhança com a anterior, “do reflexo”. Conquanto a questão não possa ser tratada na simplicidade proposta por essa teoria, que reduz tudo a uma imaginada “alma do grupo”, há nela alguns aspectos que merecem ser melhor analisados.

Os modernos estudos que relacionam fenômenos anômalos e cultura demonstram que os elementos culturais dos grupos que experienciam os fenômenos mediúnicos estão presentes no conteúdo das comunicações. Não poderia ser essa a explicação para o fato de a reencarnação não fazer parte das comunicações dos espíritos nos EUA e na Inglaterra e estar presente nos textos obtidos na França? Seria por isso que nos terreiros de Umbanda e do Candomblé se manifestam entidades e não espíritos com identidades próprias como ocorre no Espiritismo e que nas igrejas cristãs se manifesta o Espírito Santo? Seria por isso que em outras tradições as pessoas se comunicam de outra maneira com os seus ancestrais?

Atualmente, ainda que muito aquém daquele *boom* experimentado quando da publicação dos livros de Kardec, existe Espiritismo na França. Consultado a esse respeito, o pesquisador espírita francês Charles Kempf

154. Disp. em 22/05/2022 em <http://eulieacheisso.blogspot.com/2019/02/o-livro-das-mesas-por-victor-hugo.html>

esclarece que, em razão dos históricos abusos das religiões naquele país, observa-se hoje uma rejeição a tudo o que pareça religioso. A pouca recepção que existe é apenas aos aspectos filosófico e científico do Espiritismo, mas não ao religioso, o que é bastante comum na maioria dos países europeus. Isso repercute diretamente no modo como ocorrem os fenômenos espíritas naquele país.

Mesmo o Círculo Espírita Allan Kardec, da cidade de Nancy, que adota desde a década de 1970 práticas semelhantes à desobsessão e à “corrente magnética” existentes no Brasil, não é tão religioso quanto ocorre por aqui. O seu *Journal Spirite*, na sua edição de abril de 2022, traz 16 artigos em 60 páginas. Neles o nome de Jesus aparece apenas quatro vezes, e assim mesmo como comentário, sem o significado crístico ou o aspecto devocional a ele atribuído pelo Espiritismo brasileiro.¹⁵⁵

Isto não significa – e não pode significar, como muito bem argumentou Kardec – que não existam espíritos atuando nesses fenômenos, o que foi suficientemente demonstrado por outros experimentos e pelos argumentos do próprio Kardec. Entretanto, a análise dos fenômenos demonstra que, de alguma maneira, os fenômenos mediúnicos que ocorrem em um determinado grupo social estão delimitados por um conjunto de elementos de natureza psíquica e cultural, por valores e crenças que caracterizam aquele grupo.

Disso se depreende que as ideias contidas nos textos psicografados podem ter como origem, isolada ou cumulativamente:

- 1 - A mente do próprio médium, pelos processos conscientes ou “automáticos”, que são parte do que passou a ser compreendido como processos anímicos.
- 2 - A mente de pessoas encarnadas, presentes ou ausentes, pelos processos da telepatia.
- 3 - A mente de um ente espiritual distinto, um espírito desprovido de corpo material.

Se em vários textos mediúnicos é possível identificar claramente uma autoria espiritual, há inúmeros outros que podem ser tão somente o resultado de autossugestão, de um desejo legítimo de oferecer alguma contribuição relevante mediante o exercício de uma “prática mediúnica”. É possível também que a esse desejo se some alguma ajuda espiritual da qual resulte um excelente texto, uma consistente narrativa, um bom romance, em uma situação muito bem definida pelo termo “interautoria.

155. No *Journal Spirite* do Cercle Spirite Allan Kardec de Nancy, na sua versão espanhola, é possível ler artigos que falam de “cadenas” e “cadenas de pensamento”, ou “Entrega”, que é como chamam a “desobsessão”.

Carlos Seth Bastos, em um artigo a respeito da atuação do médium Sr. D'Ambel, observa que ele produziu um rico material assinado pelo espírito Erasto sob a coordenação de Allan Kardec e que, separando-se depois para atuar por sua própria conta no Jornal *L'Avenir*, não obteve os mesmos resultados. Carlos Seth cria um interessante conceito, o de sistema, no caso, um sistema mediúnico, um sistema guia-médium.¹⁵⁶ Sob o enfoque adotado nesse livro, pode-se fazer uso desse mesmo conceito com uma ampliação; esse sistema seria composto pelo médium, pelo espírito e pelo contexto social onde o fenômeno se produz.

Ao longo de todo *O Livro das Mesas* fica evidente que a elaboração é conjunta, combinando elementos psíquicos dos médiuns, dos espíritos e dos assistentes, por mais mecânico que seja o processo. Também em Kardec, quando analisado mais acuradamente, isso fica claro, sobretudo na *Revista Espírita* e em *O Céu e o Inferno*; todas as mensagens apresentam alguma sintonia com as expectativas e com a visão de mundo daquele grupo que se constituía na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ou nos seus correspondentes.

Por que não se daria o mesmo com a produção de médiuns psicógrafos como Chico Xavier, Yvonne Pereira, Divaldo Franco e tantos outros?

156. Disponível em 18/11/2022 em <https://m.facebook.com/variacoessintuitivas/posts/2709602742616061/>



11

A MEDIUNIDADE COMO ESPETÁCULO: DAS PROVAS ÀS FRAUDES

Quando da moda das mesas girantes, uma parte dos fenômenos mediúnicos havia sido convertida em espetáculo, seja para divertimento do público, seja para demonstração da vida além da morte. Médiuns como os irmãos Davenport, nos EUA, Daniel Dunglas Home e Eusábia Paladino, na Europa, atraíam multidões para concorridas sessões públicas realizadas em suntuosos teatros ou para sessões privativas – algumas pagas, outras gratuitas – promovidas por pesquisadores sérios dos fenômenos psíquicos.

Para muitas pessoas, por trás desse aparente espetáculo havia uma ponta de esperança: a de identificar naqueles fenômenos o seu ente querido que havia partido. Foi isso que atraiu Victor Hugo para os fenômenos espíritas, em Jersey, e foi o que tocou o coração de Monteiro Lobato aqui no Brasil. Parece que isso foi marcante também para Kardec, que guardou um relato detalhado do diálogo estabelecido na noite memorável – ele registrou a data – de “11 de dezembro de 1855”. Suas notas deixam entrever a emoção de que ele se viu tomado ao saber que era muitas vezes assistido por sua mãe, a quem frequentemente via em sonho.¹⁵⁷

Nas sessões realizadas por Chico ainda em Pedro Leopoldo, quando ele era apenas um jovem de 25 anos que trabalhava no armazém do tio, feitos extraordinários foram promovidos por Emmanuel para convencer os céticos da sua atuação. Quando da longa investigação feita pelo jornalista Clementino de Alencar do jornal *O Globo*, que permaneceu dois meses na cidade de Pedro Leopoldo, ele escreveu uma sequência de letras que começava por LLEWRUOYEH... e terminava com SREHTORBYM. Logo abaixo vinha a instrução de uso: “se enfileirardes inversamente as minhas letras, elas vos revelarão o meu pensamento”.

157. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 274. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1993.

Dispostas ao contrário lia-se: “*My brothers, our genrouis Father’s House is truly very large. Truth and hope to the men. You have many friends of the your well*”. Chico nunca havia estudado inglês. Traduzindo: “Meus irmãos, a Casa Generosa do Nosso Pai é, em verdade, muito vasta. Verdade e esperança aos homens. Tendes muitos amigos do vosso Bem”.¹⁵⁸

Desnecessário dizer que a série de reportagens publicadas pelo jornal de maior circulação na época foi responsável por transformar o jovem médium mineiro em personalidade conhecida, amada e questionada em todo o Brasil, e por criar todo um imaginário em torno da atividade mediúnica. A investigação foi interrompida dois meses depois pelo espírito Emmanuel que, conforme publicado na edição de 04/06/1935 de *O Globo*, escreveu novamente em um inglês considerado “sofrível” pelo jornalista:

*My good friend. I consider terminated this experience’s phasis with himself. Even in benefit of investigation either science. I cannot sacrifice the healt of our Francis. We think you have encountered enough elements to remove all supposition from fraud. (...) We judge to have a accomplished all our duties. Good bye – Emmanuel.*¹⁵⁹

Ele terminava assim aquele rico período de experiências com o qual entendia ter contribuído com as investigações, evitando sacrificar ainda mais a saúde do “Francis”. Aqueles dois meses haviam sido exaustivos. Tanto Chico quanto Emmanuel haviam anuído de bom grado ao interesse jornalístico e entendiam ter cumprido todos os seus deveres perante a ciência. Depois disso a vida de Chico Xavier nunca mais seria a mesma, uma eterna romaria estaria à sua volta em busca de mensagem de entes queridos que haviam partido.

Referindo-se às comunicações em outras línguas, Kardec ponderava:

Nota, primeiramente, que nem todos os médiuns são aptos a esse gênero de exercício e, depois, que os Espíritos só acidentalmente a ele se prestam, quando julgam que isso pode ter alguma utilidade. Para as comunicações usuais e de certa extensão, preferem servir-se de uma língua que seja familiar ao médium, porque lhes apresenta menos dificuldades materiais a vencer.¹⁶⁰

158. Maior, Marcel S. *Por trás do véu de Ísis: Uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos*, pag. 62. Ed. Planeta, São Paulo/SP, 2004.

159. Idem, *ibidem*, pag. 78.

160. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 223 pág. 283, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

Embora com menos sucesso e menor visibilidade, diversos médiuns repetem esse mesmo modelo Brasil afora, de sessões mediúnicas públicas, sempre em meio à mesma esperança: uma possível prova de vida de um ente querido que partiu.

Marcel Souto Maior cita casos inusitados. Um deles é o de Dona Lúcia, um nome fictício que ele usa para não trair a verdadeira identidade de uma médium carioca que realiza sessões semanais em um enorme galpão que comporta em torno de 800 pessoas. Ela não psicografa; lê os nomes no espaço, numa sucessão infundável de nomes completos, com sobrenomes e uma ou outra informação que arranca gritos de dor e de alívio dos familiares presentes que reconhecem naqueles nomes os seus entes queridos já falecidos. Isso sem entrevista inicial, sem nada; nenhum contato anterior entre a pessoa e a médium.¹⁶¹

Se esses “espetáculos” tem por objetivo chamar a atenção do público para a realidade das comunicações com os espíritos, eles também contribuem para estabelecer uma aura de misticismo em torno dos fenômenos mediúnicos. Por mais que Kardec tenha insistido que eles são apenas uma das formas de manifestação da natureza humana, sem nada de sobrenatural, o imaginário popular não consegue dissociá-los da ideia de transcendência.

Disso resulta que os médiuns que possibilitam fenômenos dessa natureza passam a ser percebidos como fontes de revelação espiritual, portadores de verdades, pessoas com dons especiais que os colocam acima da condição ordinária dos demais seres humanos.

Na psicografia, o mais comum é o médium traduzir em palavras os pensamentos, imagens e emoções que lhe brotam no espírito, compondo um argumento ou uma narrativa a partir dos seus próprios recursos literários, como se pode ver nas mensagens ou nos contos e romances que são publicados todos os dias. Sob influência de um espírito? Muitas vezes, mas nem sempre, como demonstram os experimentos de Delanne.

Mas na mente das pessoas permanece a ideia do inusitado, da transcendência, da verdade revelada. Isso faz com que os textos psicografados sejam lidos com uma certa reverência, sob um sentimento de crença que afasta qualquer perspectiva de criticidade, pelo menos no nível do senso comum. A dúvida, o questionamento, a visão crítica, passam a ser entendidos como uma espécie de heresia, de falta de fé.

161. Maior, Marcel S. *Por trás do véu de Ísis: Uma investigação sobre a comunicação entre vivos e mortos*, pag. 140 e seguintes. Ed. Planeta, São Paulo/SP, 2004.

A "prova" como fator de convencimento

Em uma sociedade racional como a nossa, até os espíritos se veem, às vezes, diante da necessidade de provar que são eles mesmos que ali estão. Para muitas pessoas, uma ave que pousa sobre o muro e elabora um canto envolvente pode representar um "sinal" da presença de um ente querido ou de uma proteção espiritual em um momento de angústia. Essas pessoas, diante de uma mensagem psicografada, dificilmente pedirão "provas" da identidade do comunicante; para elas isso é objeto de fé. Para outras, entretanto, isso não basta. A dúvida é um elemento fundante da cultura racional que permeia a chamada "sociedade ocidental", e muitas pessoas esperam encontrar nas mensagens atribuídas aos espíritos sinais que evidenciem a sua participação no fenômeno, de modo a romperem as barreiras criadas pela dúvida. Ante determinadas evidências a mais insistente incredulidade se curva.

Nos experimentos de Victor Hugo há um registro interessante na ata do dia 02/06/1854. Iniciada a sessão, como nada acontecia, ele e sua esposa assumem o controle da mesinha, que então se agita. O espírito se apresenta como Marie e nada mais. Indagam se é a mãe de Jesus; "não". Mas ela diz: "Venho para libertar o incrédulo". Um dos presentes, Sr. Kessler, se mostra interessado no caso e entabula com ela um diálogo intenso, no qual, sempre na linguagem poética que caracteriza todos os diálogos no grupo, ela lhe traz notícias de seu pai, também falecido, e o reconforta: "A dor é um imenso Nilo. Quanto mais transborda, mais o grande ceifador escuro carrega espigas para os celeiros do céu." Ao final, em nome de seu pai, ela lhe faz prometer que combaterá a pena de morte, que até então ele defendia.

É preciso escolher imediatamente entre o carrasco e nós. Nós somos os mortos e ordenamos a vida, somos o grande motim dos sepulcros contra os cadafalsos, dos cemitérios contra as valas, dos cadáveres contra as cruzes e das aréolas contra as cabeças cortadas. Escolhe. Eu ou o carrasco.¹⁶²

Ao final, agradecido, ele lhe pede que lhe dissipe suas últimas dúvidas a respeito da sua identidade, e ela acrescenta uma única palavra: "Punhal". Ele faz registrar na ata: "Com efeito, a pergunta tinha relação com uma cena que aconteceu entre ela e mim, quando ela se infligiu três

162. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 339. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

punhaladas, fato que não comentei com nenhum dos presentes.” Ela havia cometido suicídio.

Ocorrência semelhante foi observada na Fraternidade Espírita em uma ocasião em que o grupo parece ter exagerado na preocupação com a autenticidade dos processos mediúnicos em curso. Certo dia, logo no início do horário destinado às comunicações, o médium LS incorporou um espírito que começou a alertar os colaboradores quanto ao excessivo espírito crítico. Mal alinhou as primeiras observações, LS perdeu a conexão e não sabia mais o que dizer. Outro médium, DC, incorporou de súbito e deu continuidade ao alerta, pedindo ao grupo que amenizasse a desconfiança, de modo a não afetar o andamento das atividades, mais voltadas para o socorro aos sofredores. Antes que terminasse, também ele perdeu a conexão, que se estabeleceu de imediato em um terceiro médium, RL. O espírito concluiu reiterando mais confiança nos processos em curso em razão da natureza da atividade, e informando que eles haviam programado aquela demonstração – uma mesma mensagem dividida entre três médiuns – visando reforçar a convicção do grupo quanto aos fenômenos mediúnicos.

Os limites da comprovação da identidade

Ante a insegurança dos destinatários, se as possibilidades mediúnicas o permitem, os espíritos oferecem, às vezes, elementos que comprovam a sua presença, seja sob a forma de informações inusitadas, do conhecimento apenas do destinatário da mensagem, seja por outros meios improvisados de acordo com as circunstâncias e a necessidade das pessoas, seja sob a forma ainda mais difícil da assinatura que ele utilizava quando em vida.

Nos dois casos que presenciamos, em que a médium AS reproduziu a assinatura do espírito, o processo se mostrou extremamente trabalhoso e exigente; ela veio escrevendo o texto de maneira fluente e, quando terminou, desenhou lenta e cuidadosamente a assinatura. Ela disse depois que sentiu que isso ocorreria, e que entregou-se ao processo. Nem todo médium é apto ou consegue esse nível de entrega e essa confiança no fenômeno. Em ambos os casos, os familiares reconheceram de pronto as assinaturas (Anexo I no final do livro). Obtendo depois a cópia da identidade do espírito comunicante em um dos casos, observou-se que havia vários elementos de semelhança. A médium só havia tido contato com aquele espírito nos tempos de mocidade, vários anos antes, quando ambos eram ainda muito jovens. Pouquíssimo provável que algum dia ela tivesse visto sua assinatura; quanto mais repeti-la anos mais tarde.

Para o pai do rapaz, que havia falecido em um acidente, aquilo representou a prova definitiva de que o seu filho estava “vivo”. Ele, que já havia pensado em suicídio várias vezes, sentiu que valeria a pena viver para dedicar-se ao ideal cultivado pelo filho. Desde então, passou a ser um dedicado colaborador da casa espírita onde seu filho colaborava.

Esses casos são raros, tanto pela dificuldade inerente ao processo, quanto pela raridade de médiuns aptos a reproduzi-los. Há vários casos dessa natureza com Chico Xavier.

Ilda Mascaro Saullo, que escreveu em italiano, de forma correta e em estilo próprio, tendo seu filho reconhecido, inclusive, sua assinatura como autêntica. Roberto Muszkat escreveu em português, mas utilizou palavras e frases em hebraico. Para ler a mensagem no final da reunião o médium precisou da ajuda do pai do jovem comunicante, o médico David Muszkat, porque desconhecia a pronúncia e o significado das mesmas.¹⁶³

A assinatura da Sra. Ilda Mascaro foi analisada pelo perito grafo-técnico Carlos Augusto Perandrêa, que identificou a presença de vários elementos semelhantes à assinatura que constava nos seus documentos. Mas ele observou que, “em menor número, constam, também, elementos de gênese gráfica que coincidem com os existentes na escrita-padrão de Francisco Cândido Xavier.”¹⁶⁴ Mesmo sendo mecânico o processo, os traços da caligrafia do médium também se fazem presentes.

O mesmo ocorre em relação à escrita de textos sob influência da mente do espírito comunicante; os elementos de composição textual utilizados pelo espírito misturam-se aos do médium, mesmo quando o processo é inteiramente mecânico.

Essa pode ser a explicação para a presença de elementos atribuíveis a Chico Xavier nos livros por ele psicografados. Exemplo disso é um erro que foi usado pelo advogado da viúva de Humberto de Campos para tentar desacreditar o fenômeno. Chico Xavier usou incorretamente o verbo “adulterar” no livro *Boa Nova*. A intenção autoral era referir-se ao adultério, resultado da infidelidade conjugal, mas, ao expressar a ideia Chico escreveu “não adulterarás”, ou seja, ele usou uma conjugação do verbo adulterar, que significa modificar, alterar propositalmente. O correto seria “não cometerás adultério”.¹⁶⁵

163. Silva, Cíntia Alves da. *As Cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*, pag. 34. UNESP, São Paulo/SP, 2012.

164. Perandrêa, C. Augusto. *A psicografia à luz da grafoscopia*, pag. 56. Ed. Fé, São Paulo/SP, 1991.

165. Xavier, Francisco C. *Boa Nova*, pelo espírito Humberto de Campos, pag. 97. 23ª ed. FEB, Brasília/DF, 1998.

O advogado argumentou que se tratava de erro grosseiro que o escritor maranhense, habilidoso que era no manejo da língua portuguesa, jamais cometeria. De fato, o mais lógico é que o erro tenha sido cometido pelo médium, e reconhecer isso nos possibilita compreender melhor os limites do processo da psicografia.¹⁶⁶

Em meio aos mais convincentes elementos de identificação, manifestam-se também os elementos que se originam da mente do médium ou daqueles que compõem o ambiente onde o fenômeno ocorre, e nem sempre é possível distinguir onde terminam uns e se iniciam os outros. Isso faz parte da complexidade do fenômeno medianímico.

O problema das fraudes

Ao escrever *O Livro dos Médiuns* Kardec dedicou um capítulo inteiro a questão do “charlatanismo e do embuste”, que são dois problemas sempre presentes quando o assunto é a mediunidade, qualquer que seja a modalidade. “Como tudo pode tornar-se objeto de exploração, nada de surpreendente haveria em que também quisessem explorar os Espíritos.” E isso ocorre, sobretudo, em situações em que a mediunidade é utilizada como espetáculo.

Sua análise se divide em dois tópicos: um sobre os “médiums interesseiros”, ou seja, aqueles que, sendo médiums, associam a prática da mediunidade aos seus interesses pessoais; e outro sobre as “fraudes espíritas”, que são as situações em que os fenômenos são simulados visando proporcionar a impressão de autenticidade.¹⁶⁷

O problema tem chamado a atenção desde o início do Espiritismo, e foi tema de discussões no Congresso Internacional de Espiritismo em Bruxelas ainda 1910. Naquele evento Léon Denis já alertava que as fraudes poderiam resultar de sugestão de espíritos, de pessoas encarnadas, ou de ambas, visando expor os médiums ao descrédito.¹⁶⁸

Guilherme Velho pesquisou por conta própria, sem nenhuma preocupação acadêmica, alguns casos de pseudomédiums que afirmavam psicografar cartas familiares. Embora as atividades desses médiums fossem gratuitas – o que aparentava desinteresse – eles obtinham receita financeira nos seus canais nas redes sociais, que eram monetizados, vendiam livros e ainda recebiam eventualmente expressivos presentes das pessoas beneficiadas.

166. Entrevista disponível em 22/04/2022 em <http://ensinoespirita.blogspot.com/2016/03/chico-xavier-o-maior-farsante-da.html>

167. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, cap. XXVIII pag. 427. trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

168. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 406, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

As denúncias dão conta de que, pelo menos, dois pseudomédiuns adotavam a mesma prática. Para manter o séquito de admiradores eles estabeleciam contato via redes sociais e faziam o atendimento na forma presencial. Pelas redes sociais eles tomavam conhecimento dos casos, respondiam as consultas e se informavam sobre quem desejava ir aos eventos por eles organizados visando receber cartas de seus familiares falecidos. Com essas informações eles realizavam pesquisas em *sites* de buscas, coletando dados como apelidos, nomes de familiares, afetos, bichos de estimação e até número de CPF e celular. Sabendo de antemão que a pessoa viria ao seu encontro com a intenção de obter uma mensagem do ente querido, eles utilizavam esses dados para simular uma psicografia. Muitas mensagens foram “psicografadas” mediante esse processo, e os canais das redes sociais de ambos já contavam com mais de uma centena de milhares de seguidores quando a fraude foi descoberta.

Nos dois casos as fraudes vieram a público em virtude de alguns dados por eles utilizados, e que eram informações incorretas que constavam nos *sites* pesquisados. Ante esses dados as famílias entenderam – e a justiça idem – que as informações consideradas autênticas também poderiam ter sido obtidas nas redes sociais. Ambos resultaram em processos criminais por estelionato.¹⁶⁹

Atento à recomendação kardequiana de absoluto desinteresse, Chico Xavier jamais aceitou qualquer doação; tudo o que lhe chegava às mãos era imediatamente doado a alguém ali presente. Fernando Worm conta que sua família trouxe da Itália uma peça de azulejo das ruínas de Pompeia para presentear-lo. Ao receber a relíquia, ele admirou-a, agradecido; em seguida, escreveu uma dedicatória na face posterior da peça e devolveu-a dizendo: “Agora peço-lhe que a leve de volta. Guarda-a contigo”. Ante a insistência dos amigos dizendo-lhe que a peça lhe pertencia, ele foi categórico: “Sim, a partir deste instante ela passou a ser minha pela retina espiritual. A ti e aos teus familiares peço que fiquem de guardiões dessa preciosa relíquia.” E deu o assunto por encerrado.¹⁷⁰

Kardec coloca o “interesse pessoal” como sendo a pedra de toque capaz de informar sobre a autenticidade dos fenômenos, mas não apenas o interesse pessoal sob o ponto de vista econômico; qualquer tipo de interesse, mesmo indireto, pode ser denunciador de fraude.

169. Velho, Guilherme. *Psicografia: casos investigados*. MD Gráfica, Recife/PE, 2017.

170. Worm, Fernando. *A Ponte: Diálogos com Chico Xavier*, pag. 9, 2ª edição independente, Porto Alegre/RS, 1982.

Médiuns interesseiros não são apenas os que porventura exijam uma retribuição fixa; o interesse nem sempre se traduz pela esperança de um ganho material, mas também pelas ambições de toda sorte, sobre as quais se fundem esperanças pessoais.¹⁷¹

Ocorre que nem sempre é fácil identificar as “ambições” não financeiras, que podem traduzir esperanças de reconhecimento, consideração e uma série de outros elementos de ordem puramente moral, e que se disfarçam na subjetividade das circunstâncias. Por exemplo: a necessidade de gerar renda para uma atividade assistencial que depende dessa receita pode ser considerada como um tipo de “interesse”? E quanto ao desejo de projeção pessoal?

Quando se trata de produção de conhecimento, todas essas situações precisam ser levadas em consideração, pois tudo isso afeta sobremaneira o resultado da atividade mediúnica mediante a qual se produzem as pretensas “verdades” que norteiam a ação e o pensamento do público espírita, e até mesmo as “verdades doutrinárias” que dão conformação e sentido ao próprio Espiritismo.

171. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 306, pág. 428, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.



12

LITERATURA MEDIÚNICA: HISTÓRIA, REALIDADE OU FICÇÃO?

As primeiras publicações de romances mediúnicos no Brasil deixavam claro que se tratava de ficção, e não de histórias verídicas. As próprias editoras faziam questão de afirmar que eram narrativas estruturadas sobre elementos históricos, cujos personagens e enredos eram construídos tendo em vista proporcionar um ensinamento moral. Apenas isso.

Por exemplo, ao apresentar o livro *Sendas de Espinhos*, que é a continuação histórica de *A Caminho do Abismo*, os editores informam que se trata de uma ficção ambientada sobre fatos históricos. O escritor Antônio Lima assume a autoria de ambos, ainda que “escrito sob a imediata inspiração de Camillo Castello Branco, príncipe dos romancistas portugueses”.

Segundo a própria editora, no caso a FEB,

A tomada da Bastilha em Paris, a queda de Luiz XVI e de Maria Antonieta e a sua decapitação, a revolução francesa e o despotismo de Danton e Robespierre, o assassinio de Marat por Calota Corday e a sua execução na guilhotina, se acham justapostos com tal cuidado de remendo para não se ver a ourela tramada, que **o leitor não se apercebe quando fala a história ou quando romantiza a ficção**, e essa será a mais atraente face no ardume desse tecido, broslado com intenções doutrinárias, subordinadas ao dogma das vidas sucessivas, mas a que não escapou um complicado com situações amorosas, empolgantes e profundamente sentimentais, próprias a deleitar o espírito afeito a narrativas emocionantes.¹⁷² (negrito no original)

172. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 122. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

O livro anterior havia sido ambientado na trágica história da noite de São Bartolomeu, ocorrida em 1572, e toma alguns dos principais personagens reais como elementos para a composição da trama romanceada. Este segundo livro da trilogia lança mão dos fatos e personagens históricos da Revolução Francesa, ocorrida em 1789, e o último, *Estrada de Damasco*, toma como cenário uma fazenda do interior do Brasil no período da escravidão, com os personagens agora filiados ao Espiritismo, ou “às correntes da terceira revelação”. Os elementos históricos, nesses três casos, segundo a FEB, eram apenas o material utilizado para a criação da trama. André Cunha comenta que, para Guillon Ribeiro e Manuel Quintão, o importante é que “os aspectos formais e propriamente literários do gênero deveriam estar voltados ao ensino, à divulgação dos conteúdos doutrinários”.

Os livros de Zilda Gama atribuídos a Victor Hugo foram apresentados pela FEB como ficção quando do seu lançamento. A propaganda na revista *Reformador* de 1934 informa:

Fatalidade de nascimento, preconceitos de raça, ódios inatos, catástrofes políticas, tudo isso que faz o tormento e a ilusória felicidade do mundo, perpassa nesta obra, cujos personagens vivem, *na trama da ficção*, como padrões (...) inconfundíveis.
...como é destacado, todo o enredo, seus personagens, suas tramas são da ordem da ficção.”¹⁷³

Como se constituiu, então, a visão que prevalece atualmente no meio espírita, de que os romances mediúnicos são relatos fidedignos de casos ocorridos no passado, reprodução exata dos acontecimentos vividos pelos personagens na sua trajetória espiritual?

Esta é uma discussão relevante, de vez que, quando se comparam os conteúdos dos romances mediúnicos com os registros históricos, quase sempre se percebe que existem detalhes que destoam da historiografia científica, mesmo naqueles aos quais se atribui a maior credibilidade, como é o caso dos romances psicografados por Chico Xavier.

Os romances de Chico Xavier: história ou ficção?

É importante considerar inicialmente que o objetivo de toda literatura religiosa é estabelecer padrões de conduta do ponto de vista moral. Quando Chico Xavier psicografa *Cartas de uma morta*, as cartas de sua mãe

173. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 127. UFCE, Fortaleza/CE, 2015. (Negrito do autor).

não são propriamente cartas, de vez que não se destinam a ele, o filho, ou a qualquer outro familiar. O estilo carta é adotado – pelo médium ou pelo espírito? – para veicular ideias de natureza religiosa ou filosófico-doutrinária. Observa-se no texto uma clara intenção de apresentar as ideias espíritas mediante narrativas a respeito da vida no mundo espiritual, que funcionam como pano de fundo.¹⁷⁴

Assim também em relação aos romances mediúnicos. No dia seguinte à psicografia das primeiras páginas do livro *Há 2000 anos*, em 25 de outubro de 1938, Chico psicografa um breve comentário atribuído a Emmanuel onde ele tanto deixa claro o aspecto biográfico que ele pretende imprimir ao livro quanto o propósito de que a sua “confissão” possa se constituir em uma espécie de “roteiro (moral) para todos”.¹⁷⁵

Ao analisar esse livro, entretanto, há alguns pontos que não podem ser ignorados se realmente pretendemos compreender o processo de produção da literatura mediúnica. Primeiro que, neste caso, a intenção de psicografar romances partiu do médium, como ele mesmo afirmou no programa Pinga Fogo.¹⁷⁶ Depois: não tem sido possível comprovar a existência do personagem Publius Lentulus, que seria uma antiga reencarnação de Emmanuel. O que existe de registro é que esse nome aparece como sendo o autor de uma carta apócrifa, um possível texto literário antigo, uma ficção, que consta de uma coletânea de uso escolar publicada um pouco antes da escrita de *Há 2000 anos*, onde essa carta é citada. (Vide o Anexo III ao final do livro).

E há outros pontos que colocam em xeque a historicidade do texto, sugerindo que ele seja apenas uma ficção mediúnica. André Cunha destaca algumas curiosas semelhanças com os romances *Lídia*, de Surinach, e *Herculanum*, de Rochester, publicados anteriormente. Em *Herculanum*, o personagem central é um romano que se converte ao cristianismo e morre na explosão do Vesúvio; o mesmo se dá com Publio Lentulus em *Há 2000 Anos*. Lívia, lembra em quase tudo Lídia, do romance que lhe leva o nome. Os personagens, a ambientação, a perseguição e execução dos cristãos no circo romano, são elementos comuns em torno dos quais ambas as narrativas se desenvolvem. Em *Lídia* temos Virgílio, que não consegue alçar voos espirituais com sua alma querida, agora em outra dimensão, assim como ocorre com Públio em relação a Lívia em *Há 2000 anos*. Tudo isso será mera coincidência?

174. Xavier, Francisco C. *Cartas de uma morta*, pelo espírito Maria João de Deus. 8ª ed. LAKE, São Paulo/SP, 1981.

175. Idem. *Há 2000 anos*, pelo espírito Emmanuel, pag. 7, 29ª ed. FEB, Brasília/DF, 1996.

176. Idem. *Pinga Fogo com Chico Xavier*, pag. 39. Edicel, São Paulo/SP, 1987.

Também Emmanuel terá uma reencarnação como romano e este (a explosão do Vesúvio) será o seu cenário de falecimento, possuindo como percurso uma aproximação com os princípios cristãos. Aliás, a imagem de Herculano do cartaz é muito próxima da representação que adquirirá Emmanuel nas décadas posteriores. Há indícios, portanto, de elementos apropriados dos enredos de *Herculano e Lídia* para a composição de *Há dois Mil Anos*.¹⁷⁷

Que implicações isso apresenta para a nossa compreensão a respeito do fenômeno da psicografia? Também os espíritos podem inspirar-se em outras obras para comporem as suas tramas? Também os espíritos podem recorrer aos cenários construídos por outros autores para ambientarem as suas narrativas? Ou isto seria uma forma de apropriação inconsciente – memória latente – da história por parte do médium? Neste caso, haveria um espírito autor?

Como o objetivo é a propaganda doutrinária e a exemplificação moral, em meio à narrativa, inserem-se reflexões como: “os filhos são um depósito sagrado dos deuses, que no-los confiam ao coração, impondo-nos como dever de cada minuto a multiplicação do carinho e vigilância necessários”. Também uma aula sobre mediunidade é ministrada por meio do personagem Araxes, modelado sob o papel de um “célebre feiticeiro egípcio” dotado de poderes de clarividência e premonição. Por último, ao repetir dez vezes no livro o termo “alma gêmea”, Emmanuel fixa uma ideia que lhe é cara pela sua trajetória espiritual, mesmo ela sendo divergente da proposta doutrinária apresentada por Allan Kardec.

Em razão disso, surgiram diversas críticas afirmando que o livro não seria mais que uma ficção criada pela mente do médium, ou um plágio, o que será analisado no próximo capítulo. Apesar das críticas, a FEB, que o publicou, o apresentou como contendo “episódios da história do cristianismo no século I” e como sendo “lembranças” da parte de Emmanuel relativas ao “tempo em que se verificou a passagem do Divino Mestre sobre a face da Terra”.

É, portanto, a FEB que, ao publicar os romances mediúnicos de Chico Xavier, abandona a visão inicial de literatura de ficção e, com base apenas em algumas mensagens mediúnicas, considera que eles seriam portadores de um conteúdo histórico.

177. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 131. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

A força do imaginário na criação da narrativa

Quando se lê, por exemplo, *Missionários da Luz*, fica evidente a intenção dos autores de promoverem um desenvolvimento da visão sobre o perispírito e sobre a “vida no mundo espiritual”, apresentado o primeiro como um complexo organismo em outra dimensão da vida e a segunda como um campo de “aperfeiçoamento e trabalho, de renovação e luta bendita”, onde o ser humano viverá “muito mais e mais intensamente”. Temas como a reencarnação e a “escolha das provas” recebem ali um amplo desenvolvimento.

Mas, buscando compreender o processo mediúnico da psicografia, é inevitável indagar se não há um caráter meramente ilustrativo em alguns detalhes, como os “rolos brancos” que os espíritos trazem consigo no “Setor de Planejamento de Reencarnações”, contendo os “mapas de formas orgânicas”. O mesmo com relação aos moldes humanos iluminados por “dispositivos elétricos”. A correlação com os objetos disponíveis no mundo material é clara: enormes rolos de projetos de engenharia e arquitetura contendo o desenho de mapas e diagramas, que estavam sendo popularizados quando o livro foi escrito, bem como os manequins utilizados nos ateliês de moda. E quanto ao uso da “eletricidade”, que era uma novidade que se estendia a todos os espaços, seria uma metáfora? Faz sentido pensar em “eletricidade” no mundo espiritual? De um ponto de vista da Física conhecida, não.

E quanto às descrições que Chico Xavier apresenta de Nosso Lar, seriam elas reais ou seriam a maneira como ele consegue materializar as percepções de conteúdo imagético que lhe vêm à mente sob o influxo da narrativa? Existe mesmo um veículo como o aeróbus? Como explicar a diferença entre as descrições do mundo espiritual de André Luiz e de Yvonne Pereira? Em *Memórias de um Suicida* não existe nada parecido com o aeróbus. Em Nosso Lar os enfermos são transportados em macas, enquanto no Hospital Maria de Nazaré a locomoção dos espíritos se dá em veículos que se assemelham a “diligências” alvíssimas.

Branco, leve, como burilado em matérias específicas habilmente laqueadas, eram puxados por formosas parelhas de cavalos também brancos, nobres animais cuja extraordinária beleza e elegância incomum despertariam nossa atenção se estivéssemos em condições de algo notar para além das desgraças que nos mantinham absorvidos dentro de nosso âmbito pessoal. Dir-se-iam, porém, exemplares da mais alta raça normanda, vigorosos e inteligentes, as belas crinas ondulantes e graciosas enfeitando-lhes os altivos pescoços quais mantos de seda, níveos e finamente franjados.¹⁷⁸

178. Pereira, Yvonne do A. *Memórias de um suicida*, pelo espírito Camilo Castelo Branco, pag. 36. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

A figura dos “lanceiros” – que inexistem em *Nosso Lar* – são parte do imaginário da médium Yvonne Pereira ou uma descrição exata da realidade espiritual que ela percebe? E o ambiente medieval, em tudo diferente do moderníssimo *Nosso Lar*? Seriam ambas, descrições exatas das realidades espirituais a que se referem, ou isso apenas reflete o modo peculiar como cada um dos médiuns percebe a realidade que lhes está sendo apresentada?

A suntuosidade com que Humberto de Campos descreve as “esferas superiores” ao apresentar a sua narrativa relacionada à missão de Allan Kardec, no livro *Cartas e Crônicas*, lembra em tudo as descrições católicas, associadas agora aos elementos da história.

Legiões dos Césares, com os seus estandartes, falanges de batalhadores do mundo gaulês e grupos de pioneiros da evolução hispânica, associados a múltiplos representantes das Américas, guardavam linhas simbólicas de posição de destaque.¹⁷⁹

A narrativa inclui chamados com toques de clarins e arranjos arquitetônicos onde

Imediatamente uma estrada de luz, à maneira de ponte levadiça, projetou-se do Céu, ligando-se ao castelo prodigioso, dando passagem a inúmeras estrelas resplendentes.

Em alcançando o solo delicado, contudo, esses astros se transformavam em seres humanos, nimbados de claridade celestial.

Diversos elementos ali se misturam, criando uma aura de transcendência que torna inevitável indagar: tudo aquilo é realidade ou ficção? “Musicistas invisíveis, através dos zéfiros que passavam apressados, prorromperam num cântico de hosanas, sem palavras articuladas”. O Espírito da Verdade é ali apresentado conforme uma crença que circula no meio espírita, de que ele seria Jesus que, “seguido por várias cortes resplandecentes, voltava para o Alto”, com “a” maiúscula, enquanto a assembleia se dissolvia.

Uma possível explicação pode ser obtida no livro *Nos Domínios da Mediunidade*. Trata-se da descrição do momento de encerramento de uma reunião, quando os médiuns são orientados a aguardarem “a manifestação de algum dos orientadores da casa, à guisa de instrução geral no encerramento.” Em seguida cada um relata suas percepções:

179. Xavier, Francisco C. *Cartas e Crônicas*, pelo espírito Irmão X, lição 28. Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

Dona Celina rogou licença para notificar que vira surgir no recinto um ribeiro cristalino, em cuja corrente muitos enfermos se banhavam, e Dona Eugênia seguiu-a, explicando que chegara a contemplar um edifício repleto de crianças, entoando hinos de louvor a Deus.¹⁸⁰

André Luiz mostra-se surpreso porque, do ponto de vista em que se encontravam – a dimensão espiritual da reunião – nada levaria a supor a ocorrência daqueles quadros tão divergentes descritos pelas duas médiuns. Segundo o instrutor que os acompanhava, as médiuns estavam captando o pensamento do dirigente espiritual da reunião, Clementino. “Viram-lhe os pensamentos, relacionados com a obra de amparo aos doentes e com a formação de uma escola, que a instituição pretende, em breve, mobilizar no socorro ao próximo.” E explica: cada médium traduz o pensamento do espírito “segundo as possibilidades de que dispõe, favorecendo, por isso mesmo, as mais díspares interpretações.”

Mediunidade e imagética

Isto posto, faz sentido considerar toda essa farta literatura mediúnica espírita como sendo narrativas verídicas, representações exatas de uma possível realidade espiritual? Não seriam esses livros um misto de realidade e ficção, obras de interautoria, que combinam elementos dos espíritos comunicantes e dos médiuns a um só tempo, ancorados em elementos do imaginário de ambas as personalidades e do contexto sócio-histórico onde essa literatura é produzida, cuja intenção é promover a propaganda doutrinária e a reflexão moral?

Ao descrever a sua percepção com relação à psicografia do livro *Crônicas da Galileia*, Ângelo Dias refere-se a um processo “imagético” no qual ele se vê envolvido durante o processo da escrita; a percepção mediúnica lhe ocorre mediante imagens. Ele “vê” a cena acontecendo, “vê” o cenário, sente as emoções e transcreve tudo isso para o texto.¹⁸¹

Você ajusta a história que é real a uma forma literária. Não foi exatamente daquele jeito que a menina foi curada por Jesus, mas aquela foi a maneira que o Carlos Henrique encontrou de estruturar a narrativa. A história é verídica; não é apenas semelhança; são realidades que são retocadas para terem um aspecto literário.¹⁸²

180. Xavier, Francisco C. *Nos Domínios da Mediunidade*, pelo espírito André Luiz, cap. 12 pág. 114. 16ª ed. FEB, Brasília/DF, 1987.

181. Dias, Ângelo. *Crônicas da Galileia: histórias do tempo de Jesus*, pelo espírito Carlos Henrique. FEEGO, Goiânia/GO, 2016.

182. Entrevista concedida ao autor em 18/05/2022.

Pode ser o espírito autor plasmando a história na mente do médium? Pode ser o médium acessando recursos narrativos disponíveis no mundo espiritual nos quais estejam registradas essas histórias? Há infinitas possibilidades de explicação, sem que se possa afirmar em definitivo a favor de uma ou de outra, o que não invalida a produção mediúnica.

Um caso bastante elucidativo deu-se no nosso grupo mediúnico quando, ao final da reunião, cada participante relatou suas impressões a respeito daquele momento: um dos colegas descreveu o grupo reunido em um vasto ambiente aberto, em pleno contato com a natureza, situado no espaço acima do local onde a instituição se acha fisicamente instalada; outro se viu dentro do ambiente do salão principal onde várias macas abrigavam pessoas enfermas; ainda outra percebeu a reunião ocorrendo no ambiente da varanda que se conecta à cozinha, onde refeições estavam sendo preparadas para servirem de nutrientes medicamentosos a pessoas enfermas. Quanto do imaginário de cada médium está presente nessas narrativas?

Cada médium percebe e transmite as imagens que lhes vêm à mente de acordo com a sua subjetividade, do que resulta que uma mesma situação possibilita as mais variadas interpretações. Não será isso o que acontece também na psicografia?

Ao examinar o livro *Além da Morte*, o primeiro livro de Divaldo, essa mesma questão se apresenta. O espírito Oflia, autora da narrativa, conta ter sido levada em visita à Mansão do Caminho, e que foi “conduzida a uma cadeira, da qual acompanharia a breve reunião”. Essa “cadeira” a que ela se refere está no mundo material ou no espiritual? As duas realidades se misturam na narrativa. Em outro momento ela relata “uma sensação de profunda anemia e cansaço”, e que “as lágrimas me voltaram estonteantes”. Assim como em *Nosso Lar*, ela também se via sujeita à “impressão da fome, da sede e de outros fenômenos fisiológicos”.

Pela descrição, há um momento em que “bagas de suor afloravam-lhe do rosto, colando os cabelos desgrehados à testa larga”; lembra a respiração a “longos haustos” de André Luiz em *Nosso Lar*. Pode ser uma forma de expressar dos médiuns, que percebem o contexto espiritual a partir das funções vitais observadas por eles no seu cotidiano? Os ambientes espirituais lembram os ambientes terrenos. Ao entardecer, “raios dourados brincavam nos ramos das roseiras que oscilavam lentamente sacudidas por suave brisa”.¹⁸³

Novamente: essa materialidade das roseiras e da brisa é real ou trata-se de uma narrativa elaborada na mente do médium, ainda que sob

183. Franco, Divaldo P. *Além da Morte*, pelo espírito Oflia Gonçalves, cap. 18 pág. 105. 12ª ed. Alvorada, Salvador/BA, 2000.

influência de um espírito autor, mas a partir do modo como percebemos esses panoramas no ambiente físico? Até onde a realidade, até onde a ficção? Seria possível distinguir esses elementos com segurança?

É Kardec quem alerta:

A experiência ensina que nem sempre se deve dar significação literal a certas expressões de que usam os Espíritos. Interpretando-as de acordo com as nossas ideias, expomo-nos a grandes equívocos. Daí a necessidade de aprofundar-se o sentido de suas palavras, todas as vezes que apresentem a menor ambiguidade.¹⁸⁴

O Espiritismo nada tem a ganhar ao insistir na historicidade desses textos. Não seria melhor admitir que, em se tratando de narrativas mediúnicas, imaginário e realidade se confundem? Na literatura mediúnica, médium e espírito se mostram a partir de um determinado contexto onde até mesmo a ficção pode ser usada como recurso didático para a transmissão de ensinamentos morais, objetivo final de todo movimento que adentra pelos caminhos da religião.

184. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 128 nota à 3ª questão, pag. 174, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.



13

COMO COMPREENDER O PLÁGIO NOS TEXTOS MEDIÚNICOS?

A questão dos plágios é bem mais delicada, e tem sido objeto de intensa controvérsia no meio espírita em razão da falta de reflexão a respeito das suas implicações éticas, da mais alta gravidade. O plágio consiste em copiar conteúdos de outros autores apresentando-os como próprios, o que representa uma violação do direito de paternidade da ideia.

Interessam a este estudo, dentre outros, três tipos de plágio:

Plágio direto – é a transcrição literal de um texto de outro autor, sem a indicação da fonte, como se fosse de autoria própria.

Plágio indireto – quando são reproduzidas as ideias de outro autor, substituindo-se palavras e expressões, sem informar a autoria e a fonte.

Autoplágio – quando o autor transcreve parte de outro trabalho de sua própria autoria omitindo a referência ao texto original.

Sempre que surgiu algum comentário nesse sentido, houve quem corresse a colocar panos quentes negando os fatos, relacionando as virtudes dos médiuns ou acusando de má-fé as pessoas que levantam esse tipo de questão. Entretanto, não há como compreender a psicografia sem que se analise esse tipo de ocorrência.

A primeira alegação para se fugir a esse tipo de análise é que determinados médiuns jamais seriam capazes de fazer algo semelhante. Sim, mas contra fatos não há argumentos. Se existem os plágios, por que não discutir abertamente o assunto? Porventura existe algum receio de se desacreditar a mediunidade ou a honestidade de médiuns respeitáveis como Chico Xavier, Waldo Vieira e Divaldo Franco? Não existem casos de comprovada autenticidade, suficientes para sustentar suas imagens ante uma análise racional?

Importante reconhecer, como ponto de partida, que as acusações de plágio atingem tanto autores encarnados quanto obras psicografadas.

Trata-se, portanto, de um problema complexo que pode ter mais a ver com desinformação do que com má-fé, e é relevante que seja discutido porque, além de envolver o nosso entendimento a respeito da psicografia, envolve também uma questão de ordem legal; atualmente o plágio é considerado crime.¹⁸⁵

Durante nossa pesquisa, identificamos na literatura espírita recente pelo menos dois casos de plágio em obras não mediúnicas cujos títulos serão omitidos por razões óbvias. Conversando com os autores, observamos da parte de ambos uma absoluta ausência de reflexão crítica quanto aos aspectos éticos e legais envolvidos. Nenhum dos dois demonstrou a menor consciência de ter praticado plágio; ao contrário, ambos acreditam que apenas recorreram a fontes confiáveis para construírem seus argumentos. Um deles chega a citar a fonte antes de transcrever um capítulo inteiro, sem aspas, numa clara demonstração de desconhecimento da norma que regulamenta o assunto.¹⁸⁶

Essa questão é antiga. Luciano dos Anjos, ao analisar os plágios envolvendo as obras de Chico e Divaldo, apresenta uma enorme relação de outros casos envolvendo escritores mundialmente reconhecidos, como William Shakespeare.

A acusação contra Shakespeare (Shakespeare!) alcançou uma de suas peças mais conhecidas e aplaudidas mundialmente: *Romeu e Julieta*, datada de 1595 e apresentada pela primeira vez em 1597. Chegou-se à conclusão de que Shakespeare teatralizou os pontos essenciais do poema de Artur Brooke (ou Broke), de 1562, *The Tragical History of Romeus and Juliet* e, ocasionalmente, serviu-se também de uma novela italiana, de Pierre Boistreau (dito Launey) intitulada *Histoire de Deux Amants*, aparecida em 1567 no *Palace of Pleasure*.¹⁸⁷

Luciano dos Anjos afirma que esse plágio é conhecido no meio literário, mas o próprio meio reconhece que “tudo isso é verdade, mas nada se compara à beleza insuperável, inimitável da peça oferecida ao mundo pela genialidade de William Shakespeare”.

Casos dessa natureza podem nos ajudar a compreender as ocorrências de plágio nos textos mediúnicos, as quais se deram em meados do século passado, quando essa questão ainda não se achava tão explicitada quanto ocorre na atualidade. Julgar o passado pelos princípios de justiça

185. A Lei 9.610/98 regulamenta o assunto.

186 A forma de apresentar as citações é objeto da NBR 10520 da ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas.

187. Anjos, Luciano dos. *A anti-história das mensagens co-piadas*, pag. 142. Ed. Leymarie, Rio de Janeiro/RJ, 2006.

que são vigentes hoje pode levar-nos a cometer injustiças. É preciso julgar o passado com o olhar que vigorava naquele tempo, o que nem sempre é tarefa fácil.

O plágio na obra de Divaldo Pereira Franco

Os plágios mais conhecidos são os de Divaldo Franco, mas não se pode desconsiderar que a sua produção mediúnica é um tanto vasta para ser desacreditada por conta dessas poucas ocorrências. E mais: pela quantidade dos seus seguidores, é uma obra que tem o seu lugar já estabelecido no meio espírita, por mais que não o aceitem alguns estudiosos espíritas.

Há quem levante outras questões em paralelo, como as do estilo e do vocabulário, que sofrem pouquíssimas variações, qualquer que seja o autor espiritual. Do que foi visto nos capítulos anteriores é possível deduzir que isto se constitui em uma das características do processo medianímico, mas que não o invalidam. O médium também se faz presente no texto.

A questão dos plágios começa com o primeiro livro psicografado por Divaldo. Chico conta que quando Divaldo apresentou à FEB o texto de *Além da Morte* (1959) para publicação, o seu então presidente Wantuil de Freitas lhe teria sugerido “aguardasse um pouco até que a mediunidade se tornasse mais sensível ao registro do pensamento dos espíritos.” A FEB achou melhor aguardar uma produção “mais original”, de vez que o livro se parecia, sob todos os aspectos, com a obra de André Luiz. Zelo excessivo da editora? Luciano dos Anjos entende que não.

É que após o surgimento de *Nosso Lar*, outros médiuns andaram enviando para a FEB originais dentro do mesmo padrão e estilo. Haveria então uma sucessão de livros muito semelhantes, alguns impubescíveis e outros bem aproveitáveis. Mas não era hora ainda de novos lançamentos.¹⁸⁸

Apesar das muitas semelhanças com a obra *Nosso Lar* de André Luiz, que é claramente tomada como referência, a obra não deixa de ter o seu valor próprio do ponto de vista do romance moral, tanto que foi publicada dez anos depois pela própria FEB.¹⁸⁹

Um dos casos em que o plágio é mais evidente é o da mensagem psicografada por Chico intitulada “Carta a meu filho”, constante no livro

188. Anjos, Luciano dos. *A anti-história das mensagens co-piadas*, pág. 188. Ed. Leymarie, Rio de Janeiro/RJ, 2006.

189 Idem, *ibidem*, pág. 187.

Luz no Lar. Trata-se de um pai que teria sido envenenado pelo filho, e que lhe escreve uma carta assinada apenas pela letra J. Divaldo psicografou outra com exatamente a mesma história, agora intitulada “Carta do além”, que consta do livro *Depoimentos Vivos* e vem assinada por Antero.

Luciano dos Anjos admite que “só um leitor que sofra de total desatenção não constatará que a história é a mesma, dentro de igual sequenciamento e de igual estrutura narrativa.” Mas ele também entende que as semelhanças “não vão além disso”. Em Chico, o envenenamento se dá com um “remédio anestésico” para uma enxaqueca; em Divaldo, um “remédio calmante” para a falta de ar. Em ambos, as lembranças de quando o filho ainda criança era acalentado no colo e o alerta moral fechando o texto.¹⁹⁰

Outro caso é a mensagem intitulada “Ama ajudando”, de Joanna de Ângelis, que lembra em tudo outra de Emmanuel, “Trabalha servindo”. Luciano dos anjos comenta:

Todavia, um fato é real: as duas mensagens são bem semelhantes, com frases e parágrafos quase sempre dentro das mesmas ideias e imagens. Emmanuel enfoca a bênção do trabalho; Joanna de Ângelis enfoca a bênção de amar. Com isso, mudam os termos correlatos. (...) ao final, os vícios relacionados por Emmanuel em dez substantivos são por ela relacionados em oito adjetivos substantivados.¹⁹¹

Em seguida ele lista as possíveis explicações para esses plágios, passando pela hipótese da memória latente por parte do médium, da memória latente por parte do espírito, de serem J e Antero o mesmo espírito, de possíveis acertos entre Emmanuel e Joanna e até por uma explicação baseada na Física Moderna, na relatividade do tempo e do espaço. Para ele, admitir o plágio seria colocar sob suspeita a honestidade de Divaldo e o próprio fenômeno mediúnico. Onde os benfeitores espirituais que não perceberam essas ocorrências? Nem de longe ele admite que a mediunidade possa ser um fenômeno um tanto mais complexo do que temos admitido e que, por isso, necessite ser melhor analisada.

Entrevistado recentemente a respeito dessas acusações pelo programa Fantástico, da Rede Globo, Divaldo Franco fez um desabafo, quatro décadas depois do ocorrido:

Ninguém, sem exceção, nunca me abordou o assunto. Eu nunca tive a oportunidade de ser interrogado, de ser ouvido, de me pedirem explicação. (...) À época eu lia as mensagens do Chico como todo o

190. Anjos, Luciano dos. *A anti-história das mensagens co-piadas*, pag. 153. Ed. Leymarie, Rio de Janeiro/RJ, 2006.

191 Idem, *ibidem*, pag. 158.

Brasil espírita, e líamos com muito ardor, com muito interesse, como era natural, porque ele é o nosso líder. E se houve qualquer manifestação de identidade, deve ter sido traição do inconsciente ou um fenômeno de corroboração.¹⁹²

A reportagem é respeitosa, e apresenta toda a grandeza do trabalho de Divaldo, de modo a ressaltar o ser humano por trás dos plágios, mas bastaria que se voltasse à literatura científica a respeito dos fenômenos psíquicos e se validaria o que ele chamou de “traição do inconsciente”, que é a memória latente, ou criptomnésia.

Como se vê, bastava que a questão tivesse sido abordada de maneira respeitosa quando das primeiras denúncias, e essa discussão não seria necessária nos dias de hoje.

Os plágios na obra de Chico Xavier

Os plágios envolvendo Chico Xavier constituem um caso um tanto mais delicado em razão do mito de médium perfeito que foi construído ao seu redor. Entende-se como inadmissível que ele haja plagiado, mesmo inconscientemente, qualquer autor; mais fácil ignorar os fatos.

Como ponto de partida, é importante reafirmar que nem de longe essa questão têm o objetivo ou o poder de desacreditar a riqueza dos fenômenos que se deram por meio dele, a integridade da sua pessoa ou a generosidade dos seus atos; menos ainda a riqueza da extensa obra literária por ele produzida. Como no caso de Shakespeare, os plágios ficaram muito melhores que os originais.

Mas essa análise pode, como decorrência, modificar o nosso olhar sobre a produção do conhecimento espírita pela via da mediunidade. Pode ajudar-nos a compreender, por exemplo que, conforme proposto por Kardec, sem a análise racional nenhuma obra mediúnica pode ser aceita como revelação de qualquer “verdade” ou algo parecido. Textos mediúnicos são textos que precisam ser submetidos à análise crítica como quaisquer outros, quaisquer que sejam os médiuns por meio de quem eles tenham sido produzidos.

Para melhor entendimento, passemos ao estudo de alguns casos, começando pela introdução do livro *Libertação*, escrito em 1949, que é uma adaptação do conto *The Scarlet Fish* – O peixinho vermelho – publicado em 1942 pela escritora estadunidense Joan Grant. No texto ele aparece apenas como uma “antiga lenda egípcia”, sem citar a fonte.

192 A reportagem inteira está disponível no YouTube, publicada em diversos canais.

Embora com o final ajustado aos propósitos dos autores, o conto apresenta a mesma estrutura narrativa e total semelhança com o texto original. Da mesma forma que no conto de Joan Grant, a história começa “no centro de um formoso jardim” onde havia um “grande lago, adornado de ladrilhos azul turquesa.” É o mesmo “peixinho vermelho” (*Scarlet Fish*) que atravessa as grades do lago e nada em direção ao grande oceano, vivendo exatamente a mesma epopeia. Seguindo a mesma narrativa, ele retorna ao lago e conta o que viu para os seus antigos amigos, e é também rechaçado pelo “rei dos peixes”.

O texto é assinado pelo espírito Emmanuel sob o título “Ante as portas livres”. Uma nota da organizadora do livro *Deus conosco* esclarece os detalhes do caso. Uma amiga havia apresentado o conto ao Chico, que ficou encantado com a história. Como aquele conto não havia sido traduzido para a língua portuguesa, essa amiga fez para ele a tradução. No dia 26/01/1949 Chico psicografa uma mensagem atribuída a Emmanuel agradecendo a gentileza nos seguintes termos:

Meus amigos, muita paz. Agradecemos a cooperação com que nos auxiliastes na projeção do novo trabalho de André Luiz, registrando, igualmente, nosso agradecimento pela história do “Peixinho Vermelho”, que tão bem se ajustou aos nossos propósitos de apresentação. Gratos à nossa irmã Wanda pela tradução oportuna e fiel.¹⁹³

Não resta dúvida: é Emmanuel dizendo claramente, pela escrita de Chico Xavier, que adaptou o texto, que é o que caracteriza o plágio. Ou seria Chico imaginando psicografar Emmanuel quando apenas traduzia sua própria gratidão? Não teria Emmanuel conhecimento das regras literárias e das implicações éticas dessa ação? Será que os espíritos podem não ter o domínio dessas questões do mundo dos encarnados e também cometer esses equívocos? Em se atribuindo o plágio a Chico Xavier, a explicação é a mesma, de vez que Chico jamais cursou uma universidade, que é onde essas regras literárias são apresentadas ao estudante.

Também a estrutura do livro *Libertação* foi objeto de comentários pela semelhança da narrativa e de diversos elementos textuais com o que consta no livro *A Vida Além do Véu*, de George Vale Owen, escrito em 1917. A história gira em torno de um grupo de espíritos que desce a uma esfera inferior em missão de trabalho após uma pequena pausa preparatória em um salão de um educandário – uma “sala de Audiência” no livro de Owen

193. Xavier, Francisco C. *Deus conosco*, pelo espírito Emmanuel, pag. 438. Ed. Vinha de Luz, Belo Horizonte/MG, 2007.

- onde o Ministro Flácut faz o papel do personagem “Vidente” de *A Vida Além do Véu*. Depois desse momento de preparação, em ambas as narrativas, o grupo desce às esferas inferiores, ou ao “vasto domínio das sombras”, onde árvores retorcidas permeavam um “agrupamento de casas”, na visão de Owen, ou um “casario decadente e sórdido” na linguagem de André Luiz. O palácio sombrio de Gregório lembra em tudo o “Palácio do Mal” de Owen; em ambas as narrativas, o grupo é feito prisioneiro antes de poder desenvolver a sua missão e em ambas o espírito que lidera a missão vence a resistência do governador daquele antro sombrio - ou o Sátrapa, na descrição de André Luiz - mediante o uso dos seus poderes espirituais.¹⁹⁴

Até as expressões “Nosso Lar” - nome da cidade espiritual que dá título ao livro mais famoso de André Luiz - e “umbral”, que foram consagradas no meio espírita, podem ter sido inspiradas no livro de Owen, onde elas apareceram primeiro. A arquitetura da cidade espiritual Nosso Lar lembra, em diversos pontos, as descrições que Owen faz da sua “universidade das cinco torres” no mundo espiritual. Não há como, e nem faz sentido, ignorar essas semelhanças. A questão que se coloca é como explicá-las sem jogar por terra todo o edifício doutrinário construído em torno do fenômeno mediúnico mal compreendido.

Um plágio mais bem caracterizado já havia ocorrido antes no livro *Brasil, Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, de 1938. O final do capítulo XI, intitulado “D. João VI no Brasil”, é uma transcrição direta do texto sobre “A Lei das Aposentadorias”, constante da pág. 90 do livro *Brasil Anedótico*, de Humberto de Campos, escrito quando em vida.¹⁹⁵ A transcrição é literal; inicia-se onde se lê que “A chamada lei das aposentadorias...” e prossegue ao longo de toda uma página, indo até o penúltimo parágrafo do capítulo, que termina em “serei forçado a entregá-la” (Anexo II). O texto é exatamente o mesmo, sem adaptações.¹⁹⁶

Houve quem alegasse tratar-se de autoplágio, e não de plágio, propriamente dito, de vez que o texto transcrito era do próprio Humberto de Campos, mas não parece que isso solucione razoavelmente a questão. É mais provável que Chico Xavier tenha se valido do texto do autor encarnado para compor os detalhes do seu texto psicografado sem atentar para as implicações envolvidas nesse ato. Nessa época Chico era um jovem de 28 anos.

194. Owen, George V. *A Vida Além do Véu*, pag. 241 em diante, trad. Carlos Imbassahy. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1983.

195. Campos, Humberto de. *Brasil Anedótico*, pag. 90. NEAD/UNAMA - Universidade de Ananindeua, Belém/PA. Sem data.

196. Xavier, Francisco C. *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, pelo espírito Humberto de Campos, pag. 138-139. 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

Já comentamos, no capítulo anterior, o caso do livro *Há 2000 Anos* sob o ponto de vista da historicidade ou da ficção. Vale a pena retomar o caso do ponto de vista do plágio.

Chico tinha 30 anos de idade quando da sua escrita. Uma análise comparativa deixa claro que, mais que a estrutura baseada em *Herculanum* e *Lídia*, várias narrativas, descrições dos cenários e do contexto histórico estão ancoradas no livro *Vida de Jesus*, de Ernest Renan. O tratamento das “erupções cutâneas” adotado pela personagem Flávia, constituído de “pasta de miolo de pão misturado ao leite de jumenta”, constava em uma página de curiosidades de um magazine que circulava na época (Anexo IV).

Como hoje é sabido, Chico era um leitor voraz; lia tudo o que lhe chegava às mãos e conhecia muito da literatura popular da sua época. Ele mesmo afirma que sempre teve “o mais pronunciado pendor para a literatura” e que, “em casa, sempre estudei o que pude”.¹⁹⁷ Freqüentador assíduo de livrarias e revistas, era apaixonado por livros, e mantinha, em um álbum particular, recortes de trechos selecionados de revistas, jornais e almanaques que julgava interessantes.¹⁹⁸ Faltava-lhe educação formal, não leitura.

Estudando a constituição da imagem autoral de Chico Xavier, André Cunha analisou o artigo publicado na revista *Reformador* de 16/06/1934, intitulado *Roma e a Humanidade*, depois incorporado ao livro *Emmanuel* como sendo o capítulo III. Dessa análise ele sugere:

Um exercício interessante de investigação seria o de desenvolver uma análise comparativa, cotejando esses textos, os documentos curriculares e livros didáticos de História do período. (...) Uma breve leitura flutuante dos índices apontou uma convergência entre elas, possivelmente indicando que não apenas o conhecimento histórico, mas o saber histórico escolar, serviu de material para a composição das obras psicográficas.¹⁹⁹

Seria o caso de admitir que Chico tivesse lido essas obras e que, imaginando-se sob influência de Emmanuel, acessasse esses conteúdos no momento da psicografia por meio do fenômeno da memória latente, misturando-os àqueles que lhe eram apresentados pelo seu guia espiritual? E por que Emmanuel não o corrigia, sendo esta a explicação? Pode-se contar com esse tipo de vigilância no contexto do fenômeno mediúnic?

197. Xavier, Chico. *Parnaso de Além Túmulo*, por espíritos diversos, pag. 31. 10ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

198. Fernandes, Magali O. *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo da edição popular*. Ed. AnnaBlume, São Paulo/SP, 2008.

199. Cunha, André V C S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier*, pag. 220. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

Os plágios de obras científicas

O livro *Mecanismos da Mediunidade* causou uma impressão muito positiva a princípio. Não foram poucos os leitores que viram nele a transcendência das informações científicas ali apresentadas. Ele foi psicografado mediante ação combinada de dois médiuns. Uma nota de rodapé, logo no início do livro, informa que “o prefácio de Emmanuel e os capítulos pares foram recebidos por Francisco Cândido Xavier, e o prefácio de André Luiz e os capítulos ímpares foram recebidos por Waldo Vieira.” O livro foi escrito bem mais tarde, já em 1959, quando a questão dos plágios já era um assunto incômodo no meio espírita. Chico já era um médium maduro, de quase 50 anos; Waldo Vieira tinha 44 anos.

Em razão de tudo isso, há uma explicação logo na introdução:

Prevenindo qualquer observação da crítica construtiva, lealmente declaramos haver recorrido a diversos trabalhos de divulgação científica do mundo contemporâneo para tornar a substância espírita deste livro mais seguramente compreendida pela generalidade dos leitores, como quem se utiliza da estrada de todos para atingir a meta em vista, sem maiores dificuldades para os companheiros de excursão.²⁰⁰

De fato, nos capítulos 1, 2, 3 e 15 foram identificados vários trechos claramente adaptados do livro *O Átomo*, de Fritz Kahn. Não foi possível identificar se há trechos que tenham sido adaptados de outros autores da época. O problema é que o modo como se deu essa apropriação de conteúdo não atendeu às regras vigentes no meio literário e científico.

Tomando um caso específico como exemplo, em *O Átomo* ele se acha assim redigido:

As ondas são medidas segundo seus comprimentos. O comprimento de onda depende da capacidade do emissor, que é o aparelho que causa a agitação. Uma pequena pedra resulta em pequenas ondas de água, um rochedo já provoca grandes ondas. Um contrabaixo produz grandes ondas sonoras, um violoncelo, médias, e um violino, pequenas.²⁰¹

200. Xavier, Francisco C. *Mecanismos da Mediunidade*, pag. 19, pelo espírito André Luiz. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1983.

201. Kahn, Fritz. *O Átomo*, pag. 52, trad. Francisco J Buecken. 6ª ed. Melhoramentos, São Paulo/SP, sem data.

Em *Mecanismos da Mediunidade* o texto foi adaptado da seguinte maneira:

As ondas são avaliadas segundo o comprimento em que se expressam, dependendo desse comprimento do emissor em que se verifica a agitação. Fina vara tangendo as águas de um lago provocará ondas pequenas, ao passo que a tora de madeira, arrojada ao lençol líquido, traçará ondas maiores.

Um contrabaixo lançá-las-á muito longas.

Um flautim desferí-las-á muito curtas.²⁰²

Tomando mais um exemplo, no texto de Fritz Kahn há uma explicação para o “salto” que se verifica por parte dos elétrons nas mudanças de camadas eletrônicas, quando ocorre liberação de energia. No original consta a seguinte redação:

Quanto mais distante do núcleo, mais longo será o salto, tanto mais comprida também a onda produzida, mas tanto menor a sua energia. Quanto mais para dentro no átomo e mais próximo do núcleo o salto se der, tanto mais curta e de maior energia será a onda irradiada.²⁰³

No livro *Mecanismos da Mediunidade* a mesma ideia recebe ajustes:

Compreenderemos, portanto, que, quanto mais distante do núcleo, mais comprido será o salto, determinando a emissão de onda mais longa e, por esse motivo, identificada por menor energia. E quanto mais para dentro do sistema atômico se verifique o salto, tanto mais curta, e por isso de maior poder penetrante, a onda exteriorizada.²⁰⁴

Foram identificadas ao longo do livro onze apropriações de conteúdos do livro de Friz Kahn, sendo dez quase literais nos capítulos psicografados por Waldo Vieira e uma nos de Chico Xavier. Foram encontrados ainda trechos plagiados do livro *O Grande Enigma*, de Léon Denis (1938), nos livros *O Consolador* (1940), *Os Mensageiros* (1944), *Coletânea do Além* (1945) e *Roteiro* (1952). Não se sabe ainda que outros livros e autores podem ter servido de apoio à elaboração dos textos, mas, na introdução de *Mecanismos da Mediunidade*, os autores deixam claro que esse tipo de

202. Xavier, Francisco C. *Mecanismos da Mediunidade*, pelo espírito André Luiz, pag. 22, pelo espírito André Luiz. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1983.

203. Kahn, Fritz. *O Átomo*, pag. 63, trad. Francisco J Buecken. 6ª ed. Melhoramentos, São Paulo/SP, sem data.

204. Xavier, Francisco C. *Mecanismos da Mediunidade*, pelo espírito André Luiz, pag. 37, pelo espírito André Luiz. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1983.

consulta fazia parte do modo como os textos psicográficos eram produzidos, o que exclui a criptomnésia como hipótese explicativa.

Não haveria nada a questionar se as fontes tivessem sido devidamente citadas, e colocadas entre aspas nas transcrições literais, como já recomendavam, mesmo naquela época, as boas práticas literárias. Mas não foi o que ocorreu. Seja por ingenuidade ou por desconhecimento das regras, praticou-se o plágio, como ocorreu ainda recentemente com os dois autores encarnados, um deles em uma tese de doutoramento, dentro da academia.

Tivesse o fato sido objeto de diálogo aberto e honesto com os médiuns, oferecendo a eles a possibilidade de se explicarem, talvez se esclarecesse a questão, se corrigisse o texto, se ajustassem as condutas e todos aprenderiam com o fato. Mas isso não ocorreu.

Seja qual for a alegação, não faz mais sentido qualquer forma de silenciamento em torno do assunto, como também não faz sentido acusar de má-fé os médiuns envolvidos. Sua contribuição para a causa do Espiritismo é muito mais extensa do que todos os plágios identificados. A literatura mediúnica, em particular aquela produzida por Chico Xavier, é muito rica, sob todos os aspectos, para que seja desacreditada em função dessas ocorrências, desde que fique clara a sua natureza medianímica, ficcional e não histórica.

Segundo a sabedoria evangélica, “nada há de oculto que não se torne manifesto, e nada em segredo que não seja conhecido e venha à luz do dia”.²⁰⁵ Mais sensato que silenciar ou omitir é analisar com tranquilidade essas ocorrências e repensar o nosso entendimento a respeito da psicografia, da psicofonia e da própria mediunidade. Com isso ganha o próprio Espiritismo, que mantém a sua característica fundamental, a da racionalidade científica.

205. Jesus no Evangelho de Lucas 8:17. *Bíblia de Jerusalém*, Ed. Paulus, São Paulo/SP, 2002.



14

A TRANSFORMAÇÃO DE MÉDIUNS EM ORÁCULOS

A relação que Kardec estabeleceu com os médiuns de sua época era de estudo e observação. A princípio, todos pertenciam a grupos familiares; apenas Celine Eugenie Béquet, a Srta. Japhet, era uma médium profissional, que se dispôs a colaborar com as pesquisas desenvolvidas pelo Prof. Hippolyte. A partir da criação da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritos em 1858, outros médiuns começaram a colaborar. A *Revista Espírita* abriu possibilidades de contato com outros médiuns de Paris, de cidades europeias e mesmo com europeus que haviam migrado para colônias nas Américas e na África e até para a China.

Quando Kardec conheceu Ermance Dufaux ela tinha de vinte para vinte e um anos, já havia psicografado dois livros e publicado um deles, em uma época em que escrever e publicar livros era infinitamente mais difícil do que hoje. Uma máquina de escrever funcional ainda não havia sido inventada. Kardec citou os seus livros na *Revista Espírita* e, mais tarde, teceu comentários a respeito de um deles, sobre o Rei Luís XI, que apresentava interessantes detalhes históricos. Embora houvesse prometido publicar uma análise do livro atribuído a Joana d'Arc, ele deve ter repensado, pois não disse nada a respeito. Por que razão? Ele não explica. Apenas reconheceu que a mediunidade dela se prestava a relatos históricos.

O Sr. D'Ambel já chegou à Sociedade Parisiense pronto; Camille Flammarion desenvolveu sua mediunidade de escrita na Sociedade. É grande a relação de médiuns que se reuniram em torno do projeto de Kardec, alguns com sobrenome conhecido, como os pais do pesquisador espírita Gabriel Delanne e o próprio Leymarie, que lhe continuou os trabalhos.

Kardec pouco informava a respeito dos médiuns. Na *Revista Espírita* ele às vezes citava o nome, mas, como regra, apenas a primeira letra. Nos

seus livros praticamente não há referência aos médiuns. Em *O Céu e o Inferno* ele se refere à Sra. G que, além de médium, era a protagonista da história. Em *A Gênese* ele apenas informa as iniciais C.F no capítulo VI, sobre Astronomia; uma nota da editora é que esclarece tratar-se de Camille Flammarion.²⁰⁶

Havia dois motivos relevantes; o primeiro é que havia muito preconceito e até perseguição por parte da Igreja Católica às pessoas que “evocavam espíritos”. O segundo é que Kardec não queria estimular a vaidade dos médiuns; eles eram apenas instrumentos e não propriamente agentes do fenômeno. Tudo o que eles produzissem deveria ser submetido ao mais rigoroso crivo, tanto da razão quanto da concordância. Seus livros são o resultado do estudo das comunicações obtidas por vários médiuns, de várias localidades, e é interessante observar que a palavra final era sempre dele, o pesquisador encarnado.

Hoje já está claro que há mais um aspecto importante a ser considerado: nem tudo o que o médium escreve ou diz pode ser seguramente atribuído a uma entidade comunicante; embora não haja dúvida de que, em muitos casos, realmente há uma clara atuação espiritual, em muitos outros, o conteúdo pode ser originado apenas da mente do médium. E não há nenhum problema nisso; é uma característica do processo medianímico.

Nesse sentido o Dr. Alexander Moreira-Almeida cita o caso de Leonora Piper (1857-1950), que ele considera “provavelmente o médium mais estudado e um dos que produziu mais evidências sugestivas de uma personalidade falecida”. Seu caso foi analisado por diversos pesquisadores ilustres e, “como de costume mesmo nos médiuns mais habilidosos, havia uma grande flutuação na acurácia das informações que ela fornecia. Habitualmente, as comunicações eram um misto de informações precisas e imprecisas.” Em seu artigo ele faz referência a dois estudos desenvolvidos por Kelly e Arcangel, publicados no *Journal of Nervous and Mental Disease*, nos quais eles concluíram que “os médiuns não são nem os oráculos infalíveis que muitas pessoas no público geral parecem acreditar que eles são, nem as fraudes ou impostores que muitos cientistas assumem que eles invariavelmente são.”²⁰⁷

De médium a “missionário”

Para Kardec, ser médium era uma simples condição orgânica de que eram dotadas algumas pessoas, entretanto, no imaginário espírita brasileiro ser médium passou a ser bem mais que isso, seria um compromisso

206. Em *O Céu e o Inferno*, à pag. 247 e 410 e em *A Gênese*, à pág. 103 das edições citadas na Bibliografia.

207. Moreira-Almeida, Alexander. *Pesquisa em Mediunidade e Relação Mente-Cérebro: Revisão das Evidências*, pag. 233-240 Rev. Psiquiatria Clínica, UFJF, Juiz de Fora/MG, 2013.

espiritual, uma missão. Um livro assinado por André Luiz, *Os Mensageiros*, sugere que existe até mesmo uma preparação no mundo espiritual para colaboradores que reencarnam com a missão de atuar no campo da mediunidade. Com base nessa visão criou-se a ideia de que todas as pessoas que apresentam uma mediunidade mais ostensiva têm um compromisso de utilizá-la para o bem da humanidade.

Sob uma perspectiva kardequiana, dons psíquicos são inerentes à condição humana. O pastor que prega em êxtase religioso no templo protestante e que fala em “línguas estranhas” reconfortando os fiéis, ou os devotos que entoam seus cânticos de louvor ao “Espírito Santo” nos eventos carismáticos, tanto quanto os xamãs que evocam os poderes da natureza em favor da sua comunidade, vivem a sua experiência segundo as suas tradições, assim como qualquer médium espírita que incorpora ou psicografa nas reuniões mediúnicas.

É bem provável que esse mito construído em torno do trabalho dos médiuns deva-se em grande parte ao caso ímpar de Chico Xavier. De fato, seu caso sugere a possibilidade de um programa de trabalho anteriormente traçado, uma espécie de “mandato mediúnico”, conforme consta no livro *Nos Domínios da Mediunidade*, de André Luiz/Chico Xavier. Mas isso pode ser uma leitura do momento, dadas as circunstâncias atuais. E mais: quando André Luiz usa essa expressão, ele está se referindo a um caso específico, o da Sra. Ambrosina, que parece ter sido inspirado no caso do próprio médium.

Do modo como se pode compreender hoje a mediunidade, temos naquela descrição o médium Chico Xavier em transe mediúnico referindo-se à sua própria atividade, sobre como ele mesmo se vê, ainda que sob a influência mental de André Luiz. Ele comenta que havia diversos médiuns no recinto, mas apenas a Sra. Ambrosina é que havia abraçado aquele “mandato mediúnico” especialíssimo; os demais eram colaboradores.²⁰⁸

Como resultado de sua extensa pesquisa, André Cunha concluiu que essa identidade atual do médium foi, na verdade, uma construção, uma grande jogada de marketing realizada pela FEB. Ele entende que os documentos mostram com muita clareza como isto se deu.

Vemos assim que os artigos de Ramiro Gama desenvolvem as bases da exaltação da mediunidade de Chico Xavier, associando a esta um culto à sua personalidade. Não obstante, este culto é fundado ou focado nos aspectos morais e não nos atributos intelectuais do

208. Xavier, Francisco C. *Nos Domínios da Mediunidade*, pelo espírito André Luiz, cap. 16 pág. 147. 16ª ed. FEB, Brasília/DF, 1987.

Mineiro. Compõe, desta forma, a tríade que sustentará a representação de santidade de Xavier: poderes mediúnicos excepcionais, comportamento moralizado, nulidade ou pobreza cognitiva.²⁰⁹

Essa ação foi capitaneada por Guillon Ribeiro e Manuel Quintão a partir da ácida crítica ao trabalho mediúnico de Chico Xavier publicada nos jornais por Humberto de Campos. Após o lançamento do livro *Parnaso de Além Túmulo*, não era mais interessante apresentar os dotes intelectuais do médium mineiro. Se ele era o jovem e culto autodidata do interior de Minas, um “escritor de poesias próprias” a que Manuel Quintão se referiu em 1931, a partir de 1933 ele passou a ser um rapaz desprovido de cultura, um “pobre rapazola anônimo, quase analfabeto”, apenas dotado de uma moral impecável, quase um santo, o que o tornava um instrumento dócil dos espíritos, um perfeito médium psicógrafo.

Essa imagem de santo parece tê-lo incomodado a princípio, mas ele foi se adaptando, como uma maneira de aceitar e cumprir a função que lhe foi atribuída pelo meio espírita, de um missionário dos “espíritos superiores” junto aos homens. Não tardou a levantarem a possibilidade de que ele fosse o próprio Allan Kardec reencarnado, dando continuidade à sua obra, mesmo tendo Léon Denis recebido mensagens assinadas por Allan Kardec na cidade de Tours, na França após o seu nascimento. Mais tarde lhe modificariam até mesmo o nome; não mais Francisco Cândido Xavier, apenas, em tom de intimidade, Chico Xavier.

Francisco Thiesen, prefaciando *Testemunhos de Chico Xavier*, comenta um diálogo em que Wantuil de Freitas o orientava com relação ao seu papel na presidência da FEB. Ao longo de 34 anos consecutivos à frente da instituição, Wantuil colocara-se como o responsável direto pela publicação da obra – e pela construção da imagem – de Chico Xavier, e tinha clareza dos questionamentos a que seu trabalho estava sujeito. Por isso, ele ponderava que, “se porventura formos levados a defender-nos, evitemos expor o médium a dificuldades a que ele, como homem, compreensivelmente talvez não possa resistir por longo tempo. Preservá-lo, portanto, é para nós simples dever.”²¹⁰ Ou seja, havia uma imagem a ser mantida.

Chico Xavier fala de si mesmo como alguém que padece dos conflitos comuns aos seres humanos, e que adotou o serviço ao próximo como a âncora que lhe proporciona segurança para o enfrentamento dos embates da vida. Segundo ele afirma mais de uma vez,

209. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 192-212. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

210. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, Prefácio. FEB, Brasília/DF, 1986.

...conseguiremos a própria liberação desses estados, claramente infelizes, se nos dispusermos com sinceridade a varar a concha do nosso próprio egoísmo, esquecendo-nos, quanto ao aspecto inarmônico de nossa vida mental, para servir aos outros, especialmente àqueles que atravessam provações e problemas muito maiores do que os nossos.²¹¹

Essas afirmações devem-se, sem dúvida, à humildade do homem Chico Xavier, humildade que é atestada por todos os que com ele conviveram. Wantuil de Freitas, Luciano dos Anjos, dentre outros, lhe atribuíam até mesmo uma certa ingenuidade no lidar com as questões do cotidiano e com a hipocrisia humana, o que fica bastante evidente no modo como se desenvolveram os acontecimentos em torno das denúncias de plágio; em vez de conversar abertamente com ele a esse respeito, preferiu-se colocar uma pedra de silêncio sobre o caso.

Em vez de uma postura de pesquisa, adotou-se uma postura de defesa, como se Chico Xavier fosse o portador de uma revelação especial que devesse ser preservada de “ataques das sombras”, em vez de estudada, analisada, questionada. Os críticos, de possíveis aliados, foram transformados em inimigos a pretexto de proteger o seu legado. Em vez de buscar esclarecer com ele, mediante diálogo, os aspectos controvertidos dos seus textos mediúnicos, seja para compreender melhor o processo da psicografia, seja para estabelecer ajustes nos procedimentos, optou-se por silenciar os críticos e ocultar os questionamentos.

O escritor R. A. Ranieri talvez tenha sido quem mais exaltou a mediunidade de Chico Xavier mediante um elogio nada espírita. Ele publicou um livro com o título *Chico Xavier: o santo dos nossos dias*, o que gerou uma grande polêmica à época. Ao longo desse processo, observa André Cunha, “sua individualidade, sua personalidade, serão cada vez mais obnubiladas, passando nas décadas seguintes a atravessar um túnel marcado pela opacidade, pela escuridão, na qual o resultado o conduzirá rumo à sua mitificação pessoal.”

A exclusividade dos médiuns

Há ainda outro aspecto intrigante a ser estudado tendo em vista suas implicações para o entendimento do fenômeno da psicografia: médiuns e espíritos, quando se trata de fenômenos mediúnicos, apresentam

211. Worm, Fernando. *A Ponte: Diálogos com Chico Xavier*, pag. 4, 2ª edição independente, Porto Alegre/RS, 1982.

uma profunda e inevitável vinculação de natureza pessoal. Emmanuel, André Luiz, Humberto de Campos e inúmeros outros espíritos só se manifestavam por meio do médium Chico Xavier. Quando saiu alguma publicação assinada por qualquer um deles por meio de outros médiuns, o estilo não conferia. Mesmo sabendo que a participação do médium no processo pode determinar mudanças no estilo, essas mensagens foram consideradas apócrifas.

Do mesmo modo, Joanna de Ângelis, Manoel Philomeno de Miranda, Amélia Rodrigues e outros, só se comunicavam por meio de Divaldo Franco. Mesmo Chico Xavier, um médium de uma versatilidade invejável, raramente psicografou textos de autoria de espíritos que psicografavam por meio de outros médiuns. Uma das poucas exceções fica por conta do Padre Germano, de quem ele psicografou um conto memorável que repete inteiramente o estilo das mensagens atribuídas a esse espírito, obtidas na Espanha no final do século XIX.²¹²

Assim também Camilo Castelo Branco com Yvonne Pereira, Miramez com João Nunes Maia, Ermance Dufaux com Wanderley de Oliveira. Sem contar os vários médiuns que afirmam incorporar espíritos vindos de outros planetas, quase sempre também exclusivos, como Mônica Medeiros e o personagem extraterrestre Shellyanna.

Que razões justificariam essa exclusividade? A alegada afinidade espiritual é uma explicação suficiente? Como lidar com o fato de que, quando outro médium afirma ter recebido alguma comunicação por parte de uma dessas entidades espirituais, o seu conteúdo, a sua forma, na maioria dos casos, não permite reconhecer o autor espiritual no texto desse outro médium? Como explicar que Chico Xavier nunca tenha psicografado um único romance de autoria de Bezerra de Menezes ou Victor Hugo, dois escritores de romances quando em vida, por mais que eles o fizessem por meio de Yvonne Pereira e Divaldo Franco?

São questões intrigantes para as quais não há uma resposta conclusiva.

Já o médium Waldo Vieira psicografou um único romance, atribuído a Honoré de Balzac, intitulado *Cristo Espera por Ti*. Osmar Ramos Filho confessa que já havia se decepcionado com os romances atribuídos a Victor Hugo, Tolstoi e Eça de Queiroz. Quando o viu; achou que seria apenas mais um. Qual a sua surpresa quando começou a ler aquelas páginas! Ele se viu diante de um “romance complexo, perturbador, contraditório, que nos deixa ao mesmo tempo insatisfeitos e perplexos. Autêntico romance de Balzac”.²¹³

212. Tavares, Clóvis. *Trinta Anos com Chico Xavier*, cap. 11. Ed. IDE, Belo Horizonte/MG, 1987.

213. Ramos Filho, Osmar. *O avesso de um Balzac contemporâneo: Arqueologia de um pasticho*. Ed. Lachâtre, São Paulo/SP, 1995.

Ele dedicou sete anos a uma detalhada pesquisa em toda a obra do autor encarnado e descobriu mais de duas mil semelhanças na obra psicografada. É claro que Waldo já havia lido Balzac, mas só isso não explica a riqueza de detalhes, a intrincada narrativa e, sobretudo, o estilo. Mesmo com toda essa versatilidade, Waldo jamais psicografou romances de Emmanuel, Bezerra ou Victor Hugo. E nem nada mais de Balzac.

Há exceções, como o caso de Ramatis, inicialmente psicografando de maneira intuitiva por Hercílio Maes, e que depois compareceu por meio de vários outros médiuns, embora do mesmo segmento espírita. É também o caso de Luís Sérgio, que psicografou primeiro pelas mãos de sua prima Alayde, e depois pelas da médium Lúcia Maria Secron, tendo psicografado a maior parte da sua produção literária por meio de outra médium, Irene Pacheco Machado. Mas nesses casos foi percebida uma mudança no teor das mensagens, na linguagem e até no estilo, ainda que dentro do mesmo círculo de crença.

Essa exclusividade vem desde os tempos de Kardec. O espírito São Luís é apresentado como sendo o guia espiritual da médium Ermance Dufaux. Existem diversas mensagens em várias obras de Kardec cuja autoria é atribuída ao “guia pessoal do médium”. Kardec comenta que Santo Agostinho quase sempre se manifestava por meio de Eugene Vézy, assim como Erasto pelo Sr. D’Ambel.

O caso do Sr. D’Ambel, inclusive, merece destaque. Logo que chegou à Sociedade de Paris ele psicografou conteúdos tão interessantes que Kardec fez questão de incluí-los na segunda edição de *O Livro dos Médiuns*. Ele passou quatro anos na Sociedade de Paris e saiu em 1865, quando passou a publicar suas produções mediúnicas pelo jornal *L’Avenir*. Disso resultou a publicação de *O Livro de Erasto*, que Carlos Seth considera polêmico, até porque defende teses que Kardec não havia considerado, como a descrição de seres de uma “era anti-hebraica”. Nas palavras de Carlos Seth, existe um “sistema” Erasto-D’Ambel na Sociedade de Paris e, em seguida, outro sistema Erasto-D’Ambel no jornal *L’Avenir*.²¹⁴

Depois de todo esse trabalho no campo da mediunidade, ele cometeu suicídio aos 49 anos de idade. Carlos Seth comenta: “Os médiuns daquela época, como os de hoje, têm características bastante humanas, não são Espíritos perfeitos. Isto não afeta em nada a integridade da Doutrina Espírita.”

Como parece evidente, a transformação de médiuns em seres especiais, “missionários” ou em verdadeiros oráculos ou “gurus” espíritas é uma invenção do Espiritismo Brasileiro. Kardec nem de longe admitiria algo nesse sentido.

214. Bastos, Carlos S. *Biografia do Sr. D’Ambel, o médium de Erasto*. Monografia, disp. em 11/06/2022 em <https://kardecpedia.com/obra/71>



Os espíritos



15

O PROBLEMA DA IDENTIFICAÇÃO DOS ESPÍRITOS

Dentre os diversos problemas com os quais Kardec se deparou, um talvez tenha se mostrado insuperável: a comprovação da autoria de uma mensagem mediúnicamente transmitida. O espírito que estava transmitindo aquela mensagem era mesmo quem ele dizia ser?

Em alguns casos isso não deixa dúvidas, como se deu com Monteiro Lobato, que teve destruído todo o seu ceticismo diante de uma brincadeira do copo. Chegando em casa à noite, após o trabalho, encontrou reunida a sua família realizando a velha brincadeira. Ele, que nunca havia se interessado, quis fazer parte. Tomou o papel e o lápis e começou a fazer as perguntas. Qual não foi a sua surpresa quando as respostas atestaram a presença de um antigo amigo, falecido vários anos antes. Quem narra o diálogo é a sua revisora, a Marjori, a quem, segundo ela mesma afirma, ele tinha quase por filha:

Fiz-lhe inúmeras perguntas e ele as respondeu com toda a naturalidade e exatas. Fiquei estupefato. Era o Adalgiso Pereira, grande e culto gramático, que revira, outrora, vários trabalhos meus, na rua Formosa, onde éramos vizinhos. A seguir, vieram outros amigos, dando-me, alegremente, suas mensagens e provando-me, de maneira inofensiva, que você, minha filha, estava com a razão, quando me afirmava a imortalidade da alma.²¹⁵

Foi a partir dessa simples brincadeira que Monteiro Lobato se interessou pelos fenômenos mediúnicos, levando-o a realizar um trabalho, em que pese em bem menor escala, semelhante ao de Victor Hugo com o seu *O Livro das Mesas*.

215. Ribas, Maris J. S. *Monteiro Lobato e o Espiritismo: as sessões espíritas de Lobato narradas por ele mesmo*, pag. 16. 2ª ed. Nova Luz, São Paulo/SP, 1997.

Léon Denis apresenta o caso do escritor romeno Bogdan Petriceicu Hasdeu, que perdeu sua filha de 16 anos, e que narra em livro a sua própria experiência com o espiritual:

Haviam decorrido seis meses da morte de minha filha; estávamos em março (1889), cessara o Inverno, tardando, porém, ainda a Primavera. Em uma tarde úmida e desagradável, achava-me eu, sozinho, sentado à minha mesa de trabalho, tendo, como de costume, diante de mim uma resma de folhas de papel e vários lápis.

Como foi? Ignoro-o; mas, sem o saber, minha mão tomou um lápis, cuja ponta apoiou sobre o papel, e eu comecei a sentir na têmpora esquerda pancadas rápidas e intensas, exatamente como se nela me houvessem introduzido um aparelho telegráfico. De repente, a mão se me pôs em movimento, sem parar. Cinco minutos, no máximo. Quando se me deteve o braço e o lápis me escapou dos dedos, acreditei despertar de um sono, certo embora que estava de não haver adormecido. Olhei para o papel e li sem a menor dificuldade:

“Sou feliz; amo-te, havemos de nos tornar a ver; isso te deve bastar.
- Julie Hasden.”²¹⁶

O autor se mostra convencido da realidade do fenômeno, de vez que “estava escrito e assinado com a própria letra de minha filha.” Ele próprio havia sido o médium.

Mas nem sempre é possível essa certeza. Em um grande número de casos não são fornecidos elementos que possibilitem uma identificação segura, sobretudo nos fenômenos induzidos, como é o caso das reuniões mediúnicas. Isso incomodava Kardec.

Da comparação da primeira com a segunda edição de *O Livro dos Espíritos* se observa que ele mudou de entendimento quanto à autoria de mensagens antes validadas. Na primeira ele havia considerado autênticas algumas atribuídas a Napoleão Bonaparte, e o apresentava como um dos espíritos que haviam “concorrido” para a publicação do livro. Na segunda ele as coloca sob dúvida, tanto que retira o nome de Napoleão da lista de autores.

Mais tarde, ao escrever *O Livro dos Médiuns*, ele inclui uma delas como exemplo de mensagens apócrifas, e pondera:

A questão da identidade dos Espíritos é uma das mais controvertidas, mesmo entre os adeptos do Espiritismo. É que, com efeito, os Espíritos não nos trazem um ato de notoriedade e sabe-se com que

216. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 232, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1987.

facilidade alguns dentre eles tomam nomes que nunca lhes pertenceram. Esta, por isso mesmo, é, depois da obsessão, uma das maiores dificuldades do Espiritismo prático.²¹⁷

Como método de identificação ele considera as ideias, a linguagem e o estilo, mas mesmo esses elementos sofriam a “interferência” do médium, afetando as possibilidades de identificação do espírito autor. Diante dessa dificuldade ele adota uma solução: “em muitos casos, a identidade absoluta não passa de questão secundária e sem importância real.”

Hoje é inevitável fazer algumas perguntas: em que casos a “identificação absoluta” pode ser considerada uma “questão secundária e sem importância real”? Pode-se admitir alguma forma de identificação que não seja “absoluta”? Quais as implicações de uma “identificação relativa” para o processo de identificação dos espíritos que se comunicam?

Kardec prossegue ponderando que

A identidade dos Espíritos das personagens antigas é a mais difícil de se conseguir, tornando-se muitas vezes impossível, pelo que ficamos adstritos a uma apreciação puramente moral. Julgam-se os Espíritos, como os homens, pela sua linguagem. Se um Espírito se apresenta com o nome de Fénelon, por exemplo, e diz trivialidades e puerilidades, está claro que não pode ser ele. Porém, se somente diz coisas dignas do caráter de Fénelon e que este não se furtaria a subscrever, há, senão prova material, pelo menos toda probabilidade moral de que seja de fato ele. Nesse caso, sobretudo, é que a identidade real se torna uma questão acessória. Desde que o Espírito só diz coisas aproveitáveis, pouco importa o nome sob o qual as diga.²¹⁸

Para a elaboração de uma doutrina religiosa, essa “apreciação puramente moral” pode ser suficiente, mas e nos demais casos, como nas mensagens pessoais ou naquelas de orientação para um grupo de pessoas? De fato, basta a “probabilidade moral” de que o espírito seja quem ele afirma ser para que se leve em conta as informações que ele apresenta?

A semelhança das ideias como evidência de autenticidade

Léon Denis, o principal continuador da obra de Allan Kardec, era também médium. Dos seus relatos se depreende que ele se percebia, muitas vezes, assistido pelo próprio Allan Kardec que, inclusive, lhe teria

217. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 255 pag. 336, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

218. Idem, *ibidem*, item 255 pag. 336.

revelado que também ele, Denis, havia vivido suas “três primeiras existências humanas (...) no oeste das Gálias”. Seria Kardec que o estaria incentivando a publicar sua obra a respeito do gênio céltico, de vez que “o Espiritismo é somente uma ressurreição das suas doutrinas”.²¹⁹

Mas há como garantir que fosse mesmo Kardec? Como saber se não era uma criação mental do médium? Sua proximidade espiritual seria suficiente para oferecer elementos consistentes com relação à autenticidade dessas comunicações? Uma análise das ideias nelas contidas evidencia que elas quase sempre tomam caminhos argumentativos que não se via em Kardec, como ao afirmar que

“Existem no vosso mundo certos pontos privilegiados fluidicamente que são como espelhos, condensadores e refletores de fluidos, destinados a fazer vibrar os cérebros e os corações dos povos do planeta. Nestes pontos, três focos se acenderam: o foco oriental nas Índias; o foco cristão na Palestina; o foco céltico no Ocidente e no Norte.”²²⁰

O texto parece conferir algum poder místico aos pontos geográficos, além de citar uma espécie de “correntes extraterrestres” que circulariam entre os planetas sob a forma de “feixes de ondas superiores, que são as verdadeiras artérias da vida universal”. Há nos textos um misticismo, uma valorização do esotérico que não estão presentes na obra kardequiana, muito mais centrada na atuação dos espíritos como seres humanos, muito mais científico, muito mais racional.

Talvez por isso Léon Denis se referisse a “caracteres de autenticidade”, como que reconhecendo que não se trata propriamente de uma “comprovação” da identidade do espírito; o que se tinha era, no máximo, uma evidência.²²¹

Essa dificuldade já havia sido percebida por Victor Hugo, nos diálogos que ele estabeleceu com os espíritos mediante uso das mesas na ilha de Jersey, ainda antes de Kardec. Depois de obter um diálogo com sua filha falecida há dez anos, o que lhe causou profunda impressão, ele passou a confiar na identidade dos espíritos que se comunicavam. Com o desenrolar dos experimentos ele foi percebendo que a questão não era tão simples; surgiam espíritos com os nomes mais controvertidos, de filósofos,

219. Denis, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, pag. 9, 119, 154 e 164. Trad. Cícero Pimentel, Ed.

CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

220. Idem, *ibidem*, pag. 171.

221. Idem. *No Invisível*, pag. 81, trad. Leopoldo Cirne, 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

poetas, dramaturgos, personagens célebres da história, em meio a nomes que eram mais a expressão de uma ideia, como Crítica, Romance, Alegria, Imaginação... Sim; era assim que assinavam os espíritos.

Alguns não deixavam a menor dúvida quanto à sua identidade, na medida em que o diálogo se desenvolvia, dado o íntimo conhecimento entre eles e o seu famoso entrevistador. Mas em outros casos isso não era evidente. Por isso que, depois de mais de quatro meses de experimentos, e depois de receber belíssimos poemas de Shakespeare, ele sentiu-se à vontade para apresentar a sua dúvida, e lhe perguntou:

Embora tenhas recitado versos admiráveis, permite-me uma pergunta. Tu ouves nossas palavras, vês nosso pensamento, sabes que, mesmo estando profunda e religiosamente convencidos do mistério que presenciamos, acontece-nos duvidar da identidade absoluta e real dos personagens que nos dirigem a palavra. Vós, que sois luz, felicidade e benevolência, possuíis no mundo onde estais um meio de nos convencer plenamente de que sois de fato os personagens em nome dos quais falais? Ou deveis nos deixar na dúvida quanto a esse ponto?²²²

Em vez de responder, o espírito faz silêncio. Incomodado, Victor Hugo pergunta:

- Quem está aqui?
- A Sombra do Sepulcro.
- Eu havia feito uma pergunta a Shakespeare; sabes que pergunta é essa?
- Sim.
- Para respondê-la, precisas que eu a leia?
- Não.
- Queres responder?
- Sim.
- Escutamos.
- O túmulo não mente. A mortalha é a primeira página branca do livro da verdade cuja escura encadernação é a tumba. Vós, que ledes nesse livro, por que duvidais? Porque sois vivos. Não podeis crer sem morrer. Em vosso pobre mundo, a fé é o suicídio. No meu, é a criação.²²³

222. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 178. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

223. Idem, *ibidem*. Pag. 179.

Quem seria esse espírito que se apresentava sob identificação tão inusitada, como “Sombra do Sepulcro”? Seria outro espírito que desejava mostrar a Victor Hugo a precariedade da sua condição humana ante uma questão tão complexa? O espírito continua:

Quando Shakespeare vem e diz: sou eu, estais condenados a procurar sua identidade e dela duvidar. Vós sois os reis da vida que recebeis os embaixadores da morte, porém, como eles usam uma máscara de sombra, não podeis ver-lhes o rosto, só podeis ver-lhes a coroa. Sua coroa é sua alma. A fala da morte é a verdade na grandeza, é o verbo. O verbo é a credencial de Deus.²²⁴

Victor Hugo ainda questiona as contradições no que lhe disseram os espíritos que se apresentaram como Aníbal, o general cartaginês que derrotou o poderoso exército romano em 216 a.C, e Nemrod, o lendário tirano das narrativas do Velho Testamento. As respostas de Shakespeare são evasivas e Victor Hugo continua com suas indagações sem uma resposta mais efetiva. Ele conclui que, ao contrário do que lhe havia dito Shakespeare, o túmulo mente, sim, Senhor.

Há uma interessante nota de Vacquerie, jornalista, poeta e cunhado de Victor Hugo, que também participava das sessões. Na ata de 10/02/1854 ele explica o processo da composição do texto:

Ao ditarem seus versos, Molière, Ésquilo, Shakespeare e André Chénier corrigem, interrompem, hesitam, apagam, refazem. A Sombra do Sepulcro, por sua vez, dita os versos como se fossem prosa, sem hesitação, sem dificuldade, fluentemente. Quando Victor Hugo perguntou a Molière: os reis e vós, lá no alto etc., perguntamos se Molière estava presente. Julgamos que a Mesa respondia sim. Entretanto, como a primeira estrofe da resposta fora ditada velozmente e sem rasura, ruminamos que não podia ser Molière. Dai termos indagado novamente quem era. Com efeito, era a Sombra do Sepulcro.²²⁵

Quatro dias depois, na ata da sessão de 14/02/1854, consta que

Auguste Vacquerie (que está manipulando a mesinha) não vê semelhança entre os versos desta noite e as duas estrofes feitas numa noite de outra semana por Shakespeare. Esse descuido de Ésquilo

224. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 179. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

225. Idem, ibidem. Pag. 205.

sugeriria que esses espíritos que aparecem para nós não são vários, e sim o mesmo que assume vários nomes, uma vez que Ésquilo confunde os versos de Shakespeare com os seus.²²⁶

Questionado, o espírito responde que “Shakespeare e eu somos colaboradores”. Interessante que estamos nos referindo a Shakespeare, que viveu no século XVI d.C e Ésquilo, que viveu no século V a.C., separados por mais de dois milênios. Mais à frente Ésquilo deseja retomar versos assinados por Molière, o que não é aceito por Vacquerie. Naquele grupo, os participantes encarnados sabiam impor-se aos espíritos.

A questão da linguagem

Ante as dificuldades de identificação dos espíritos, Kardec atribuía uma importância especial à “linguagem” de que eles se utilizavam, além do “estilo” da escrita e de outros “indícios” que se evidenciavam no texto. Se a linguagem não era uma “prova” de identidade, era pelo menos uma prova da sua ascendência moral: “julgam-se os espíritos, como os homens, pela sua linguagem”.²²⁷

Atualmente essa limitação é ainda mais evidente, de vez que é possível comparar as inúmeras mensagens atribuídas a Kardec, a Jesus e a outros espíritos que, segundo o afirmam aqueles que os recebem, continuam se comunicando nos grupos espíritas.

Essa questão é delicada, pois depende da subjetividade dos avaliadores. Por exemplo, as mensagens recebidas pelo médium Frederico Júnior no início do século passado foram consideradas autênticas orientações de Kardec pelos analistas da FEB, e incluídas no livreto *A Prece*. Seus críticos, entretanto, acham inadmissível que Kardec tenha mudado de opinião em relação a diversas teses defendidas por Roustaing, que ele havia contestado de maneira contundente quando encarnado, e que compareciam validadas nesses novos textos.

Há inúmeras mensagens atribuídas a Kardec recebidas em diversos grupos espíritas tanto no Brasil quanto no exterior. Elas lembram em tudo o seu estilo, e abordam diversas questões com a mesma linguagem, traduzindo aquela mesma visão de mundo contida nos seus livros. Fica a dúvida: após 160 anos e com a visão ampliada pela perspectiva espiritual,

226. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 214. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

227. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 255 e mais, 229, 233, 258 e 260 e todo o cap. XXXI, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

Kardec continuaria com as mesmas ideias que cultivava quando de sua passagem pela Terra?

O mesmo ocorre com as mensagens atribuídas a Jesus, que lembram em tudo as ideias, o estilo e até a linguagem, como se Jesus estivesse no mesmo cenário, ante as mesmas questões que o motivaram há dois milênios, quase sempre sem uma compreensão mais abrangente das questões sociais que afetam o mundo do século XXI.

Em literatura é considerado arte o fato de um determinado escritor ser capaz de reproduzir o estilo, a linguagem e até mesmo as ideias de um escritor famoso, desde que o faça de maneira transparente, como imitação. A isto se chama pastiche. Foi esta a explicação dos críticos literários para a obra de Chico Xavier, que reproduzia, mediante psicografia, as ideias e os estilos de diversos poetas, ainda que agora defendendo o ideário espírita, que não lhes era familiar quando de suas vidas na Terra.

Isso estava claro para Kardec, que estudou muito bem essa questão no item 261 de *O Livro dos Médiuns*. Ante as diversas mensagens que chegaram até ele, recebidas pelos médiuns da época e atribuídas a Jesus, nenhuma satisfaz ao seu critério. A única que ele entendeu que poderia ser autêntica foi uma recebida “por um dos melhores médiuns da Sociedade Espírita de Paris”, exatamente porque ela reproduzia, sob certos aspectos, as ideias e a linguagem que se conhecem pelos Evangelhos como sendo de Jesus. Mesmo assim, ao publicá-la em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ele reformulou em grande parte o texto; suprimiu a parte inicial que dizia “venho, eu, vosso Salvador e vosso juiz”, e deu uma redação continuada às duas sentenças seguintes. Suprimiu ainda um parágrafo inteiro que exortava os leitores a crerem “nas vozes que vos respondem; são as próprias almas dos que evocais” e mais o início do segundo parágrafo à frente.²²⁸

Salta aos olhos ainda o fato de todas as entidades que se manifestavam nas sessões da Ilha de Jersey falarem em linguagem poética. Mesmo Marie, a mulher suicida amiga de Kesler, fala em linguagem poética. Quando o espírito Galileu Galilei, atendendo a um anseio de Victor Hugo, comparece para esclarecer algumas informações sobre astronomia contidas no texto ditado pela Morte no mês anterior, também ele fala em linguagem poética.

Respondo duas coisas: em primeiro lugar, se a Mesa devesse falar não a linguagem humana, mas a linguagem celeste, vós não a compreenderíeis. Na linguagem celeste o homem não se chama homem,

228. É interessante comparar os dois textos, no item IX das Dissertações Espíritas de *O Livro dos Médiuns*, e no item 5 do cap. VI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*.

o animal não se chama animal, a planta não se chama planta... (...) Deus não se chama Deus. Não existem palavras onde não existem corpos. As palavras são matéria com que fabricais o ideal. O infinito é anônimo, a eternidade não tem certidão de nascimento.²²⁹

Quem escreve seria mesmo Galileu? Seriam os médiuns, que eram dois ao mesmo tempo com as mãos na cesta? Se Galileu Galilei era um cientista, dialogando com Victor Hugo ele se torna poeta: “O espaço e o tempo, duas máscaras, duas aparências, duas visões, dois sonhos, dois impossíveis, dois olhos furados pelo horror, duas patas sangrando do castigo, dois prodigiosos maxilares do abismo...”. Ou seria tudo criação da mente de Victor Hugo? Ou seria a sua mente modelando a expressão do espírito? Mas ele nem tocava a mesa.

Segundo a filosofia poética do espírito que assinava Shakespeare, “as palavras são matéria com que fabricais o ideal”. De fato, toda a linguagem existente é criação humana.

As Mesas, para se fazerem compreender por vós, se viam obrigadas a falar vossa linguagem; ora, vossa linguagem é uma convenção, vossa linguagem é a fumaça de vossa boca. Ela tapa as estrelas com nuvens. Isso significa que vos enganastes em tudo? Não, vossas mãos tateiam o céu e, às vezes, roçam nas maçanetas reluzentes das portas divinas.²³⁰

Para Kardec, a honestidade do médium era um fator de credibilidade; ele minimiza a possibilidade de as mensagens serem uma criação das suas mentes. Se a linguagem ou o estilo não conferiam, poderia ser devido a alguma “interferência” inconsciente da sua parte. Contrariando Kardec, vimos no capítulo 9 que até a identidade do espírito pode ser uma criação anímica, por mais honesto e confiável que seja o médium.

A questão do estilo

A publicação de *Parnaso de Além Túmulo* deixou claro que nem mesmo a semelhança das ideias, da linguagem e do estilo foi considerada pelos críticos como critério suficiente para a comprovação da identidade do espírito comunicante. Humberto de Campos, ainda em vida,

229. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 408. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

230. Idem, *ibidem*. Pag. 411.

fazendo coro a algumas vozes da época, foi sutil ao acusar Chico Xavier de pastiche e mistificação. O editorial de *Reformador* do dia 01/04/1935, agora diante de mensagem assinada pelo próprio Humberto de Campos, já falecido, cedia a essa dificuldade afirmando que, “publicando as comunicações abaixo, é claro que não pretendemos autenticá-las, porque para nós a identificação dos espíritos só se faz por eles mesmos, e mais – para os que têm olhos de ver e coração de sentir.” Ou seja, a identidade do espírito comunicante seria uma conclusão de foro íntimo do leitor, e não algo que pudesse ser comprovado por algum método analítico.²³¹

A questão é complexa e podemos tomar como exemplo o caso das mensagens atribuídas a Emmanuel e André Luiz que foram psicografadas por outros médiuns que não Chico Xavier. A princípio, nada impede que isso aconteça, entretanto, no caso de um texto atribuído a André Luiz psicografado por um médium de Juiz de Fora, Chico disse a Wantuil: “tendo perguntado a André Luiz sobre o assunto, ele apenas me disse que conhece várias entidades com o mesmo nome usado por ele.” O mesmo se deu em relação a textos psicografados na Alemanha, ao que tudo indica, na virada do séc. XIX para o XX, cuja autoria estava sendo atribuída a Emmanuel. Chico considera que elas

...são deveras muito interessantes, mormente considerando-se a época em que apareceram. Posso, no entanto, adiantar que se trata de outro mensageiro e não do nosso benfeitor espiritual, que nos últimos anos do século passado, já se encontrava no Brasil.²³²

O mesmo não acontece em relação ao texto intitulado “o egoísmo”, no item 11 do cap. XI de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que Chico admite tratar-se do seu guia espiritual, que teria participado da elaboração do Espiritismo com Allan Kardec.

Como lidar com tamanha subjetividade? A afirmação do médium, em se tratando de um “médium sério”, pode ser tomada como elemento suficiente de comprovação? Um poeta anônimo e crítico literário que se apresenta nas redes sociais como Ian Maclean acrescenta outro elemento, ainda mais subjetivo, que seria a “voz” do autor.

231. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 240. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

232. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 269 e 371. FEB, Brasília/DF, 1986.

O estilo de um escritor pode ser sempre emulado, mas nunca a sua voz. Eis, em verdade, a defesa que faço contra aqueles que acusam Chico Xavier de pastiche no “Parnaso...”, e a acusação que dirijo às pretensas psicografias de Zilda Gama e Divaldo Franco assinadas por V.H. Enquanto o grande médium mineiro nos entrega vozes de poetas falecidos, Zilda e Divaldo nos dão livros que copiam imperfeitamente a estética hugoana, e que não possuem a voz do mestre francês.²³³

Mas esse critério parece ter sido suficiente em um grande número das chamadas “cartas consoladoras” psicografadas por Chico Xavier; muitos familiares reconheciam seus entes queridos por essa “voz”, ou seja, por alguns detalhes em meio ao texto.

Mas como avaliar essa “voz” do espírito? Não é uma subjetividade substituída por outra? Há casos de familiares que discordam entre si ante a mesma mensagem; a esposa de Humberto de Campos e alguns dos seus filhos nunca admitiram a autoria dos seus textos psicografados por Chico Xavier; já o “Humbertinho”, o mais querido deles, não teve dúvidas.²³⁴ Como transformar um critério tão subjetivo em meio de identificação?

Não resta dúvida; o problema da identidade dos espíritos que se comunicam está ainda muito longe de uma solução definitiva.

233. Disp. em 22/05/2022 em <http://eulieacheisso.blogspot.com/2019/02/o-livro-das-mesas-por-victor-hugo.html>

234. Campos Filho, Humberto de. *Irmão X, meu pai*, pag. 107. 2ª ed. Lúmem, São Paulo/SP, 1997.



16

ESPÍRITOS E ENTIDADES: PRETOS VELHOS, CABOCLOS E ORIXÁS

Como já vimos, Kardec admitia que um espírito pudesse se apresentar sob o nome de uma “família de espíritos” ou sob nomes de grandes filósofos, ou de personagens ilustres da história sem que fossem eles próprios, apenas como forma de se identificarem com uma determinada corrente de pensamento; isso não invalidaria o conteúdo da mensagem. Para ele, esta seria “uma questão acessória”; interessava-lhe a ideia.²³⁵

Nada prova que seja exatamente o Espírito dessa personagem; porém, se ele nada diz que desminta o caráter desta última, há *presunção* de ser o próprio e, em todos os casos, se pode dizer que, se não é ele, é um Espírito do mesmo grau de elevação, ou talvez até um enviado seu.²³⁶

Sob essa perspectiva, é interessante voltar aos registros de Victor Hugo nos seus diálogos com as mesas girantes. Muitos espíritos não se apresentavam com nomes de pessoas, mas com nomes que representavam ideias, como uma espécie de avatar. Eles se apresentavam sob o nome de Crítica, Romance, Alegria, Ideia, Inspiração, Drama, Tragédia, Metempsicose, Prece e até um Perfume e um Cometa. Há uma belíssima comunicação obtida pelo limitado recurso das mesas girantes na qual a inteligência se apresenta sob o nome de Civilização.²³⁷

Teria Kardec se deparado com esse tipo de situação? Na *Revista Espírita* de 1861 ele publicou alguns textos assinados pelo “Visconde de

235. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 255, pág. 337 trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

236. Idem, *ibidem*, item 256 pág. 338.

237. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 80. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

Launay”, que era um personagem fictício criado pela escritora Delphine de Girardin; ele sabia que não existia espírito com esse nome.

Nos registros de Victor Hugo constam também comunicações atribuídas a pessoas como Napoleão Bonaparte, Napoleão III, Joana d’Arc, Chateaubriand, Maquiavel, Rousseau, Shakespeare, além de vários nomes de personagens menos conhecidos que participaram da história recente da França. E constam também nomes de poetas antigos, como Ésquilo, ou de grandes personagens, como Moisés, Aristóteles e Aníbal. Há até mesmo uma extensa e curiosa comunicação atribuída ao controverso personagem bíblico do livro *Números*, a “jumenta de Balaão”. Quem seriam os espíritos que se apresentavam sob esses nomes?

Depois de insistir longamente com o espírito que se apresenta como Gaileu Galilei, e este lhe responder apenas com poesia em prosa a respeito das imensidões celestes, no sentido astronômico, Victor Hugo manifesta algum estranhamento em relação a essa atitude. O que ele esperava, de fato, era uma informação mais em acordo com a ciência, que já havia feito tantos avanços no seu tempo e, por isso, ele reclama, indignado:

Pois bem, o ser que me responde em linguagem esplêndida e diz: “meu nome é Galileu”, e Galileu, que lutou e sofreu na Terra para destruir a ilusão, toma o partido da ilusão. Galileu, que poderia se chamar realidade, toma o partido da aparência. Qualifica com certa ironia o pensamento elevado, ele que é o pensamento e a elevação. Termina quase por dizer sim e não, ele a quem o não pôs de joelhos e que se reergueu dizendo sim.²³⁸

Por fim, ele percebe que esses nomes nada dizem a respeito de quem são aquelas “inteligências” que com ele se comunicam e conclui que

Elas – essas forças espirituais – não revelam nada exceto em sua hora, não na nossa. Por instantes, adensam as trevas, ao mesmo tempo que espalham esplendores, mas esplendores relâmpagos e não esplendores raios. Assim que começamos a enxergar mais nitidamente, o mundo se fecha. Não podemos ter certeza de nada, eis a expiação humana.²³⁹

Outra questão interessante são os diálogos de Victor Hugo com Jesus Cristo. Sim; no dia 11 de fevereiro de 1855, sob as mãos de sua esposa e seu filho Charles, a mesa se coloca em movimento. Há mais seis pessoas

238. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 413. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

239. Idem, *ibidem*, *ibidem*.

na assistência. Victor Hugo pergunta: “Quem está aí?”, e obtém como resposta: “Jesus Cristo”. Ele dá continuidade ao diálogo: “Queres nos falar tu mesmo ou que façamos perguntas? Se quiseres perguntas, bate uma vez.” A mesa bate então uma vez. Quem lhe dirige a pergunta é Auguste Vacquerie, que comenta que naqueles anos o druidismo tem preocupado todos os pensamentos da sociedade europeia:

Tu, que acrescentaste ao pensamento humano tão imensa quantidade de verdade, podes nos dizer onde todas essas revoluções se tocam e onde elas se superam? Podes nos explicar o que o cristianismo acrescentou ao druidismo, a Revolução Francesa ao cristianismo e o que as Mesas acrescentam à revolução?²⁴⁰

A Mesa responde com uma linguagem poética, como ocorre com praticamente todos os diálogos entabulados naquele grupo, e termina com uma forte imagem:

O cristianismo, como toda coisa humana, é um progresso e um mal. É uma porta de luz com uma fechadura de noite. A chave está na porta, o passante abre e se julga na casa de Deus, mas o passante se engana. Deus é o ausente da casa. Deus é o eterno fujão.²⁴¹

A resposta lembra a afirmação feita a Kardec de que “o cristianismo contém a mais pura moral; são de invenção humana os erros nele contidos”, mas é possível que Kardec não reconhecesse essa comunicação como autêntica pela diferença da linguagem e do estilo. Comunicações atribuídas a “Jesus Cristo” continuam acontecendo mediante uso da mesa até o dia 22 de março, mas como saber se é mesmo o espírito do profeta nazareno, se alguém que o representa falando em seu nome ou se um falsário pretendendo se passar por ele?

Yvonne Pereira, que dedicou uma vida inteira à mediunidade, percebe a complexidade do fenômeno e afasta a ideia de simplicidade tão comumente cultivada. Ao escrever suas *Recordações da Mediunidade* ela cita o caso de Joana d’Arc que, segundo ela compreendia, atribuía às entidades espirituais que com ela se comunicavam “os nomes dos santos por ela venerados, cujas imagens existiam na igreja de Domremy”. O fato de Joana afirmar tratar-se de tal ou tal personagem não poderia ser uma garantia de que fossem eles próprios. Ela admite que aquelas entidades poderiam ser

240. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 427. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

241. Idem, *ibidem*. Pag. 429.

...os seus próprios guias espirituais ou os Guardiões Espirituais da coletividade francesa, como Santa Genoveva, São Luís ou Carlos Magno, que tomariam a aparência daquelas imagens a fim de infundirem respeito e confiança àquele coração heroico, capaz de um feito importante que se refletiria até mesmo além-fronteiras da França.²⁴²

Não se trata de colocar o fenômeno mediúnico sob suspeita, mas de rever o nosso entendimento a esse respeito. O fato de um médium “perceber” a presença de determinada personalidade não é uma garantia de que ela esteja ali presente; pode ser, como pondera Yvonne, alguém que faça uso dessa imagem para “infundir respeito e confiança” ao médium. E pode ser uma criação da mente do próprio médium em estado de êxtase espiritual.

Levada essa questão ao extremo, pode-se indagar se o que é relatado pelos médiuns não pode ser um misto de presenças espirituais e criações mentais próprias que se misturam por efeito do transe mediúnico a partir de uma dada perspectiva cultural.

Entidades ou arquétipos?

Ainda nessa direção, merece uma análise criteriosa a questão do Espírito da Verdade, que se apresentou como uma espécie de orientador particular do trabalho de Allan Kardec. Não era a primeira vez que isso acontecia, ao longo da história. Mais de dois séculos antes René Descartes, um dos mais importantes filósofos da história francesa, relata ter sido visitado pelo “espírito da verdade”, que o orientou a escrever as suas *Meditações*.

Pelos relatos de Kardec, essa informação lhe chegou inicialmente por meio de um espírito que usava o nome de um personagem da mitologia grega, o deus do vento Zéfiro. Semelhante ao que se deu com Victor Hugo, isso não parece ter lhe incomodado. O fato se deu na casa da família Boudin, tendo a dona da casa como médium. Ao que os registros indicam, fazia-se uso da “carrapeta”, ou “cesta-pião”. Na maioria das vezes, a cesta era segurada por duas pessoas na intenção de não deixar dúvidas quanto à autenticidade do fenômeno. Naquele dia Kardec informa que a médium foi apenas a Sra. Boudin.²⁴³

No caso de Victor Hugo, ele mesmo, enquanto escritor e poeta, fazia uso dessas alegorias para compor os seus personagens. Um dos espíritos se identificou como “O Leão de Androcles”, referindo-se a um conto de

242. Pereira, Yvonne do A. *Recordações da Mediunidade*, pag. 29. 7ª ed. FEB, Brasília/DF, 1992.

243. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 267-268. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1993.

autoria atribuída a Esopo no qual um leão sofre com um espinho na pata e é socorrido pelo escravo Androcles.²⁴⁴

Parece que isso fazia parte da cultura francesa, pois também Kardec não aparenta qualquer estranhamento diante de um espírito que se apresenta como “Zéfiro” ou como “Espírito da Verdade”. Naquela ocasião o espírito lhe disse que ele tinha como guia pessoal um espírito que havia sido na Terra “um homem justo de muita sabedoria”. Isto se deu no mesmo dia em que lhe foi informado que ele era assistido por sua mãe. O diálogo é grave, muito marcante do ponto de vista do trabalho a que ele se entregaria desde então.

Três meses mais tarde ele tem a oportunidade de entabular um diálogo com o próprio espírito a que “Zéfiro” havia se referido, na mesma casa da família Boudin. Kardec não registrou por meio de qual médium, se da mãe ou de uma das filhas, se com duas médiuns segurando a mesinha, se apenas uma. Pela objetividade das respostas se deduz que tenha sido novamente por intermédio da cesta de bico, a carrapeta. Kardec pergunta ao espírito:

P. - Meu Espírito familiar, quem quer que tu sejas, agradeço-te o me teres vindo visitar. Consentirás em dizer-me quem és?

R. - Para ti, chamar-me-ei A Verdade e todos os meses, aqui, durante um quarto de hora, estarei à tua disposição.²⁴⁵

Kardec não estranha essa identificação, e apenas indaga ao espírito se o nome Verdade seria uma alusão à verdade que ele procurava, e ele lhe responde que “Talvez; pelo menos, é um guia que te protegerá e ajudará.” Kardec insiste em saber se ele poderia ter sido alguma personalidade conhecida quando de sua vida na Terra, e ele lhe responde: “Já te disse que, *para ti*, sou *a Verdade*; isto, *para ti*, quer dizer descrição; nada mais saberás a respeito.” Kardec deve ter destacado essas palavras, porque no original elas aparecem em itálico.

Na continuidade da elaboração da doutrina, a assinatura como “Espírito Verdade” ou “Espírito da Verdade” aparece em mensagens obtidas por diversos médiuns em diferentes cidades, sem que haja uma uniformidade nos seus estilos e linguagem. Seria sempre o mesmo espírito ou seria uma espécie de arquétipo utilizado por diferentes espíritos e por diferentes médiuns? As diferenças de estilo e linguagem apontam na direção dessa segunda hipótese.

244. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 161. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

245. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 274. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1993.

Decolonialidade, caboclos e orixás

Por decolonialidade entende-se o método de olhar para a história ou para a realidade social a partir de uma perspectiva local, nativa, referenciada na cultura e nas raízes sociais do próprio povo em questão, isolando-a dos elementos culturais do povo invasor, até então entendido como “colonizador”. No caso brasileiro, significa olhar para a história a partir da perspectiva do povo que aqui vivia antes da vinda dos colonizadores europeus. Quando o Espiritismo é trazido para o Brasil pela elite baiana e carioca, ele traz consigo uma visão de mundo constituída a partir da perspectiva europeia. Os europeus se viam como superiores, “civilizados”, e julgavam os locais como “primitivos”, ignorando a sua cultura, suas tradições, sua espiritualidade. Essa elite se identificava com os europeus e não com os povos originários que aqui viviam, ou com os africanos escravizados, como ocorre ainda hoje.

Quando Léon Denis, na França, narra sua experiência com a mediunidade, ele se refere a uma mentora espiritual que se apresentava sob o nome de “Espírito Azul” e isso era aceito sem nenhum questionamento. Um “Espírito Azul” estava em plena conformidade com os valores da sociedade europeia e não havia, por isso, qualquer motivo para estranhamento. Esse espírito tecia orientações particulares, conselhos, num nível de muita proximidade com os participantes do grupo.

Cada membro do grupo, no curso das sessões, era a seu turno objeto de sua atenção e solicitude, e recebia seus conselhos maternos. Quando o “Espírito Azul” se incorporava, nós o reconhecíamos às primeiras frases proferidas, pelas suaves inflexões da voz; aguardávamos suas palavras e apreciações com verdadeira avidez.²⁴⁶

Se na França de Kardec, Victor Hugo e Léon Denis tudo isso é visto com muita naturalidade, na prática mediúcnica que se estabelece no Brasil ocorre um estranhamento quando se manifestam os espíritos indígenas que aqui viviam e que, pela sua cultura, também adotam nomes genéricos, como “Pena branca”, “Caboclo sete flechas”, de um orixá africano como Iemanjá ou Oxossi, ou sob a figura de um “Preto-Velho” escravizado. A que se deve esse estranhamento?

Ninguém estranha que Kardec se comunicasse com um espírito que se apresenta pelo nome de um deus grego, Zéfiro, que seu espírito familiar atendesse pelo nome Verdade, ou que mensagens viessem assinadas

246. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 126, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

pelo “Espírito da Verdade”. Ninguém estranha que Victor Hugo se comunicasse com espíritos que se apresentavam pelos mais inusitados nomes. O próprio guia espiritual de Chico Xavier apresenta-se sob um nome que é também uma alegoria, Emmanuel, que significa “Deus conosco”, e que não foi seu nome em nenhuma de suas encarnações. E não há nisso nenhum motivo de estranhamento.

Não é curioso que esse estranhamento só exista em relação às manifestações de espíritos que se apresentam sob o nome de personagens ligadas às tradições indígenas e africanas? Também não há estranhamento quando se manifestam espíritos ligados às tradições indianas, cuja ancestralidade é valorizada, como ocorre com Ramatis ou Tagore. Há alguma outra explicação possível que não seja o racismo estrutural?

O meio espírita se considera imune a preconceitos, mas é muito comum exigir que esses espíritos, ao se manifestarem nas suas sessões, abandonem os seus “trejeitos”, seu modo de falar, a sua linguagem, sob a alegação de que isso “não lhes é mais necessário” agora que estão desencarnados. Ou seja, exige-se deles que falem como “brancos”, que ajam como “brancos” porque, agora que estão desencarnados, eles podem ser como os “brancos”. O padrão de referência é a branquitude; suas tradições, seu vocabulário, sua expressão corporal, sua negritude e até a sua identidade lhes é negada.

Salvo raríssimas exceções, o conhecimento espírita que tem sido elaborado até então desconsidera as manifestações culturais dos povos indígenas e africanos, que são dois elementos constituintes da sociedade brasileira. Mesmo a prática mediúnica desses povos tem sido ignorada. A inspiração para o movimento espírita brasileiro ainda hoje é a tradição europeia, o modo europeu de produzir conhecimento, um conhecimento letrado, racional, como se todo o mundo espiritual fosse europeu e cristão.



17

QUEM SÃO OS ESPÍRITOS QUE SE COMUNICAM

A expressão “espíritos superiores” foi adotada inicialmente por Kardec para designar aqueles que reuniam em si “a ciência, a sabedoria e a bondade”. Como exemplos, ele registra alguns nomes sob a forma de assinaturas ao texto dos prolegômenos, uma espécie de prefácio ao *Livro dos Espíritos*: “São João Evangelista, Santo Agostinho, São Vicente de Paulo, São Luís, O Espírito de Verdade, Sócrates, Platão, Fénelon, Franklin, Swedenborg, etc., etc.”

Na primeira edição de *O Livro dos Espíritos* essa lista incluía Hahnemann, Swedenborg e Napoleão Bonaparte. Ele deve ter achado que eles não eram tão “superiores”, e excluiu seus nomes para a segunda edição.

Uma pequena biografia de cada um deles foi apresentada no livro *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI*. São Luís e Santo Agostinho, dos mais presentes em toda a obra, embora demonstrassem sabedoria e bondade em seus textos, quando em vida experimentaram as contradições comuns à luta humana. Por mais sábios que se mostrassem, a maioria dos espíritos que participaram da elaboração do Espiritismo estavam até recentemente em luta com os seus próprios limites, o que era muito bem compreendido por Allan Kardec:

Um dos primeiros resultados que colhi das minhas observações foi que os Espíritos, nada mais sendo do que as almas dos homens, não possuíam nem a plena sabedoria, nem a ciência integral; que o saber de que dispunham se circunscrevia ao grau, que haviam alcançado, de adiantamento, e que a opinião deles só tinha o valor de uma opinião pessoal. Reconhecida desde o princípio, esta verdade me preservou do grave escolho de crer na infalibilidade dos Espíritos e

me impediu de formular teorias prematuras, tendo por base o que fora dito por um ou alguns deles.²⁴⁷

Quando se estende o olhar na direção dos espíritos que se comunicavam pelo médium Chico Xavier, o panorama não é muito diferente. Seu guia espiritual, Emmanuel, faz questão de apresentar-se como alguém que vem de uma experiência trágica na qual permitiu o sacrifício da sua própria esposa em virtude de sua arrogância, do seu orgulho, da sua prepotência e da sua radical rejeição aos valores do Evangelho. Procurando dar novo rumo às suas experiências, teria reencarnado depois como escravo e várias vezes vestido os trajes de sacerdote católico, o que explica a sua forte vinculação ao cristianismo tradicional.

Quanto a André Luiz, para desfazer qualquer aura de santidade que lhe pudessem atribuir os seus possíveis leitores, ele mesmo relata, em manifestação de profunda humildade, o rol dos seus equívocos em uma vida desprovida de espiritualidade, da qual se despediu prematuramente em virtude do uso abusivo de álcool, depois de inúmeros outros desatinos em relação às pessoas com quem estabeleceu relações de proximidade. Ele se apresenta como alguém que desperta das contradições da existência humana, e que deseja contribuir com o melhor de si para o esclarecimento coletivo, até com relação aos seus próprios equívocos.

Um caso curioso é o de Humberto de Campos que, além de ter desencarnado apenas dois meses antes do seu primeiro texto psicografado, havia levado uma vida de agnosticismo e era ainda um polemista impiedoso. Até mesmo o então jovem médium Chico Xavier foi alvo das suas chacotas e da sua fina e implacável ironia.

A respeito de Humberto de Campos, André Cunha comenta:

Realizar críticas contundentes, mas sutilmente derramadas sobre o adversário era uma marca na produção literária de Campos. Era recorrente em seus artigos e crônicas o procedimento de lançar mão de estratégias argumentativas abrigadas na ambiguidade. Evitando o confronto aberto, fazendo concessões ao argumento alheio, ele desenvolvia uma crítica voraz, bastante combativa. Tornou-se assim um jornalista considerado implacável, um demolidor de seus adversários.²⁴⁸

É esse mesmo espírito que, tendo descoberto novos horizontes espirituais, se apresenta agora como alguém que deseja compartilhar essa

247. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 269. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1993.

248. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 204. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

nova visão com os que ficaram. Por uma espécie de atavismo religioso, entretanto, o meio espírita o toma como um espírito iluminado e os seus livros como um repositório de revelações transcendentais.

E quanto aos demais espíritos que se apresentam como autores dos livros publicados no Brasil? Não parece restar dúvida quanto à condição ainda absolutamente humana do espírito que assina como Camilo Cândido Botelho e que escreve por meio de Yvonne Pereira o livro *Memórias de um suicida*. Segundo ela mesma explica, trata-se do elogiado escritor português Camilo Castelo Branco, o 1º Visconde de Correia Botelho, que morreu por suicídio em 1890. Usando agora toda a sua sensibilidade artística, vem alertar os homens quanto à ilusão e a tragédia que representou para ele tirar a própria vida, sem nenhuma pretensão de promover revelações espirituais ou uma pretensa “verdade” por meio dos seus textos.

Quando se observa os espíritos que psicografaram por meio de Divaldo Pereira Franco, também ali os espíritos são bem reais, como a freira e abadessa Irmã Joanna Angélica de Jesus (1761-1822), mártir da independência do Brasil. Esta, sim, apresenta um passado de incontestável espiritualidade. Em suas vidas anteriores ela teria sido Joana de Cusa, citada nos Evangelhos, Santa Clara de Assis (1194-1253) e a célebre escritora e poetisa mexicana, Sórora Juana Inéz de La Cruz (1651-1695), todas católicas. Essas experiências ligadas à vida religiosa lhe teriam consolidado a sabedoria que ela compartilha mediante os seus livros.

Há também o economista e espírita atuante, ex-presidente da União Espírita Baiana, Manoel Philomeno de Miranda (1876-1942). Afirmando ter se dedicado durante os anos de sua atuação espírita e mesmo depois, no mundo espiritual, ao tratamento das obsessões, escreveu a partir de 1970 uma série de 17 livros, vários deles sobre essa temática.²⁴⁹

Uma história envolvente é atribuída ao espírito Miramez, ou Fernando Miramez de Olivídeo, um espanhol que teria vindo para o Brasil no século XVII por determinação do Rei Filipe IV. Informações mediúnicas sugerem que ele teria sido também o jovem rico a quem Jesus recomendara vender seus bens e repartir o resultado entre os pobres a fim de segui-lo. Agora no Brasil, passados mais de dezesseis séculos, ele atende a essa recomendação. Atraído pela simplicidade dos indígenas brasileiros e dos africanos trazidos como escravos, ele faz uma procuração para seus amigos na Espanha com poderes para venderem todos os seus bens e distribuir o resultado entre os pobres da sua terra natal. Já vivendo entre os indígenas e os escravos do Brasil, tornou-se uma espécie de benfeitor e

249. Entre os títulos se pode citar *Nos Bastidores da Obsessão*, 9ª ed. FEB, Rio de Janeiro, 1999 e *Sexo e Obsessão*, LEAL, Salvador/BA, 2002, dentre outros.

defensor dos seus interesses junto à administração local, que representava os interesses da coroa portuguesa.²⁵⁰

Esse espírito singular vem compartilhar mais tarde, em pleno século XX, a visão de mundo que ele estabeleceu ao longo dessa trajetória, mediante a escrita de mais de 20 livros pela mediunidade de um homem simples do povo, o sapateiro João Nunes Maia (1923-1991), ativo trabalhador pela causa do Espiritismo em Belo Horizonte, a cuja mediunidade deve-se também a fórmula da famosa *Pomada Vovô Pedro*, cuja elaboração é atribuída ao médico alemão Franz Anton Mesmer.²⁵¹

E há uma legião de outros autores espirituais, como a médium de Kardec, Ermance Dufaux, que retorna agora em espírito, e a discípula de Eurípedes Barsanulfo, Dona Modesta, ou Maria Modesto Cravo (1899-1964), que psicografaram pelas mãos do médium Wanderley de Oliveira; ou o guru hindu Swami Sri Rama-tys, ou simplesmente Ramatis, que afirma ter vivido no séc. X, e que publicou quase cinco dezenas de livros psicografados por quase uma dezena de diferentes médiuns, sendo o mais conhecido deles o médium Hercílio Maes (1913-1993), contador e advogado em Curitiba/PR.

Reconhecer a humanidade dos espíritos que se comunicam faz-se medida necessária ante o atavismo de conteúdo católico que leva as pessoas a verem nos espíritos figuras de “santos”, como se o simples fato de atravessarem os portais da morte os tornasse detentores de verdades transcendentais e arautos das verdades celestiais.

Os espíritos que se comunicam hoje, tanto quanto os que se comunicavam nos tempos de Kardec, são seres humanos, por mais que já tenham desenvolvido algum saber especial. Repetindo: Kardec os considerava “superiores” pela sua “sabedoria e bondade”. Apenas isso.

Consultado a respeito dos chamados “espíritos superiores”, Chico Xavier assim se expressa:

São altos expoentes de fraternidade e conhecimento superior, porém, guardam ainda consigo probabilidades naturais de desacerto. Primam pela boa vontade, pela cultura e pelo próprio sacrifício no auxílio incessante aos companheiros reencarnados, mas podem ser vítimas de equívocos, que se apressam, contudo, a corrigir, sem a vaidade que, em muitas circunstâncias, prejudica os doutos da Terra.²⁵²

250. Disponível em 31/03/2020 em <http://fraterluz.blogspot.com/2014/02/biografia-fernando-miramez-de-oliveiro.html>

251. São títulos de seus livros: *Alguns Ângulos dos Ensinos do Mestre, Cristos, O Cristo em nós, O Mestre dos Mestres, O Reino de Deus*, dentre outros, todos publicados pela editora Fonte Viva.

252. Xavier, Francisco C. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 16 pag. 147, pelo espírito André Luiz. 16ª ed. FEB, Brasília/DF, 1987.

Na cultura espírita que se formou no Brasil, uma recomendação da “espiritualidade” tem muito mais peso do que a de um bom e sábio amigo, mesmo diante da dificuldade de se saber, de fato, quem é o espírito que recomenda, ou se há na recomendação uma participação expressiva do médium. O critério de rejeitar nove verdades para evitar uma orientação falsa raramente é levado em conta; a análise racional é entendida como falta de fé.

É interessante constatar que, a esse respeito, nem mesmo as ponderações dos próprios espíritos autores parece suficiente. O espírito Emmanuel, por meio de Chico Xavier, alerta:

Em desencarnando, não entra o Espírito na posse de poderes absolutos. A morte significa apenas uma nova modalidade de existência, que continua, sem milagres e sem saltos.

É necessário encarar-se a situação dos desencarnados com a precisa naturalidade. Não há forças miraculosas para os seres humanos, como não existem igualmente para nós. O livre-arbítrio relativo nunca é ab-rogado em todos nós; em conjunto, somos obrigados, em qualquer plano da vida, a trabalhar pelo nosso próprio adiantamento.²⁵³

No livro *Nos Domínios da Mediunidade* o autor André Luiz também faz questão de deixar isso claro. Os espíritos que se comunicam nas nossas reuniões, a quem Kardec considerava como “espíritos superiores”, não são seres impecáveis ou “altos embaixadores da Divina Providência” que desfrutam da convivência dos santos, vivendo em “comunhão pessoal com o Cristo”; são pessoas comuns que, por terem alcançado uma condição de compreensão mais ampla que o habitual, se dispõem a auxiliar os seres humanos encarnados, sem que estejam isentos das contradições da vida terrena.

Com todo o apreço que lhes devemos, é preciso considerar que são vanguardeiros do progresso, sem serem infalíveis. São grandes almas em abençoado processo de sublimação, credoras de nossa reverência pelo grau de elevação que já conquistaram, contudo, são Espíritos ainda ligados à Humanidade terrena e em cujo seio se corporificarão, de novo, no futuro, através do instituto universal da reencarnação, para o desempenho de preciosas tarefas.²⁵⁴

253. Xavier, Francisco C. *Emmanuel*, cap. I, pág. 23, pelo espírito Emmanuel. 9ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1981.

254. Idem. *Nos Domínios da Mediunidade*, cap. 16 pag. 151, pelo espírito André Luiz. 16ª ed. FEB, Brasília/DF, 1987.

Quaisquer que sejam, também eles têm as suas crenças, suas visões particulares a respeito de determinados assuntos. Cada um deles, isoladamente, pode entender muito a respeito de um assunto, mas nem tanto a respeito de outro, e todos podem, quando consultados, apresentar seus pontos de vista pessoais, suas opiniões, ou fazerem ilações, tentar explicar temas complexos mediante comparações e analogias, mas sem que lhes esteja ao alcance qualquer tipo de verdade platônica, transcendental, para além do que já está posto na sociedade humana, como se verá no próximo capítulo.

Sem contar que isto se dá por meio de um médium, em um determinado contexto, com todas as limitações disso decorrentes, e que as ideias apresentadas podem, sem nenhuma intenção, serem provenientes da mente dos médiuns e não dos pretensos espíritos.

18

OS ESPÍRITOS DIZEM ALGO ALÉM DO QUE JÁ SABEM OS HOMENS?

Embora considerando o Espiritismo como uma “revelação”, Kardec tinha consciência de que ele não representava um conhecimento novo; ele apenas reunia, em um corpo de doutrina, a sabedoria humana acumulada ao longo da história, enriquecendo-a agora com o olhar espiritual facultado pelas pesquisas realizadas mediante o uso da mediunidade. A comunicação controlada com o mundo espiritual é que era a grande novidade.²⁵⁵

Dora Incontri cita Jan Amos Komenský (1592-1670) e Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) como dois importantes antecessores de Kardec do ponto de vista das ideias norteadoras do Espiritismo²⁵⁶, enquanto Paulo Henrique de Figueiredo vê essa influência em Maine de Biran (1766-1824), Victor Cousin (1792-1867) e Anton Mesmer (1734-1815).²⁵⁷ Não resta dúvida quanto a uma grande influência de Immanuel Kant (1724-1804), de quem ele teria apropriado a ideia de “leis morais”, e de toda a escola filosófica europeia que vai de Sócrates e Platão, na Grécia Antiga, passando por Agostinho de Hipona (354-430 d.C) e Tomás de Aquino (1225-1274) até Jean-Jacques Rousseau (1712-1778).

O espiritualismo filosófico desenvolvido por esses pensadores, que Kardec chamou de “Espiritismo retrospectivo”, já trazia consigo a maioria daquelas ideias. Ele mesmo publica vários estudos a respeito do “Espiritismo entre os druidas”, sobre a “doutrina de Lao Tseu – filosofia chinesa”, sobre o Islamismo e mesmo sobre “a doutrina da reencarnação entre os hindus”, estabelecendo correlações com o “Espiritismo moderno” que ele apresentava. Nem mesmo a ideia evolucionista, que possibilitava uma perspectiva

255. Kardec, Allan. *A Gênese*, cap. I. trad. Gillon Ribeiro. 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1984.

256. Incontri, Dora. *Para Entender Kardec*, pag. 33. Ed. Comenius, São Paulo/SP, 2004.

257. Figueiredo, Paulo H. *Autonomia – a história jamais contada do Espiritismo*. FEAL, São Paulo/SP, 2019.

integradora que ia “do átomo ao arcanjo” era novidade; ela consta de uma carta endereçada a Kardec em 1867 na qual o missivista cita alguns pensadores da época que já falavam dessa evolução “do pólipio ao homem” e, como consequência, “do homem a Deus”. Kardec lhe acrescentou uma extensa nota, talvez para publicação posterior na *Revista Espírita*, onde diz o seguinte:

A opinião de tais homens, e eles não são os únicos, tem decerto um valor que ninguém poderia contestar; porém, nunca passaria de uma opinião mais ou menos racional, se a observação não a confirmasse. O Espiritismo está todo nas ideias que acabamos de citar; apenas, ele as completa por meio de observações especiais e as coordena, imprimindo-lhes a sanção da experiência.²⁵⁸

Por mais que isso contrarie uma idealização presente no meio espírita, não há na obra de Allan Kardec nenhuma “revelação” especial por parte dos espíritos que transcenda o que já se sabia ou se imaginava a respeito de cada assunto. Os espíritos não consideraram nas suas respostas nem mesmo alguns conhecimentos que já estavam disponíveis naquela época, e que ainda não eram de domínio público. Ao falar de evolução eles tomaram como base as ideias de Lamarck e não as de Darwin, que ainda não eram consenso, e nem por alto consideraram a genética, que já estava sendo estudada por Mendel. Sobre Física, eles tinham como base Newton, Laplace e Aristóteles, mas sequer vislumbraram as explicações de Maxwell ou de Einstein. Muitas questões que hoje são relevantes, como as de etnia, gênero, diversidade cultural, não foram abordadas naqueles estudos ou, se foram, foi de acordo com o que já se pensava a respeito naquela época.

Não se trata de negar a beleza e a sabedoria presentes em diversos textos atribuídos aos espíritos, mas de entender que eles falavam do que já era mais ou menos consenso nos meios intelectuais da Europa naqueles meados de século XIX. Quando muito, das especulações filosóficas e científicas da época, enriquecidas por uma perspectiva espiritual.

Chama a atenção a farta referência a outros mundos na obra kardequiana, o que na época poderia parecer verdadeiras “revelações espirituais”. Hoje, é preciso considerar que a astronomia estava no seu auge como ciência popular; que o telescópio Leviatã, inaugurado em 1845, estava descobrindo os segredos do espaço, e isso empolgava as pessoas. Há uma sequência de evocações na *Revista Espírita* de junho de 1859 em que todos os espíritos falam de suas encarnações em diferentes mundos, tese bastante presente na obra kardequiana, mas que teve sua importância

258. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 90. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1993.

reduzida poucas décadas depois por Léon Denis, que preferia admitir uma sequência de encarnações em um mesmo mundo, no caso, a Terra.²⁵⁹ Nas décadas seguintes essa temática deixa de fazer parte dos comentários dos espíritos e, no Brasil em particular, ela é substituída pela ideia de colônias e cidades espirituais na Terra mesmo.

Em um interessante estudo desenvolvido junto ao médium Vinícius Lara e seu mentor espiritual Ivon, o organizador indaga as razões dessa mudança, ao que o espírito responde:

Cada tempo carrega consigo a tônica de sua mentalidade dominante. No século XIX, predominava a noção de progresso tecnológico infinito, o que parecia ser corroborado pela descoberta das ondas de rádio, da energia elétrica, do maquinário a vapor e também pelo avanço da astronomia, que imaginou encontrar no espaço sociedades humanoides semelhantes à nossa.

A influência destas mentalidades não deve ser descartada do processo de captação mediúnica. A profusão de descrições a que se refere a questão alimentou as esperanças de contato com marcianos e outros seres do espaço. Esta esperança cósmica, advinda do desenvolvimento racional da época, aparece como ruído de fundo de muitas captações mediúnicas.²⁶⁰

Isto fica evidente nas inúmeras mensagens recebidas na Sociedade Espírita de Paris. A Sra. Costel psicografou textos assinados por Georges, a respeito da vida no planeta Marte, que seria “inferior à Terra” e destinado à habitação de seres “rudimentares”, que “tem a forma humana, mas sem nenhuma beleza”. A descrição da superfície de Marte, constituída de “uma folhagem sombria, que a primavera não renova”, parece ter se inspirado no que os arqueólogos diziam a respeito do que teria sido a Terra em períodos remotos, bem como das regiões inóspitas da Terra descritas pelos antropólogos.²⁶¹

Foi essa constatação que levou Flammarion a afirmar, em idade mais madura, que, “se há espíritos, entidades psíquicas independentes de nós em ação nessas experiências, esses seres não sabem mais do que nós sobre os outros mundos”.²⁶²

259. Denis, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, pag. 117. Trad. Cícero Pimentel, Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

260. Lara, Vinícius. *Diálogos Espíritos*, pelo espírito Ivon, questão 115 pag. 151. Ed. Primavera, Juiz de Fora/MG, 2019.

261. Kardec, Allan. *Revista Espírita*, out/1860 pag. 466. Trad. Evandro Noleto, FEB, Brasília/DF, 2004.

262. Flammarion, Camille. *Forças Naturais Desconhecidas*, pag. 52. Trad. Maria Alice F Antônio, Ed. Conhecimento, Limeira/SP, 2011.

Os espíritos trazem “revelações” do mundo espiritual?

Diversas ocorrências sugerem que alguns espíritos podem ter acesso a informações que não são do domínio dos encarnados. Notícias do mundo espiritual ou mesmo do mundo físico chegam às vezes a alguns médiuns quando eles nada imaginam a respeito. Algumas visões futuristas de Joana d’Arc, pelo que consta no seu processo, lhe anteciparam que ela seria ferida, mas não morreria em combate, o que, de fato, aconteceu.²⁶³

Quando atuava pela mediunidade de José Arigó, o Dr. Friz fazia uso de instrumentos rudimentares como facas e tesouras, o que suscitou vários questionamentos. Recentemente, ao pretender realizar “cirurgias espirituais” pelas mãos do médium Roberto Lima, que é advogado, lhe foi imposta a condição de não realizar cortes em razão das questões legais hoje envolvidas. Entrevistado pelo pesquisador espírita Eduardo Lima, do Grupo de Estudos Hermínio C Miranda, o médium conta que o espírito lhe mostrou alguns “equipamentos” de que ele necessitaria para proceder as suas cirurgias, solicitando-lhe que fizesse cópias desses modelos. Ele mesmo orientou a fabricação de um “bisturi” que não corta, de “canetas” de aço inoxidável para fazer os “pontos” no corpo do paciente, simulando a atuação do médico.

Entrevistado também o espírito – incorporado no médium Roberto Lima –, Dr. Fritz fala de “tecnologias que são muito mais avançadas do que as de que vocês dispõem”, mas que eles não têm como transferi-las para o plano material em razão da defasagem nos conhecimentos da medicina terrena. Referindo-se à manipulação do DNA, ele diz que existe um aprendizado também no plano espiritual, uma espécie de “ciência” que transcende a do mundo material, mas cujos conhecimentos estariam inacessíveis a nós em razão das limitações do nosso conhecimento. Segundo ele, somente quando a medicina terrena for capaz de considerar o espírito, será possível nos apropriarmos das técnicas que eles usam atualmente nessas “cirurgias espirituais”.²⁶⁴

A que técnicas Dr. Fritz se refere? O que já existe de indagações nesse sentido?

Os fenômenos mediúnicos envolvendo a Sra. d’Espérance são exemplos de que há alguns casos em que as informações trazidas pelos espíritos podem extrapolar inteiramente o campo de conhecimentos do médium e das pessoas próximas. Em algumas comunicações por ela obtidas ficava

263. Um artigo do jornal *Le Propagateur*, reportado por Kardec na *Revista Espírita* de dez/1867, destaca trecho de uma carta escrita por um embaixador flamengo contendo essa previsão antes que o fato ocorresse.

264. Vídeo disponível em 02/12/2022 em <https://www.youtube.com/watch?v=0O7clbdFNBg>

clara a presença de um espírito que detinha sólidos conhecimentos de Física, de Fisiologia e de música, áreas que ela desconhecia por completo. O sábio que elaborou as perguntas de Física admitiu que não se achava à altura de responder, de modo tão detalhado, a boa parte das perguntas que ele mesmo havia formulado.²⁶⁵ Mas também não restam dúvidas de que eram conhecimentos já existentes àquela época.

Não se trata de negar a possibilidade de os espíritos nos trazerem, eventualmente, informações que estão fora do âmbito dos conhecimentos dos médiuns, mas de indagar se eles detêm algum poder especial para nos trazer informações para além dos saberes já existentes. Até onde as observações nos permitem afirmar, o que eles nos apresentam é, quase sempre, o que, de algum modo, já faz parte dos conhecimentos ou das indagações dos seres humanos.

Ao se referirem aos conteúdos da *Bíblia Sagrada*, por exemplo, os espíritos que dialogavam com Kardec consideravam aqueles textos como históricos, porque essa era a visão que se tinha da *Bíblia* até meados do século XIX. Não foram os espíritos que alertaram os estudiosos de que a *Bíblia* era apenas o repositório de uma tradição espiritual específica, contendo os mitos e lendas do povo judaico; quem concluiu isso foram os pesquisadores encarnados. Até mesmo as “profecias”, que os espíritos tinham como verídicas, sabe-se hoje que elas foram escritas bem depois dos fatos a que se referem e que, em vez de antevistas históricas, elas são apenas narrativas religiosas a respeito de fatos já ocorridos.

Há “revelações espirituais” na obra de Chico Xavier?

Quando se examina a literatura mediúnica produzida por Chico Xavier, um médium com possibilidades indiscutíveis – incluía-se aqui a parceria com Waldo Vieira –, é possível encontrar correlações que, sem dúvida, ampliam significativamente as possibilidades de compreensão de determinados elementos da doutrina espírita. Um exemplo é o interessante estudo sobre o perispírito contido no livro *Nos Domínios da Mediunidade*.

Mas há ali “revelações espirituais”? Depende de como se analisa. Os autores integram elementos da teoria kardequiana, conclusões de Alexandre Aksakof (1832-1903) e de Albert de Rochas (1837-1914), somam a isso algumas tradições esotéricas, e elaboram uma explicação bem mais ampla do que seria a natureza e o “funcionamento” do perispírito.²⁶⁶ Um

265. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 460. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

266. Moraes, Elias I. *Contextualizando Kardec, do séc. XIX ao XXI*, cap. 20 e seguintes. Aephus, Goiânia/GO, 2020.

novo olhar, mas assentado sobre conhecimentos que já eram do domínio dos encarnados.

O mesmo se dá em relação aos inúmeros casos que ilustram a vida no mundo espiritual, o princípio da reencarnação, a influência dos espíritos na vida cotidiana das pessoas e a própria mediunidade. O que os autores fazem é integrar conhecimentos esparsos no meio científico, na filosofia e nas tradições esotéricas, e compor uma explicação bem mais abrangente para essas questões, às vezes ampliando as possibilidades de compreensão de alguns elementos conceituais da doutrina espírita. Um caso típico são os comentários em torno da glândula pineal, que René Descartes considerava como a sede da alma, e que tem sido relacionada à sensibilidade mediúmica por pesquisadores espíritas da atualidade.²⁶⁷

Alguns estudiosos têm procurado demonstrar que André Luiz teria antecipado discussões que só agora têm vindo à tona no universo científico. Em um caso específico apresentado pelo Dr. Décio Iandoli, André Luiz teria antecipado “o conhecimento da epigenética em mais de setenta anos”.²⁶⁸ De novo, depende. Quando se pesquisa o assunto no universo da Biologia, observa-se que os conteúdos apresentados por André Luiz já estavam disponíveis na literatura científica da época em que Chico Xavier e Waldo Vieira psicografaram esses livros. As questões ligadas à epigenética já haviam sido estudadas inicialmente por August Weismann (1834-1914) e, mais tarde, por Conrad Waddington (1905-1975), que desenvolveu estudos experimentais cujas conclusões foram publicadas ao longo das décadas de 1940 e 1950, antes, portanto, de serem abordados nos livros de Chico, Waldo e André Luiz, que admitem ter “recorrido a diversos trabalhos de divulgação científica do mundo contemporâneo” para comporem os seus textos.

O que muda então? Que novas teorias no âmbito da ciência esses textos mediúnicos apresentam? No caso específico da epigenética, acrescentou-se muito apropriadamente a hipótese de que os processos evolutivos da vida se dão com base em uma ação integrada entre mente e corpo somático. Mas isso já era afirmado há séculos por outras tradições espirituais. Assim como no caso do perispírito, o que os autores fazem é trazer para o Espiritismo conceitos de outras tradições espirituais, oferecendo uma visão mais abrangente e integradora a respeito do que até então afirmavam as teses espíritas, unindo ciência e espiritualidade.

Nesse campo das “revelações espirituais”, há ainda a informação de Emmanuel a respeito das “anotações de Levi” no livro *Paulo e Estêvão*. Segundo sua narrativa, Levi – conhecido como Mateus – teria registrado

267. O Dr. Alexander Moreira-Almeida, na UFJF já publicou diversos trabalhos a esse respeito.

268. Vídeo disponível em 25/12/2022 no link <https://www.youtube.com/watch?v=qNI-Wy7opIU>

em pergaminhos os principais ensinamentos de Jesus, inclusive grande parte do sermão da montanha.²⁶⁹ Ocorre que desde meados do séc. II chamam a atenção dos estudiosos as semelhanças entre os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas, do que resultou, no século XIX, a hipótese da “fonte Q”, um possível registro anterior que teria servido de base para a composição dos textos desses três evangelhos.²⁷⁰ Daí surge a indagação: estaria Emmanuel nos “revelando” o que seria essa “fonte Q” com base nas “tradições do mundo espiritual”, ou estaria ele apenas abraçando essa já conhecida hipótese e dando a ela uma narrativa ficcional? Impossível responder de modo conclusivo.

Questionamentos à parte, as reflexões produzidas por Chico, Waldo e André Luiz e por Chico e Emmanuel na sua fase mais madura, conquistaram o coração dos espíritas brasileiros. Classificado como literatura de autoajuda no melhor sentido do termo, o texto emmanuelino “instrui e encanta, edifica e consola na sua linguagem singela e arrebatadora, mansa e persuasiva, plena de espiritualidade e beleza”.²⁷¹ A FEB apresenta a “coleção Fonte Viva” como uma literatura que ajuda o leitor “a encontrar a paz na luta construtiva, o repouso no trabalho edificante, o socorro na dificuldade e o bem nos supostos males da vida”.

Apenas convém não ignorar que, mesmo se constituindo em uma literatura de rara beleza e de elevado apelo espiritual, ou por mais que eles consolidem conhecimentos das mais diversas áreas do saber humano, os conteúdos filosóficos e científicos que lhes dão suporte são também datados, historicamente situados. O tempo demonstrou que eles não estão acima da ciência humana, que seu valor tem mais a ver com o campo da moral, considerado por Kardec como sendo a finalidade principal de todo o conhecimento espírita.

Isto não significa negar a possibilidade da existência, em outras dimensões espirituais, de conhecimentos e tecnologias diferentes daquelas que utilizamos no nosso meio. Significa tão somente admitir que, se existem, seja por limitação dos médiuns, seja por limitação do processo medianímico, até então não tem sido possível descortinar esse universo ao nosso escrutínio. O aprofundamento dos estudos mostra que mesmo essas aparentes “revelações espirituais” mais não são do que um reordenamento de conhecimentos já existentes em uma proposta integradora de diversas tradições espirituais com o conhecimento espírita, somando a isso os estudos científicos disponíveis à época, o que por si só já é muito interessante, por mais que esteja limitado àquilo que já se sabe no conjunto dos conhecimentos humanos.

269. Xavier, Francisco C. *Paulo e Estêvão*, pag. 64, pelo espírito Emmanuel. 11ª ed. Rio de Janeiro/RJ, 1975.

270. Bíblia de Jerusalém, *Introdução aos Evangelhos Sinóticos*, pag. 1689. Ed. Paulus, São Paulo/SP, 2002.

271. Como consta de divulgação dos livros no site <https://fedf.org.br/Produto/fonte-viva-chico-xavier>



*A mediunidade
na produção do
conhecimento espírita*

O PROCESSO MEDIANÍMICO

Kardec era extremamente flexível em relação ao que poderia ser considerado como conteúdo mediúnico. A narrativa de um sonho, por parte de uma senhora, a respeito de um antigo vizinho, foi por ele considerada como informação consistente, fruto de uma “aparição”. Ele inclui essa narrativa no livro *O Céu e o Inferno* como sendo o caso de “Max, o mendigo”, depois de contar a história do “Pai Max”, também apelidado de “Conde Max”.

Ao analisar a literatura mediúnica produzida no Brasil, salta aos olhos a diversidade de maneiras como acontece a sua produção. Há de tudo; desde produções em grupo, com algum controle, até produções individuais, por conta do médium, isolado na intimidade da sua casa.

O romance *Lídia*, por exemplo, explica em um apêndice que sua elaboração resulta de um trabalho de grupo. Há uma ligação espiritual entre os participantes e os personagens envolvidos na narrativa. Lídia, um espírito iluminado que já se desprendeu dos ambientes espirituais da Terra, é apresentada como tendo sido Alda, irmãzinha de Amaury Fonseca, o organizador da obra. Morta em um acidente aos quatro anos de idade, ela é a bem-amada de Amaury, que é o personagem Virgílio no livro, ainda preso aos ciclos reencarnatórios.

Pelo que se desprende das informações apresentadas, alguns textos do apêndice foram recebidos pela psicofonia e registrados taquigraficamente por uma componente do grupo. O redator narra em detalhes um momento de desdobramento espiritual do médium em transe, que se vê transportado a um ambiente inteiramente diferente; o mentor espiritual do grupo esclarece ser um mundo ainda não registrado na astronomia (?), apresentado como *Cristalino*.

Seria isso realidade ou uma elaboração mental do médium?

Em seguida, ele explica que “não foi ela (Alda) quem, diretamente, vos ditou as palavras, seus pensamentos. Foi o espírito do próprio médium, impulsionado por nós”.

O médium, como já vos disse, encontra-se num plano diverso; entretanto, está nas mesmas condições momentâneas que ela; compreende sua linguagem e transmite as vibrações de seu cérebro, que descem pelo cérebro do médium, traduzidas em palavras de sua linguagem, pois que o cérebro do médium se encontra adequado à influência do planeta.²⁷²

É uma explicação para o modo como ocorre o fenômeno. Ao falar do “seu cérebro”, ele deve referir-se à mente do espírito, cujas vibrações “descem pelo cérebro do médium”. Em desdobramento, o médium estabelece contato mental com o espírito; seu cérebro fisiológico registra a ocorrência. As palavras não conseguem traduzir a sutileza do fenômeno.

Graças ao apêndice, que permite o cruzamento das informações, é possível perceber um pouco do processo de elaboração desse livro, um misto de escrita mediúmica e elaboração consciente. O que era originalmente uma mensagem do espírito Alda (página 224), na qual ela contava o seu sacrifício quando Lídia no circo romano dos tempos de Nero, foi incorporado depois ao romance, com ligeiras alterações, como parte da história (página 201).

E quanto aos demais, como isto se deu? Qual é a história por trás da elaboração de cada livro, de cada texto mediúmico?

Jorge Rizzini, ao apresentar sua *Antologia do Mais Além*, comenta um pouco de sua experiência como médium. Embora psicografasse intuitivamente, a sós, às vezes ouvia batidas – que ninguém mais ouvia – lhe avisando de algum erro cometido. Ao psicografar Gonçalves Dias, o poeta improvisou dois poemas e deixou um terceiro pela metade. Rizzini conta que ficou preocupado, sem entender o que ocorria, e que “somente vinte dias depois foi que Gonçalves Dias concluiu a poesia” que, na sua avaliação, ficou perfeita, sem nenhum elemento de diferenciação em relação aos versos anteriores.²⁷³

No início de suas atividades espirituais, narra Chico Xavier, Augusto dos Anjos lhe apareceu pela primeira vez na cozinha de sua casa. Segundo ele, o espírito lhe teria dito: “Quando você acabar de almoçar pegue o papel e lápis e venha comigo”. Suely completa a narrativa dizendo que “foi num pasto, em direção a Sete Lagoas, onde havia enorme

272. Surinách, José. *Lídia*, pag. 258. 13ª edição, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1996.

273. Rizzini, Jorge. *Antologia do Mais Além*, pag. 24. 3ª ed. Pauta, Goiânia/GO, 1993.

tronco de braúna, que Chico psicografou o primeiro poema, que está em primeiro lugar na 1ª edição do 'Parnaso'."274

Outro caso interessante é o de uma produção anterior ao surgimento de Emmanuel:

Eu estava em oração, certa noite, quando se aproximou de mim o Espírito de uma jovem, irradiando intensa luz. Pediu papel e lápis e escreveu o soneto a que me referi. Chorou tanto ao escrevê-lo que eu também comecei a chorar de emoção, sem saber, naqueles momentos, se meus olhos eram os dela ou se os olhos dela eram os meus.²⁷⁵

Foi assim que ele psicografou o soneto "Senhora da Amargura", que só mais tarde Chico ficou sabendo ser de autoria de Auta de Souza, cuja presença ele havia percebido. Como explicar o pranto por parte do espírito? Seria ele real ou apenas um modo pelo qual o médium percebia as emoções envolvidas na elaboração do poema?

Todos os médiuns relatam um profundo envolvimento espiritual no momento do transe; pensamentos, sentimentos, emoções, tudo se mistura. Para o médium, é difícil discernir o que é seu, o que pode ser da entidade cuja presença ele sente, ou o que pode ser um elemento do contexto que lhe está sendo apresentado.

Em 1945 Chico escreveu a Wantuil de Freitas a respeito do caso Humberto de Campos; ele conta feliz que "o nosso amigo voltou a escrever, fazendo-se se *sentir* agora com o nome de 'Irmão X'."276 Interessante destacar aqui o uso do verbo "sentir", pelo qual ele descreve o modo como percebe o fenômeno mediúnic.

Entre o transe e a lucidez

Outro livro que ajuda a compreender esse processo é *Memórias de um suicida*, onde Yvonne Pereira apresenta uma narrativa bastante detalhada a respeito de como se deu, no seu caso, a percepção e o registro das ideias:

Estas páginas, portanto, rigorosamente, não foram psicografadas, pois eu via e ouvia nitidamente as cenas aqui descritas, observava as personagens, os locais, com clareza e certeza absolutas, como se os visitasse e a tudo estivesse presente e não como se apenas obtivesse

274. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 146. FEB, Brasília/DF, 1986.

275. Idem, *ibidem*, pag. 324.

276. Idem, *ibidem*, pag. 146.

notícias através de simples narrativas. Se descreviam uma personagem ou alguma paisagem, a configuração do exposto se definia imediatamente, à proporção que a palavra fulgurante de Camilo, ou a onda vibratória do seu pensamento, as criavam.

Foi mesmo por essa forma essencialmente poética, maravilhosa, que obtive a longa série de ensaios literários fornecidos pelos habitantes do Invisível e até agora mantidos no segredo das gavetas, e não psicograficamente.²⁷⁷

O texto era produzido mediante um trabalho de redação dela própria, que escrevia o que lhe era mostrado em desdobramento, o que é perceptível pela linguagem e pelo estilo.

No entanto, as referidas mensagens e os apontamentos feitos ao despertar, eram bastante vagos, não apresentando nem a feição romântica nem as conclusões doutrinárias que, depois, para eles criou o seu compilador, por lhes desejar aplicar meio suave de expor verdades amargas, mas necessárias no momento que vivemos.²⁷⁸

Da psicografia propriamente, esclarece ela, os espíritos se utilizavam tão somente para as atividades de receituário mediúnic, “e pequenas mensagens instrutivas referentes ao ambiente em que trabalhávamos”; o restante era uma espécie de escrita consciente.

Do fato de Chico Xavier, quando em público, psicografar sem parar, de maneira ininterrupta, deduziu-se que esta seria a forma de produção dos romances mediúnicos e de outros livros em formato de narrativa, mas não parece ser este o caso. Isso se dava em relação às cartas familiares, crônicas, poesias e mensagens avulsas. Em livros como *Brasil Coração do Mundo* ou nos romances sobre os quais pesam as acusações de plágio, essas ocorrências sugerem a possibilidade de um processo em partes mediúnic e em partes desenvolvido fora dos momentos de transe, jamais um “ditado espiritual”.

Jorge Rizzini, que era escritor e médium, vê isso com naturalidade. Ele admite e até valoriza o seu estudo pessoal para a composição dos textos mediúnicos, e entende que isso não afeta a credibilidade do seu trabalho. Comentando a respeito de seus livros, se mediúnicos, se próprios, ele cita um deles e comenta: “*Escritores e Fantasmas* tem a redação

277. Pereira, Yvonne do A. *Memórias de um suicida*, pag. 9, pelo espírito Camilo Cândido Botelho. 26ª e. FEB, Brasília/DF, 2011.

278. Idem, *ibidem*, pag. 10.

exclusivamente minha, embora a pesquisa seja mediúnica em boa parte.” Ele se considera um escritor que psicografa quando os espíritos assim determinam.²⁷⁹

Não seria essa uma explicação mais adequada para a semelhança dos textos de Chico Xavier e Waldo Vieira com os do escritor Fritz Kahn no livro *Mecanismos da Mediunidade*? É possível que tenha havido uma pesquisa prévia ou, pelo menos, um estudo do assunto antes da escrita desse livro, o que explica as inúmeras apropriações de conteúdo. A hipótese da criptomnésia parece ser dispensável dada à sua semelhança. Talvez isso explique também a abordagem fundamentada nas ideias do “magnetismo animal”, que já estava perdendo a aplicação no meio científico em razão dos estudos do eletromagnetismo, mas que aparece amplamente explorada em alguns dos seus livros.

Mas isso não implica que não exista uma autoria mediúnica em boa parte desses textos. O Dr. Alexander Moreira-Almeida participou de uma pesquisa com dez médiuns psicógrafos, avaliando, mediante neuroimagens produzidas por tomografia computadorizada, o comportamento do sistema nervoso central durante um processo de escrita normal e durante um processo de escrita mediúnica. As imagens obtidas permitiram observar uma redução significativa na atividade cerebral quando escrevendo sob uma suposta influência espiritual. Nessas circunstâncias os textos eram mais complexos do que no estado de lucidez.²⁸⁰

O médium Ângelo Dias ressalta a diferença que ele percebe entre o ato de escrever por si mesmo, no seu estado de lucidez, e como isso acontece durante a psicografia. Ele reconhece que escreve bem sempre, mas que, ao psicografar, o processo se dá de modo inteiramente diferente. Há um envolvimento emocional intenso, e a narrativa, ou o texto, emerge de uma única vez, pronto. Psicografando um pouco a cada oportunidade ele mesmo se espanta quando, ao final, se depara com um texto completo, com início meio e fim, um todo coerente, ainda que com sua linguagem, seus recursos linguísticos. Essa a razão pela qual ele se sente no dever de atribuir a autoria ao espírito que ele entende ser o autor do texto.²⁸¹

Percepções que se misturam

De maneira geral, os médiuns mais experientes confiam muito nas suas percepções medianímicas; talvez excessivamente. São raros os que

279. Rizzini, Jorge. *Antologia do Mais Além*, pag. 18. 3ª ed. Pauta, Goiânia/GO, 1993.

280. Peres, Júlio F. e outros. *Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation*. Rev. Plos One, 16 nov 2012. San Francisco, EUA

281. Conforme entrevista concedida ao autor na fase de pesquisa para a elaboração deste estudo.

se indagam se, em meio ao que estão percebendo, não pode haver, em mistura com a realidade espiritual, criações suas, de suas mentes.

Léon Denis registra em seus livros a sua convicção pessoal quanto às suas percepções:

Tenho chegado atualmente quase a viver com os Espíritos tanto quanto com os humanos, a sentir a sua influência, a distinguir a sua presença pelas sensações fluídicas experimentadas. Sei que estas almas constituem a minha família espiritual. Laços bem antigos me unem a elas, laços que se fortificam todos os dias, pela proteção com que me favorecem e o reconhecimento que lhes dediquei.²⁸²

Diversos médiuns relatam uma mistura de percepções; mundo material e espiritual se confundem. Chico Xavier considera que seus sonhos são verdadeiros encontros espirituais.

Tenho estado com o nosso estimado Sr. Figner em espírito. Está contente e tranquilo, não obstante mais pensativo. Vejo-o remoçado e forte e tem conversado longamente comigo, o que me tem trazido grande emoção. (...) ele promete escrever por meu intermédio e temo complicações.²⁸³

Será isso mesmo? Como distinguir, nos sonhos, as elaborações mentais, as rememorações espontâneas, dos encontros espirituais? Dessas “conversas” – ou desses sonhos – resultou, mais tarde, o livro *Voltei*, onde Frederico Figner conta a sua experiência de retorno ao mundo espiritual. Como saber o que pode ser atribuído a Frederico Figner e o que pode ser criação de Chico Xavier? As “complicações” a que Chico se refere são com relação ao nome do espírito, que, ao final, foi substituído por Irmão Jacob.

Em outra ocasião, referindo-se aos livros infantis *Os Filhos do Grande Rei* e *Caminho Oculto*, cuja autoria ele atribui ao espírito Veneranda, ele escreve a Wantuil de Freitas que “Emmanuel, que está organizando o serviço de adaptação dos dois trabalhos, determinou que fossem reservadas grandes margens em cada página para facilitar o serviço do desenhista.”²⁸⁴ Os espíritos participariam até mesmo dos detalhes de cada projeto ou pode ser Emmanuel, neste momento específico, um *alter ego* de Chico Xavier?

Numa carta, ele afirma ver e ouvir os espíritos conversando com ele, como em uma reunião comum no plano material. Em uma ocasião

282. Denis, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, pag. 154. Trad. Cícero Pimentel, Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

283. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 197. FEB, Brasília/DF, 1986.

284. Idem, *ibidem*, pág. 66.

(seria um sonho?) ele informa ter visto Bezerra de Menezes e Emmanuel “fiscalizando ou amparando o trabalho” de produção do livro *Missionários da Luz*. Às vezes, psicografando, ele se sente como que em êxtase profundo. Ao referir-se à escrita dos romances de Emmanuel, ele comenta que “ao recebê-los tenho a impressão que não estou na Terra. Parece que me transferem de sede de trabalho.”²⁸⁵

Outro aspecto interessante: casos do seu conhecimento são adaptados para comporem os seus textos. Ao escrever o livro *No Mundo Maior*, o caso de um dos filhos de Wantuil de Freitas emerge da narrativa sob o personagem Marcelo, retratado no capítulo oito. Chico conta a emoção que o acometeu ao psicografá-lo, percebendo tratar-se da realidade que estava sendo vivida pela família do amigo. “Quando recebi as páginas a que nos reportamos, tive grande desejo de escrever-te, mas achei melhor que as lesse para que descobrisses o assunto”. Wantuil ficou convencido da autenticidade do fenômeno pelo reconforto espiritual que lhe proporcionou a explicação sobre a origem espiritual dos seus dramas familiares. Talvez mais ainda por um detalhe que Chico lhe apresenta: “Observei como (o filho de Wantuil) é estimado de André Luiz pelos comentários carinhosos do amigo espiritual”.²⁸⁶

Acontece que não são apenas os casos reais que emergem dos seus textos; também as leituras e as preferências em termos de explicações e de crenças estão ali presentes. Em *A Caminho da Luz*, entre muitas outras questões, a tese de que Jesus teria moldado com suas mãos o planeta Terra já constava no livro *Jesus Perante a Cristandade*, psicografado em 1898 pelo médium Frederico Jr, de autoria atribuída a Bittencourt Sampaio.

No princípio, isto é, antes da existência do planeta que habitais, Jesus, o Espírito Puríssimo, primogênito do Pai, toma dos elementos dispersos e condensados pelo fluido universal, e forma uma grande esfera incandescente que, obedecendo às leis eternas da gravitação dos corpos, descreve a sua órbita, em volta de um grande astro.²⁸⁷

Algo a ver? Em seu livro, Emmanuel apresenta essa visão de Jesus como “o Espírito Puríssimo, primogênito do Pai”, que é típica da doutrina de Roustaing, e coloca a explicação da ciência subordinada à tese religiosa, ao contrário do que faria Kardec. A criação do planeta Terra deixa de ser um processo natural, regido pela lei da gravidade, como afirma a ciência, e passa a ser um ato pessoal realizado por Jesus mediante manipulação dos elementos telúricos.

285. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pág. 98, 99 e 96. FEB, Brasília/DF, 1986.

286. Idem, *ibidem*, pag. 137.

287. Silva Jr., Frederico. *Jesus Perante a Cristandade*, pelo espírito Bittencourt Sampaio, pag. 10. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1975.

Não seria isso um reforço à tese do Jesus divino, o Verbo que estava com Deus e que, “sem ele, nada do que foi feito se fez” do Evangelho de João? Em vez de “guia e modelo” para a humanidade, como em Kardec, Jesus tem sua imagem associada ao próprio Criador.

Bons médiuns podem cometer equívocos?

Não é do gosto dos leitores espíritas admitir que médiuns confiáveis possam se enganar a respeito de suas percepções mediúnicas. A esse respeito Kardec comenta:

Os bons Espíritos permitem, às vezes, que isso aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito, que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isto lhe deve servir de lição. As falsas comunicações, que de tempos a tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça. Porque, o médium que receba as coisas mais notáveis não tem que se gloriar disso, como não o tem o tocador de realejo que obtém belas árias movendo a manivela do seu instrumento.²⁸⁸

Neste caso Kardec está mais atento às mistificações, mas também admite que, em meio às ideias que lhe são sugeridas pelo espírito, o médium inclua as que lhe são próprias.

Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as ideias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium.²⁸⁹

Como tanto o espírito quanto o médium mais não são que seres humanos, tanto um quanto o outro podem apresentar ideias passíveis de questionamento. Por isso que todo texto ou comunicação oral de natureza mediúnica deve ser submetido a uma avaliação criteriosa, rejeitando-se “desassombradamente o que a razão e o bom-senso reprovarem”, qual quer que seja o médium de quem eles provenham. Nessa mesma mensagem Erasto adverte: “Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.”

288. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 226 pag. 298, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

289. Idem, *ibidem*, item 230 pag. 303.

Mas há quem se recuse a admitir esse critério, especialmente quando se trata de Chico Xavier e Divaldo Franco que, na sua opinião, estariam acima de qualquer suspeita. Não é o que pensava Kardec. Essa atitude pode ser compreensível do ponto de vista da fé, da devoção, mas não se justifica por parte de quem realmente pretenda estudar e compreender o Espiritismo enquanto fé raciocinada, capaz de encarar a razão face a face.

Se para atestar a autenticidade dos fenômenos físicos Kardec entende que “a melhor de todas as garantias se encontra no *caráter, na honestidade notória, no absoluto desinteresse* das pessoas que obtêm tais efeitos”, para a psicografia e a psicofonia isto não se aplica. Nem mesmo os mais honestos e desinteressados médiuns têm como evitar que suas comunicações misturem sua visão de vida e de mundo, suas emoções, com o que provêm das impressões do momento e de um possível espírito comunicante. Essa é uma condição própria do fenômeno e a única atitude possível é saber que isso acontece e levar isso em conta, sempre.

Para além da simplicidade aparente

Não há como ignorar que houve uma idealização das faculdades mediúnicas por parte de Kardec, por exemplo, quando ele afirma:

De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós.²⁹⁰

Atualmente, depois de mais de 160 anos de experiência acumulada, quando já são melhor conhecidos os limites inerentes ao processo mediúnic, não há como esperar que pela via da mediunidade se possam estabelecer com os espíritos relações tão “continuadas e regulares como as que existem entre nós”, como imaginava Kardec. O fato de se evocar um espírito e obter uma resposta não é garantia suficiente de que aquele contato tenha se estabelecido. Era para se prevenir desses riscos e amenizar as expectativas que Chico Xavier dizia que “o telefone só toca de lá para cá”.

Em entrevista concedida em abril de 1980 ao programa Fantástico, da Rede Globo, ele deu explicações a respeito do modo como percebia o fenômeno:

290. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 178, pág. 228, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

Repórter: Como é que é feito esse intercâmbio entre o senhor e esses espíritos?

Chico Xavier: Olha, desde 1927 eu observo que os nossos amigos espirituais usam o meu braço como se fosse um apetrecho de eletricidade. É como se eles ligassem o braço deles sobre o meu”.

Repórter: E a mente?

Chico Xavier: A mente não funciona em se tratando da mensagem. Eu desconheço o que o espírito desencarnado está escrevendo, mas, na maioria das vezes, sinto o contato mental com o comunicante, tanto assim... o contato com o [o espírito] comunicante me fornece impressões muito além da escrita.²⁹¹

Devido a narrativas como esta, criou-se no imaginário espírita a ideia de que o processo se dá de maneira totalmente automática, à revelia do médium. Ocorre que as observações de Gabriel Delanne não deixam dúvida de que, mesmo em processos dessa natureza, a mente do médium pode atuar trazendo à tona os seus próprios conteúdos.

Traduzindo Honoré de Balzac, Waldo Vieira descreve em uma cena o modo como as impressões mediúnicas se manifestam. Em um determinado momento, a personagem Constance, uma imaginada jovem médium na França do século XIX, chega em casa um tanto angustiada em virtude de conflitos afetivos, e se sente acolhida por um espírito amigo.

Entre a névoa das lágrimas que lhe embaça as pálpebras geladas, inesperada visão sensibiliza-lhe as retinas espirituais. Os móveis e as paredes se diluem, surge-lhe BÍL尼亚 à frente, vestida de luz, num apogeu de seráfica amenidade.

A aparição dulcíssima é luz de faísca sideral a empolgar-lhe os olhos, flagrante nas brumas do Insondável, flama que lhe amplia a vista do consolo da surpresa. Nada lhe diz a emissária, mas a expressão cariciosa vale por mil palavras de confiança não moduladas na materialidade da garganta. A suave figura extingue-se a pouco e pouco, a espuma das vestes se desfaz, os cabelos se esvaem qual dourada névoa, o lume dos ternos olhos se apaga e a parede empapelada volta a ser visível.²⁹²

A narrativa pretende destacar o cuidado das entidades espirituais para com a médium, mas os detalhes, a forma como isso é percebido, se constituem em uma construção do imaginário combinado do espírito e do médium. Em sua narrativa Waldo/Balzac informam que suave perfume permanece no ambiente. Esse detalhe tem tudo a ver com o que ele, Waldo Vieira, conta das reuniões com Chico Xavier na Casa da Prece.

291. Silva, Cíntia Alves da. *As Cartas de Chico Xavier*, pag. 79. Ed. Cultura Acadêmica, São Paulo/SP, 2012.

292. Vieira, Waldo. *O Cristo espera por ti*, pelo espírito Honoré de Balzac, pag. 235. 3ª ed. IDE, Araras/SP, 1983.

A COMPOSIÇÃO DOS TEXTOS

Como vimos, Kardec considerava a “psicografia direta” – escrita sem uso de qualquer apetrecho – como a mais simples e mais adequada a maiores desenvolvimentos, razão pela qual ele a elegeu como principal método de obtenção de informações do mundo espiritual. Mas ao mesmo tempo em que ele a descreve de uma maneira muito simples, dizendo que o espírito “toma a mão do médium e escreve”, ele também considera que existe uma maior ou menor “influência” do médium nas comunicações.²⁹³

No transe mediúnicamente os médiuns relatam um intenso “envolvimento espiritual”, mudanças se operam no seu estado emocional, as ideias lhes vêm à mente, e eles as escrevem ou falam mediante seus próprios recursos intelectivos. Às vezes o que atesta a possível presença do espírito são detalhes do estilo, da linha argumentativa ou mesmo alguns termos de sua preferência, seja quando vivo, seja quando de outras comunicações.

Nas situações de evocação isso é ainda mais complexo, porquanto, mediante a simples enunciação do desejo de se estabelecer o contato o médium pode induzir, em si mesmo, o processo de identificação com o personagem evocado, e incorporar o que ele entende serem as maneiras, as ideias e o modo de ação daquele personagem. No estado de transe mediúnicamente ele pode expressar o que ele imagina que o espírito diria naquela circunstância, mesmo sem a presença do espírito evocado, e sem nenhuma intenção de enganar a quem quer que seja.

Em razão dessa fragilidade do processo, os críticos de Kardec se recusaram a admitir a autenticidade dos textos que ele obtinha. O fato de um texto trazer a assinatura de um espírito não era garantia de que a sua autoria fosse daquele espírito; poderia ser uma criação da mente do médium em razão da evocação ou, nos casos espontâneos, de uma

293. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 45, 157, 166, 179, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

lembança ou uma livre associação com um personagem, um fato histórico ou um caso recente.

Para Kardec, que tinha como objetivo a estruturação de um corpo doutrinário de conteúdo moral, a absoluta identificação do espírito era fator secundário; interessavam-lhe mais as ideias. “Desde que esse ensino é bom, pouco importa que aquele que o deu se chame Pedro, ou Paulo. Deve ele ser julgado pela sua qualidade e não pelas suas insígnias”.

Aqueles que leram o livro *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI* já viram vários exemplos que demonstram que Kardec promovia ajustes nos textos mediúnicos visando à sua publicação. Conforme demonstramos, Kardec não se prendia nem à sua literalidade e nem à sua integridade; muito ao contrário, ele corrigia, recortava, alterava, misturava textos diferentes, construindo um novo texto se necessário. Ele mesmo explica em *O Livro dos Médiuns* a importância de submeter a esse tratamento os textos psicografados, de modo a lhes proporcionar clareza e coerência.²⁹⁴

Isto responde a certas críticas a propósito das incorreções de estilo e de ortografia, que se imputam aos Espíritos, mas que tanto podem provir deles, como do médium. Apegar-se a tais coisas não passa de futilidade. Não é menos pueril que se atenham a reproduzir essas incorreções com exatidão minuciosa, conforme o temos visto fazerem algumas vezes. Lícito é, portanto, corrigi-las, sem o mínimo escrúpulo, a menos que caracterizem o Espírito que se comunica, caso em que é bom conservá-las, como prova de identidade.²⁹⁵

Esse critério pode ser aplicado a todas as situações? Em que situações seria ele aplicável? Atualmente, os conteúdos mediúnicos são utilizados até mesmo para se estabelecerem relações de poder. Em assim sendo, que outras informações seria necessário acrescentar tendo em vista a transparência requerida nas diferentes circunstâncias?

Até onde a participação do médium?

Quando se procura conhecer o processo de elaboração dos textos mediúnicos, depara-se com uma total ausência de informações a esse respeito. Salvo algumas honrosas exceções, passa-se a impressão de que a autoria é totalmente espiritual, como se não houvesse nenhuma participação do médium na elaboração daquele conteúdo ou daquela narrativa.

294. Moraes, Elias I. *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI*, pag. 93. Ed. Aephus, Goiânia/GO, 2020.

295. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 224, pág. 287, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

Mas não é isso o que se observa quando se analisa a questão de maneira objetiva. É muito evidente em *Brasil Coração do Mundo* a presença de uma ação consciente no sentido de apropriar os elementos da história oficial da época para compor uma perspectiva espiritual que os autores – considerando aqui a ação conjunta do médium e do espírito – pretendiam apresentar. Como explicar a transcrição de um trecho inteiro de outro livro, mesmo sendo de autoria do espírito, quando encarnado, para o interior desse novo livro, agora psicografado? É o caso de atribuir esse tipo de ocorrência a uma situação de transe mediúnicos? Com base em que argumentos?

O mesmo se verifica em *Mecanismos da Mediunidade* e tantos outros, como também foi discutido com relação aos plágios, que parecem ser apenas o resultado da intenção do médium no sentido de ajudar na elaboração dos conteúdos. Não parece necessário e nem plausível atribuir aos espíritos essa iniciativa.

Há casos em que essa elaboração se deu ao longo do tempo, como em *Parnaso de Além Túmulo*. André Cunha observa a diferença entre o poema *Análise*, quando publicado pela primeira vez na revista *Reformador*, em 1931, e a versão publicada na última edição do livro, em 1955. O verso original, “Na hediondez dos mórbidos sensualismos”, foi substituído ao final por “Multiplicando as lágrimas e os trismos”.²⁹⁶ Por mais que o médium e os editores reafirmem que a intenção da mudança partiu do espírito, compreendendo melhor o processo mediúnico não há como deixar de considerar outras possibilidades nessas alterações.

Suely Schubert, comentando o trabalho em torno dessa obra, observou que o livro sofreu inúmeras alterações entre a primeira e a última edição, com substituição de palavras e até mesmo com a exclusão de alguns poemas, além da inclusão de inúmeros outros. A esse respeito ela comenta que

Todo esse trabalho de revisão e de anos de acertos entre Chico e Wantuil e entre o médium e os autores espirituais; as dificuldades superadas até se chegar ao acordo, tudo isso pode suscitar em algumas pessoas indagações quanto ao processo psicográfico. Por que, afinal de contas, a mensagem não consegue ser filtrada pronta e irretocável? Serão assim tão difíceis os meios de comunicação entre desencarnados e encarnados?²⁹⁷

296. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 168. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

297. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 326. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1986.

O fato concreto é que todo texto mediúnico, salvo as cartas ou mensagens das quais o destinatário se apropria no exato momento em que termina a psicografia, é resultado de um processo que pode envolver inúmeros fatores. No momento da sua leitura é interessante que tudo isso seja considerado como possibilidade.

Uma escrita nem sempre fácil

A respeito de *Memórias de um suicida*, Yvonne conta que viu-se, em dado momento, com uma pilha de manuscritos, anotações, mas impossibilitada de concluir o trabalho em virtude de o personagem principal que a orientava ter retornado à vida material, reencarnado.

Encontrei-me então em situação difícil para redigir o trabalho, dando feição doutrinária e educativa às revelações concedidas ao meu Espírito durante o sono magnético, as quais eu sabia desejarem as nobres entidades assistentes fossem transmitidas à coletividade, pois eu não era escritora, não me sobrando capacidade para, por mim mesma, tentar a experiência. Releguei-os, portanto, ao esquecimento de uma gaveta de secretária e orei, suplicando auxílio e inspiração. Orei, porém, durante oito anos, diariamente, sentindo no coração o ardor de uma chama viva de intuição segredando-me aguardasse o futuro, não destruindo os antigos manuscritos. Até que, há cerca de um ano, recebi instruções a fim de prosseguir, pois ser-me-ia concedida a necessária assistência!²⁹⁸

Ao final de todo esse trabalho pessoal e consciente sobre o texto, se o resultado deve ser aceito ou rejeitado, ela remete-o honestamente ao leitor. “De uma coisa, porém, estou bem certa: é que estas páginas foram elaboradas, do princípio ao fim, com o máximo respeito à Doutrina dos Espíritos e sob a invocação sincera do nome sacrossanto do Altíssimo.”

Como médium, jamais agimos por nossa livre iniciativa, senão fortemente acionada pela vontade positiva das entidades amigas que nos dirigem, pois entendemos que o médium por si mesmo nada representa e que jamais deverá adotar a pretensão de realizar isto ou aquilo sem antes observar se, realmente, é influenciado pelas verdadeiras forças espirituais superiores.²⁹⁹

298. Pereira, Yvonne do A. *Memórias de um suicida*, pag. 7 pag. 9, pelo espírito Camilo Cândido Botelho. 26ª e. FEB, Brasília/DF, 2011.

299. Idem. *Recordações da Mediunidade*, Introdução, pag. 7. 7ª ed. FEB, Brasília/DF, 1992.

Talvez calejada pela experiência com a família de Humberto de Campos, talvez por orientação de terceiros ou da própria FEB, Yvonne substituiu o nome do autor, “contrariando, todavia, seus próprios desejos de ser mencionado com a verdadeira identidade.” No livro, o célebre escritor português Camilo Castelo Branco será apresentado como Camilo Cândido Botelho, de modo a deixar ambígua a sua identificação, como quem deseja mostrar-se sem admitir plenamente quem é.³⁰⁰

Há também um caso interessante envolvendo a produção do livro *Além do Aborto*.³⁰¹ Quando recebeu a confirmação da publicação do livro pela editora, o médium Ângelo Dias foi informado de que a obra deveria receber cortes significativos para que ficasse compatível com a sua política de publicação, que primava por livros mais objetivos, não tão extensos. Ele pediu que a questão fosse antes submetida ao autor espiritual, que concordou com a condição de que ele mesmo fizesse os cortes. Ele conta que, de posse do arquivo original, foi excluindo parágrafos inteiros, realocando outros, enxugando o livro, de modo que o resultado final não perdeu nada em conteúdo. Com a nova quantidade de páginas, a editora publicou o livro tal qual lhe havia sido entregue, apenas com a revisão de ortografia e gramática, que fez pouquíssimas correções. Ele entende que os cortes foram feitos pelo próprio espírito autor, praticamente sem a sua participação, utilizando-o apenas como intermediário material.

Em outros casos os estudos revelam alterações mais impactantes no conteúdo, como se pode deduzir de uma nota de rodapé de *Joana d’Arc por ela mesma*. A editora admite ter interposto junto ao espírito – ou à médium? – no sentido de acrescentar informações a respeito da beleza de Joana. O texto original não trazia aqueles elementos, que foram depois acrescentados a pedido da editora para tornar o texto mais agradável ao público leitor. Não há como evitar a indagação: ao final, quem termina decidindo é o espírito Joana, a menina médium Ermance ou a própria editora? Impossível saber.³⁰²

De tudo isso se conclui que não deve causar estranheza ler os textos psicografados com a consciência de que eles sofrem esse tipo de tratamento, não apenas por parte dos médiuns que os psicografaram, como também pelas editoras e seus revisores, que sempre sugerem ajustes e melhorias nos originais tendo em vista maior clareza segundo as suas

300. Pereira, Yvonne do A. *Memórias de um suicida*, pag. 8 pag. 9, pelo espírito Camilo Cândido Botelho. 26ª e. FEB, Brasília/DF, 2011.

301. Dias, Ângelo. *Além do Aborto: histórias sobre perdão e recomeço*, pelo espírito Carlos Henrique. Ed. EME, Capivari/SP, 2021.

302. Dufaux, Ermance. *História de Joana d’Arc: ditada por ela mesma*, pag. 53. Trad. Denise Villas Bôas, Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2003.

visões. Por mais complicado e impreciso que tudo isso se mostre ao final, é assim que se dá o processo de produção do conhecimento espírita pelos mecanismos da psicografia.

Não há como esperar do processo mediúnico mais do que essa subjetividade e essa imprecisão. Para se obter maior segurança em relação a essas informações é que Kardec propunha, então, a aplicação de um critério de análise mais consistente, um método científico, que era o controle da universalidade das ideias apresentadas por essa via.

Em razão de tudo isso, nada mais sensato do que ver em todos esses textos, apenas literatura; literatura religiosa, moral, poética, romancada, de reflexões filosóficas ou de autoajuda. O que não se pode é continuar acreditando que estamos diante de “revelações espirituais” quando todas as evidências apontam para uma obra de interautoria entre o médium e o espírito, com alguma participação dos editores, fruto de um contexto sócio-histórico específico, situada no tempo e no espaço.



21

OS LIMITES DO PROCESSO MEDIÚNICO

Allan Kardec tinha perfeita consciência de que o processo mediú-nico apresentava limites e que a “precisão” das informações fornecidas pelos espíritos não era absoluta. Logo no primeiro número da *Revista Espírita* ele comenta que, embora os espíritos respondam “mais ou menos com precisão” às perguntas que lhes são dirigidas, eles são capazes de desenvolver um trabalho de fôlego.³⁰³ Ele comenta o caso da médium Ermance Dufaux que, aos 14 anos, havia publicado o livro *História de Joanna d’Arc ditada por ela mesma*; que sua especialidade eram os textos históricos, e que ela já havia escrito mais dois, um com a história do Rei Luís XI e outro com a de Carlos VIII, ambas narradas por eles mesmos.

Ele promete apresentar um resumo do livro sobre Joana d’Arc, e explica que houve uma mudança na mediunidade da senhorita Ermance que

A princípio, era excelente médium psicógrafa, escrevendo com grande facilidade; pouco a pouco se tornou médium falante e, à medida que essa nova faculdade se desenvolvia, a primeira enfraquecia; hoje, escreve pouco ou com muita dificuldade, mas, o que há de estranho é que, falando, sente necessidade de ter um lápis à mão, fingindo que escreve; é preciso uma terceira pessoa para registrar suas palavras, como as da Sibila.³⁰⁴

No terceiro número, em março, Kardec publica uma análise do livro *Confissões de Luís XI: história de sua vida ditada por ele mesmo à senhorita Ermance Dufaux*, onde ele procura destacar os pontos que demonstravam a veracidade das informações contidas no livro e como isso não poderia ser

303. Kardec, Allan. *Revista Espírita*, jan/1858, pag. 62. Trad. Evandro Noleto, FEB, Brasília/DF, 2005.

304. Idem, *ibidem*, *ibidem*.

o resultado da criatividade e dos conhecimentos de uma mocinha de quatorze anos. Ele observa que o livro completa algumas lacunas da história, relatando sutilezas do mundo político que não eram do conhecimento dos historiadores, mas, por algum motivo que ele não explica, ele não traz os prometidos recortes do livro de Joana d'Arc.³⁰⁵

As crenças do médium no processo da escrita

Salvo raríssimas exceções, os espíritos que se comunicam por um determinado médium pensam de maneira mais ou menos semelhante ao que ele, o médium, pensa. Um caso interessante é a questão do “corpo fluídico de Jesus” na obra de Chico Xavier. Essa crença, que ainda subsiste no catolicismo, é um resquício da visão dos antigos docetas para quem Jesus seria um espírito tão elevado que, ao vir à Terra, teria utilizado uma espécie de “corpo fluídico”; não lhe era possível habitar um corpo humano. Essa tese, como já vimos, é basilar na obra *Os Quatro Evangelhos*, de J. B. Roustaing, e representou um dos primeiros cismas do Espiritismo ainda no tempo de Kardec, que a considerava moralmente inaceitável.

É curioso que, por mais que Kardec tivesse se posicionado em clara oposição à tese roustainguista, considerada por ele contrária à visão que os espíritos lhe apresentavam, Chico a tivesse “em alta conta”, e manifestasse profunda estima tanto pela obra de Kardec quanto pela de Roustaing, que lhe contradizia.³⁰⁶ Seria isso resquício da sua formação católica? Naqueles tempos em que livros eram de difícil acesso, teria ele podido fazer um estudo cuidadoso de toda a obra de Allan Kardec ao ponto de perceber essas contradições?

A obra de Roustaing caiu na graça dos dirigentes da FEB, todos oriundos do catolicismo, e foi dali que saiu toda a orientação inicial ao trabalho de Chico Xavier. Em uma carta a Wantuil de Freitas, Chico se manifesta “admirado de Santo Ignacio de Antioquia não poder aceitar o docetismo. É das figuras que eu mais venero no Cristianismo nascente.”³⁰⁷ Teria ele compreendido o alcance filosófico da discussão ou falaram mais alto as orientações da FEB, que vinham ao encontro das suas convicções cristãs fundadas na teologia católica?

Quando o modo de pensar do espírito diverge do entendimento do médium o processo da escrita torna-se difícil. Foi o que aconteceu com a Sra. Émilie Colignon que, mesmo sendo contrária a essa tese, terminou

305. Kardec, Allan. *Revista Espírita*, mar/1858, pag. 122. Trad. Evandro Noleto, FEB, Brasília/DF, 2005.

306. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 312 e 314. FEB, Brasília/DF, 1986.

307. Idem, *ibidem*, pag. 239.

psicografando os textos que compuseram depois a coleção de *Os Quatro Evangelhos* de Roustaing. Segundo um seu contemporâneo, o Sr. René Caillé, algumas das ideias centrais do livro que ela estava psicografando “lhe repugnavam a razão”. Em virtude da “hostilidade pessoal da médium em aceitar essa nova teoria (Jesus tendo um corpo apenas fluídico)”, muitas vezes o trabalho da psicografia ficava comprometido.³⁰⁸

No caso de Chico Xavier, não há nenhum registro de que ele tenha sentido qualquer dificuldade nesse sentido, mas há um detalhe curioso. Em 12 de novembro de 1955 ele escreve a Wantuil de Freitas manifestando o seu desejo de ler novamente o livro *A Gênese*.

Vou fazer uma releitura do livro “A Gênese”, de Allan Kardec, para conhecer melhor as páginas a que te referes. Aliás, são dois livros do Codificador que desejo estudar atentamente – esse e “Obras Póstumas”. Vou lê-los cuidadosamente.³⁰⁹

Ocorre que, no capítulo XV de *A Gênese*, Kardec contesta a tese do “corpo fluídico de Jesus” contida na obra de Roustaing. Luciano dos Anjos apresenta uma lista dos textos psicografados por Chico Xavier nos quais se evidencia algum tipo de aceitação ou defesa dessa tese e é muito curioso que todas as citações são de textos anteriores a 1955.³¹⁰ Ao que parece, depois de reler *A Gênese* Chico nunca mais psicografou nada nesse sentido.

As crenças do grupo e o processo da psicografia

Se os médiuns raramente psicografam conteúdos que vão de encontro às suas próprias convicções, quando eles psicografam conteúdos que vão contra as convicções do grupo do qual eles participam é comum que essas comunicações sejam censuradas na origem. É assim que os pontos de vista que lhes são contrários são quase sempre filtrados no nascedouro e outros, que lhes são favoráveis, ainda que questionáveis, sobrevivem ao tempo.

Já vimos isso no caso da reencarnação entre os ingleses e estadunidenses, onde essa temática era ausente e que, de modo inverso, estava sempre presente nas comunicações ocorridas na França. Talvez isso explique o motivo pelo qual, segundo Guillon Ribeiro, nunca houve no “Grupo do Sayão” uma única mensagem que contrariasse a sua orientação roustaingista, ou viesse em defesa da posição de Allan Kardec.

308. Apud Neto, Paulo. *Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a Revelação da Revelação?*, pag. 242. Edição independente, Belo Horizonte/MG, 2021.

309. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 338. FEB, Brasília/DF, 1986.

310. Anjos, Luciano dos. *Os adeptos de Roustaing*, pag. 86. Ed. AEEV, Volta Redonda/RJ, 1993.

...nunca nenhum deles, em qualquer dos seus ditados, quer psicográficos, quer sonambúlicos, proferiu uma única palavra que se possa considerar de condenação, velada ou clara, de Os Quatro Evangelhos, de Roustaing, ou, sequer, como restritiva de alguma das revelações e explicações contidas nesta obra.³¹¹

Guillon Ribeiro indaga se esse silêncio a respeito de tão delicada questão representaria uma validação “do alto” às crenças do grupo.

Ora, será crível que Espíritos de tão alta envergadura, de tanto saber e de tão largo cabedal de grandes predicados morais, dirigindo um grupo de crentes, sinceramente desejosos de assimilar os ensinamentos do Evangelho e possuídos de inegável boa vontade, hajam descaridosamente assentido que os seus guiados patinassem durante anos no erro e na mentira, se orientassem por uma revelação falsa e por elucidações apócrifas dos ensinamentos evangélicos, sem lhes ministrarem, ainda que veladamente, um esclarecimento que os divorciasse das errôneas ideias esposadas? Será crível que, ao contrário, só tenham, com as suas instruções, corroborado essas ideias, atestando-lhes a justeza e a veracidade e, com isso, a procedência altíssima da obra onde foram hauridas, a pureza da fonte donde promanou a Revelação da Revelação?³¹²

Não passa pela mente de Guillon Ribeiro que o seu entendimento a respeito da mediunidade possa estar equivocado, que o fenômeno não tenha como lhe oferecer a solução esperada. Poderia o simples silêncio em torno de um assunto ser considerado como uma forma de “aprovação da espiritualidade” ao que está sendo compreendido pelo grupo? Ou, por outro ângulo, a “aprovação da espiritualidade” pode ser considerada como elemento suficiente para validar uma determinada ideia?

Kardec entendia que não. Para ele, a decisão a respeito do que deve e o que não deve receber a chancela de “verdade” do ponto de vista do conhecimento espírita é uma atribuição dos homens, dos seres humanos históricos. Eles é que analisam as comunicações obtidas junto aos espíritos tendo como referência os conhecimentos da sua época, e decidem o que deve ou não ser incorporado ao corpo doutrinário do Espiritismo. É aí que entra o senso crítico do próprio grupo.

Foi assim que ele compôs a doutrina espírita, por mais que ele tenha afirmado ser ela uma criação dos espíritos.

311. Assis, Marco A. L. (org). *As Virtudes do Céu*, pag. 35. CRBBM, Rio de Janeiro/RJ, 2012.

312. Idem, ibidem, ibidem.

Os conhecimentos de cada época e o conteúdo das psicografias

Kardec sempre alertava que os espíritos “respondem mais ou menos bem, conforme os conhecimentos que possuem,” e que o conhecimento deles não é ilimitado, porquanto, há perguntas “que eles não podem ou não devem responder por motivos que desconhecemos”.³¹³

Por isso, é sempre prudente ter claro que, em livros como *O Consolador*, Emmanuel se propõe a responder perguntas através do lápis de Francisco Cândido Xavier advertindo não ter “a pretensão de vos responder com as soluções definitivas, embora cooperemos convosco com a maior boa vontade”. O que ele oferece ao mundo é o melhor da sua sabedoria, desenvolvida com base na sua recente experiência de sacerdote católico, construída sobre o passado do arrogante Publius Lentulus e do escravo Nestório – admitindo-se serem esses personagens reais –, e dentro dos limites que ele mesmo estabelece:

...sem nos determos no exame técnico das questões científicas, ou no objeto das polêmicas da Filosofia e das religiões, sobejamente movimentados nos bastidores da opinião, para considerarmos tão somente a luz espiritual que se irradia de todas as coisas e o ascendente místico de todas as atividades do espírito humano dentro de sua abençoada escola terrestre, sob a proteção misericordiosa de Deus.³¹⁴

Quando ele afirma no livro *Pensamento e Vida* que o pensamento é uma espécie de “força eletromagnética”, não há nisso nenhuma revelação espiritual extraordinária; ele está se baseando nos conhecimentos científicos da época, e que foram lançados por terra logo em seguida. Como explicado na introdução deste livro, os experimentos mostraram que a telepatia funciona mesmo através de câmaras blindadas, o que não ocorreria se ele fosse uma onda eletromagnética. Emmanuel e todos que apostaram nessa hipótese estavam equivocados.

Devem-se a isso certos equívocos presentes nos textos mediúnicos, como se pode observar no final do cap. 2 do livro *Mecanismos da Mediunidade*. Em 1993 os analistas da FEB constataram que uma informação trazida por André Luiz estava incorreta e incluíram uma nota de rodapé na qual atribuem o erro a um “entendimento imperfeito do autor espiritual,

313. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 185 e 286, pag. 235 e 393, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

314. Xavier, Francisco C. *O Consolador*, pelo espírito Emmanuel, pag. 20. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977. As informações biográficas aqui contidas constam das apresentações dos romances de autoria do próprio espírito Emmanuel intitulados *Há dois mil anos e 50 anos depois*, ambos publicados pela FEB.

ou do médium, ou da fonte científica da qual se originou o parágrafo”.³¹⁵ Isso também explica o fato de o espírito Otília Gonçalves, via psicografia de Divaldo Franco, ter colocado na fala do personagem Dr. Cleófas a seguinte afirmação:

Recordemos aqui o ensino do Mestre Nazareno, que é muito expressivo: — Não cai uma folha da árvore que não seja pela vontade de Deus” ou “... até os cabelos das vossas cabeças estão contados”, o que pode ser traduzido por um pré-conhecimento das coisas.³¹⁶

Essa primeira fala, sobre a folha da árvore, não é de Jesus. Ela consta no *Alcorão* e não aparece nem mesmo no Velho Testamento. A Jesus é atribuída apenas a segunda, “até os cabelos das vossas cabeças estão contados”. Sem contar que a questão do “pré-conhecimento das coisas” é uma questão filosófica muito complexa para ser apresentada assim, de maneira tão singela, como uma afirmação de autoridade, porque advinda da “espiritualidade”.

Contatações como essas não podem afetar a credibilidade dos médiuns ou dos espíritos; elas apenas nos recomendam rever o nosso entendimento a respeito do fenômeno mediúnico e ter claro o seu limite no que se refere à produção das “verdades” que norteiam o pensamento espírita em cada época.

315. Essa Nota de Rodapé consta apenas das edições publicadas a partir de 1993; inexistente nas anteriores.

316. Franco, Divaldo P. *Além da Morte*, pelo espírito Otília Gonçalves, cap. 11, 25. 12ª ed. Alvorada, Salvador/BA, 2000.

PSICOGRAFIA, EDIÇÃO E PÓS-EDIÇÃO

A ideia mais comum que se faz dos textos mediúnicos é que eles foram “ditados” e que, por isso, traduzem conhecimentos prontos e acabados vindos dos espíritos. Não é isso o que a análise dos textos revela. Ao contrário, também os espíritos parecem estar o tempo todo aprendendo com os vivos, ampliando suas visões de mundo e de vida, seus conhecimentos.

Victor Hugo, “dialogando” com Shakespeare, obtém dele um belo poema sobre a morte. Ao terminar o espírito lhe pede: “Relê tudo”. Ele relê o que foi escrito e pergunta ao espírito “se ele quer mudar alguma coisa”. Então o espírito lhe pede que substitua, no décimo verso, o personagem Otelo para Romeu. Numa sessão seguinte eles retomam o poema e, em dado momento a mesa se agita sem conseguir expressar-se. Então Victor Hugo lhe pergunta:

- “Desejas recomeçar o último verso?”

Então a mesa faz uma batida, o que significa: “Sim”, e lhe pede:

- “Termine a estrofe”.

- É a mim, Victor Hugo, que dizes para terminar a estrofe?

- Sim.

- Eis o que proponho: “O astro eterno apaga as terrenas luzes”.³¹⁷

Ao final o espírito digita: “Prefiro o teu verso”. Logo à frente ele dita um verso onde diz: “E subtrai o epitáfio de Cervantes adormecido”. Mas o espírito parece ficar em dúvida, e pergunta a Victor Hugo:

317. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 168 a 172. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

- “Qual tu preferes: ‘de Cervantes adormecido’ ou ‘do gênio adormecido’?”
- Prefiro ‘do gênio’; prefiro que seja mais genérico e se aplique a todos os grandes homens. Pensas como eu? - pergunta-lhe Victor Hugo.

No primeiro caso o espírito aproveita, para a sua composição, a sugestão do poeta encarnado; no segundo, aceita-lhe o conselho. Ao final o grupo já se sente cansado, apesar do ânimo do espírito. Eles trabalharam das 21:30h até as duas da madrugada na composição desse poema que se encerra com essa bela reflexão:

*Non, nous ne sommes rien, nous sommes un atome,
Non, nous ne sommes rien par la comparaison;
Nos livres sont petits devant le divin tome
Quand l'aurore a doré as tranche `l'horizon.*

*(Não, não somos nada, somos um átomo,
Não, não somos nada no confronto;
Nossos livros são pequenos diante do divino tomo
Quando a aurora dourada recorta o horizonte.)³¹⁸*

Um caso semelhante pode ser encontrado na *Revista Espírita* de agosto de 1858. Quando o espírito Vicente de Paulo psicografou uma expressiva mensagem a respeito da caridade, que Kardec fez questão de incluir, com recortes, no item 12 do cap. XIII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, o grupo aproveitou a ocasião para entabular com ele um interessante diálogo que se acha ali transcrito.

Mensagens que saem das mãos do médium prontas e acabadas existem apenas no imaginário de boa parte dos espíritas; a regra é que após o ato da psicografia se tenha que fazer um verdadeiro trabalho de edição, de correções e ajustes, de modo a tornar o texto adequado a compor um conjunto maior, sobretudo quando se trata de obras extensas, como é o caso dos romances e dos chamados “livros doutrinários”.

Da inspiração inicial ao texto final

Como regra, todo texto psicografado sofre correções, desde simples palavras ou expressões até o título da obra. Suely Schubert comenta o

318. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 174 e 552. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018. Com ajuste na tradução do último verso.

caso do livro *Almas Crucificadas*, de autoria de Vitor Hugo/Zilda Gama, cujo nome, inicialmente, seria *Almas Culpadas*. Em algum momento, e por algum motivo, o título foi revisado e se procedeu essa alteração.³¹⁹

Na obra de Chico Xavier há diversos casos semelhantes. O caso do livro *Libertação* é muito esclarecedor. O livro já estava pronto e faltava o prefácio; foi quando a Sra. Wanda leu para Chico Xavier a história do Peixinho Vermelho, da escritora estadunidense Joan Grant, que foi então adaptada a esse propósito. Havia ainda a polêmica em torno da ideia de “perda do perispírito”; houve várias trocas de cartas, discussões doutrinárias e consultas ao espírito Emmanuel, prevalecendo a proposta original com a devida nota de rodapé. Quanto ao título, Emmanuel sugeriu “Portas Libertadas”, mas propunha que, “se aparecer um outro, que melhor defina as páginas em exame, aceita-lo-emos com sincero prazer.” Teria sido sugestão do Wantuil? O título final ficou muito melhor: *Libertação*.³²⁰

Em outro caso Chico escreve a Wantuil afirmando: “Como julgarem, quanto à expressão a ser usada, assim ficará”. Quando Wantuil procede “pequenos reajustes” no livro *Falando à Terra*, Chico lhe escreve: “Dar-me-ei por satisfeito com o que fizeres, pois o assunto é de amor à causa e esse amor está sempre mais vivo em teu coração.”³²¹

Também o livro *Voltei* foi inicialmente escrito para ser publicado sob autoria de Frederico Figner, falecido dois anos antes, em 1947. Já calejados pelo caso Humberto de Campos, a FEB solicitou à família autorização para uso do nome. A família estranhou; não reconheciam seu pai naquele texto e não autorizaram o uso do seu nome. Emmanuel sugeriu, então, que o nome do autor fosse alterado para Irmão Frederico, mas parece ter sido Wantuil quem sugeriu Irmão Jacob, no que teria sido aprovado por Chico e Emmanuel.³²²

O texto das duas páginas finais de *Ave Cristo* parece ter recebido um tratamento literário por parte de Wantuil de Freitas, porque Chico agradece-lhe pela revisão feita e lhe diz que “as duas páginas com os teus apontamentos ficaram muito harmoniosas”, e que Emmanuel o teria orientado no sentido de que elas fossem incluídas no livro “assim como m’as enviaste”. Qual teria sido a contribuição literária de Wantuil para um final tão empolgante? Impossível dizer hoje, passados quase 70 anos.³²³

319. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 106. FEB, Brasília/DF, 1986.

320. Xavier, Francisco C. *Deus conosco*, pelo espírito Emmanuel, pag. 440. Ed. Vinha de Luz, Belo Horizonte/MG, 2007.

321. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 260 e 292. FEB, Brasília/DF, 1986.

322. Idem, *ibidem*, pag. 251 a 265.

323. Idem, *ibidem*, pag. 319.

Quando da publicação de *Memórias de um suicida*, Wantuil remete o livro ao Chico para apreciação, e ele se mostra encantado. “As páginas que li são maravilhosas e agradeço-te a gentileza da remessa.” Em seguida ele sugere, de maneira muito respeitosa, a substituição do termo “reuniões secretas” por “reuniões íntimas” na apresentação inicial escrita por Yvonne Pereira. E também em lugar de “Não sei se esta obra é boa”, ele sugere “Não posso ajuizar quanto aos méritos desta obra”, o que tornou o texto muito mais elegante.³²⁴

No livro *Evolução em Dois Mundos*, Wantuil estranha “um ponto alusivo às aproximações genésicas” contido em um dos capítulos psicografados por Waldo Vieira. Chico, consultado por Wantuil, pede-lhe que escreva diretamente ao seu parceiro médium “esclarecendo a dificuldade de aceitares o assunto como está exposto e propondo (quem sabe?) pedirmos a André Luiz omitir a referência, adiando o problema para mais tarde.” Ele reforça o papel de Wantuil dentro do processo de produção do livro ao afirmar: “Tens autoridade para dirigir ao nosso amigo a tua franqueza de coração e o nosso Waldo tem profundo amor pela tua grande missão junto da FEB.”³²⁵

Há também o caso do livro *Parnaso de Além Túmulo*, já na edição definitiva, com 259 produções de 56 poetas. Em carta a Wantuil de Freitas Chico comenta que

Há uma poesia sobre a qual sempre pedi socorro, mas continua imperfeita desde a primeira edição. É aquela “Aves e Anjos”, da pág. 325, na 5ª edição. Ela termina assim: “Sorrindo... Cantando...” e não “Sorrindo... Sorrindo...” como vem sendo impresso.³²⁶

Suely comenta que “muitos poetas do *Parnaso* seriam consultados por intermediação de Emmanuel (e Chico como médium), os quais nem sempre concordavam com as alterações solicitadas e apresentavam nova redação para determinados versos.” Um intenso movimento de idas e vindas se estabelecia, até que se desse o entendimento a respeito das alterações. Suely conclui:

Temos uma vez mais uma ideia do grandioso trabalho que interliga as equipes de encarnados e dos Benfeitores da Espiritualidade Maior. Cada tarefeiro dá a sua participação, contribuindo para que a obra resulte bem acabada e bem inserida nos altos objetivos programados.³²⁷

324. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 345. FEB, Brasília/DF, 1986.

325. Idem, *ibidem*, pag. 379.

326. Idem, *ibidem*, pag. 143.

327. Idem, *ibidem*, pag. 144.

Também os livros publicados por outras editoras recebem esse tipo de tratamento. Caio Ramaciotti, do GEEM – Grupo Espírita Emmanuel –, entrevistado por Cíntia Vieira, comenta ter levado algumas cartas psicografadas ao Chico visando esclarecer dúvidas que surgiam quando da edição de livros com essas cartas. Ele comenta que “o Chico revia-me os textos e, muitas vezes, com a educação e fineza de trato que o caracterizavam, sugeria modificações, atenuando construções complexas ou trocando palavras que o tempo desgastou ou pareciam inadequadas.”³²⁸

Juliano Fagundes, o médium que psicografou o romance *A Hora do Espelho*, de autoria atribuída ao espírito Célia, entre os agradecimentos, registra: “Obrigado a Bosco Carvalho, da QI Editorial, pela revisão ortográfica que fez apontando-nos erros grosseiros e melhores formas de construir certas frases. Célia assinou embaixo de seus apontamentos.”³²⁹

Assim, a publicação de textos “mediúnicos” é sempre um trabalho a muitas mãos. Em seu estudo sobre o modo como se deu a criação do nome autoral de Chico Xavier, André Cunha observa que “sua produção literária não se deu em um vácuo, não foi escrita isoladamente”; ao contrário, ela traz “as marcas de um trabalho coletivo” que, na época, era capitaneado na FEB por Guillon Ribeiro e Manuel Quintão. Essa elaboração inicial, segundo conclui André Cunha, “comportou o trabalho de muitas mentes e mãos, interlocutores seus nas esferas da edição, produção e circulação; comportou também movimentos de apropriações e até de migrações a outras obras literárias espíritas e não espíritas.”³³⁰

O próprio Chico Xavier admite isso quando, um pouco mais tarde, em carta endereçada a Wantuil de Freitas, esclarece que “a entidade comunicante não poderá, pela diferença de plano, acompanhar o esforço dos filólogos e dos tipógrafos”. Esse serviço, de tratamento do material psicografado para ser aproveitado como literatura espírita, é humano, pertence aos seres humanos históricos, que fazem o cotidiano das atividades doutrinárias. Por isso mesmo ele confia no bom-senso dos editores, no caso, de Wantuil de Freitas.

Em 1953 ele, Chico, escreve a Wantuil a respeito do *Parnaso*, que estava ficando “muito volumoso”:

328. Silva, Cíntia Alves da. *As Cartas de Chico Xavier*, pag. 153. Ed. Cultura Acadêmica, São Paulo/SP, 2012.

329. Fagundes, Juliano P. *A Hora do Espelho*, pelo espírito Célia. Ed. FEEGO, Goiânia/GO, 2015.

330. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 135. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

...se eu pudesse votar por alguma alteração, votaria pela supressão de algumas poesias, sem substituição. Assim, o livro ficaria num tamanho mais agradável. Concordas? A escolha das produções a serem afastadas dependeria de tua revisão. Organizarias uma relação delas e apresentá-la-ei aos nossos amigos espirituais para a solução definitiva.³³¹

O próprio Emmanuel, como bem destaca Suely Schubert, muda de opinião durante essa última e delicada revisão. Em setembro de 1953 ele sugere, nas palavras de Chico, a “reedição sem nada alterar, de modo a não oferecermos combustível à fogueira dos nossos adversários gratuitos”. E Chico submete o parecer do seu guia espiritual ao editor, perguntando-lhe: “Que achas?”. Quase um ano depois, em junho de 1954, Emmanuel concorda em “retirar do texto de 15 a 20 trabalhos que julgues menos adequados ao livro e daqui te enviarei 10 a 15 que possam figurar na nova edição com mais propriedade.”

331. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 311, 317 e 325. FEB, Brasília/DF, 1986.

O TEXTO ESPÍRITA COMO ELEMENTO DE PODER SIMBÓLICO

Os registros da época deixam claro que existia um espírito de “fraterna concorrência” entre os diversos segmentos do movimento espírita. Em 1936 o mercado editorial assistiu ao surgimento da LAKE editora, que publicou a primeira coletânea de crônicas de Humberto de Campos espírita, sob o título *Palavras do Infinito*. Essa iniciativa parece ter estimulado uma ação mais proativa por parte da FEB, que logo em seguida passou a juntar as crônicas do espírito do escritor maranhense e a publicá-las sob o formato de livros, do que resultou em 1937 em outra coletânea, *Crônicas de Além-túmulo*. Em 1938, mais uma coletânea de mensagens e comentários atribuídos ao guia espiritual de Chico Xavier, constituindo o livro *Emmanuel*. Em 1939 a LAKE publicou um livro de poesias, *Lira Imortal*. Estava em jogo a proeminência de uma ou outra editora em relação à obra do médium Chico Xavier.

Para se ter uma ideia de como se dava essa “fraterna concorrência” que permeava o movimento espírita da época, a LAKE também fez questão de publicar uma tradução de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, que pretendia ser mais fiel ao pensamento kardequiano, uma vez que a tradução de Guillon Ribeiro era considerada por alguns leitores como um tanto catolicizada. Essa iniciativa parece ter motivado a FEB a lançar uma edição de baixo preço desse mesmo livro, ao que tudo indica, com a intenção de inviabilizar a nova tradução lançada pela LAKE.

Em 1949, quando do lançamento pela editora Édipo de uma coleção da *Revista Espírita* de Allan Kardec, traduzida para o português por Júlio de Abreu Filho, um artigo publicado na revista *Reformador* desvalorizava a iniciativa ao considerar que “as velhas coleções da *Revue Spirite* só têm

valor como curiosidade histórica, não para estudo da doutrina”.³³² Mais tarde ela própria publicaria a sua tradução.

Chico e Emmanuel como formuladores da doutrina

O livro *Emmanuel* traduz um movimento que vai impactar diretamente no imaginário dos leitores e também nas relações de poder que se estabeleceram no meio editorial espírita. André Cunha destaca da apresentação que a FEB fez do livro na sua revista oficial:

Segundo o *Reformador*, por intermédio delas, o autor espiritual “explica, comenta, amplia e esclarece as noções”, formando um “corpo de doutrina”. Esse é um dado muito eloquente porque se tratava de um reconhecimento público, no principal órgão de divulgação do Espiritismo nacional, legitimando a posição de Chico Xavier como fonte de enunciação de novas verdades doutrinárias. É um indício do endosso dado pela FEB para iniciar-se por meio da produção literária do Médium mineiro uma reconfiguração da Doutrina Espírita no Brasil.³³³

Isso estabelece um marco divisor no que se refere à postura da editora quanto à questão doutrinária. A partir de então o médium Chico Xavier, em sua parceria com Emmanuel, seria alçado à condição de referência oficial da FEB. Se até então ele contava apenas com uma coluna específica na revista *Reformador*, a partir daí a FEB passa a disputar a exclusividade da publicação dos seus livros, que passam a fazer o papel de veículo para as novas verdades que seriam gradativamente introduzidas no Espiritismo.

Seria essa a explicação para o relevante papel atribuído à FEB enquanto liderança doutrinária dentro do livro *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*? Os leitores mais críticos estranharam o fato de haver nele um capítulo inteiro atribuindo um sentido espiritual a essa sua liderança junto ao Espiritismo no Brasil, e colocando o seu guia, o “anjo Ismael”, como um representante direto de Jesus à frente de todo o movimento espírita. Já não eram mais os seus dirigentes que procuravam, mediante dedicação e serviço à causa, disputar uma posição de liderança frente ao movimento; era o próprio Jesus que determinava ao seu “anjo” que escolhesse a instituição

332. Soares, Ana L. *O livro como missão: a psicografia como prática letrada a partir da coleção A Vida no Mundo Espiritual (1944-1968)*, pag. 104. Tese de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, 2016.

333. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 266. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

mais afinada com os seus propósitos de restaurar a sua doutrina no mundo. E a instituição escolhida era a FEB, erguida à condição de “depositária e diretora de todas as atividades evangélicas da Pátria do Cruzeiro”.

Seria isso um acontecimento histórico ou uma narrativa ficcional? A quem atribuir essa elaboração, ao médium ou ao espírito? Ou, como foi denunciado por alguns opositores, estariam os dirigentes da FEB usando o médium para afirmar a sua hegemonia no campo doutrinário?

Sob o olhar de André Cunha havia uma “troca de serviços”; o médium ajudava a FEB e a FEB ajudava o médium a desenvolver o que ele entendia ser a sua “missão”.

Este “amadurecimento” da literatura de Xavier não se deu no vácuo. Foi fruto de um investimento pessoal e coletivo. No percurso, em que evidentemente o Medium desempenhou o papel de personagem central da trama, foram estabelecidas parcerias essenciais para a compreensão de seu sucesso editorial. Como entender seu êxito sem a intensa troca de serviços com as lideranças da FEB? A essa altura, já estavam consolidados os dispositivos que possibilitariam sua longa carreira, seu prolongado fôlego para a escrita de um quantitativo relevante de livros psicografados. Sua produção literária iria adquirir uma força paradigmática. No projeto editorial febiano fundira-se definitivamente a imagem autoral de Francisco Candido Xavier. O jovem e desconhecido médium do rincão mineiro não mais existia.³³⁴

Com essa nova parceria a FEB consolidou sua liderança não apenas na área editorial, como também na constituição da “verdade espírita”. Como toda disputa se define, antes de tudo, no campo econômico, as grandes tiragens possibilitadas pelo fenômeno mediúnicico Chico Xavier resultaram em uma lucratividade que proporcionou à FEB condições financeiras para ampliar a sua atuação, do que resultou em outubro de 1949 o Pacto Áureo, pelo qual ela consolidava sua liderança no movimento espírita em nível nacional.

Para Allan Kardec, os futuros delineamentos do Espiritismo seriam decididos por uma Comissão Central constituída de “no máximo doze membros”, atuando sob a forma de um colegiado, de modo a não haver “possibilidade de abusos, nem alimentos para a ambição, nem pretextos para intrigas ou ciúmes nem supremacia chocante”. Mediante congressos periódicos se estabeleceria o equilíbrio das ações dessa Comissão Central, quando seriam analisadas as novas proposições e feitas as revisões

334. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 267. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

necessárias aos elementos norteadores da doutrina espírita, porquanto, “acompanhar ou não o movimento propulsivo é uma questão de vida ou de morte”.³³⁵

No movimento que se estabelecia no Brasil a FEB se propunha a fazer o papel da “Comissão Central”, só que, ao assumir esse papel, ela o fez sem a implementar estrutura colegiada proposta por Allan Kardec e sem os congressos periódicos, que deveriam ser inspirados no modelo das academias científicas, onde o contraditório possibilitaria o aprofundamento das discussões tendo em vista garantir a progressividade da doutrina. Mais que isso, ao atribuir a Chico e Emmanuel o papel de formuladores do “corpo de doutrina”, a FEB transferia para os espíritos a responsabilidade pela definição das “novas verdades” que passariam a incorporar o conjunto dos conhecimentos espíritas.

Merece referência, nesse sentido, a chamada série André Luiz. Mais que simples divulgação das ideias espíritas, essa série apresentava as bases para um pensamento mais uniforme, “unificado”. Como bem destaca André Cunha, seu conteúdo se apresenta recheado de “prescrições às práticas vivenciadas nos centros espíritas brasileiros durante o século XX, pois trazem quadros com ocorrências consideradas modelares ou procedimentos avaliados como incorretos.”³³⁶ Estariam os espíritos patrocinando o projeto febiano ou isto seria o resultado da soma do espírito e do médium? Ou seria ainda a soma dos três componentes, o espiritual, o anímico e o institucional? O fato é que, em lugar dos congressos espíritas previstos por Kardec, os livros de André Luiz passaram a pautar o funcionamento dos milhares de centros espíritas espalhados pelo Brasil.

A autocracia como um valor social

A análise dos livros de Chico Xavier publicados pela FEB demonstra que democracia, pluralismo e alternância no poder não faziam parte dos valores do médium e nem da editora. Ao contrário, prevalece um misto de teocracia – o poder emana do “Alto” – com autocracia – o poder concentrado na pessoa do dirigente. É de se indagar se isso fazia parte também das crenças dos espíritos comunicantes, mas é certo que se constituía em crença vigente no meio espírita, pois que os livros foram aceitos sem nenhum questionamento nesse sentido.

335. Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, pag. 365. Trad. Guillon Ribeiro, 16ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1993.

336. Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*, pag. 273. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

Um exemplo já citado é a longa permanência do governador de Nosso Lar à frente daquela comunidade espiritual por 114 anos. Seria este o modo de funcionamento daquela sociedade ou isto seria apenas um reflexo da visão de mundo do médium Francisco Cândido Xavier? Também em *Brasil Coração do Mundo*, o “anjo Ismael” era uma espécie de delegado de Jesus aqui na Terra, investido de poderes superiores para exercer a sua missão. Nada se pergunta aos espíritos que aqui vivem, nem mesmo ao movimento espírita, de quem se espera obediência; as ordens vêm do Alto.

O mesmo se vê no livro *Ação e Reação* em que dois personagens, Silas e Druso, recebem a “necessária permissão para trabalhar em busca de Aída, cuja perda haviam provocado.” Para isso é concedida a Druso a direção da “Mansão da Paz”, um campo avançado de atuação nas “regiões inferiores” do mundo espiritual “sob jurisdição de Nosso Lar”. Quando finalmente encontra a pessoa por quem procurava, ele transfere o comando da instituição a outro instrutor, Arando, “recém-chegado à casa” com a finalidade de desempenhar aquela tarefa por designação das entidades superiores.³³⁷ O grupo de colaboradores locais sequer é consultado. Tudo já vem decidido; cabe-lhes obedecer.

Do ponto de vista das categorias criadas por Platão, todas as organizações espirituais constantes dos livros de Chico Xavier funcionam como uma espécie de teocracia; existem entidades superiores que determinam quem deve estar à frente de cada organização. Seriam esses elementos uma realidade observada e narrada pelos espíritos comunicantes ou um reflexo do contexto social, apropriado pelo médium para a composição das suas narrativas?

Isso tem alimentado, sem dúvida, o imaginário dos dirigentes das casas espíritas com respeito às relações de poder que se estabelecem nas instituições. Estar à frente da direção é entendido como uma espécie de designação do Alto, uma missão assumida antes da sua vinda a este mundo, uma responsabilidade pessoal. Até recentemente existiam dirigentes que se atribuíam poderes vitalícios; com o novo Código Civil isso não é mais possível.

Uma carta que Chico Xavier escreve a Wantuil de Freitas em 01/01/1952 deixa claro que ele acreditava firmemente que a deliberação sobre estar à frente das instituições era uma questão de consciência pessoal e não de decisão dos participantes; do líder, não dos liderados. Ocupar o cargo de dirigente máximo era dar testemunho da sua responsabilidade ante o trabalho assumido, sem nenhuma reflexão sobre como se davam essas relações de poder.

337. Xavier, Francisco C. *Ação e Reação*, pelo espírito André Luiz. 30ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2013.

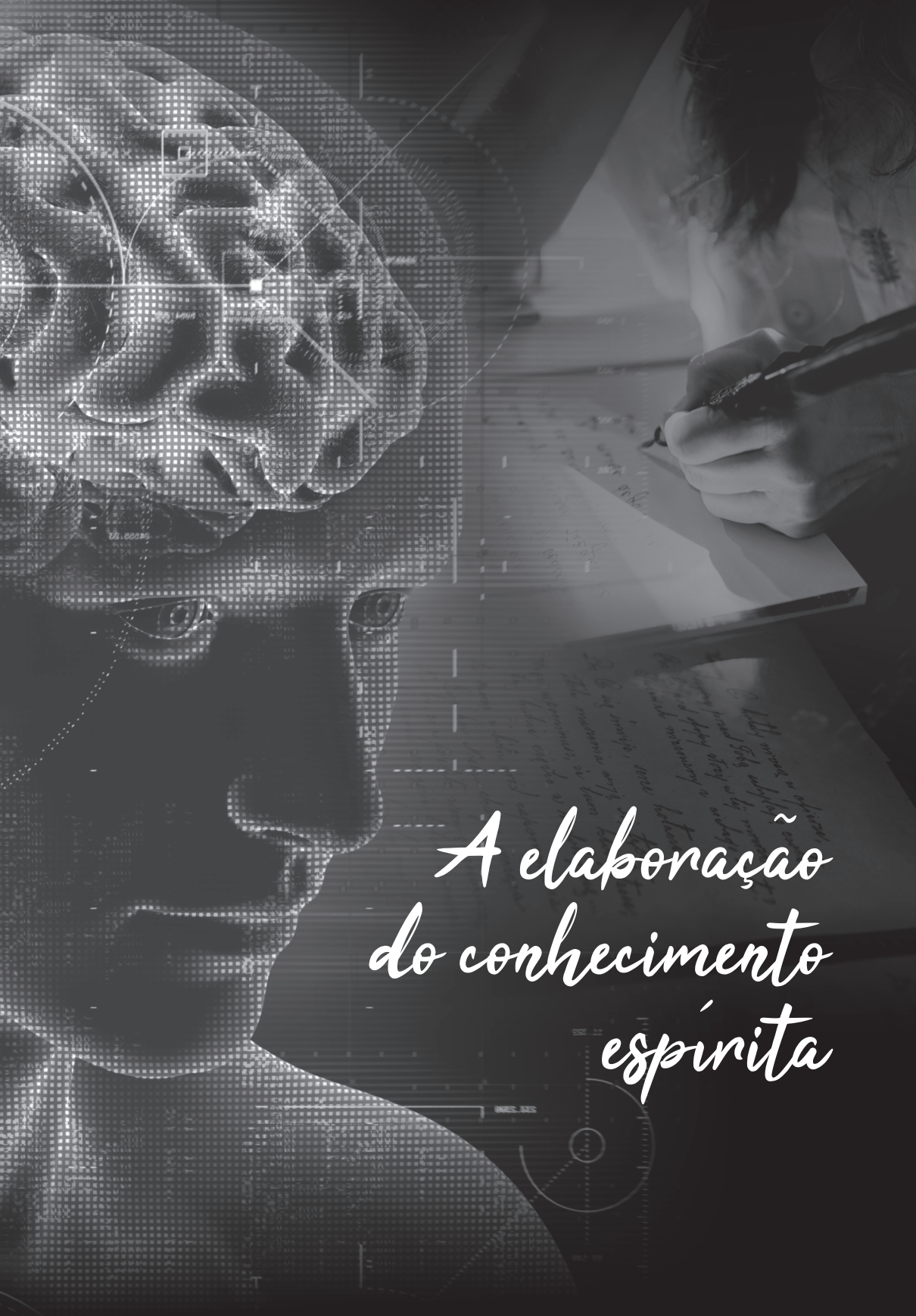
A ideia de decidir e atuar em equipe aparece apenas de maneira marginal ao longo da obra de Chico Xavier. Por isso ele insiste que Wantuil deve fazer questão de permanecer à frente da direção da FEB, cargo no qual permanecia já há oito anos.

Imaginemos o que seria de nós se os nossos amigos espirituais solicitassem dispensa dos encargos a que os constrangemos? Chegado à altura moral e à responsabilidade que atingiste, penso que o teu afastamento voluntário da FEB seria abandonar à tempestade o teu serviço mais sublime na atual encarnação. Acredito, pois, com todo o cabedal de estima que te consagro, que só deverás ou poderás deixar a direção da Casa de Ismael por circunstâncias estranhas à tua vontade, nunca por teu desejo, de vez que, segundo a opinião de nossos Benfeitores Invisíveis, há certas cruzes sob as quais devemos morrer.³³⁸

Ele acredita mesmo que, ante compromissos “sublimes”, como lhe parecia ser o de dirigir uma instituição do porte da FEB – e, por que não, uma coletividade como Nosso Lar – “mais valerá sermos substituídos por ordem superior, a fim de que não nos seja imputada a culpa pela perturbação ou pelo soçobro de muitos.” Em vez de uma visão de coletividade, de decisões compartilhadas, de responsabilidade coletiva pela obra, prevalece a visão do “missionário”, a autoridade do “superior”, a figura “paternal” do “dirigente”, uma autocracia.

Wantuil de Freitas permaneceu no cargo por 27 anos consecutivos, o que se constitui em uma referência subliminar para o modo como isto se repete ainda hoje em inúmeras instituições espíritas Brasil afora, onde qualquer proposta de democracia ou de relações horizontalizadas continua sendo apenas um sonho distante.

338. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, pag. 299. FEB, Brasília/DF, 1986.

A composite image featuring a brain scan on the left and a person writing on the right, with a large profile silhouette in the foreground. The brain scan is overlaid with a grid and various lines, suggesting a scientific or medical context. The person writing is shown from the side, focused on their work. The profile silhouette is a dark, stylized representation of a human head, facing right. The overall composition is in black and white, with a high-contrast, artistic feel.

*A elaboração
do conhecimento
espírita*

A RETOMADA DA CIÊNCIA NO ESPIRITISMO

Insistir que o Espiritismo seja apenas um movimento filosófico-científico, implica em negar a realidade dos fatos. Pelo menos no Brasil, onde está mais presente, ele tornou-se uma religião sob todos os aspectos, ao ponto de ser socialmente reconhecido como tal pelos órgãos oficiais do Estado. Mesmo nos países em que o aspecto religioso não se sobressai, o modo como o movimento se organiza e como as relações se estabelecem entre os que o estudam, termina aproximando-o mais do campo religioso do que do campo propriamente científico.

Quando da morte de Allan Kardec, esse viés mais religioso já estava muito bem consolidado, ao ponto de ele ser comumente chamado de “mestre” e ser percebido como um “missionário”, ou “guia” dos espíritas, que são posturas claramente religiosas. Por mais que ele insistisse em apresentar o Espiritismo como uma ciência, ele teve que admitir que ele pudesse ser considerado também uma religião, desde que diferente das demais, porque não comportava nem uma ritualística e nem um corpo sacerdotal. Mas diversos grupos já haviam se organizado de forma um tanto religiosa em Lyon e também em Bordeaux, de onde surgiu o primeiro grande “cisma”, que foi a vertente puramente religiosa inaugurada por Roustaing.

Esse viés mais religioso do que científico e filosófico tomou ainda mais força depois da morte de Kardec, como se deduz das palavras de Berthe Fropo, uma das lideranças do movimento espírita nascente, amiga do casal Rivail. Em seu livro *Muita Luz* ela relata que havia na Bélgica uma movimentação visando estabelecer nos grupos espíritas ritos próprios de uma religião, e em Paris, sob a discordância de diversos continuadores de Kardec, criou-se a Sociedade do Livre Pensamento Religioso. Na condição de vice-presidente da recém-fundada União Espírita Francesa, ela

escreveu uma carta endereçada aos gestores da *Revista Espírita* na qual ela mesma trata a comunidade espírita como seus “irmãos de crença”.³³⁹

Em todo movimento social, é o jogo interno das forças em disputa que determina o desfecho desse tipo de embate, às vezes contrariamente às suas ideias fundadoras. Em razão disso, o quadro que se apresenta hoje é de um Espiritismo bastante diversificado, tanto entre os diversos países quanto no interior de cada um deles. No Brasil, em particular, ele é predominantemente religioso, o que não necessariamente se constitui um problema, por mais que isso represente um distanciamento em relação à sua proposta original.

Referindo-se a Chico Xavier, principal expoente do Espiritismo no século XX, Suely Caldas Schubert pondera: “quantos são os consolados, os esclarecidos, os acordados para a vida, os salvos da morte, os redimidos, os que reviveram na esperança, os que aprenderam a amar, os que retornaram ao Cristo através da sua mediunidade abençoada?”³⁴⁰ Isto também se aplica à contribuição de Bezerra de Menezes, que transformou o Espiritismo no Brasil em um movimento popular orientado para o alívio aos sofrimentos humanos, o que tem tudo a ver com a expectativa de Allan Kardec de um “consolador prometido” para a humanidade.

O desafio que se apresenta atualmente é o de conciliar essas diferentes visões dentro de um mesmo campo de ideias, de modo a fortalecer a sua cientificidade, que é o que lhe garante o caráter de progressividade.

Nas palavras de Léon Denis,

A doutrina de Allan Kardec, nascida – não seria demais repeti-lo – da observação metódica, da experiência rigorosa, não pode tornar-se um sistema definitivo, imutável, fora e acima das futuras conquistas da Ciência. Resultado combinado dos conhecimentos de dois mundos, de duas humanidades penetrando-se uma na outra, mas que são todas duas imperfeitas e todas duas em marcha para a verdade e para o desconhecido, a Doutrina dos espíritos transforma-se, incessantemente, pelo trabalho e o progresso e, embora superior a todos os sistemas, a todas as filosofias do passado, permanece aberta às retificações, aos esclarecimentos do futuro.³⁴¹

Ressalva feita à pretensão de ser “superior a todos os sistemas”, que traduz uma inaceitável perspectiva supremacista, em se adotando essa formulação que é também de Kardec, não parece difícil solucionar a questão

339. Fropo, Berthe. *Muita Luz*, pag. 23 e 42, trad. Ery Lopes/Rogério Miguez, Ed. Luz Espírita, São Paulo/SP, 2018.

340. Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, Apresentação, pag. 18. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1986.

341. Denis, Léon. *Depois da Morte*, pag. 208, trad. Maria L. A. Carvalho, 3ª ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

da “verdade espírita”, porquanto, para a ciência – e vendo o Espiritismo também como ciência – não existem verdades definitivas que não possam ser objeto de questionamento. Aliás, em ciência o questionamento é a regra.

Fosse o Espiritismo situado apenas no campo religioso, tornar-se-ia impermeável às mudanças, de vez que a religião é, por natureza, dogmática. Religião não se discute. Mas, em se alimentando as pesquisas científicas em torno das questões que vão emergindo das diversas correntes de pensamento espírita, abre-se um caminho para que ele – ou pelos menos alguns de seus segmentos – continue caminhando “de braços dados com a ciência”.

Como bem alertava o saudoso amigo Wolney Martins, a quem dediquei este livro, o de que o Espiritismo necessita hoje é de pesquisadores que se debrucem sobre os problemas da atualidade e, mediante novas pesquisas que combinem o método kardequiano com as atuais metodologias científicas, elaborem as conclusões que devem nortear o pensamento espírita atual, arejando o conhecimento humano com a realidade do espírito.

Diversidade como riqueza a ser explorada

Até então, as divisões observadas no movimento espírita têm sido compreendidas como um problema em razão das disputas de poder simbólico que se verificam entre os diversos segmentos, alguns procurando colocar-se na posição de orientadores dos demais.

Isso resulta, em partes, da pretensão de unidade presente na obra kardequiana, que entendia as divisões que surgiam como “cismas”, o que era próprio daquela época. Ocorre que mudou o paradigma; dessa busca de unidade passou-se, ao longo do século XX, para o reconhecimento e valorização da diversidade. A natureza é diversificada; o universo é imenso e plural. Se há uma unidade possível, ela se dá pela união dos diferentes.

Sob essa nova perspectiva, a diversidade que caracteriza o Espiritismo na atualidade deixa de ser um problema e passa a constituir-se em riqueza. O que foi inicialmente entendido como “cisma”, como uma “divisão” a ser evitada, pode ser agora compreendido como um fenômeno social decorrente do desenvolvimento do seu campo de ideias.³⁴²

Se para o grande público o Espiritismo é tão somente fonte de consolo e de esperança, de alívio para as tribulações da vida, isso não impede que, para outros, ele seja um campo de estudo, experimentação e investigação, proporcionando novas vivências, testando os limites das

342. Isso foi objeto de estudo no cap. 6 do livro *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI*.

explicações elaboradas por suas diferentes correntes e sugerindo novas teorias, mais integrativas, mais completas e abrangentes, ampliando os horizontes do pensamento espírita.

Isso implica em submeter os conteúdos mediúnicos produzidos por esses variados grupos, suas práticas e vivências, a um olhar não sacralizado, fundamentado na ciência, de modo a identificar os elementos convergentes em relação ao que se acha consolidado no campo do conhecimento espírita, ou novas proposições que ampliem a sua compreensão.

A operacionalização desse tipo de pesquisa se tornou extremamente facilitada pelas tecnologias de comunicação disponíveis na atualidade. Uma vez estabelecido um objeto de estudo, é possível definir um protocolo de investigação que contemple a observação ou a busca de materiais a serem acessados via redes sociais, bem como a realização de entrevistas virtuais e até mesmo de experimentos mediúnicos envolvendo grupos espíritas espalhados em diferentes localidades e mesmo em diferentes países ou ambientes culturais.

O que muda é o olhar sobre os conteúdos medianímicos disponíveis. De informações supostamente transcendentais, eles passam a se constituir em objeto de análise racional. O conhecimento espírita deixa de ser simplesmente o conteúdo que eles apresentam e volta a ser o conjunto das conclusões consensuais por parte da comunidade de estudiosos, resultado das pesquisas que se estabeleçam sobre eles com base na ciência e na filosofia da atualidade.

Existem atualmente inúmeras iniciativas de pesquisas em andamento, para além das propostas meramente comprobatórias da presença de uma inteligência externa, um espírito, de natureza um tanto positivista. Metodologias como a análise do discurso ou a simples análise literária ou sócio-histórica, estudos desenvolvidos a partir do conceito de imaginário ou mediante abordagens psicanalíticas, têm descortinado possibilidades que, se devidamente exploradas, podem proporcionar interessantes desdobramentos.

O único problema de fato existente é o abismo que se constituiu dentro do movimento espírita entre as suas diversas correntes, em especial entre as correntes mais religiosas e o segmento mais científico do Espiritismo, que deveriam caminhar juntos. Até o momento, tem sido precário o diálogo entre essas duas vertentes, mas isso pode ser revertido. Ante esse enorme campo de possibilidades, não há razões que justifiquem esse distanciamento, a não ser uma espécie de negligência coletiva. A prevalecer esse quadro, quem perde é o Espiritismo como corpo de ideias, com imensas possibilidades, mas preso ainda às disputas de poder daqueles que materializam a sua presença dentro da sociedade.

Para além do “Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos”

Uma indagação pertinente, sob o ponto de vista científico, é se o método da concordância proposto por Allan Kardec é suficiente para possibilitar um consenso em torno de uma possível “verdade doutrinária”, e se faz sentido atribuir o status de “verdade” a uma ideia tão somente pelo fato de se observar uma concordância entre informações mediúnicas obtidas em diferentes contextos por diferentes médiuns. O passar do tempo mostrou que a simples concordância não foi, por si só, suficiente para qualquer afirmação de verdade, mesmo de uma verdade simplesmente doutrinária, quanto mais científica. O máximo que se pode afirmar a partir do método da concordância é que, dadas as condições de obtenção das informações analisadas, podem ser observados estes ou aqueles elementos de convergência ou de divergência, mas sem nenhuma pretensão de “verdade” a respeito do tema sob observação.

Em um estudo a respeito do tema “Devemos acreditar nos médiuns?” o pesquisador espírita Daniel Salomão apresentou o conceito de “segurança doutrinária” referindo-se à relativa confiança que se pode depositar em um conhecimento que se mostra convergente a partir da comparação dos conteúdos obtidos de diversas fontes mediúnicas, como propunha Kardec. Isto significa trazer para dentro do Espiritismo a atual compreensão a respeito do conceito de “verdade”, não mais no sentido platônico, de verdade revelada, mas como um possível consenso em relação a um determinado conteúdo, ainda que não se lhe possa atribuir um tratamento eminentemente científico.³⁴³

Há hoje diferentes perspectivas metodológicas que possibilitam múltiplas abordagens sobre as diversas temáticas que podem interessar à sociedade, combinando ciência com a perspectiva espírita. O que se faz necessário é que se defina claramente o objeto de estudo, a metodologia adotada, os protocolos e procedimentos a serem atendidos antes, durante e após o processo, sem nenhuma pretensão de se obter “verdades” definitivas, buscando respostas adequadas às questões da atualidade. Em seguida, submetê-las à comunidade de estudiosos e ao contraditório, como uma contribuição visando a uma melhor compreensão do assunto.

Em busca de uma nova epistemologia

Sempre se observa, nas mais variadas sociedades, alguma forma de manifestação do transcendente, do sagrado, do espiritual. Sempre houve, e

343. O vídeo do evento está disponível em <https://youtu.be/qkBncnJZRHo>

tudo indica que sempre haverá, quem procure estabelecer uma ponte entre o conhecido e o desconhecido, entre a realidade e o imaginário, entre o terreno e o místico, sob o título de xamã, profeta, sacerdote ou médium.

No meio espírita essa interação tem sido compreendida como uma iniciativa do mundo espiritual, tendo os homens como os seus destinatários. Isso levou Kardec a considerar que estaríamos diante de uma “revelação” – a terceira – de Deus para a humanidade, e Arthur Conan Doyle a se ver diante de uma “invasão organizada” do mundo espiritual sobre a Terra. Também Léon Denis entendeu que “em todas as épocas, tem o mundo invisível colaborado com o mundo dos mortais, nele transfundindo suas aspirações e socorros.”³⁴⁴

Para se manter em sintonia com o pensamento científico atual, essa lógica precisa ser revista. Mais que um movimento “de lá para cá”, observa-se um claro movimento de busca, “daqui para lá”. Não é apenas o espiritual que se apresenta aos homens; são os homens que procuram, por todos os meios, traduzir na sua linguagem a sua busca pelo espiritual. A fila que se fazia em busca das mensagens de Chico Xavier, em Uberaba, ou de uma cura espiritual com Zé Arigó, em Congonhas do Campo, sugerem que, muito mais frequentes que as iniciativas que partem “de lá para cá” são as persistentes buscas “de cá para lá”. E isto influencia, em uma relação dialética, o modo como esses fenômenos são percebidos.

Não se trata de ignorar as manifestações espontâneas, claramente provocadas pelo mundo espiritual, como se deu com as irmãs Fox. A maioria de nós já vivenciou em alguma medida esse tipo de manifestação, que repleta os livros sobre espiritualidade. Significa admitir tão somente que, mesmo em se tratando de manifestações espontâneas, elas sequer seriam percebidas se não houvesse essa busca do ser humano por respostas que o auxiliem a compreender a dimensão espiritual da sua existência.

Isso implica em uma nova postura em relação ao fenômeno mediúnico e em relação a tudo aquilo que ele nos oferece, não mais como o resultado da “atuação de um espírito sobre um médium”, como era entendido até então, mas de uma construção social complexa que envolve diversos atores, quais sejam o médium, as entidades espirituais, reais ou arquetípicas, e a própria sociedade, na sua conformação sócio-histórica e na sua busca pelo espiritual.

O fato de assumir uma perspectiva mais sócio-histórica, mais dialética, não implica na negação do espiritual; ao contrário, ao assumir essa perspectiva, a nova ciência espírita que se estabelece passa a dialogar com novas possibilidades de compreensão do espiritual a partir da realidade concreta vivida pelos seres humanos nas suas relações com o sagrado, e

344. Denis, Léon. *No Invisível*, pag. 446. Trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

não a partir de uma imaginada verdade platônica a respeito de uma sempre inatingível transcendência.

Sob essa perspectiva, os textos psicografados deixam de ser vistos como “revelações espirituais” e passam a ser valorizados pelo seu conteúdo, como sugeriu Kardec, admitindo-se como originados de uma dessas possibilidades, o que também pode ser investigado:

- Puramente anímica, manifestação de um alter ego do médium ou de um arquétipo da sua tradição espiritual, em um estado alterado de consciência, ou de criptomnésia;
- Anímica e espiritual, quando há evidências de interautoria, contemplando visões de mundo de uma inteligência externa, ou de uma entidade, individual ou coletiva.

Isso implica em tratar obras mediúnicas como um tipo diferenciado de literatura, que traduz a dimensão espiritual do ser humano a partir dos elementos fundantes da sua cultura, da sua tradição profética, e que podem ser analisados sob a lógica de outro elemento cultural relevante, que é a investigação científica, também sem nenhuma pretensão de “verdade final”.

Isso representa uma mudança de perspectiva epistemológica, ou seja, a adoção de uma nova maneira de se compreender a “ciência espírita” e os seus pressupostos, cujo ponto de partida deixa de ser o metafísico e passa a ser os elementos observáveis da vida social, da cultura e da historicidade, os componentes da psiquê humana, possibilitando conclusões mais consistentes com a realidade, mais sustentáveis, em lugar da ideia platônica de revelação. Dessa nova perspectiva resultarão, inevitavelmente, novas metodologias, mais abertas e polifônicas, possibilitando diferentes olhares, mais integradores em relação à subjetividade de outras culturas, possibilitando uma nova perspectiva decolonial, não eurocêntrica.

Isso abre espaço inclusive para uma perspectiva menos positivista, para análises mais qualitativas, interseccionais e transdisciplinares, que podem ser traduzidas em outras formas de conhecimento que não apenas a ciência, possibilitando reflexões no campo da filosofia e das artes e integrando valores como a intuição, a sensibilidade, a mística e os diversos sentidos do espiritual, do místico e do sagrado.

Desse modo o Espiritismo amplia suas condições de oferecer ao mundo elementos mais consistentes com as aspirações humanas na sua luta pela sobrevivência física, cultural, emocional, psíquica e espiritual, podendo cooperar efetivamente com a “transformação social”, um sonho de todos os tempos, na direção de um mundo mais solidário e mais feliz.



25

A LITERATURA MEDIÚNICA COMO OBJETO DE PESQUISA

Jaqueline Stoll, professora de Antropologia da Universidade Federal do Paraná, chama atenção para uma reportagem da revista *Época*, publicada em maio de 2003, intitulada “Sucesso do outro mundo”, e que inicia afirmando que “a literatura espírita é o mais novo fenômeno editorial no país”.³⁴⁵ Há uma grande oferta de romances espíritas que trazem curiosas descrições do mundo espiritual, livros de autoajuda e uma “teologia da prosperidade espírita”, transformada em uma espécie de programa de *coaching* espiritual.

Do ponto de vista das ciências sociais, não se constitui isso em um fenômeno interessante a ser analisado? Aliás, não foi de um cenário semelhante que Kardec retirou, ao longo de breves quatorze anos de estudo, os fundamentos iniciais do Espiritismo?

A *Revista Espírita* era para Kardec um verdadeiro laboratório de testagem das ideias, onde ele analisava as mensagens mediúnicas que recebia dos mais variados grupos espíritas existentes na Europa e em alguns países circunvizinhos, bem como as reportagens e artigos publicados nos jornais e revistas da época, além de livros cuja temática tivesse alguma relação com o Espiritismo. Tudo o que apresentava qualquer relação com o Espiritismo era objeto da sua atenção, seja para elogiar, apontando-lhes as virtudes, seja para criticar pelas suas insuficiências e equívocos. Os documentos da época mostram que ele atribuía importância até mesmo às cartas que recebia; ele estabelecia códigos e as

345. Stoll, Jacqueline. Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação, pag. 181 in rev. *Estudos Avançados*, nº 18. IEA/USP, São Paulo/SP, 2004.

classificava segundo o assunto, à sua maior ou menor relevância e à sua possível destinação.³⁴⁶

A tecnologia mudou e, com ela, o modo de acessar e produzir conhecimento. Com o surgimento dos computadores e da internet, aumentou exponencialmente a facilidade de escrever, editar e imprimir livros, possibilitando uma profusão de literatura mediúnica, com os mais variados conteúdos. Nesse novo cenário Kardec estaria, com certeza, extasiado. Naqueles longínquos anos de 1860 não havia como imaginar tamanha disponibilidade de informações sobre espiritualidade cento e sessenta anos mais tarde.

Para Kardec, tudo isso poderia ser objeto de pesquisa, de análise racional. Até mesmo as crenças populares poderiam se constituir em objeto de análise.

Em se tratando de textos mediúnicos, Delanne entendia que, apesar da “mistura” de elementos resultantes da “sugestão mental aparente” (anímicos) com os da “sugestão mental verdadeira” (espirituais), era possível “decompor os elementos”, e que este era, portanto, o problema do pesquisador espírita.³⁴⁷ Ele faz essa proposta tomando como base experimentos realizados em condições de laboratório, sob absoluto controle experimental, cuja finalidade era provar a existência do espírito comunicante.

Ocorre que não há como submeter a enorme quantidade de médiuns que hoje psicografam nas casas espíritas ou em seus lares aos testes necessários para distinguir o que pode ser originado de suas mentes e o que pode ser originado de um espírito. Pesquisas dessa natureza só são viáveis em casos específicos. E nem há necessidade disso, de vez que pode-se desenvolver estudos de relevante interesse social a partir de textos medianimicamente produzidos sem que seja necessário definir se sua autoria é puramente anímica ou anímico-espiritual. Para Kardec, interessava que houvesse uma fundamentação científica consistente, e que esses estudos possibilitassem conclusões “morais” e reflexões éticas de relevante interesse para as pessoas e para a sociedade.

Um exemplo nesse sentido é a temática ligada a gênero e sexualidade, que não havia sido abordada de maneira mais ampla por uma questão de contexto sócio-histórico. Philippe Lejeune, um sociólogo francês, estudando o século XIX a partir dos diários das garotas da época, constatou

346. A coleção completa da *Revista Espírita* na tradução de Evandro Noleto, publicada pela FEB, está disponível gratuitamente para leitura no link <https://www.uemmg.org.br/download/revista-espirita-1858-1869>. É possível encontrar outras traduções disponíveis em diversos sites espíritas.

347. Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*, pag. 589. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.

que havia um silêncio intencionalmente lançado sobre o tema da sexualidade; este era um assunto da intimidade, sobre o qual não se comentava. As anotações nos diários das jovens da época eram cercadas de cuidados e de um certo mistério.³⁴⁸

Célia Arribas observa que, em virtude disso, há na literatura kardequiana umas poucas referências a essa temática e, assim mesmo, enviesadas pela visão vigente que distinguia as funções do homem e da mulher, e que via na homoafetividade uma espécie de “anomalia”.³⁴⁹

O tema, entretanto, passou a ter espaço principalmente com as obras de Francisco Cândido Xavier, nas décadas de 1960 e 1970, momento de contestação dos códigos tradicionais de comportamento relativos à sexualidade humana e aos relacionamentos interpessoais – afinal, era preciso responder espiritamente às novas demandas –, e recebeu novos contornos a partir dos anos 2000.³⁵⁰

Em 1963 Waldo e Chico haviam protagonizado um espetáculo literário ao psicografar, ele a parte inicial e Chico os desdobramentos seguintes de uma empolgante novela assinada pelo espírito André Luiz intitulada *Sexo e Destino*. Segundo o autor, a trama se inspirava em um caso real. A temática da sexualidade é ali explorada sob as mais variadas nuances, em uma intrincada rede de relacionamentos promíscuos, observados a partir de uma inovadora perspectiva espiritual, mas o tema da homoafetividade é abordado em apenas uma página.

No ano seguinte, em 1964, o tema da homoafetividade recebe mais ampla abordagem. Waldo Vieira psicografa o livro *Cristo espera por ti*, assinado pelo contemporâneo de Kardec, Honoré de Balzac (1799-1850), contando a história de um espírito que, tendo vivido diversas vidas como mulher, se vê induzido a viver uma experiência em um corpo masculino. O enredo tem como base as clássicas afirmações de Kardec, para quem “os espíritos não têm sexo”, que podem reencarnar como homens ou como mulheres segundo as suas necessidades e que podem ter suas provas impostas por Deus. Ali, a homoafetividade aparece como punição por abusos cometidos no passado, uma visão típica da época em que o livro foi escrito.

348. Lejeune, Philippe. *Diário das Garotas Francesas do Sec. XIX: constituição e transgressão de um gênero literário*. Cadernos Pagu v.8-9, pag. 99-114. Unicamp, Campinas/SP, 2005.

349. Vide as questões 200-202 e 817-822 em *O Livro dos Espíritos* e o artigo de jan/1866 da *Revista Espírita* intitulado “As mulheres têm alma?”.

350. Arribas, Célia da G. *Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores*. Rev. Contemporânea, v.10 n.2 pag. 625. maio-ago/2020.

Já em 1970 Chico Xavier publicou outro livro, *Vida e Sexo*, assinado pelo espírito Emmanuel, com um tópico de duas páginas sobre “homossexualidade” onde ele amplia essa abordagem e inaugura uma teoria mais ampla do ponto de vista espírita, segundo a qual homens e mulheres, em razão das suas múltiplas experiências ao longo dos milênios, apresentam “o fenômeno da bissexualidade mais ou menos pronunciado em quase todas as criaturas (...) sem especificação psicológica absoluta”.³⁵¹ O assunto foi também abordado na entrevista concedida ao programa *Pinga-Fogo* da TV Tupi no ano seguinte, já sob uma perspectiva bem mais coerente com os movimentos sociais.

A partir da virada do século, com o aumento das discussões relacionadas a gênero e sexualidade, observou-se também um aumento de títulos mediúnicos a esse respeito. Célia Arribas relacionou 16 títulos produzidos entre os anos de 2003 e 2015, mas há outros títulos que não fazem parte da sua lista, como o romance *O Bispo: amor e sexualidade face a face*. Esse livro narra a história de um personagem ligado à Igreja Católica, fazendo do bispado de Vêneto, na Idade Média, o cenário para amplas discussões de vários aspectos relacionados à sexualidade humana, com ênfase na orientação homoafetiva do personagem principal. Uma análise do enredo permite observar como o preconceito se manifesta até mesmo nas produções mediúnicas; o personagem heterossexual é apresentado como exemplo de “equilíbrio” e de moralidade, já os personagens LGBT são apresentados como problemáticos e conflituosos.³⁵²

Esse desencontro de abordagens, sem qualquer respaldo científico, fornece alimento para o preconceito que ainda hoje sobrevive no meio espírita, onde há quem insista na velha tese da patologização da homoafetividade, fruto da tradição judaico-cristã, ignorando o fato de que essa perspectiva já foi superada no ambiente da Psicologia desde a década de 1970.

Em razão disso, tem surgido ultimamente iniciativas que representam esforços na produção de conhecimento espírita a respeito da temática LGBT, não mais baseados em simples opiniões, mas em pesquisas consistentes, em sintonia com a proposta de Allan Kardec, a saber:

- No livro *Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal*, o médico Andrei Moreira desenvolve um amplo estudo em torno do tema analisando as abordagens vigentes no campo acadêmico a partir

351. Xavier, Francisco C. *Vida e Sexo*, lição 21 pag. 41, pelo espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1970.

352. Vargas, Ana C. *O Bispo: amor e sexualidade face a face*, pelo espírito José Antônio. 2ª ed. Vida & Consciência, São Paulo/SP, 2014.

de uma perspectiva espiritual, desfazendo mitos, esclarecendo dúvidas e propondo o estabelecimento de “uma cultura espírita inclusiva e amorosa”.³⁵³

- Há uma série de três artigos publicados na revista *O Médiun*, da Aliança Municipal Espírita de Juiz de Fora, de autoria do pesquisador Daniel Salomão, nos quais ele consolida as referências à homossexualidade contidas na obra de diversos autores espirituais buscando as concordâncias que possam conduzir a uma “segurança doutrinária” em relação ao tema.³⁵⁴
- No livro *Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades*, o pedagogo Alexandre Jr analisa o modo materialista como a comunidade espírita reage ante essa temática, alheia ao seu significado espiritual, e relaciona as modernas teorias vigentes no mundo da ciência aos princípios espíritas com foco na “educação como prática da liberdade”.³⁵⁵
- Uma pesquisa de campo, mediante entrevista estruturada, foi conduzida por Elias Moraes em 2016 visando responder à questão: *como as Casas Espíritas tratam a questão da homossexualidade no cotidiano das suas atividades?* Os resultados evidenciam preconceitos até então ignorados, publicados como artigos no blog *Fronteiras do Pensamento Espírita*.³⁵⁶
- Acha-se em andamento uma pesquisa desenvolvida por um consórcio de mais de uma dezena de grupos espíritas de diferentes países de língua espanhola e portuguesa que tem por objetivo submeter a temática de gênero à investigação medianímica, como fazia Kardec. O material obtido possibilitará diferentes análises, sob diferentes perspectivas metodológicas que poderão ser úteis à compreensão do tema sob uma visão genuinamente espírita.

Mas há diversos outros temas que podem ser tomados como objetos de pesquisa. Por exemplo: o que há de convergente e de divergente entre as descrições do mundo espiritual obtidas por Chico Xavier, Yvonne Pereira, Swedenborg, Davis e Owen? Ou, ainda, o que se pode dizer sobre

353. Moreira, Andrei. *Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal*. Ed.AME, Belo Horizonte/MG, 2016.

354. Os três artigos estão disponíveis em 11/08/2022 no site <http://omedium.amejf.org.br/>

355. Alexandre Jr. *Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades*, ed. independente, Recife/PE, 2022.

356. <https://espiritismo-fronteiras.blogspot.com/2017/02/a-homoafetividade-na-visao-espirita.html>

possíveis manifestações culturais na “erraticidade”? Em que pese o fato de os textos mediúnicos estarem mais orientados para as implicações morais, eles vêm sempre permeados de detalhes que podem ser analisados visando identificar pontos convergentes.

Cabe aqui uma referência ao rico material produzido por Yvonne do Amaral Pereira, que escreveu diversos livros a respeito das suas observações, das suas impressões, da sua experiência no trato com a mediunidade. De maneira diferente do habitual, ela fazia questão de relatar com muita clareza o modo como se dava o processo medianímico por ela vivido, e ainda procurava respaldar todos os seus comentários nas obras de Allan Kardec. Suas descrições podem ser muito úteis a novas pesquisas a respeito do fenômeno mediúnico.

Devem-se a Hermínio Miranda alguns estudos investigativos exemplares, como os que resultaram nos livros *Dialogo com as sombras* e *Eu sou Camille Desmoulins*. Deve-se também a ele o resgate de um caso emblemático de psicografia, que é o livro *O Mistério de Edwin Drood*, cuja publicação em fascículos foi subitamente interrompida em 1870 pela morte de Charles Dickens. Dois anos depois Dickens apareceu ao jovem e inculto médium estadunidense Thomas P. James e lhe pediu que desse continuidade ao texto, no que foi atendido. Hermínio publicou a tradução da obra inteira desafiando o leitor a descobrir até onde a escrita é a do autor vivo e a partir de onde inicia-se a mediúnica.³⁵⁷

E há atualmente pesquisadores dentro das universidades, como o Dr. Alexander Moreira-Almeida, na área da saúde; Luiz Antônio Signates, Célia da Graça Arribas, Marcelo Gulão Pimentel e Sinuê Neckel nas ciências sociais; ou fora da academia, como Carlos Seth Bastos e Adair Ribeiro, cada um a seu modo, contribuindo para a produção do conhecimento espírita com base no preceito da racionalidade proposto por Allan Kardec.

Sob uma perspectiva mais universalista, existe ainda uma variedade de publicações a respeito de fenômenos mediúnicos observados no espiritualismo dos Estados Unidos e em diversos países da Europa, onde a mediunidade é uma atividade profissional como outra qualquer. Estudar o modo como eles acontecem, os fatores culturais envolvidos, pode ser revelador para uma melhor compreensão da natureza do próprio fenômeno.

Também os povos originários da África e das Américas apresentam sua tradição espiritual, marcada por uma rica e diversificada experiência com o sagrado, e que continuam sendo ignoradas. Sem contar as experiências medianímicas do mundo muçulmano e as dos povos asiáticos,

357. Dickens, Charles. *O Mistério de Edwin Drood*, versão completada por T. P. James, trad. Hermínio C. Miranda. Ed. Lachâtre, Niterói/RJ, 2001.

de tradição hinduísta, budista, taoísta e xintoísta, que nos são quase que inteiramente desconhecidas.

Um estudo mais amplo sobre a experiência humana com o fenômeno mediúnic, para além dos limites da nossa tradição judaico-cristã, pode nos abrir importantes visões a respeito do modo como a cultura influencia as manifestações dessa natureza e sobre como isso impacta as nossas explicações a respeito do mundo e da vida.

Passados 160 anos, há elementos na obra de Kardec que estão sendo desafiados por novas constatações no meio científico, como o consenso que começa a se estabelecer na Arqueologia em torno da figura de Moisés, que pode ser apenas um mito judaico. Não se encontram vestígios de um personagem com esse perfil nos registros históricos do Egito e da Mesopotâmia. Como fica, então, a ideia de primeira, segunda e terceira revelações, tão cara aos espíritas mais religiosos? Como explicar a literatura mediúnic que trata esses personagens como históricos, entre outros, *O Faraó Merneptah, de Rochester, e A Caminho da Luz, de Emmanuel*?

Questões como estas desafiam os pesquisadores da atualidade no sentido de explicar melhor o próprio fenômeno mediúnic, bem com essa imensidade de informações que são atribuídas às fontes espirituais e que chegam ao mercado literário todos os dias.

Um grupo de estudos espíritas desenvolveu um interessante projeto de entrevistas nos moldes do que havia sido feito antes com Chico Xavier e Emmanuel, e que resultou no livro *O Consolador*, e também com Divaldo e Vianna de Carvalho, que resultou em outro livro com esse mesmo formato, intitulado *Atualidade do Pensamento Espírita*. Dessa vez as entrevistas se deram com o espírito Ivon, mentor do médium Vinícius Lara, e os resultados estão consolidados no livro *Diálogos Espíritas*, no qual eles procuram trazer à discussão diversas questões atuais sob a visão daquele espírito.³⁵⁸

Todas essas iniciativas são importantes, mas é preciso que elas sejam submetidas ao critério da análise racional e da coerência científica proposto por Allan Kardec, sem o que elas são apenas opiniões de um ou outro espírito por meio das possibilidades medianímicas de um ou outro médium. E esse trabalho compete aos pesquisadores encarnados.

O que Kardec inaugurou foi a possibilidade de compreender as inúmeras questões que afligem os seres humanos a partir de uma perspectiva que leve em conta não apenas o conhecimento científico ordinário, mas também as informações que podem ser obtidas pela via mediúnic, mediante uma “ciência do espírito”, estabelecendo uma visão mais ampla a respeito da nossa presença na Terra do ponto de vista físico e espiritual.

358. O arquivo pdf pode ser baixado em <https://editora.sepjf.org.br/2020/08/06/dialogos-espíritas/>

Um mundo de informações no universo não espírita

Caminhando pelas ruas de Belo Horizonte, um amigo deparou-se com um cartaz afixado em um poste onde se lia: “Hercólubus – Gigantesco planeta aproxima-se da Terra”. O cartaz remete a um *site* onde o livro *Hercólubus ou planeta vermelho*, de autoria do esoterista colombiano V. M. Rabolú, pode ser obtido gratuitamente. O livro está sendo divulgado pela Associação Alcione, fundada em 2007 na Espanha, que já possui representantes em diversos países e que “pretende ser um elo a mais nesta grande cadeia que contribui para o melhoramento espiritual da humanidade.”³⁵⁹

A motivação do autor e dos membros da associação é inteiramente altruísta. Em tom profético e apresentação extremamente singela, o livro traz um alerta à humanidade com relação ao iminente fim do planeta Terra, convidando o leitor a uma renovação espiritual pela prática do “desdobramento astral”, o que lhe possibilitará ser “levado a um lugar seguro onde nada lhe acontecerá e possa seguir trabalhando sobre si mesmo, até chegar à Libertação.”³⁶⁰

O tema do livro lembra diversos outros da produção mediúnicamente espírita que tratam da imaginada “transição planetária”, ou do advento do “mundo de regeneração”, uma tese inexistente fora do imaginário judaico-cristão e que foi abraçada por Kardec em um clima de “fim da história” que vigorava na Europa na segunda metade do século XIX.

Observa-se nessa virada do milênio uma profusão de publicações fora do meio espírita que possibilita compreender melhor a dimensão espiritual do ser humano, como o *best-seller* do psiquiatra Dr. Brian Weiss, *Muitas Vidas, Muitos Mestres*, que popularizou a temática da Terapia de Vidas Passadas. Há também um livro intitulado *Uma Porta para a Luz* que relata as reuniões promovidas por um trio mexicano constituído por uma psicóloga, uma monja budista e uma freira, nas quais elas orientam espíritos que, depois de mortos, não conseguiram “encontrar a luz”. Elas evocam esses espíritos e dialogam com eles visando sua libertação do mundo material, e já constataram que “os que deixam este mundo, quando entram em contato com a luz do mundo espiritual, sempre chegam à conclusão de que o mais importante na vida são os atos de amor incondicional e de generosidade.”³⁶¹

O Dr. Eben Alexander III publicou, nos Estados Unidos, um livro de enorme sucesso editorial intitulado *Uma Prova do Céu* onde ele relata em detalhes o seu caso pessoal em um fenômeno de EQM – Experiência

359. <https://alcioneassociation.com/pt/alcione-pt/>

360. Rabonú, V. M. *Hercólubus o planeta vermelho*, pag. 41. Ed. independente, sem local e data.

361. Sayve, Carmen e Arellano, Jocelyn. *Uma Porta para a Luz*. Ed. Pensamento, São Paulo/SP, 2002.

Quase Morte – quando de um coma induzido para o tratamento de uma meningite. A propaganda do livro fala por si:

Narrado com o fascínio de um paciente que visitou o outro lado e com a objetividade de um médico que tenta comprovar a veracidade de sua experiência, este é um livro emocionante sobre a cura física e espiritual e a vida que se esconde nas diversas dimensões do Universo.³⁶²

Esse assunto despertou o interesse dos leitores e inúmeros relatos de EQM têm sido publicados, oferecendo, cada um deles, a possibilidade de um olhar externo à perspectiva espírita sobre a realidade espiritual. O livro do pastor protestante Don Pippier, *90 minutos no céu*,³⁶³ foi levado para as telas do cinema, e outro pastor, Todd Burpo também publicou um livro, *O Céu é de Verdade*, onde narra o ocorrido com seu filho Colton, que viveu uma EQM aos 3 anos e 10 meses de idade. Após uma cirurgia, a criança narrou experiências espirituais com personagens e detalhes da vida familiar que ele jamais havia conhecido.³⁶⁴

A grande quantidade de ocorrências nessa direção estimulou o Dr. Sam Parnia a dar prosseguimento aos estudos iniciados pela Dra. Elizabeth Kluber-Ross nos Estados Unidos, agregando agora métodos mais objetivos do que os simples relatos dos pacientes.

Nesse viés puramente científico, há pesquisas como as do Dr. Jim Tucker, que tem dado prosseguimento às investigações de “casos sugestivos de reencarnação” iniciados por Ian Stevenson. Também ele inova ao mudar o foco das investigações; em vez de analisar os relatos de pessoas adultas ele procura agora os casos de lembranças espontâneas de vidas passadas em crianças, de preferência em sociedades onde não existe a crença na reencarnação, o que torna esses casos muito mais consistentes.

Como campo de pesquisa contam-se ainda as inúmeras práticas terapêuticas que tem surgido com base nas possibilidades anímicas ou mesmo mediúnicas, como o *ThetaHealing*, em que o terapeuta procura identificar e atuar sobre padrões armazenados no inconsciente do ser humano liberando bloqueios ou programações mentais que causam sofrimento e enfermidades. Também a Constelação Familiar, um controvertido método criado por Bert Hellinger (1925-2019), psicoterapeuta alemão que propunha acessar o “campo energético” do paciente e tratar as situações de “emaranhamento” das relações que impactam sua vida cotidiana.

362. Alexander III. Eben. *Uma Prova do Céu*. Ed. Sextante, Rio de Janeiro/RJ, 2013.

363. Pippier, Don e Murphey, Cecil. *90 minutos no céu*, Ed. Thomas Nelson Brasil, São Paulo/SP, 2008.

364. Burpo, Todd e Vincent, Lynn. *O Céu é de Verdade*, Ed. Thomas Nelson Brasil, São Paulo/SP, 2011.

Diversos depoimentos sugerem uma relação muito próxima com a fenomenologia medianímica, o que pode representar mais uma frente de investigações a respeito da nossa realidade espiritual e de como ela se reflete no cotidiano das nossas vidas em sociedade.

Por último, as ciências sociais e humanas abrem um horizonte investigativo até então inexplorado no meio espírita. Nem a Sociologia e nem a Antropologia haviam se estabelecido quando Kardec elaborou os fundamentos do Espiritismo. O século XX assistiu o surgimento dessas duas áreas que têm o potencial de promover importantes e profundas ampliações ou revisões teóricas em temas como a “raça adâmica”, nos conceitos de evolução social e de progresso, possibilitando estabelecer novas formas de compreensão da realidade espiritual em que o ser humano se acha inserido.

Kardec foi claro: se algum dia se demonstrasse que em algum aspecto o Espiritismo estaria em contradição com a ciência, mudaria o Espiritismo. Em alguns pontos importantes da doutrina kardequiana essa hora já chegou, se é que já não estamos bastante atrasados.

A PROGRESSIVIDADE DO CONHECIMENTO ESPÍRITA

Para Kardec, a “verdade” espírita era progressiva. Ele mesmo mudou de entendimento a respeito de vários assuntos em menos de três anos, como se pode deduzir das mudanças verificadas entre a primeira e a segunda edição de *O Livro dos Espíritos*. Dessas, a mais significativa, talvez, seja a que trata do momento em que o espírito se liga ao corpo por ocasião do retorno à vida corpórea. A mudança é radical; na primeira edição era o momento do nascimento; na segunda, o momento da concepção. Ele muda de entendimento também quando ao modo como se opera a separação da alma e do corpo por ocasião da morte; na primeira edição ele entende que essa separação se dava imediatamente; na segunda, que sua duração “varia segundo os indivíduos”, podendo durar de alguns dias até vários meses.³⁶⁵

Outro exemplo é em relação a um espírito “possuir” o corpo de uma pessoa, ou seja, a possibilidade da “possessão”. A princípio, quando da escrita de *O Livro dos Espíritos* e até de *O Livro dos Médiuns*, Kardec entendia que isso não era possível; isto seria apenas uma crença popular, de vez que o espírito encarnado “age como quiser sobre o invólucro de que está revestido.” O máximo que poderia ocorrer é ele ser subjulgado; jamais possuído.³⁶⁶

Ocorre que em 1862 Kardec tomou conhecimento do caso que ficou conhecido como “os possessos de Morzine”, uma comuna situada quase na divisa com a Suíça. Um correspondente lhe escreveu uma carta encaminhando anexa uma brochura que relatava em detalhes o caso, com as medidas adotadas pelo governo para dar conta da situação, que se arrastava desde 1857. A carta dizia que

365. Moraes, Elias. *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI*, pag. 102-107. Aephus, Goiânia/GO, 2020.

366. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 241, pag. 320, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

Até hoje, esta infeliz população se acha sob a influência da obsessão, apesar dos exorcismos, dos tratamentos médicos, das medidas tomadas pelas autoridades e dos internamentos nos hospitais do Departamento. Os casos diminuíram um pouco mas não cessaram, permanecendo o mal, por assim dizer, em estado latente.³⁶⁷

Kardec estudou o assunto ao longo de três anos, indagando os espíritos a respeito das suas causas, reveladas como espirituais. O último artigo que trata dessa temática é de junho de 1865, quando ele já estava convencido da possibilidade de um espírito apoderar-se do corpo de uma pessoa e controlá-lo a seu bel prazer. Daí em diante o termo “possessão” passa a fazer parte do seu vocabulário e, ao escrever *A Gênese*, ele dedica um tópico a este assunto, onde reconhece que “nesse caso o paciente não raro perde a vontade e o livre-arbítrio.”³⁶⁸

Essas mudanças de entendimento se davam não apenas com relação ao conteúdo, como também ao próprio método por ele adotado para as suas pesquisas. Marcelo Gulão, na sua dissertação de mestrado, analisou as mudanças observadas ao longo do tempo no método de Kardec e chama atenção para a explicação constante da primeira edição de *O Livro dos Espíritos*, onde ele afirma que o seu método consistiu em perguntas formuladas aos espíritos e na análise das respostas ou das instruções espontâneas por eles oferecidas. Para a elaboração do conteúdo ele teria atuado como um mero secretário, ou intérprete. Gulão observa que logo em seguida ele reformula esse método. Na *Revista Espírita* de 1858 ele “aparenta ter começado a assumir o caráter de pesquisador dos fenômenos espirituais”, pois adota a análise comparativa dos resultados da “escrita direta” – que ele mesmo elege, em substituição ao da tiptologia (pancadas na mesa) –, e busca o concurso de diferentes médiuns.

Em 1864, ao publicar *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, ele já apresenta um método bem mais estruturado, ao qual dá o nome de Controle Universal dos Ensinos dos Espíritos, que consiste na “concordância” entre as informações obtidas “servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares”. Por último, em *A Gênese*, ele estabelece que “o Espiritismo é uma ciência de observação e não produto da imaginação.”³⁶⁹

367. Kardec, Allan. *Revista Espírita*, abril/1862 pag. 156. Trad. Evandro Noleto Bezerra, FEB, Brasília/DF, 2004.

368. Idem. *A Gênese*, cap. XIV itens 45 a 49, pag. 304, trad. Gillon Ribeiro. 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1984.

369. Pimentel, Marcelo G. *O Método de Kardec para Investigação dos Fenômenos Mediúnicos*, pag. 60. NUPES/UFJF, Juiz de Fora/MG, 2014.

É ele quem imprime ao Espiritismo esse caráter progressivo, estabelecendo que ele deveria caminhar “de par com o progresso” de modo a jamais ser ultrapassado. Isso implica que também o método por ele adotado está sujeito às mudanças que forem sendo identificadas como necessárias na medida em que se proceda à continuidade dos estudos.

Essa postura de Kardec sinaliza, com muita clareza, qual deveria ser a relação do leitor espírita com os textos produzidos pela via mediúnic: nem objeto de leitura devocional, acrítica, como se fossem “revelações espirituais”, nem de rejeição sistemática, como pura invenção humana.

Ocorre que cada leitor reage à sua maneira, e não há como esperar uma postura analítica da parte de todos. Para a grande maioria, a literatura espírita é apenas um recurso de reforço à sua fé religiosa e de consolo perante as agruras da vida.

Daí a importância do pesquisador espírita, que promova o estudo criterioso, ancorado em metodologia consistente, de modo a obter conclusões relevantes ou a identificar convergências de conteúdos, conformidades filosóficas e científicas que possam nortear o sentido de “verdade” do Espiritismo, sem se limitar às conclusões da academia, no que se refere à realidade espiritual, mas sem abrir mão da cientificidade proposta por Allan Kardec.

Para além da ideia de “complementação doutrinária”

É curioso notar que, em que pese o seu afastamento do método kardequiano, Chico Xavier também tinha, a seu modo, uma visão progressiva do Espiritismo. Em uma carta endereçada a Wantuil de Freitas ele se refere a algumas inovações doutrinárias contidas no livro *Libertação*, em particular à ideia de “perda do perispírito”, e pondera:

Assim, opinaria pelos verbos ultimamente sugeridos, para não ferirmos bruscamente os pontos de vista estabelecidos, embora tenhamos muita coisa a reconsiderar na conceituação doutrinária, na jornada evolutiva que vamos realizando. Nossos Amigos do Alto, contudo, são de parecer que tudo se faça com tempo, paciência e medida. Façamos a nossa parte, não achas? Outros prosseguirão e sentir-nos-emos feliz se eles encontrarem menos aflições e menos sarcasmos.³⁷⁰

370. Soares, Ana Lorym. *O livro como missão: A psicografia como prática letrada a partir da coleção A Vida no Mundo Espiritual*, pag. 71. Tese de doutoramento, UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, 2016.

Uma pena que essa visão progressiva de Chico Xavier tenha sido prejudicada pelo abandono do método científico. Em lugar das evocações, dos estudos, das pesquisas mediante métodos comparativos, visando identificar as possíveis concordâncias entre o que diziam os espíritos e os médiuns, retornou-se ao antigo critério da “revelação espiritual”, de origem judaico-cristã. Na década de 1940 Ismael Gomes Braga entendia que “o livro é o ilustrador da doutrina, o propagandista, o renovador constante da fé.” Só que ele pensava o livro não como resultado de estudos desenvolvidos pelos homens, como propunha Kardec, mas como ditado procedente do mundo espiritual, “revelação”, à moda dos antigos profetas e de Roustaing. Para ele, “são os Guias que os lançam; é o instrumento de que se servem eles.”³⁷¹

Para que o Espiritismo mantenha o seu caráter progressivo faz-se necessário inclusive reavaliar essa visão sacralizada de “doutrina espírita”. Este conceito, o de “doutrina”, também provém do século XIX, e talvez não seja mais adequado na atualidade, porque traduz a ideia de um corpo de conhecimentos fechado, impermeável a mudanças e que precisa ser “preservado”. Não seria mais conveniente resgatar a ideia de “ciência espírita” como um “campo de conhecimentos”, aberto, dinâmico, em constante desenvolvimento?

Não sem razão a ideia de campo foi utilizada em alguns momentos ao longo deste texto, porque ela pode representar uma alternativa à ideia de “doutrina”. Como campo de conhecimentos e de vivências, o Espiritismo pode constituir-se em um movimento de ideias e de práticas sociais as mais diversificadas, onde interajam, de maneira mais ou menos harmoniosa, grupos familiares, coletivos informais, instituições religiosas, grupos e institutos de pesquisas científicas, blogs, canais e periódicos virtuais orientados para ensaios filosóficos e espaços de opinião, elaborações artísticas, vivências de serviço sócio-assistencial, dentre outras formas de manifestação da complexa e variada cultura humana.

A partir do reconhecimento e da valorização dessa complexidade, podem-se produzir investigações e estudos que resultem em consensos em torno de ideias e de práticas sociais, estabelecendo-se, nos dizeres de Daniel Salomão, um sentimento de “segurança doutrinária” em torno de novas visões que, pouco a pouco, podem ser incorporadas pela comunidade dos estudiosos ao campo constituído pelo “pensamento espírita”, ou seja, ao Espiritismo.

371. Soares, Ana Lorym. *O livro como missão: A psicografia como prática letrada a partir da coleção A Vida no Mundo Espiritual*, pag. 74. Tese de doutoramento, UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, 2016.

Sob essa ótica, até mesmo o sentido de Espiritismo sofre alguma alteração porque, de conhecimento estanque e fechado, ou de uma estrutura doutrinária de fundo religioso, passa a ser entendido como um campo de conhecimentos e de vivências de uma determinada comunidade, em nível local ou ampliado, como foi proposto pelo seu fundador em meados do século XIX, constituindo-se em um elemento de identidade no sentido social e político.

Deste modo, possibilita-se, no interior desse campo, a convivência entre diversos tipos de espaços, físicos, virtuais ou híbridos, alguns destinados a quem aspira a encontrar no Espiritismo um ambiente de conforto espiritual ou de manifestação da sua religiosidade, da sua dimensão mística, mas também outros voltados para quem deseja filosofar a respeito do significado da vida e da sua presença no mundo. Outros ainda para quem deseje oferecer a sua contribuição mediante pesquisas que estabeleçam a necessária ponte entre o universo da espiritualidade e o da ciência, mantendo acesa a chama da racionalidade e alimentando o caráter progressivo do conhecimento espírita.

A busca da "verdade", ou da "segurança doutrinária"

O que Kardec apresentou ao mundo foi uma proposta, uma perspectiva epistemológica que pressupõe uma "aliança entre a ciência e a religião" na busca de compreender o ser humano a partir das relações que ele estabelece com o mundo espiritual, proporcionando-lhe meios de identificar um caminho seguro de conduta moral e ética na sua vida em sociedade.

Sob essa perspectiva, "mais importante que reafirmar as verdades vigentes no meio espírita é resolver as insuficiências das explicações até então adotadas"³⁷², de modo a possibilitar a adoção de novas respostas, novas visões de mundo, sempre condizentes com os novos desafios que vão sendo descortinados pela vida do ser humano em sociedade.

Desse modo, abandona-se a preocupação de buscar explicações definitivas, fechadas e, em lugar disso, busca-se ampliar permanentemente o horizonte dos estudos, agregando novos olhares, novas explicações que melhor traduzam a realidade da complexa experiência humana na sua condição de seres espirituais em situação de aprendizado. Nos dizeres de Kardec, estabelece-se uma "ciência espírita".

Isso implica em uma nova visão a respeito do fenômeno mediúnic, que passa a ser compreendido como um fenômeno subjetivo, marcado por

372. Moraes, Elias I. *Contextualizando Kardec: do séc. XIX ao XXI*, cap. 5. Ed. Aephus, Goiânia/GO, 2020.

um forte componente cultural, de conteúdo altamente psicológico, carregado de elementos anímicos e sócio-históricos que requerem um olhar muito mais sistêmico, de modo a se constituir em uma possível fonte de informações a respeito da dimensão espiritual da experiência humana.

Essa subjetividade já havia sido entrevista por Kardec, em que pese os seus pouco mais de cinco anos de pesquisa sobre a fenomenologia mediúnica, quando ele discute com um espírito a respeito do relato histórico de uma “chama azul” que teria sido vista sobre a cabeça de Sérvius Túlius, rei de Roma entre 578 a.C e 539 a.C.

Segundo o espírito,

Assim como os médiuns escreventes não escrevem todos a mesma coisa, também, nos médiuns videntes, não é em todos do mesmo grau a vidência. Ao passo que aquela mãe viu apenas uma chama, outro médium teria podido ver o próprio corpo do Espírito.”³⁷³

Observações realizadas por diferentes médiuns quase sempre conduzem a resultados diferentes, resultantes do imaginário dos médiuns. Não há uniformidade no fenômeno.

Essa peculiaridade das percepções medianímicas se manifesta também no fenômeno da psicografia, onde estarão presentes os elementos que caracterizam a personalidade e a visão de mundo do médium, os elementos do contexto social no qual ele se acha inserido, juntamente à possível influência de um espírito comunicante. Em meio à complexidade desse processo mental e espiritual a mente do médium atua como o elemento modelador da ideia sob a forma do texto.

Como bem lembra Jäder Sampaio,

Os estudos sobre a psicografia já nos oferecem extenso material que sugere claramente a participação de espíritos tidos como “mortos” no fenômeno. No sentido oposto, em função dos mecanismos da mediunidade, mesmo os médiuns mecânicos são passíveis de influenciar no conteúdo do material psicografado, o que demanda senso crítico e observação cuidadosa por parte dos grupos mediúnicos.³⁷⁴

Talvez por isso Kardec tenha concluído por dar mais importância às ideias contidas na mensagem do que à sua origem, se de um espírito

373. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 100 pág. 144, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

374. Sampaio, Jäder. *Um Estudo Compreensivo Sobre a Psicografia*, pag. 12. artigo disponível no site: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S_autores_SAMPAIO_Jader_textos/Sampaio_Jader_artigos_pdf/estudo_sobre_psicografia.pdf

ou se do próprio médium, mas sempre considerando que o trabalho de elaborar os novos conteúdos doutrinários pertence aos seres humanos encarnados, enquanto agentes históricos, e não aos espíritos.

Esse entendimento está presente nos comentários do também pesquisador e escritor espírita Ely Matos quando pondera que “talvez o que a gente esteja precisando é um pouco menos de melindres com as obras que se dizem espíritas e uma análise mais séria dessas obras, como se fossem escritas por autores encarnados, humanos”.³⁷⁵

Isso implica em aprender a ver nos livros mediúnicos um tipo especial de literatura, de conteúdo espiritual ou espiritualizante, de reflexões de natureza ético-moral, algumas vezes até mesmo de arte e de ficção, sem que por isso se constituam em “revelações espirituais” ou verdades transcendentais; narrativas, entendimentos ou mesmo opiniões dos espíritos, entendidos como seres humanos desvestidos do corpo material, mas somente isso.

Aliás, essa postura se acha em perfeito alinhamento com a proposta original de Kardec, que insistia:

Já dissemos cem vezes: Para nós a opinião de um Espírito, seja qual for o nome que traga, tem apenas o valor de uma opinião individual; nosso critério está na concordância universal, corroborada por uma lógica rigorosa, para as coisas que não podemos controlar com os próprios olhos. De que nos serviria dar prematuramente uma doutrina como verdade absoluta se, mais tarde, devesse ser combatida pela generalidade dos Espíritos?³⁷⁶

A solução para o problema é, portanto, bem mais simples, e consiste apenas em deixar de tratar o produto da escrita mediúnica ou da psicofonia como uma verdade pronta, ou como a expressão exata de uma realidade ou de uma autoria espiritual, e passar a observá-lo como expressão de um momento de inspiração medianímica, ou como literatura, se psicografia. Literatura espiritualizante; moralizante, às vezes; de autoajuda, em outras; ou inspiradora, sob a forma de romances ou de narrativas épicas, como em *Libertação*, mas, literatura.

Às vezes como uma literatura especial, porque medianímica, resultado de um determinado contexto social e de mentes que se complementam, nas duas dimensões da vida, na produção de uma ideia ou de uma narrativa, mas sem nenhuma pretensão de que o entendimento que se possa tirar dessas comunicações seja considerado definitivo.

375. Vide em 39:00 o comentário em <https://youtu.be/qkBncnJZRHo>

376. Kardec, Allan. *Revista Espírita*, jun/1866, pag. 250, trad. Evandro Noleto. Ed. FEB, Brasília/DF, 2004.

Isso implica também em restabelecer, no meio espírita, o livre debate, o contraditório, de vez que, como bem pondera Dora Incontri,

Onde não se discute, alguém exerce o poder, implícita ou explicitamente. Onde não se critica ou questiona, tudo vira artigo de aceitação passiva. O povo brasileiro não tem o hábito de discutir. E, no Espiritismo, discutir passou a ser sinônimo de falta de caridade.³⁷⁷

E mesmo as conclusões dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores e estudiosos com base nesses textos mediúnicos, em vez de enunciados rígidos, serão vistos apenas como suas visões pessoais sob tal ou tal perspectiva, abertos ao livre exame e ao debate público.

A progressividade deixa de ser retórica e passa a ser prática permanente. Os materiais de estudo, medianímicos, experimentais ou autorais, serão analisados pelos pesquisadores e estudiosos que, após submeterem suas conclusões à revisão pelos pares, as apresentarão nos congressos de ciência e de filosofia espírita ou nas redes sociais, abertos ao contraditório.

Essas conclusões, uma vez compartilhadas com a comunidade, passarão a ser objeto de novos estudos, novas pesquisas e novos debates, alimentando o círculo virtuoso que caracteriza a progressividade do conhecimento espírita.

A ação colaborativa na elaboração do conhecimento espírita

O Espiritismo constituiu-se como um movimento aberto, sem hierarquias, sem porta-vozes oficiais. Todo o poder que se estabeleceu no seu campo é de natureza simbólica, nunca institucional. Enquanto campo de conhecimentos e vivências, nenhuma organização, nenhum grupo e nenhum médium detém o poder de reconhecer o que é ou não “verdadeiro”. Qualquer “verdade” nesse campo deve ser entendida apenas como o consenso do momento em torno de um determinado assunto, sempre passível de reexame, do livre contraditório.

Entendido como construção social, o conhecimento espírita deixa de ser visto como uma “revelação da espiritualidade”, e a sua elaboração passa a ser percebida como uma responsabilidade de todos. Em vez de aguardar que as entidades religiosas oficiais promovam os eventos filosófico-científicos requeridos por essa dinâmica, a própria comunidade dos pesquisadores pode abraçar essas iniciativas, abrindo o conhecimento produzido

377. Incontri, Dora. *Para Entender Allan Kardec*, cap. VIII. Ed. Lachâtre, Bragança Paulista/SP (2004).

para o diálogo com a sociedade e com o meio acadêmico. Sem prejuízo à religiosidade que é cultivada pelo segmento majoritário no meio espírita.

Como em qualquer campo da ação humana, os conflitos são inevitáveis, e fazem parte da dinâmica da vida em sociedade. É da relação dialética entre caos e ordem que emergem as mudanças e a própria progressividade do pensamento espírita.

Também como decorrência desse modo de organização, não há nenhuma pessoa, médium, instituição ou grupo com autoridade para definir quem pode ou não considerar-se espírita; as pessoas é que assim se autodenominam, conforme as suas preferências, e ocupam, mediante a sua ação política, um espaço dentro desse campo de ideias. Ainda que se verifiquem disputas internas a respeito de quem detém ou não o direito de fazer uso dessa identidade, é também com base em uma relação de caos e ordem que esse direito se estabelece, a partir da autonomia de cada elemento desse campo.

Como bem apontou Gabriel Delanne, é inevitável que uma grande quantidade de participantes desse campo desenvolva uma relação de mera crença frente ao Espiritismo, sem maior disposição para abraçar o espírito crítico dos que fazem do Espiritismo o seu objeto de estudo. Neste momento sócio-histórico específico o grupo mais expressivo parece ser o que busca no Espiritismo um campo de vivências mais religiosas que científicas ou filosóficas, e isto precisa ser compreendido como inevitável tendo em vista a dinâmica social.

O que se faz necessário é estabelecer relações colaborativas entre pelo menos uma parte dos diversos agentes que compõem o cenário do movimento espírita. Religiosos, médiuns, estudiosos e pesquisadores podem e devem atuar em conjunto, sempre que isto seja demandado em razão de um determinado projeto.

Mal ou bem, já existe uma rede de pesquisadores espíritas atuando. Integrada por estudiosos que contam com a colaboração ativa de médiuns, com os seus respectivos grupos de apoio, essa rede chega até as entidades que se incumbem da publicação dos resultados desses estudos. É da união de todos em favor de um bem comum que devem surgir as novas explicações para os problemas atuais, ampliando o conjunto dos conhecimentos espíritas.

Assim, restabelecem-se as pontes entre esses campos, a saber, ciência, filosofia e espiritualidade, que se constituem, desde a origem do Espiritismo com Allan Kardec, na base do conhecimento espírita. Ciência e religião retomam a saudável caminhada, de “braços dados” uma com a outra, na busca de uma “transformação social” que tenha como objetivo criar um mundo melhor e mais feliz para todos os seres humanos.



CONCLUSÃO

Nada é definitivo no universo do conhecimento, e não tem como ser diferente em relação ao conhecimento espírita. Kardec nunca teve a pretensão de ter dito a última palavra em relação ao Espiritismo, menos ainda a de ter esgotado o tema da mediunidade ao publicar *O Livro dos Médiuns*. Ao contrário, ele iniciou um movimento cuja essência pode ser traduzida em uma sentença, que ele adotou como título para um dos seus primeiros tópicos ao estudar o Evangelho: “aliança da ciência e da religião”. Há muito ainda o que pesquisar em termos de fenomenologia mediúnica e em termos de Espiritismo em geral.

Ao concluir este estudo, chega-se à mesma constatação de Victor Hugo quando, percebendo os limites do que lhe traziam os espíritos que com ele se comunicavam na Ilha de Jersey, entendeu que não é facultado ao homem libertar-se da dúvida.

Sempre que o homem, submerso no para-além nas trevas, exsudando todas as espumas do abismo e da noite, logra agarrar-se no costado da barca da fé e alça meio corpo da escuridão, a sombra que está na barca o desprende e o atira no abismo, dizendo-lhe: vai, homem, luta, sofre, rola, pragueja, duvide. *E pur se muove*.³⁷⁸

A dúvida é a eterna companheira daqueles que buscam a sabedoria. Nenhum conhecimento é definitivo ou completo; sempre há lacunas, sempre há possibilidades de novos desenvolvimentos, de novas ampliações. Em um universo infinito não faz sentido pensar em conhecimentos prontos, acabados. A progressividade é própria da infinitude.

Quando Kardec conceituou a mediunidade, ele o fez de uma maneira extremamente simples e direta, como sendo a “faculdade que a quase totalidade das pessoas possuem, umas mais, outras menos, de sentir a

378. Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Pag. 413. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.

influência ou ensajem a comunicação dos espíritos”. Apenas para fins didáticos é que ele distingue aquelas que apresentam essa faculdade de maneira mais ostensiva e lhes atribui o título de médiuns.³⁷⁹ Observa-se hoje que cada sociedade faz uso dessa faculdade de acordo com a sua cultura, seu imaginário, sua visão de mundo, de vida e de sociedade. Segue-se daí que não há como considerar qualquer informação obtida pela via mediúnica sem levar em conta o conjunto da cultura onde ela foi produzida, e que se constitui em pano de fundo para a sua produção. No meio espírita, em um prosseguimento da tradição judaico-cristã, essa faculdade recebeu uma atribuição especial, que é a produção de sentidos, de explicações, de verdades, de conhecimento, em suma.

Sob uma perspectiva um tanto religiosa e utilitarista, Kardec entendeu a mediunidade como uma espécie de “mandato”, uma “missão” que os médiuns deveriam desempenhar tendo em vista se colocarem como “intérpretes do ensino dos Espíritos”, um importante papel que deles se esperava na então iminente “transformação moral” que estaria se operando na humanidade.³⁸⁰ É sob esse olhar religioso que ele atribui à mediunidade o fim de “por-nos em relação direta com as almas daqueles que viveram, a fim de recebermos ensinamentos e iniciações da vida futura”. Através da sensibilidade mediúnica dos seres humanos seria possível “rasgar os horizontes da vida eterna”.³⁸¹

Como todo argumento puramente religioso, essa ideia de “mandato” ou “missão” é um argumento de fé, que pode ser validado filosoficamente, em termos gerais, mas que apresenta limites sob um olhar mais objetivo. É perfeitamente possível que alguém venha a esse mundo com um projeto de atuação na área mediúnica, como nas áreas social e científica, e isso deve ocorrer de inúmeras formas, mas nem sempre é possível validar essa perspectiva objetivamente em cada caso específico. É fato que algumas pessoas se sentem com esse tipo de missão ou mandato e seu grupo a vê como missionária; até mesmo as comunicações mediúnicas naquele grupo específico o afirmam, e é com base nisso que essa crença se estabelece em torno de uma pessoa ou de um grupo.

Se a iniciativa partiu do mundo espiritual ou do físico, se houve um planejamento espiritual nesse sentido ou se trata-se de uma intenção humana, nenhuma pesquisa consegue responder a essas questões, que continuam sendo apenas afirmações de sentido filosófico religioso, objetos de

379. Kardec, Allan. *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*, vocabulário, pag. 28. Trad. Cairbar Schutel. Ed. O Clarim, Matão/SP, 1978.

380. Idem. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII item 9.

381. *Vide O Livro dos Espíritos*, introdução, item IV; *O que é o Espiritismo*, item 88; *O Livro dos Médiuns*, cap. XIV item 159, 163, 175, 185, 218, 226; *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, cap. XXVIII item 9;

crença. Podem ser aceitas? Claro. Sendo essa uma crença filosoficamente justificável, nada impede que esse tipo de argumento seja aceito pelo grupo onde ele foi elaborado, desde que com a prudência requerida e as reservas cabíveis.

Como vimos, toda informação produzida pela via mediúnica é resultado de um sistema complexo que envolve obrigatoriamente a participação de um médium, que assume a responsabilidade pelas ideias apresentadas, uma dimensão espiritual que pode ou não ser representada por uma ou mais consciências extracorpóreas, ou espíritos, e um determinado contexto sócio-histórico, que se materializa sob a forma de um grupo social, mais ou menos amplo, mais ou menos restrito, que atua como referência e ao mesmo tempo como validador dos conteúdos produzidos naquele grupo específico. Esses três elementos, atuando em conjunto, é que possibilitam a elaboração da ideia ou da informação de conteúdo medianímico. Portanto, nenhum médium pode ser considerado mau intérprete por ter deixado suas marcas pessoais nos textos que psicografa ou nas mensagens que transmite. O processo mediúnico se dá com a participação ativa do médium e é impossível que ele ocorra sem que essas marcas estejam presentes.

Há situações controversas, como o caso de Mme. Colignon, que psicografava textos de cujo conteúdo ela discordava. Mas, ainda assim, é complicado distinguir o que pode ser atribuído aos espíritos e o que pode ser atribuído ao modo de pensar de J. B. Roustaing que, conforme foi comprovado, também influencia na comunicação. A única certeza é que *Os Quatro Evangelhos* é o resultado de um sistema estruturado com base na mediunidade da Sra. Emíle Colignon sob a coordenação de J. B. Roustaing, com suas crenças e sua visão de mundo, e sob a imaginada influência dos “evangelistas, assistidos pelos apóstolos de Jesus e Moisés”, ou de alguma consciência extracorpórea, individual ou coletiva, que se fazia passar por eles.

O mesmo em relação ao complexo sistema medianímico estruturado, por exemplo, em torno de médiuns como Chico Xavier, com as centenas de entidades espirituais, entre elas aquelas identificadas como Emmanuel, André Luiz, Meimei, Maria Dolores, Humberto de Campos, e que produziu uma enorme quantidade de textos de beleza e sabedoria indiscutíveis, aliados a um elevado sentido espiritual, mas, nem por isso, inquestionáveis. Há ali uma riqueza de informações, uma força argumentativa e uma sublimidade de sentimentos que permeia as milhares de páginas por ele psicografadas, junto com os elementos próprios do médium que os produziu, bem como do meio social em que essa produção se consolidou, aí incluídos os aspectos editoriais envolvidos.

A visão segundo a qual os médiuns seriam os instrumentos de que o mundo espiritual se serviria para estabelecer contato com os homens, ou seja “os intérpretes incumbidos de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos”, nas palavras de Kardec, pode até ser verdadeira em diversas situações, mas não em todas. A iniciativa também pode partir dos médiuns que, sentindo-se sob a impulsão de determinados conteúdos de cunho espiritual, que também podem ser anímicos, cuidam de materializá-los sob as mais variadas formas, seja de recomendações de autoajuda, de romances ou de páginas de reflexão moral, ou mesmo de supostas revelações espirituais. É a isso que as pesquisas nos conduzem.

Afastadas as hipóteses de charlatanismo, má-fé e interesse pessoal, todo médium é merecedor de credibilidade para as elaborações que produza. A antiga pretensão de que seria possível uma mediunidade sem “interferência” do médium é uma ilusão. É da própria natureza do fenômeno mediúnico a participação ativa do médium na elaboração dos conteúdos, por mais fortes sejam as evidências de que a iniciativa se deve a algum agente espiritual.

Em razão disso, não faz nenhum sentido esperar que os médiuns apresentem conteúdos mediúnicos desprovidos de componentes anímicos. Aliás, esse tipo de preocupação pode atuar como um inibidor do transe medianímico, cuja riqueza deve ser avaliada sob um olhar sistêmico, como um fenômeno relevante, independente de qual o componente, se espiritual, se anímico, está sendo preponderante naquele momento específico, ou naquele texto sob análise.

Continuam em plena validade, portanto, as ponderações de Kardec quanto ao modo de proceder do médium em relação ao produto das suas percepções medianímicas. “Tendo consciência do que escreve, o médium é naturalmente levado a duvidar da sua faculdade; não sabe se o que lhe sai do lápis vem do seu próprio, ou de outro Espírito.” Ele conclui de maneira incisiva, logo na sequência, pontuando que o médium “não tem absolutamente que se preocupar com isso e, nada obstante, deve prosseguir.”³⁸²

Se numa perspectiva mais científica não faz sentido atribuir ao espírito ou à entidade *a* ou *b* a autoria de um determinado texto sem a presença de elementos que tornem indiscutível essa autoria, do ponto de vista religioso ou doutrinário, continua válida a recomendação de Kardec de avaliar as comunicações mediúnicas apenas pelo seu conteúdo, sobretudo no sentido ético/moral, independentemente se sua origem é espiritual ou anímica. O equívoco é atribuir a textos mediúnicos uma

382. Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, item 214. Trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.

perspectiva de “verdade” filosófica ou científica. Não é a isso que se presta a mediunidade.

Livros mediúnicos são literatura religiosa, narrativas ficcionais ou de reflexão ético-moral. Eles traduzem visões de mundo de uma época, de um determinado contexto social e histórico e são escritos tendo em vista uma determinada instrução de cunho doutrinário, e não uma revelação científica ou transcendental. Toda manifestação de espiritualidade é uma construção social; é fruto da ação de seres humanos na manifestação da sua dimensão espiritual, religiosa, da sua manifestação de fé e da sua busca de sentido para o existir no mundo.

Diversos pesquisadores já haviam alertado que nem tudo o que Kardec publicou como sendo de autoria dos espíritos poderia ser a eles atribuído; havia, e há ali, indiscutivelmente, textos que são produto das mentes dos médiuns, com cuja contribuição ele contou à sua época, e não é possível identificar hoje quais são esses textos. Mas também isso não deve ser motivo de preocupação nem do ponto de vista doutrinário e nem de uma compreensão mais abrangente do fenômeno mediúnico. A doutrina espírita é um conjunto de conhecimentos em constante evolução e, caminhando lado a lado com a ciência, supera, naturalmente, uma ou outra contradição que porventura prevaleça em uma determinada época.

Outra conclusão importante: não existe uma doutrina que seja elaboração exclusiva “dos espíritos superiores” como propunha Kardec. Ele parece fazer isso por modéstia, pela mais legítima postura de humildade, mas a análise do conjunto de sua obra deixa absolutamente evidente que a elaboração parte dele, contando com o concurso de diversos médiuns e, imagina-se, dos espíritos que esses médiuns diziam receber. Os espíritos – ou as pesquisas mediúnicas – apenas validam o caminho filosófico por ele escolhido, todo baseado no que já existia de espiritualismo, em particular no que ele chamava de “espiritualismo retrospectivo”.

Nem por isso esses materiais deixam de ser considerados como importantes objetos de reflexão espiritual, de estímulo e de fé. Sobretudo as comunicações familiares que, para muitas famílias foram e continuam sendo a certeza da continuidade da vida para além da morte física. Desprezar toda essa contribuição porque aqui e ali despontam elementos às vezes estranhos às ideias que já se constituem consenso no meio espírita, pode ser comparado ao comportamento do Califa Omar, que ateou fogo à biblioteca de Alexandria porque nela poderia haver textos que divergiam, sob algum aspecto, do Alcorão.

Por fim, esse estudo coloca em discussão a crença em que Deus e os espíritos influenciam diretamente no desenrolar da história. Trata-se

de uma questão controvertida que alimenta a fé humana ao longo dos séculos. A não ser pelas lendas e mitos construídos em torno de determinadas circunstâncias, o que as evidências indicam é que essa influência, em ocorrendo, somente se mostra possível através dos seres humanos encarnados. Em todas as situações em que se imagina que isso tenha ocorrido, há personagens humanos, absolutamente humanos, envolvidos na história. Até mesmo o Evangelho, o acontecimento mais significativo da sociedade cristã, só foi possível devido à atuação humana do personagem Jesus de Nazaré, enquanto personagem social e histórico.

Assim sendo, todo trabalho de elaboração do conhecimento espírita deve ser entendido como construção humana, social, ainda que sob influência dos espíritos, que também são seres humanos desprovidos de corpo material. Um trabalho de interautoria, nas duas dimensões da vida, mas social e humano, por isso mesmo temporal, impermanente, como se dá no meio científico.

Como decorrência, não faz mais sentido ver o Espiritismo como um tipo de conhecimento superior, globalizante, universalista; ao contrário, torna-se forçoso reconhecer que também ele, o Espiritismo, é fruto de um determinado contexto sócio-histórico, de uma determinada cultura, parte de uma visão de mundo específica. Sob essa perspectiva, não há porque esperar que ele atenda às expectativas de um enorme contingente de pessoas que participam de outras comunidades de crença, católicos, protestantes, budistas. Isso não diminui, necessariamente, a sua importância para quem o elege como visão de mundo e de vida, mas representa um convite à modéstia, à alteridade, à valorização do outro e da diversidade que caracteriza o mundo e a vida. O mundo que emergiu dos avanços tecnológicos verificados durante o século XX é um mundo plural, diversificado, multipolar. Não há mais como impor verdades de uma cultura sobre as outras.

A fé cega já tem a sua história de horrores dentro do próprio cristianismo, e já nos levou às Cruzadas, à Santa Inquisição e a diversos atos sombrios da história. A proposta de fé raciocinada, ou seja, um sistema de crenças que se ancora na racionalidade científica e filosófica, é o que identifica o Espiritismo dentro do conjunto dos movimentos voltados à religiosidade humana. Abrir mão dessa característica de origem, que é a sua própria identidade, é abrir espaço ao fanatismo religioso de tão triste memória, e construir um outro Espiritismo que não aquele proposto por Allan Kardec.

Talvez valha a pena retomar, mais uma vez, outra conclusão importante da proposta kardequiana, a de que o que interessa ao final são

as propostas ético-morais a que se possa chegar a partir das manifestações da mediunidade tendo em vista uma transformação social que se almeja no sentido da construção de uma nova sociedade. Quando Kardec idealiza uma nova civilização, um mundo regenerado, essa “nova era” é orientada para o crescimento espiritual dos indivíduos e da sociedade como um todo. Há nesse entendimento uma utopia, um sonho: que a fraternidade seja o modo de relacionamento das pessoas umas com as outras em nível planetário. É de utopias e de sonhos que a realidade se elabora e que o progresso se verifica.

Sob essa perspectiva, quaisquer práticas de dominação recíproca entre pessoas, grupos, sociedades ou religiões, devem ser entendidas como obstáculos à consolidação desse modo de vida. Disputas de poder precisam ser substituídas por práticas de compartilhamento; desejos de prevalência de uma determinada corrente precisam ser substituídos pela convivência livre e fraterna entre os diferentes modos de pensar, reconhecendo em todas um desejo único de busca da verdade, ainda que uma verdade sempre fugidia, que desafia o entendimento coletivo a seu respeito.

Aliás, é esse o ideal que se acha colocado na raiz do pensamento cristão original, do Jesus histórico, que imaginava um “reino” pautado pelo amor ao próximo, pela fraternidade, pela solidariedade, para além de todas as diferenças perceptíveis entre os seres humanos. É esse o ideal que se renova no século XIX na França, mediante o trabalho de Allan Kardec, e que deve nortear as ações de todos aqueles que abraçamos a causa do Espiritismo na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Alexander III. Eben. *Uma Prova do Céu*. Ed. Sextante, Rio de Janeiro/RJ, 2013.
- Alexandre Jr. *Espiritismo, Educação, Gênero e Sexualidades*, ed. independente, Recife/PE, 2022.
- Anjos, Luciano dos. *A Anti-história das Mensagens Co-piadas*. Ed. Leymarie, 2006.
- Anjos, Luciano dos. *Os adeptos de Roustaing*. Ed. AEEV, Volta Redonda/RJ, 1993.
- Assis, Marco A. L (org). *As Virtudes do Céu*. CRBBM, Rio de Janeiro/RJ, 2012.
- Baccelli, Carlos A. *Um Novo Mandamento vos dou*, pelo espírito Dr. Inácio Ferreira. Ed. Pedro e Paulo, Uberaba/MG, 2020.
- Bastos, Carlos S. *Coadjuvantes da Doutrina Espírita*, Ed Luz Espírita, São Paulo/SP, 2020.
- Burpo, Todd e Vincent, Lynn. *O Céu é de Verdade*, Ed. Thomas Nelson Brasil, São Paulo/SP, 2011.
- Campos, Humberto de. *Brasil Anedótico*. NEAD/UNAMA - Universidade de Ananindeua, Belém/PA. Sem data.
- Campos Filho, Humberto de. *Irmão X, meu pai*, pag. 107. 2ª ed. Lúmem, São Paulo/SP, 1997.
- Davis, Andrew J. *Death and the After-Life. Spirit Writings*, Rochester, N.Y. 2011.
- Delanne, Gabriel. *Pesquisas sobre Mediunidade*. Trad. Julieta Leite. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2010.
- Denis, Léon. *Depois da Morte*, trad. Maria L. A. Carvalho, 3ª ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2011.
- Denis, Léon. *No Invisível0*, trad. Leopoldo Cirne. 8ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.
- Denis, Léon. *O Gênio Céltico e o Mundo Invisível*, trad. Cícero Pimentel, Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2008.

- Denis, Léon. *Socialismo e Espiritismo*, trad. Wallace Leal V. Rodrigues, ed. O Clarim, Matão/SP, 1982.
- Dias, Ângelo. *Além do Aborto: histórias sobre perdão e recomeço*, pelo espírito Carlos Henrique. Ed. EME, Capivari/SP, 2021.
- Dias, Ângelo. *Crônicas da Galileia: Histórias do tempo de Jesus*, pelo espírito Carlos Henrique. Ed. FEEGO, Goiânia/GO, 2016.
- Dickens, Charles. *O Mistério de Edwin Drood*, versão completada por T. P. James, trad. Hermínio C. Miranda. Ed. Lachâtre, Niterói/RJ, 2001.
- Doyle, Arthur C. *História do Espiritualismo*, trad. José Carlos S Silveira. FEB, Brasília/DF, 2013.
- Dufaux, Ermance. *História de Joana d'Arc: ditada por ela mesma*, trad. Denise Villas Boas, ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 2003.
- Fagundes, Juliano P. *A Hora do Espelho*, pelo espírito Célia. Ed. FEEGO, Goiânia/GO, 2015.
- Fernandes, Magali O. *Chico Xavier: um herói brasileiro no universo da edição popular*. Ed. AnnaBlume, São Paulo/SP, 2008.
- Figueiredo, Paulo H. *Autonomia: a história jamais contada do Espiritismo*. FEAL, São Paulo/SP, 2019.
- Flammarion, Camille. *As Forças Naturais Desconhecidas*, trad. Maria Alice F. Antonio, Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2011.
- Franco, Divaldo P.; Santos, Celeste. *A Veneranda Joanna de Ângelis*. Ed. LEAL, Salvador/BA, 1987.
- Franco, Divaldo P. *Além da Morte*, pelo espírito Otília Gonçalves. 12ª ed. Alvorada, Salvador/BA, 2000.
- Franco, Divaldo P. *Atualidade do Pensamento Espírita*, pelo espírito Vianna de Carvalho. Ed. LEAL, Salvador/BA, 1998.
- Franco, Divaldo P. *Rumo ao Mundo de Regeneração*, pelo espírito Manoel P de Miranda. Ed. Leal, Salvador/BA, 2020.
- Fropo, Berthe. *Muita Luz*, trad. Ery Lopes/Rogério Miguez, Ed. Luz Espírita, São Paulo/SP, 2018.
- Guldenstubbé, Barão Luís de. *A Realidade dos Espíritos e o fenômeno maravilhoso de sua escrita direta*. Trad. Luiz G. O. Santos. Ed. do Conhecimento, Limeira/SP, 2011.
- Hugo, Victor. *O Livro das Mesas – As sessões espíritas da ilha de Jersey*. Edição de Patrice Boivin, trad. André Telles, Ed. Três Estrelas, São Paulo/SP, 2018.
- Incontri, Dora. *Para Entender Kardec*, ed. Comenius, São Paulo/SP, 2004.

- Kahn, Fritz. *O Átomo*, trad. trad. Francisco J Buecken. 6ª ed. Melhoramentos, São Paulo/SP, sem data.
- Kardec, Allan. *A Gênese*, trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1984.
- Kardec, Allan. *Instruções Práticas Sobre as Manifestações Espíritas*, trad. Júlio Abreu Filho. Ed. Pensamento, São Paulo/SP, 1999.
- Kardec, Allan. *O Céu e o Inferno*, trad. Guillon Ribeiro, 24ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.
- Kardec, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, trad. Guillon Ribeiro, 120ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2002.
- Kardec, Allan. *O Livro dos Espíritos*, trad. Guillon Ribeiro, 87ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2006
- Kardec, Allan. *O Livro dos Médiuns*, trad. Guillon Ribeiro, 80ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.
- Kardec, Allan. *Obras Póstumas*, trad. Guillon Ribeiro, 26ª ed. FEB, Brasília/DF, 1993.
- Kardec, Allan. *Revista Espírita*, coleção completa, trad. Evandro Noletto, FEB, Brasília/DF, 2004.
- Kardec, Allan. *Revista Espírita*, coleção completa, trad. Júlio Abreu Filho. Edicel, São Paulo/SP, 1968.
- Kardec, Allan. *Revista Espírita*, coleção completa, trad. Salvador Gentile, IDE, Araras/SP, 1999.
- Krijanowsky, Wera. *Herculanum*, pelo espírito Conde J. W. Rochester, trad. Manuel Quintão. 6ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.
- Lara, Vinícius. *Diálogos Espíritas*, pelo espírito Ivon. Ed. Primavera, Juiz de Fora/MG, 2019.
- Leymarie, Marina. *O Processo dos Espíritas*, trad. Hermínio C. Miranda, 2ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1985.
- Machado, Alexandre C. *Uma Breve História do Espírito*. ICKS, Santos/SP, 2022.
- Maior, Marcel S. *Por trás do véu de Ísis*. Ed. Planeta, São Paulo/SP, 2004.
- Martins, Jorge D. Barros, Stenio M. Org. *A Educadora Émile Collignon: Grande Médium da Codificação Espírita*. CRBBM, Rio de Janeiro/RJ, 2010.
- Menezes, Adolfo B de. *A loucura sob um novo prisma*. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1993.
- Miranda, Hermínio C. *A Memória e o Tempo*. Ed. Lachâtre, Niterói/RJ, 1994.
- Miranda, Hermínio C. *O que é Fenômeno Anímico?* Ed. Correio Fraternal, São Bernardo do Campo/SP, 2011.

- Miranda, Hermínio C. *Swedenborg – Uma análise crítica*. Ed. CELD, Rio de Janeiro/RJ, 1991.
- Moreira, Andrei. *Homossexualidade sob a ótica do espírito imortal*. Ed.AME, Belo Horizonte/MG, 2016.
- Neto, Paulo. *Os Quatro Evangelhos, obra publicada por Roustaing, seria a Revelação da Revelação?* Edição independente, Belo Horizonte/MG, 2021.
- Ostrander, Sheila; Schroeder, Lynn. *Experiências Psíquicas Além da Cortina de Ferro*, 3ª ed. Cultrix, São Paulo/SP, 1970.
- Owen, George V. *A Vida Além do Véu*, trad. Carlos Imbassahy. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1983.
- Perandrea, C. Augusto. *A psicografia à luz da grafoscopia*. Ed. Fé, São Paulo/SP, 1991.
- Pereira, Yvonne do A. *Memórias de um suicida, pelo espírito Camilo Castelo Branco*. 26ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2011.
- Pereira, Yvonne do A. *Recordações da Mediunidade*, 7ª ed. FEB, Brasília/DF, 1992.
- Pimentel, Marcelo G. *O Método de Kardec para Investigação dos Fenômenos Mediúnicos*. NUPES/UFJF, Juiz de Fora/MG, 2014.
- Pipper, Don e Murphey, Cecil. *90 minutos no céu*, Ed. Thomas Nelson Brasil, São Paulo/SP, 2008.
- Pires, J Herculano e Abreu Filho, Júlio. *O Verbo e a Carne: duas análises do roustan-guismo*. Ed. Paideia, 1973.
- Rabonú, V. M. *Hercólubus o planeta vermelho*. Ed. independente, sem local e data
- Ramos Filho, Osmar. *O avesso de um Balzac contemporâneo: Arqueologia de um pasticho*. Ed. Lachâtre, São Paulo/SP, 1995.
- Reis, Ademar A C. e Blas, Yolanda C. *Mediunidade: intercâmbio entre dois mundos*. CPDoc, São Paulo/SP, 2021.
- Ribas, Maris J. S. *Monteiro Lobato e o Espiritismo: as sessões espíritas de Lobato narradas por ele mesmo*, pag. 16. 2ª ed. Nova Luz, São Paulo/SP, 1997.
- Rizzini, Jorge. *Antologia do Mais Além*. Obra psicografada. Ed. LAKE, São Paulo/SP, 1970.
- Roustaing, J. B. *Os Quatro Evangelhos: Revelação da Revelação*, pelos Evangelistas assistidos pelos apóstolos e Moisés. Vol. 1 e 2. 6ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ 1983.
- Sayve, Carmen e Arellano, Jocelyn. *Uma Porta para a Luz*. Ed. Pensamento, São Paulo/SP, 2002.
- Schubert, Suely C. *Testemunhos de Chico Xavier*, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1986.

- Silva, Cíntia Alves da. *As Cartas de Chico Xavier: uma análise semiótica*, Ed. Cultura Acadêmica, São Paulo/SP, 2012.
- Sociedade da Bíblia de Jerusalém. *Bíblia de Jerusalém*. Ed. Paulus, São Paulo/SP, 2002.
- Silva, Cíntia Alves. *As Cartas de Chico Xavier*. Ed. Cultura Acadêmica, São Paulo/SP, 2012.
- Silva Jr., Frederico. *Jesus Perante a Cristandade*, pelo espírito Bittencourt Sampaio, pag. 10. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1975.
- Silva, Gélío Lacerda. *Conscientização Espírita*. Ed. Opinião Espírita, Capivari/SP, 1995.
- Suriñach, José. *Lídia*. 13ª edição, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1996.
- Tavares, Clóvis. *Trinta Anos com Chico Xavier*. Ed. IDE, Belo Horizonte/MG, 1987.
- Todeschini, Cristiane B.S. (org). *Ao Encontro de Jung*. Ed. Fi, Porto Alegre/RS, 2019.
- Ubaldi, Pietro. *A Grande Síntese*, pelo espírito A Voz. Inst. Pietro Ubaldi. 11ª ed. LAKE, São Paulo/SP, 1979.
- Vargas, Ana C. *O Bispo: amor e sexualidade face a face*, pelo espírito José Antônio. 2ª ed. Vida & Consciência, São Paulo/SP, 2014.
- Velho, Guilherme. *Psicografia: casos investigados*. MD Gráfica, Recife/PE, 2017.
- Vieira, Waldo. *O Cristo espera por ti*, pelo espírito Honoré de Balzac. 3ª ed. IDE, Araras/SP, 1983.
- Worm, Fernando. *A Ponte: Diálogos com Chico Xavier*, edição independente, Porto Alegre/RS, 1982.
- Xavier, Francisco C. *A Caminho da Luz*, pelo espírito Emmanuel. 27ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ/2001.
- Xavier, Francisco C. *Ação e Reação*, pelo espírito André Luiz. 30ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2013.
- Xavier, Francisco C. *Boa Nova*, pelo espírito Humberto de Campos. 23ª ed. FEB, Brasília/DF, 1998.
- Xavier, Francisco C. *Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho*, pelo espírito Humberto de Campos. 12ª ed, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.
- Xavier, Francisco C. *Cartas de uma morta*, pelo espírito Maria João de Deus. 8ª ed. LAKE, São Paulo/SP, 1981.
- Xavier, Francisco C. *Crônicas de Além Túmulo*, pelo espírito Humberto de Campos, pag. 58. 8ª edição, FEB, Rio de Janeiro-RJ, 1975.

Xavier, Francisco C. *Deus conosco*, pelo espírito Emmanuel. Ed. Vinha de Luz, Belo Horizonte/MG, 2007.

Xavier, Francisco C. *Emmanuel*, pelo espírito Emmanuel. 9ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1981.

Xavier, Francisco C. *Entrevistas*. Pelo espírito Emmanuel. 2ª ed. IDE, Araras/SP, 1975.

Xavier, Francisco C e Viera, Waldo. *Evolução em Dois Mundos*, pelo espírito André Luiz. 5ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

Xavier, Francisco C. *Há 2000 anos*, pelo espírito Emmanuel. 29ª ed. FEB, Brasília/DF, 1996.

Xavier, Francisco C. *Lira Imortal*, por espíritos diversos. 3ª ed. LAKE, São Paulo/SP, 1983.

Xavier, Francisco C; Vieira, Waldo. *Mecanismos da Mediunidade*, pelo espírito André Luiz. 7ª Ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1983.

Xavier, Francisco C. *Missionários da Luz*, pelo espírito André Luiz. 12ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1979.

Xavier, Francisco C. *No Mundo Maior*, pelo espírito André Luiz. 9ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1981.

Xavier, Francisco C. *Nos Domínios da Mediunidade*, pelo espírito André Luiz. 16ª ed. FEB, Brasília/DF, 1987.

Xavier, Francisco C. *Nosso Lar*, pelo espírito André Luiz. 61ª edição, FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2010.

Xavier, Francisco C. *O Consolador*, pelo espírito Emmanuel. 7ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1977.

Xavier, Francisco C. *Parnaso de Além Túmulo*, por espíritos diversos. 10ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

Xavier, Francisco C. *Paulo e Estêvão*, pelo espírito Emmanuel. 11ª ed. Rio de Janeiro/RJ, 1975.

Xavier, Francisco C. *Pensamento e Vida*, pelo espírito Emmanuel. 19ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 2013.

Xavier, Francisco C. *Pinga Fogo com Chico Xavier*. Edicel, São Pauo/SP, 1987.

Xavier, Francisco C. *Religião dos Espíritos*, pelo espírito Emmanuel. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1960.

Xavier, Francisco C. *Vida e Sexo*, pelo espírito Emmanuel. 4ª ed. FEB, Rio de Janeiro/RJ, 1978.

Zimmer, Heinrich. *Filosofías de la India*, pag. 116, org. Joseph Campbell, ed. Sexto Piso Ciudad del México, 1986.

Monografias, Dissertações e Teses:

Corredato, Vanessa D. *Experiências Anômalas na Infância – relações entre vínculo, expectativa e percepção extrassensorial*. Diss. Mestrado, Inst. Psicologia, USP, São Paulo/SP, 2014.

Cunha, André V. C. S. *A invenção da imagem autoral de Chico Xavier: uma análise histórica sobre como o jovem desconhecido de Minas Gerais se tornou no médium espírita mais famoso do Brasil*. Tese de doutorado em História. UFCE, Fortaleza/CE, 2015.

Gonçalves, Thaís Cristina. *Nosso Lar, uma utopia espírita*, pag.18. Monografia, Depto. de Pós-graduação da Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba/PR, 2010.

Ribeiro, Ricardo N. *(Id) entidades: aspectos psicossociais das variedades da experiência mediúnica*. Dissertação de Mestrado, USP, Instituto de Psicologia, São Paulo/SP, 2015.

Rocha, Alexandre Caroli. *A Poesia Transcendente de Parnaso de Além Túmulo*. Diss. Mestrado, Unicamp, São Paulo/SP, 2001.

Soares, Ana L. *O livro como missão: a psicografia como prática letrada a partir da coleção A Vida no Mundo Espiritual (1944-1968)*. Tese de doutorado, UFRJ, Rio de Janeiro/RJ, 2016.

Vidal, Fabiano C. M. *Em torno do Nosso Lar: uma análise das controvérsias produzidas no movimento espírita*. Diss. Mestrado, UFPB, João Pessoa/PB, 2014.

Artigos de revistas e publicações virtuais:

Arribas, Célia G. *O caráter religioso do Espiritismo*, Rev. Fragmentos de Cultura, v.23 n° 1, PUC/GO, Goiânia/GO, 2013.

Arribas, Célia da G. *Política, gênero e sexualidade: controvérsias espíritas entre progressistas e conservadores*. Rev. Contemporânea, v.10 n.2 pag. 625. maio-ago/2020.

Bastos, Carlos S. *Biografia do Sr. D'Ambel, o médium de Erasto*. Monografia, disp. em 11/06/2022 em <https://kardecpedia.com/obra/71>

Bastos, Carlos S. *Investigação sobre as Sessões Mediúnicas da Codificação – Casos Arquivados*. Artigo disponível em 05/07/2022 em www.autoresespiritasclassicos.com.

Cordovil, Daniela e Castro, Luís O. S. *Espíritos de Índios na Umbanda Exotérica: uma complexa teia de representações*. Rev. Plura, vol 9 n° 1. Ed. ABRH, Assis/SP, 2019.

Francis, Russell E. *The Religious Revival of 1858 on Philadelphia*, in The Pennsylvania Magazine of History and Biography, vol. 70 n° 1, jan/1946 pag. 52-77. University of Pennsylvania Press.

Journal Spirite. Cercle Spirite Allan Kardec de Nancy, out/2020 a 04/2022. Nancy, França.

Lejeune, Philippe. *Diário das Garotas Francesas do Sec. XIX: constituição e transgressão de um gênero literário*. Cadernos Pagu v.8-9, pag. 99-114. Unicamp, Campinas/SP, 2005.

Lucchetti, Giancarlo; Daher, Jorge C; e outros. *Aspectos históricos e culturais da glândula pineal: comparação entre teorias fornecidas pelo Espiritismo na década de 1940 e a evidência científica atual*, Neuroendocrinology Letters, v.34 pag. 745-755, ano 2013.

Manouchian, Igor. *Los Espíritos de Tsunami*, in *Journal Spirit*, pag. 57-58 n° 127, ed. abr/2022. Cercle Spirit Allan Kardec de Nancy, França.

Moraes, Ângela T. *Aportes teórico-metodológicos para análise de discursos polêmicos em interações comunicativas*, in *Estudos Contemporâneos em Jornalismo – coletânea*, UFG/FIC, Goiânia/ GO, 2018.

Moreira-Almeida, Alexander. *Pesquisa em Mediunidade e Relação Mente-Cérebro: Revisão das Evidências*, pag. 233-240 Rev. Psiquiatria Clínica, UFJF, Juiz de Fora/ MG, 2013.

Pereira, André A. *O Tao da Mediunidade: um diálogo entre o zen e o espiritismo*. Rev Sacrilogens, v. 5, n. 1, p. 198-215, UFJF, Juiz de Fora/MG, 2008

Peres, Júlio F. e outros. *Neuroimaging during Trance State: A Contribution to the Study of Dissociation*. Rev. Plos One, 16 nov 2012. San Francisco, EUA.

Pinheiro, Robson. *Sabedoria de Preto Velho*, pelo espírito Pai João de Aruanda. Casa dos Espíritos, Contagem/MG, 2010.

Rocha, Alexandre C. *Complicações de uma estranha autoria*. Art. In *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.16, n.2, p. 25-36, jul./dez. 2012.

Rocha, Alexandre Carolli; e outros. *Investigando a Concordância e a Exatidão na Escrita Alegadamente Mediúnica: Um Estudo de Caso das Cartas de Chico Xavier*. Rev. Explore, vol. 10 ed. 5 pag.a3 Set/Out 2014.

Rocha, Arlindo N. *Pedro Siqueira: o escolhido para falar com santos, anjos e Nossa Senhora*, pag. 70. Rev. *Diversidade Religiosa*, v. 6 n° 2 pag.54-80. João Pessoa/PB, 2016.

Sampaio, Jáder. *Um Estudo Compreensivo Sobre a Psicografia*. artigo disponível no site: http://www.espiritualidades.com.br/Artigos/S_autores_SAMPAIO_Jader_textos/Sampaio_Jader_artigos_pdf/estudo_sobre_psicografia.pdf

Signates, Luiz A. *A Mediunidade, da profecia ao rito: a transformação da espiritualidade no Espiritismo Kardecista*. In Rev. *Caminhos*, Jan-Jun/2019 pag. 123 a 141. Ed. PUC, Goiânia/GO.

Sousa, Rodrigo F. e Pimentel, Marcelo G. *Raça e reencarnação no Espiritualismo norte-americano: uma visão a partir da crítica de Allan Kardec*, pag. 115-127. Rev. *Diálogos* v.25 n.3 set/dez 2021. Maringá/PR.

Stoll, Jacqueline. *Narrativas biográficas: a construção da identidade espírita no Brasil e sua fragmentação*, pag. 181 in rev. *Estudos Avançados*, n° 18. IEA/USP, São Paulo/SP, 2004.

Sites Consultados:

<https://www.allankardec.online/uploads/pdf/201924043460101d35316821.82894579.pdf>

<https://www.allankardec.online/uploads/pdf/162736685060101d9565a9c1.98070352.pdf>

<https://www.allankardec.online/uploads/pdf/112768160101df8706708.57719445.pdf>

<https://www.febnet.org.br/portal/wp-content/uploads/2019/07/Zilda-Gama-ok-2.pdf>

<https://www.crbbm.org/museu-bezerra-de-menezes.html>

<http://eulieacheisso.blogspot.com/2019/02/o-livro-das-mesas-por-victor-hugo.html>

<http://ensinoespirita.blogspot.com/2016/03/chico-xavier-o-maior-farsante-da.html>

<http://fraterluz.blogspot.com/2014/02/biografia-fernando-miramez-de-oliveiro.html>

<https://youtu.be/qkBncnJZRHo>

<https://espiritismo-fronteiras.blogspot.com/2017/02/a-homoafetividade-na-visao-espirita.html>

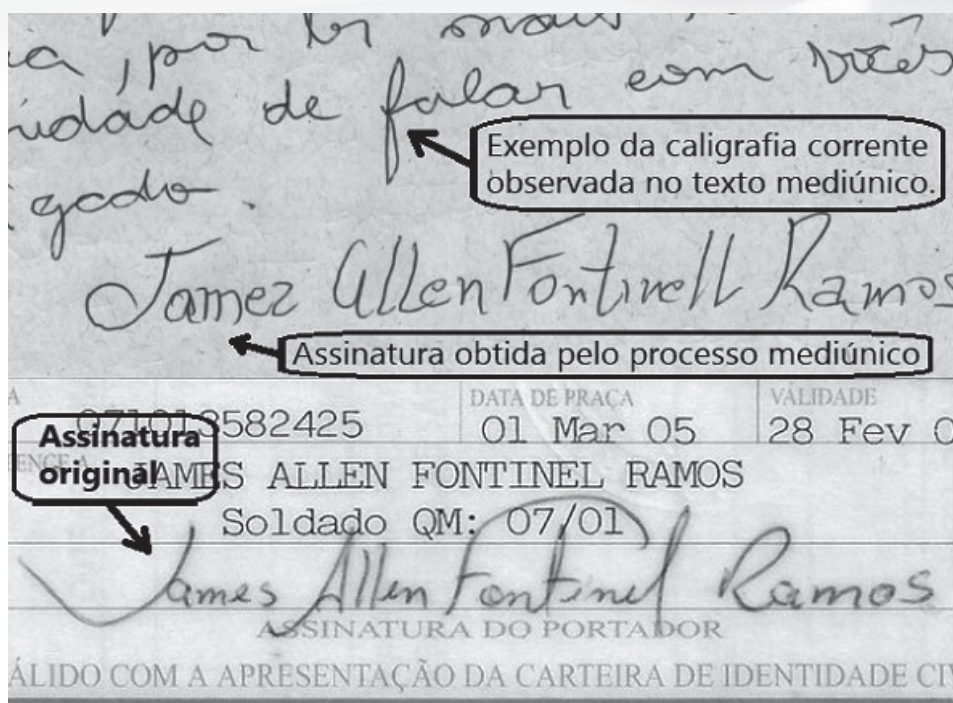
<https://alcioneassociation.com/pt/alcione-pt/>

<http://omedium.amejf.org.br/>

ANEXOS

ANEXO I - Análise comparativa de uma assinatura obtida mediunicamente

Na parte de cima da imagem, o texto mediúnico; logo abaixo, a assinatura em um documento oficial de identificação:



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador, contendo a comparação entre a letra corrente, a assinatura mediúnica e a assinatura original obtidas em sessão mediúnica na Fraternidade Espírita.

Apesar de várias diferenças, observam-se diversos elementos semelhantes. Quando se somam os detalhes pessoais constantes da mensagem, esses elementos de semelhança assumem ainda maior relevância para o pai, que entendeu ter nesses elementos uma prova suficiente da presença do seu filho.

ANEXO II - Trecho do livro *O Brasil Anedótico* inserido em *Brasil Coração do Mundo*

O BRASIL ANEDÓTICO (1927)	Brasil, Coração do Mundo (1938)
Humberto de Campos	Chico Xavier
<p>A LEI DAS APOSENTADORIAS</p> <p>Moreira de Azevedo - "Mosaico Brasileiro", pág. 52.</p> <p>Chegada ao Rio de Janeiro em 1808 a família real portuguesa com todo o seu séquito de fidalgos e fâmulos, foi posta em execução a chamada lei das aposentadorias, a qual obrigava os proprietários e inquilinos a mudarem-se, cedendo as casas para residência dos criados e servidores d'el-rei. Bastava que o fidalgo desejasse uma casa, para que o juiz aposentador intimasse o morador por intermédio do meirinho, que se desempenhava do seu mandato escrevendo sumariamente na porta, a giz, as letras P. R. Estas significavam - "Príncipe Regente", ou, como interpretava o povo - "ponha-se na rua".</p> <p>Era Agostinho Petra de Bitencourt juiz aposentador quando, um dia, lhe apareceu um fidalgo, requerendo aposentadoria em uma excelente casa, apesar de já ter uma. Dias depois veio pedir-lhe mobília e, finalmente, escravos.</p> <p>Ao receber o terceiro pedido, Agostinho Petra, que acompanhava a indignação do povo com tantos abusos da Corte, gritou para a esposa, no interior da casa:</p> <p>- Prepare-se Dona Joaquina, que pouco tempo podemos viver juntos.</p> <p>E indicando, para a mulher, que acorrera, o fidalgo insaciável:</p> <p>- Este senhor já duas vezes me pedir casa, depois mobília, e agora, criado. Brevemente quererá, também, mulher, e como eu não tenho outra senão a senhora, ver-me-ei forçado a servi-lo!</p>	<p>A chamada lei das aposentadorias obrigava todos os inquilinos e proprietários a cederem suas casas de residência aos favoritos e aos fâmulos reais. Bastava que qualquer fidalgo desejasse este ou aquele prédio, para que o Juiz Aposentador efetuasse a necessária intimação, a fim de que fosse imediatamente desocupado. Ao oficial de justiça, incumbido desse trabalho, bastava escrever na porta de entrada as letras "P. R.", que se subentendiam por "Príncipe Regente", inscrição que a malícia carioca traduzia como significando - "Ponha-se na rua".</p> <p>Moreira de Azevedo conta em suas páginas que Agostinho Petra Bittencourt era um dos juizes aposentadores ao tempo de D. João VI, quando lhe apareceu um fidalgo da corte, exigindo pela segunda vez uma residência confortável, apesar de já se encontrar muito bem instalado. Decorridos alguns dias, o mesmo homem requer a mobília e, daí a algum tempo, solicita escravos. Recebendo a terceira solicitação, o juiz, indignado em face dos excessos da corte do Rio, exclama para a esposa, gritando para um dos apartamentos da casa:</p> <p>- Prepare-se, D. Joaquina, porque por pouco tempo poderemos estar juntos.</p> <p>E, indicando à mulher, que viera correndo atender ao chamado, o fidalgo que ali esperava a decisão, concluiu com ironia:</p> <p>- Este senhor já por duas vezes exigiu casa; depois pediu-me mobília e agora vem pedir criados. Dentro em breve, desejará também uma mulher e, como não tenho outra senão a senhora, serei forçado a entregá-la.</p>

Fonte: <http://ensinoespirita.blogspot.com/2016/03/chico-xavier-o-maior-farsante-da.html>
A partir dessa informação foi possível acessar o texto original no livro de Humberto de Campos.

ANEXO III - Página do livro onde consta uma das versões correntes da suposta carta de Publius Lentulus, que a própria Igreja Católica considera hoje como apócrifa.

— 105 —

RETRATO DE CRISTO

Públio Léntulo, nobre romano que governava a Judéia no tempo de Jesús Cristo, em uma carta que dirigiu ao Senado do grande Império e até hoje incontestada, faz da pessoa do Homem Deus a descrição que abaixo reproduzimos:



“No momento em que vos escrevo, existe aqui um homem de singular virtude, que se chama Jesús.

“Os bárbaros o têm em conta de profeta, mas os seus sectários (1) o adoram como filho dos deuses imortais. Ressuscita os mortos e cura os enfermos, falando-lhes e tocando-os.

“É de estatura elevada e bem conformada, de aspecto ingênuo e venerável. Seus cabelos de uma côr indefinível caem-lhe em anéis até abaixo das orelhas e espalham-se pelos ombros (2) com uma graça infinita, trazendo-os êle repartidos, à moda dos Nazarenos. (3)

“Tem fronte larga e espaçosa, e as faces coloridas de amável rubor. O nariz e a bôca, de uma admirável regularidade. A barba, da mesma côr dos cabelos, desce-lhe espessa até os peitos, bipartida, à semelhança de forquilha. Os olhos brilhantes, claros e pequenos.

“Prêga com majestade; (4) e suas exortações são

(1) Sectário: aquele que professa as doutrinas de uma seita, ou religião: assecta.

(2) A grafia *ombros* não se justifica.

(3) Seita religiosa antiga entre os Hebreus.

(4) A grafia *majestade* não é abonada pela etimologia (do acusativo *majestatem* em latim).

Do livro *Crestomatia: excerptos escolhidos em prosa e verso dos melhores escritores brasileiros e portugueses*, do prof. Radagasio Taborda, 8ª edição de 1937 publicada pela Edição da Livraria do Globo, de Porto Alegre/RS.

ANEXO IV - Recorte de magazine da época em que Chico Xavier escreveu *Há 2000 Anos*, de onde se imagina tenham sido retirados os elementos que compõem o texto mediúnico.

e Regan atacaram-as de surpresa e indigiram-lhe completa derrota, aprisionando Cordelia e Levr.

Parecia a tragédia terminada mas o destino não se cumprira de todo, o destino implacável trazido á familia real nas azas de tempestades sem equal.

O duque de Albany, esposo de Gonzril, embora de genio tibio e tolerante, revoltára-se ao saber o que Edmundou fizera a seu proprio pai. Depois, ao saber que Regan, tendo enviado, pretendia desposar o infame para assese-lo ao reino, pretendia oppor-se a isso. Gonzril só então conheceu os projectos matrimoniaes de sua irmã e, receando que ella se aliasse a Edmundou para melhor poder afastal-a do throno e reinar sozinha, avencenou-a. O duque de Albany descobriu seu crime e, cheio de horror, mandou recolhê-la a uma prisão, onde a miseravel, vendo perdidos todos os seus sonhos de poderio, suicidou-se.

Aproveitando a confusão, que todas essas desgraças haviam suscitado, Edgard escapa tropas leaes, atacou



O encontro entre o rei Levr e Cordelia, após tão dolorosa separação foi profundamente emocionante.

seu proprio irmão, matou-o em combate e procurou Cordelia para lhe entregar o throno. Verificou-se então que a infeliz filha estrangulada na prisão por ordem de suas irmãs e o rei Levr, ao ver sua filha morta, recuperou a razão apenas para cair fulminado pelo coração, junto d'ella.

HUGH WALFOLK

O asseio entre as bellezas romanas

Desde Eva até o presente, a primeira occupação da mulher, quando se levanta do leito, é lavar o rosto. Propicio recommendava a seus contemporaneos esse modo de alugarar o somno, pela manhã. As pinturas antigas nos dão a conhecer as taças e jarros metallicos, que as Egypcias da antiguidade empregavam para essas abluições e as escavações nos mostraram as taças de bronze, com azas, que eram usadas pelas Romanas.

Mas as Romanas, mais cuidadas do frescor de seu rosto, iniciavam o trato diario de sua pelle na vespera. Cada noite, no momento de se deitar, cobriam o rosto com uma pasta de miolo de pão e leite, que só retiravam no momento de lavar o rosto, na manhã seguinte. Essa invenção era devida á celebre Poppæa, esposa de Nero e d'ahi o nome de "poppæana" que lhe foi dado. Também se empregava com equal intuito uma castasma de farinha de trigo e toda a mulher de bom gosto, tinha alguma das varias receitas analogas, mencionadas por Ovidio e nas quaes liguravam e leite de jumento, trigo, myrra da Julia e outras substancias. Depois de tirar do rosto esses preparados, lavavam as mãos, que forçosamente estariam gordurosas, com sabão liquido ou em *tabuleta*. Se o sabão era dos fabricados na Gallia, com manteiga de cabrito e cinza de laia, aromatizada com cinamomo ou nardo da Persia, tanto melhor. Lavadas as mãos, a dama banhava-as com leite de jumento, para amacial-as e branqueal-as e seccava-as com uma toalha, a não ser que, por um refinamento bem pagão, as enxugassem na caleiteira de alguma cruzença.

Depois do asseio do rosto e das mãos vinha o da bocca, que consistia em esfregar os dentes com uma escova e enxaguá-los com agua aromatica, cujos ingredientes principaes eram açafraão rosas de Poestum. Como os modernos, os preparados para a belleza, no tempo de Augusto, tinham os nomes de seus fabricantes: do mesmo modo como dizemos hoje agua de tal ou de qual fabricante, diziam os Romanos de então agua de Cosmus ou de Niceros. Cosmus era o perfumista em moda e deu nome também a umas pastilhas desinfectantes compostas com myrrho, mirra e flores de laranjeiras, de que algumas mulheres abusavam em prejuizo da saude.

Acabadas estas operações, as Romanas tomavam um banho; mas não nas thermas, com as alternativas de frio e calor, para emocioniar a pelle, um banho simples, de asseio, repouso e prazer, que durava meia hora.

O MAIS EFFICIENTE DOS GAZES

O Marquez Solvago Raggi, que fez parte da delegação italiana na conferencia de Versalhes, tomou parte no Congresso Internacional contra o emprego de gases toxicos.

Ao regressar d'esse Congresso, em companhia de outras pessoas respeitaveis, apresentou-se ao Duce, no grande e celebre salão em que trabalha o primeiro ministro italiano.

O Duce, com a fronte inclinada, examinava diversos papeis e fingiu não haver notado a presença de seus tres visitantes, que permaneciam no fundo do salão, em attitude respeitosa, povem aborrecida.

Quinze minutos assim transcorreram em silencio e os tres senhores não se animavam a se retirar.

Bruscamente, o Duce levantou a cabeça e, fixando os olhos no chefe da expedição, perguntou:

— O senhor vem do Congresso Internacional contra o emprego de gases asphyxiantes?

— Sim, excelencia.

— Neste caso, gostaria que me dissesse qual o mais terrivel dos gases, aquelle contra o qual é impensivel proteger-se.

— O indeseito, excellencia — respondeu o Marquez Sa vago Raggi...



Em apoio à sustentabilidade e à preservação ambiental, a EDITORA KELPS declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da
EDITORA KELPS, no papel: Polen 80g/m²,
composto na fonte Book Antiqua,
Abril, 2023

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor